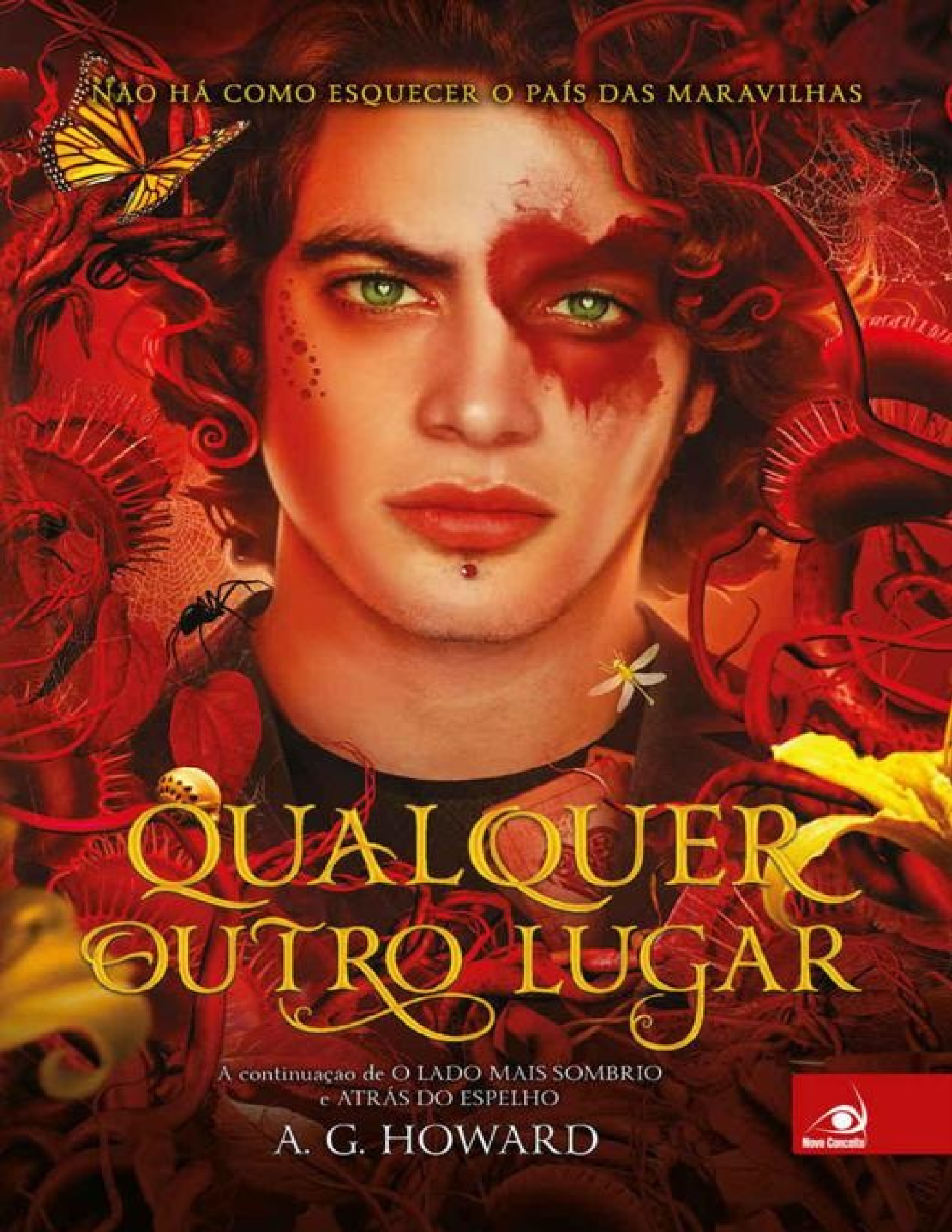

NÃO HÁ COMO ESQUECER O PAÍS DAS MARAVILHAS
QUALQUER OUTRO LUGAR
A continuação de O LADO MAIS SOMBRIO e ATRÁS DO ESPELHO
A. G. HOWARD
Novo Conceito

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo

Agradecimentos

Notas

A. G. HOWARD

QUALQUER OUTRO LUGAR

Tradução
Denise Tavares Gonçalves



Título original: *Ensnared*
Copyright © 2015 A.G. Howard
Publicado sob acordo com Lennart Sane Agency AB.
Copyright © 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Star Books Digital

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2016

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Preparação: Camila Fernandes
Revisão: Valquíria Della Pozza; Robson Falcheti Peixoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Howard, A. G.

Qualquer outro lugar / A. G. Howard ; tradução Denise Tavares Gonçalves. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: Ensnared
ISBN 978-85-8163-829-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-11231 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Novo Conceito
Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para mamãe:

Sinto sua falta. Obrigada por me dar a coragem de voar bem alto e ir atrás de meus sonhos, e por ser o vento que impulsiona minhas asas.



1

A Trupe Mística da Memória

Que pobre memória é essa que só trabalha para trás.

— Lewis Carroll, Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá

Eu achava que lembranças eram algo que seria melhor deixar para trás... bolsões de tempo congelados que você poderia rever por seu valor sentimental, mas mais uma indulgência do que uma necessidade. Isso foi antes de eu perceber que as lembranças poderiam ser a chave para seguir adiante, para recuperar a fé e o futuro de todos que você mais ama e aprecia no mundo.

Estou diante da porta vermelha e brilhante de uma câmara particular no trem da memória. Na plaqueta removível dentro do suporte está gravado o nome *Thomas Gardner.*

— Uma formalidade desnecessária, visto que ele está aqui em carne e osso — disse o condutor, um besouro revestido de tapete quase do meu tamanho, quando pedi a plaqueta. Lancei-lhe um olhar raivoso e insisti que ele fizesse o que eu queria.

Agora, ao pressionar a testa com força contra a moldura de latão, permitindo que o metal esfrie minha pele, penso no nome de papai e em como ele significa mais do que eu jamais imaginei... como *ele próprio* é mais do que eu poderia ter

sonhado.

Quase o segui para dentro da sala quando chegamos. Ele estava tremendo tanto, mesmo antes de aterrissarmos em Londres.

Por que não estaria? Encolhido até ficar do tamanho de um inseto e cruzando o oceano montado em uma borboleta-monarca. Ainda posso sentir o gostinho de sal no ar. De madrugada, quando papai começou a aceitar que estávamos realmente voando em borboletas, escorregamos por um buraco na base de uma enorme ponte de ferro e aterrissamos ao lado de um trem de brinquedo enferrujado dentro de um túnel subterrâneo. O fato de estarmos pequenos o bastante para entrar no trem fez papai arregalar tanto os olhos que achei que iam saltar das órbitas.

Eu quero protegê-lo, mas ele não é fraco. Não vou tratá-lo como se fosse. Não mais.

Ele tinha nove anos — somente dois anos mais do que Alice tinha — quando entrou sem querer no País das Maravilhas e caiu na armadilha de uma aranha zeladora de túmulos, mas, de alguma maneira, sobreviveu. É melhor que ele encare suas memórias sozinho. De outro modo, poderia tentar me proteger. E eu não preciso de proteção mais do que ele.

Precisei enlouquecer para ver melhor as coisas. Se meu pai também precisar passar por isso, que assim seja.

Meus dedos tremem enquanto contornam as letras: *T-h-o-m-a-s*. Papai conhecerá seu verdadeiro nome hoje, não o nome que mamãe lhe deu. Todas as revelações, toda a monstruosidade que ele viveu quando criança, essas experiências nos levarão para Qualquer Outro Lugar — o mundo do espelho onde os exilados do País das Maravilhas ficam presos. Ele é coberto por uma cúpula de ferro, mantendo-os prisioneiros e, de alguma forma, distorcendo sua magia, caso eles a usem lá dentro. Cavaleiros da Vermelha e da Branca montam guarda nos dois portões de Qualquer Outro Lugar.

Meus dois cavaleiros, Jeb e Morfeu, estão aprisionados lá. Já se passou um mês desde que eles foram sugados por aquele lugar. Quero acreditar que ainda estejam vivos.

Tenho de acreditar.

E ainda tem a mamãe, isolada em um País das Maravilhas em desintegração,

refém da mesma malévola criatura aracnídea que um dia manteve papai cativo em sua teia. A toca do coelho, o portal para o reino interior, foi destruída por mim. E agora Qualquer Outro Lugar é a única porta de entrada.

Estamos em uma missão de resgate, e a memória de papai é a chave de tudo.

Arrasto os pés enlameados pelo piso de azulejos vermelhos e pretos, dirigindo-me para a frente do vagão de passageiros. Meus músculos doem de pilotar uma monarca por vinte e quatro horas. Teria levado muito mais tempo se não tivéssemos sido carregados por uma tempestade e levantados milhares de metros no ar, cobrindo centenas de quilômetros em questão de minutos — uma viagem maluca que papai e eu não vamos esquecer tão cedo.

Meu cabelo cai sobre os ombros em um emaranhado loiro platinado lavado pela chuva. Os nós combinam bem, pois é assim que me sinto por dentro: caótica, mas exaurida. A metade intraterrena de meu coração se expande para se libertar das emoções humanas nele enredadas. Não haverá trégua até eu encontrar meus amados e consertar as coisas no País das Maravilhas.

Ainda assim, sei que nenhum de nós voltará a ser o mesmo.

Meia dúzia de criaturas esquisitas ocupa os bancos de vinil branco. Elas não estão aguardando para recuperar suas memórias. Estão aqui porque também ficaram isoladas. Desde que a toca do coelho foi destruída, elas não têm como voltar para o País das Maravilhas, seu lar.

Uma das criaturas é humanoide e pálida, com cabeça em forma de cone cujo crânio se abre esporadicamente para que ela possa discutir com uma versão menor de si mesma. Depois, a versão pequena do crânio se abre e revela uma imagem ainda mais pequenina. A menor é um macho de nariz grande. Ele bate em suas sósias fêmeas com um diminuto rolo de macarrão e em seguida volta a se esconder. É como assistir a uma versão pesada de *Punch e Judy*, uma peça de fantoches que estudei na aula de teatro da escola.

Dois outros passageiros são duendes, e eu me pergunto se fizeram parte do grupo que encontrei ano passado no cemitério do País das Maravilhas. Ficam diferentes sem os capacetes de mineiro: cabeças calvas e escamosas com tufos de cabelos grisalhos. Uma sacola plástica farfalha entre eles, enquanto se revezam para atirar amendoins na criatura com cabeça de cone, provocando mais discussão.

A cauda longa dos duendes se debate e sua cara de macaco-aranha se retorce

em expressões diligentes quando meu olhar encontra o deles. Eles não têm pupilas nem íris, e as pálpebras piscam na vertical, como cortinas de teatro.

Sussurram algo um ao outro enquanto eu cubro o nariz com a mão para conter o fedor de carne podre que exsuda em forma de lodo prateado de sua pele.

— Alice, pelinpeguaperupeda cinpetilante — um deles diz em voz profunda quando eu chego mais perto. — Peno peperpedipeda opsta pevez?

O dialeto é uma mistura estranha da língua do P com outras tolices. Ele quer saber se estou perdida desta vez.

— Não pé Alice, pestúpipedo — o outro interrompe antes que eu possa responder. — E aqui só petem pepensadores e omentsmaus.

Eu continuo andando pelo corredor, absorvida demais em meus problemas para me envolver.

O besouro condutor rabisca alguma coisa em uma prancheta enquanto conversa com os últimos três passageiros. Estes são redondos e fofos, com os olhos presos a hastes altas e felpudas que mais parecem orelhas de coelho do que globos oculares. Eles observam quando eu passo, as pupilas dilatando-se a cada rotação de suas orelhas.

O mais gordo espirra em resposta a uma pergunta do condutor, e uma nuvem de poeira levanta-se de sua pele.

— Malditos coelhos de poeira — o besouro resmunga, e puxa um aspirador de pó de um coldre na cintura, usando-o para sugar a poeira da própria pele de tapete.

Eu me acomodo em uma fileira na frente e me debruço sobre uma janela, esperando o condutor. Ele ficou de verificar uma coisa — as memórias perdidas que preciso ver. Elas não são minhas. Vou espionar os momentos que faltam na vida de outra pessoa.

Mamãe sentiu-se culpada por visitar as memórias perdidas de papai sem ele saber. O bom senso dela me faz ter cautela. No entanto, a pessoa cuja mente violarei não merece meu respeito. Ela é cruel e vingativa. Quase roubou meu corpo e conseguiu destruir minha vida e a maior parte das paisagens do País das Maravilhas.

Morfeu sempre diz que todos têm uma fraqueza. Se ele estivesse aqui, me

diria para descobrir a dela, para que, quando encontrá-la novamente, eu possa esmagá-la.

E pretendo fazer justamente isso.

O aspirador do besouro zune, abafando a discussão, os espirros e a gritaria à minha volta. Recosto-me e olho para os lustres feitos de vaga-lumes — cada um tem metade do tamanho do meu braço — amarrados juntos por tiras e correntes de latão. Os insetos luminosos voam para cima e para baixo, pincelando com luz amarela as paredes de veludo vermelho. Inclino a cabeça e olho pela janela. Mais peças feitas de vaga-lumes iluminam a escuridão, rolando pelo teto do túnel como refulgentes rodas-gigantes.

Resisto a um bocejo. Estou exausta, mas ligada demais para fechar os olhos. Parece que não consigo permanecer em nenhum tempo e espaço. Ainda ontem eu estava sentada a uma mesa no ensolarado pátio do sanatório, tentando enganar meu pai e fazê-lo comer um cogumelo que o encolheria. Parece que isso aconteceu há uma eternidade, mas faz mais tempo ainda que abracei mamãe pela última vez... discuti com Morfeu... e beijei Jeb. Sinto saudade do cheiro de mamãe depois que ela trabalha no jardim — de terra mexida e flores. Sinto saudade do modo como as joias nos olhos de Morfeu volteiam por um arco-íris de emoções quando ele me desafia, e da expressão concentrada de Jeb quando ele pintava.

As mínimas coisas, que sempre tomei como naturais, tornaram-se preciosos tesouros.

Meu estômago ronca. Papai e eu não tomamos café da manhã, e meu corpo já me diz que é hora de almoçar. Enfio a mão no avental amarrado sobre a camisola de hospital dura de lama e rolo os cogumelos que sobraram entre os dedos. Estou com fome o bastante para pensar em comê-los, mas não farei isso. A magia dentro deles, que nos tornou pequenos o suficiente para voar em borboletas, nos tornará grandes novamente depois que terminarmos aqui. Preciso conservá-los.

Meu perfil é refletido no vidro da janela: camisola azul, avental branco, cabelo loiro embaraçado com uma mecha carmim de um lado.

O primeiro duende tinha razão. Eu sou o epítome de Alice.

Uma Alice de pesadelo.

Uma Alice que enlouqueceu, que tem sede de sangue.

Quando eu encontrar a Rainha Vermelha, ela vai *implorar* para que eu só corte sua cabeça.

Rio dessa ironia e fico quieta quando o besouro desliga o aspirador. Ele ajeita o chapéu de condutor e vem claudicando sobre duas de suas seis pernas finas. Os outros dois pares servem de braços e aninham uma prancheta.

— E então? — pergunto, olhando para ele.

— Encontrei três memórias. De muito tempo atrás, quando ela era jovem e solteira. Antes de ser — ele olha em volta e abaixa a voz, sussurrando — *rainha*.

— Perfeito — respondo. Começo a me levantar, mas volto a sentar no banco quando ele empurra meu ombro com seu braço espinhento.

— Primeiro você destrói a única passagem de volta para o País das Maravilhas, me transformando em babá de coelhos empoeirados e duendes fedidos. Agora quer que eu arrisque minha vida lhe mostrando... — ele estuda os passageiros atrás de mim com as mandíbulas cruzadas tremendo — *as memórias particulares dela*. — Seu sussurro é acompanhado de uma série de cliques, como o estalar de dedos.

Eu ranjo os dentes.

— Desde quando os intraterrenos respeitam a privacidade de alguém? Isso não faz parte de seu código de ética. Na verdade, a maioria de vocês nem sabe o que é ética.

— Eu sei tudo o que preciso saber. E sei que aquela lá não perdoa. — Ele evita falar o nome dela, mantendo-a anônima.

Sigo seu exemplo.

— Ela nunca vai saber que você me mostrou.

O condutor vira páginas na prancheta e rabisca alguma coisa com sua caneta, enrolando.

— Há outro motivo para preocupação — ele diz, mais alto desta vez. — As memórias são repudiadas.

— O que quer dizer isso?

— Ela não foi forçada a esquecer. Ela *escolheu* esquecer. Tomou uma poção de esquecimento.

— Melhor ainda — eu falo. — Ela tem medo delas por alguma razão. É aí que eu levo vantagem.

Os estalidos crescem conforme suas mandíbulas tremem mais.

— Idealmente, você poderia usá-las como armas. Memórias repudiadas são maculadas, marcadas por magia emocional volátil. Elas querem vingança contra quem as criou e as repudiou. Mas você teria que levá-las até ela, mantendo-as adormecidas em sua cabeça. Sendo mestiça, você não tem força suficiente.

Eu me irrito com a condescendência.

— Os mortais têm sua própria maneira de manter as memórias adormecidas. Eles anotam, para que o passado não preocupe seus pensamentos. Eu só preciso de um diário.

Ele segura a caneta bem perto de meu nariz.

— Isso não vai funcionar com memórias encantadas, a menos que seu caderno esteja cheio de papel encantado para retê-las. Infelizmente, nunca ouvi falar de um diário assim. E você?

Eu o encaro em silêncio.

— Eu achava que não, mesmo. — O besouro bate em meu nariz com a ponta da caneta.

Rindo com desdém, arrebato a caneta e a meto no bolso, desafiando-o a pegá-la de volta.

— Bobinha. Quando as memórias repudiadas se aninham em uma mente, são como aquelas músicas que ouvimos uma vez e não saem da cabeça, voltando sem parar a um grau que chega a ser doloroso. Na melhor das hipóteses, elas fazem com que você simpatize com sua presa e não tenha forças para enfrentá-la. Na pior das hipóteses, você é levada à loucura. Está disposta a arriscar tamanha perda?

Deslizo as mãos sobre meus joelhos dobrados e em seguida enfio o excesso de tecido da camisola hospitalar sob os quadris. Não importa como seja terrível imaginar as memórias hostis de alguém devorando minha mente. Descobrir as fraquezas da Vermelha é a única maneira de derrotá-la.

— Eu já perdi tudo e já enlouqueci. — Encaro seus olhos bulbosos. — Quer uma demonstração?

Múltiplas pálpebras movem-se em seus olhos compostos. Insetos não têm pálpebras nem cílios, mas este não é um inseto normal. É um inseto do espelho, ou rejeitado, dependendo da terminologia que você escolher: a de Carroll ou a do besouro-tapete.

O besouro foi engolido pela madeira tulgey e foi parar no portão de Qualquer Outro Lugar. Então ele foi cuspido de volta para cá como mutante. Exatamente o que quase aconteceu com Jeb e Morfeu. Por sorte, eles foram aceitos no mundo do espelho, embora pensar neles sozinhos lá me eleve a um novo nível de horror. Morfeu não será capaz de usar sua magia por causa da cúpula de ferro, e Jeb é somente humano. Como eles poderão ter alguma chance em uma terra de assassinos intraterrenos exilados?

Um grito mudo de frustração queima meus pulmões.

Abaixo a voz para que somente o condutor possa ouvir.

— Eu costumava colecionar insetos. Eu os prendia com alfinetes em quadros de cortiça. Eles cobriam todas as paredes do quarto. Eu estava pensando em voltar a fazer isso. Talvez você queira ser minha primeira peça.

O condutor faz uma careta ou franze o cenho — é difícil dizer com todos aqueles traços se movimentando. Ele faz um gesto indicando o corredor.

— Por favor, madame.

Dirigimo-nos para as câmaras particulares. Duas portas adiante da sala de papai, o besouro para, olha para trás para se certificar de que não fomos seguidos e insere uma plaqueta com um nome no suporte: *Rainha Vermelha*.

Os botões de minhas asas coçam, querendo libertar-se. Uma torrente de magia e ódio ferve logo abaixo da minha pele. Pronta, aguardando.

O condutor começa a destrancar a porta, mas se detém.

— Certa vez compareci a uma festa no jardim do palácio dela. — Ele volta a sussurrar. — Eu a vi tirar a pele do amigo do Camundongo... aquela lebre.

Eu me contraio, lembrando-me da primeira vez que vi a lebre durante o chá da tarde, um ano atrás, e de como ela parecia estar do avesso.

— O Lebre Careca? Foi a Vermelha que o escalpelou?

O besouro balança a cabeça freneticamente, confirmando, e seu boné quase cai.

— Ela o pegou mordiscando as pétalas das rosas. Elas eram um presente e tinham sido plantadas para homenagear o pai dela. Mas mesmo assim. Ela usou uma enxada como se fosse um descascador de legumes... esfolando a pele dele. O sangue jorrou sobre os convidados. Estragou a melhor roupa de todos, e todas as margaridas. Já ouviu um coelho gritar? Não se esquece um som como aquele.

Eu estudo as pálpebras piscantes do inseto. Ele está perdendo a coragem. Compreendo, pois eu mesma fui vítima da violência da Vermelha. Ela certa vez usou minhas veias como cordões de marionete — a experiência física mais excruciante de minha vida. Ela até deixou uma marca no meu coração... que ainda posso sentir, uma pressão diferente.

Ultimamente, tem sido mais do que uma pressão. Desde aquela malfadada noite em que tudo deu errado no baile de formatura, quando aceitei minha loucura, a pressão em meu coração progrediu para uma pontada de dor recorrente, como se algo dentro de mim estivesse lentamente se desenrolando.

Não contei nada a papai. Estava ocupada exercitando minha magia, formulando meu plano. Meus entes queridos precisam que eu vença esta batalha, que eu seja mais forte do que a Vermelha de uma vez por todas.

Não posso me dar ao luxo de marcar uma consulta médica. E não adiantaria. Seja o que for, o que tenho foi causado pela magia. A magia da Vermelha. Sinto isso em minhas entranhas. E vou fazê-la consertar isso antes de acabar com a existência dela para sempre.

Mais determinada do que antes, tento pegar a chave que está na mão do condutor.

Ele a enfia debaixo do chapéu e em seguida começa a brincar com a plaqueta, tentando tirá-la do suporte.

— Mudei de ideia — ele diz entre estalos das mandíbulas. — Um inseto faz isso de vez em quando.

— Não. — Eu seguro seu braço, que mais parece um graveto. Seria fácil quebrá-lo. Uma tentação atravessa meus pensamentos, desafiando-me a ser cruel, mas eu me afasto e coloco a palma da mão sobre o peito, jurando: — Eu juro, pela magia da minha vida, que nunca direi que foi você que me mostrou.

— É melhor você sentar e esperar seu pai — o condutor sugere. Mexendo desajeitadamente no trapo que cobre seu tórax, ele tira um pacote de amendoim e

o entrega a mim. — Você deve estar com fome depois da viagem. Vá almoçar.

— Não saio daqui até ver as memórias dela, *inseto de tapete*. — Jogo o pacote no chão e apoio as costas na porta, bloqueando a plaqueta.

O besouro faz um som regurgitado de raiva.

— Não importa se meu corpo é feito de tapetes. Minha cabeça funciona tão bem quanto a sua.

— É óbvio que não. Você esqueceu o que Morfeu disse. Eu faço parte da realeza.

— Ah, mas Morfeu não está aqui agora, está?

Esforço-me para pensar em uma réplica, mas a lembrança do motivo de Morfeu não estar aqui me deixa imóvel, tornando minha língua inútil — um naco de carne congelada.

— Você nada mais é do que uma *chateação* real — o condutor retruca. — Tem consciência de que estamos sob uma ponte de ferro? A magia dos intraterrenos é limitada aqui. É por isso que guardamos as lembranças perdidas neste lugar: para mantê-las seguras. Então você não pode me forçar a fazer nada. E não serei esmagado sob o polegar da Rainha Vermelha por uma mesticinha esquelética e inútil.

O pulsar do orgulho me invade, descongelando minha língua.

— Você deveria se preocupar mais em ficar preso do que em ser esmagado.

Invoco os lustres de vaga-lumes acima de mim, visualizando-os como uma enorme água-viva de metal. As correntes chacoalham e os parafusos se soltam do teto. As cintas se abrem, libertando os vaga-lumes presos. Excitados com a liberdade, os insetos cintilantes quicam e voam em espiral dentro do vagão, feito uma demonstração de asteroides em um planetário. Os outros passageiros, aos guinchos, enfiam-se debaixo dos bancos.

Uivando, o condutor tenta se afastar conforme as geringonças voam na nossa direção — com os tentáculos metálicos impulsionando-as em um espetáculo gracioso, mas perturbador. Eu me agacho e as correntes acertam o inseto, derrubando seu chapéu e atirando-o contra a parede. Os parafusos voltam ao lugar e formam uma enorme rede de metal. Ele fica preso lá dentro, tão alto que as pernas ficam suspensas no ar.

Os vaga-lumes pairam no ar, lançando um brilho suave.

Cerrando os dentes, fisgo a chave de dentro do chapéu que caiu do condutor e está ao lado do pacote de amendoim.

— Tem uma nova rainha na cidade. — Olho para ele. — E, *por causa* do meu sangue meio humano, minha magia não é afetada pelo ferro. Então a Vermelha não leva vantagem sobre mim. — Dirijo-me à porta da Rainha Vermelha.

— Espere — o besouro implora. — Perdoe minha impertinência, Majestade. A senhora tem toda a razão. Mas eu sou o condutor. Devo proteger as reservas de lembranças perdidas dos passageiros clandestinos. Tire-me daqui, eu imploro!

Giro sobre o calcanhar para encarar os outros. Eles espiam de debaixo dos bancos — os olhos saltados, a cauda encolhida, os pelos eriçados —, espirrando e tremendo de medo.

O condutor choraminga enquanto jogo para ele o pacote de amendoim, que fica preso em uma das correntes perto de seus braços esquerdos.

— Ele está em horário de almoço — digo aos passageiros. — Qualquer um que sair do seu assento, por qualquer motivo, terá que se ver comigo. Estamos entendidos?

Os clandestinos respondem com um balançar de cabeça coletivo e se acomodam cuidadosamente nos bancos. Um começo de satisfação se desdobra dentro de mim.

Sorrindo, enfio a chave na fechadura e abro a porta que leva ao passado de minha inimiga.



2

Descendo

No momento em que fecho a porta atrás de mim, toda a minha confiança fraqueja.

A sala é pequena e não tem janelas. Uma tapeçaria de cor marfim cobre uma espreguiçadeira, e um abajur alto está ao lado dela, lançando uma luz tênue sobre o chão quadriculado.

Um aroma de amêndoas vem dos biscoitos de luar que parecem sempre estar aguardando em uma travessa. Por mais fome que eu tenha, não consigo comê-los. Tudo é muito doloroso e familiar aqui dentro.

Eu abracei Jeb e mamãe neste lugar, sentindo seu amor quando retribuíram o abraço. Meus braços doem de saudade. Na parede oposta, cortinas de veludo vermelho à espera de serem abertas para revelar pedaços do passado. Eu conheci a história de amor de meus pais neste trem e assisti às lembranças de Jeb também. Entrei na cabeça deles e senti suas emoções como se fossem minhas.

Senti a mudança de atitude de mamãe quando ela abdicou da coroa de rubis para dar a meu pai uma chance na vida... vi até Morfeu ajudando-a, carregando meu pai pelo portal até o reino humano, embora fazer isso fosse pôr todos os seus meticulosos planos em risco. Vivenciei a nobreza e a coragem de Jeb quando ele deu as costas para o seu futuro para que eu pudesse ter um.

Tantos sacrifícios conduziram a este momento. Eu faria qualquer coisa para

reverter o relógio e consertar tudo. Mas este momento é impiedoso.

"Momento. Você não terá essas restrições no País das Maravilhas. Permita-se ver o lado bom. Agora, recomponha-se. Temos que nos preparar para a Vermelha." Essas foram as palavras de Morfeu na noite do baile de formatura, poucas horas antes de tudo desmoronar. A mensagem tem tanta ressonância que parece estar conectada à minha mente; mas isso é impossível, com a cúpula de ferro que nos separa. Mesmo assim, faz sentido que essa percepção ecoe por minha alma quando estou nos limites da insegurança, considerando-se que ele é o guardião da sabedoria do País das Maravilhas, o depositário de todas as coisas loucas e ousadas.

Jeb é uma âncora; ele me mantém conectada à minha humanidade e compaixão. Mas Morfeu é o vento; mesmo me debatendo e gritando, ele me arrasta para o precipício mais alto, me empurra e fica me observando voar com asas de intraterrena. Quando Jeb está ao meu lado, o mundo é um quadro — imaculado e acolhedor; quando estou com Morfeu, é um playground insano — malévolo e viciante.

Cada um deles ocupa um lado diferente de meu coração duplo. Juntos, eles fazem uma ponte entre meu mundo intraterreno e meu mundo humano. O que devo fazer com esse conhecimento, não sei ao certo. E, a menos que meu pai saia daquela sala com suas memórias intactas, talvez nunca tenha a oportunidade de saber.

Lágrimas me queimam os olhos pela primeira vez em semanas. Acabei ficando boa em esconder o desespero. Fazia parte da minha encenação de louca para o sanatório — parecer distante e isolada. Mas isso está muito longe do que sinto agora.

Recusando-me a chorar, levanto o queixo. Morfeu diria que sou uma rainha, e rainhas não choram. E Jeb diria: *"Você vai dar conta, menina do skate"*.

Os dois têm razão.

Giro o controle na parede para diminuir a luz. As cortinas do palco se abrem, revelando uma tela de cinema. "Imagine o rosto dela enquanto olha para a tela vazia" — eu imito as instruções dadas pelo condutor da última vez que estive aqui — "e vivenciará o passado dela como se fosse o dia de hoje".

Fico surpresa ao perceber como é fácil recordar as imagens da Vermelha nos desenhos do livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* de mamãe.

Antes de a pequena Alice cair na toca do coelho, antes de o mundo da rainha ser arruinado por um marido infiel... antes de ela ser traída por seu rei. No tempo em que a Vermelha era somente uma princesa.

A tela se ilumina e eu explodo em mil pedaços que se reúnem na tela dentro do corpo e do ponto de vista da Vermelha.

Ela é pequena e jovem, talvez tenha uns dez anos humanos. Embora as crianças sejam diferentes no reino interior — mais inteligentes e cínicas, e lhes faltem inocência e imaginação. Sua respiração é arfante e ela corre atrás de um bando de duendes. Eles estão arrastando um cadáver enrolado em veludo vermelho. Os duendes só param quando adentram os portões do cemitério, seguros dentro dos jardins cobertos.

— Esperem! Tragam-na de volta! — grita a Vermelha.

Ela quase tropeça em seu vestido, mas abre as asas e se ergue do chão. Aterrissa diante do portão no momento em que ele se fecha. Parada lá, sozinha, ela espia por entre as grades. A Irmã Um sai correndo de seu labirinto de arbustos com as oito pernas chutando a barra da saia. O torso humanoide da guardiã do jardim inclina se sobre a mãe da Vermelha e persuade o espírito a sair do corpo. Ele se debate, erguendo-se do cadáver feito um ramo fluorescente.

A Irmã Um enrola o espírito em seu pulso e manda os duendes saírem com o corpo vazio.

— Não, a senhora não pode ficar com ela! — grita a Vermelha com um peso tão grande no peito que até respirar dói. O fedor de bolor e folhas queimadas faz arder seu nariz. Ela nunca chegou tão perto do jardim das almas, e cresceu ouvindo histórias sobre as guardiãs e o lugar. Mas lendas sobre mãos de tesoura e invasores reduzidos a fiapos sangrentos não podem assustá-la hoje. Não com sua mãe sendo levada para sempre.

A Irmã Um fica olhando de dentro do portão, franzindo a cara.

— Aqui é terreno sagrado, pequena rainha. Se estiver planejando alguma coisa, é bobagem. Você não tem aqui o poder de que usufrui em seu reino.

A Vermelha faz uma carranca. Seu corpo inteiro brilha em carmim enquanto ela se concentra no cabelo da mulher-aranha. Os fios, tremeluzentes e finos como aparas de lápis, pairam no ar em torno de seu rosto de jardineira com

uma brisa, mas a magia da Vermelha não surte efeito.

A Vermelha olha para a cerca alta e para os ramos espinhosos que avançam sobre a amplidão dos jardins do cemitério, como um telhado. Não há forma de quebrar essas defesas.

A Irmã Um sorri desdenhosamente.

— Seria um erro tentar encontrar uma brecha, princesinha, a menos que deseje conhecer minha irmã pessoalmente. Ela tem o dom de fazer confete com pestinhas delicadas que nem você.

Um arrepio percorre a espinha da Vermelha até a ponta das asas.

Com um último olhar para a Vermelha, a Irmã Um enrola o espírito lamuriento e brilhante nos dedos. Com um movimento rápido de saias e pernas de aranha, ela desaparece no labirinto de folhagens.

Chega o pai da Vermelha, o rei, com o rosto vermelho de tentar alcançar sua filha.

— Qual é a vantagem em ser imortal — pergunta a Vermelha com o nariz enfiado no portão e frio do contato com o metal — se não podemos ficar juntos eternamente?

— A imortalidade significa somente que você atinge um ponto e para de envelhecer... e seu espírito nunca morre — ele responde ofegante. Aperta o ombro dela. — Mas o corpo é vulnerável a algumas coisas e pode ser deixado, pois é uma casca.

Os braços e pernas da Vermelha ficam entorpecidos. Seu próprio corpo parece uma casca. Vazia e quebradiça, como se pudesse ser levada pela primeira lufada de vento.

Ela se agarra às barras, procurando manter-se de pé.

— Mas por que não podemos enterrá-la no chão, entre as begônias e as margaridas, no pátio de nosso palácio, como fazem os humanos? Se ela vivesse no meio das flores, poderíamos visitá-la todos os dias.

Seu pai franze a testa, como se estivesse pensando.

— Você sabe que nossos espíritos precisam de sonhos para saciá-los, para impedir que fiquem inquietos... e possuam corpos vivos. Somente as Irmãs Twid podem encontrar e fornecer essas coisas.

— Sonhos. — *A Vermelha funga. — Um dia, vou trazer sonhos para nossa espécie, pai. Eles serão abundantes em todo lugar, não só no cemitério. Um dia, vou libertar os espíritos para que possam dormir em nossos jardins, roçando nossas janelas à noite e tropeçando em nossos pés de dia. Vou trazer imaginação ao nosso mundo para que todos possam sempre estar com aqueles que amam.*

Ele dá tapinhas na cabeça dela, um gesto terno que quase preenche o imenso vazio em seu peito.

— Isso faria de você a rainha mais adorada de todos os tempos, meu botão de rosa. Mas, até lá, devemos seguir as mesmas regras que todos os demais. Não podemos abusar de nosso poder e status nem colocar nossos súditos em perigo. Não importa quanto a amemos. — Ele seca os olhos com um lenço. — Compreende?

A Vermelha, com um gesto de cabeça, diz que sim.

A cena se embaralha e some. Sou arrastada para fora da memória e jogada em meu assento, acolhida pela escuridão à minha volta. Uma sensação de batida faz meu crânio balançar, como um soco vindo de dentro. Pressiono as mãos contra as têmporas até parar.

Deve ser a memória repudiada aninhando-se no meu crânio, porque eu não senti nada disso da última vez que estive aqui.

A tela se acende novamente. Um arco-íris vívido invade a sala e me joga de volta para o palco. Meus ossos se acomodam aos da Vermelha e minha pele se adapta à dela.

Ela está uns seis anos mais velha. Seu pai desposou uma viúva intraterrena depois da morte da mãe, para que a Corte Vermelha tivesse uma rainha para regê-la até que a Vermelha tivesse idade suficiente. Contudo, daqui a alguns meses, a Vermelha será coroada e a magia da coroa correrá em seu sangue...

A Vermelha se esconde atrás de alguns arbustos no jardim do pátio do castelo. As zínias com listras púrpura murcham com o ódio que pinga dela quando espiona seu pai e sua meia-irmã, mais nova. Grenadine é filha do primeiro casamento da nova rainha e provou ser uma pedra no sapato da Vermelha.

Não basta que seu cabelo esvoace com o brilho de rubis e seus olhos cor de prata dancem sob cílios grossos de lavanda. Ela vive distraída — uma lousa em branco aguardando que alguém escreva nela. Sua fragilidade e dependência oferecem uma distração para o coração entristecido do rei, algo que a força e independência da Vermelha não conseguem fazer.

O rei inclina-se para mostrar a Grenadine, pela centésima vez, como se joga croqué, já a tendo lembrado, pela milésima vez, de que ele é seu novo pai. Ele aponta os aros de metal em formato de U que formam um losango no chão. Estacas cor-de-rosa e cinza marcam cada final, e dois jogos de bolas aguardam em uma caixa revestida de cetim.

— Nós seguimos o circuito de aros — o rei diz gentilmente. — Minha cor vermelha contra a sua cor prata. O primeiro lado que conseguir passar as bolas pelos aros na ordem e atingir a marca vence.

Grenadine balança a cabeça, com seus cachos rubros roçando os ombros.

— O que é uma marca mesmo?

— A estaca no final da pista.

— E um aro... é isto? — Grenadine levanta um ser mágico com pescoço de flamingo cujo corpo foi enrijecido magicamente no formato de um bastão de hóquei. As plumas rosadas se eriçam, como se tivesse ficado ofendido com a troca de nomes.

— Isso é um taco, querida. Os aros são as argolas que atravessamos com nossas bolas.

As covinhas de Grenadine aparecem, como sempre o fazem quando ela está desorientada.

— Oh, pai, eu simplesmente não consigo lembrar.

Ele sorri, encantado com sua graça insensata.

— Creio que descobri uma maneira de driblar isso. Senhor Bill? — Ele acena para alguém.

Bill, o Lagarto — um réptil intraterreno com a habilidade de escrever sem tinta —, surge e faz uma mesura. Seu fraque e suas calças vermelhas tornam-se verde-folha, combinando de modo tão convincente com o arbusto ao seu lado que ele parece uma cabeça decapitada e mãos cheias de garras em pleno ar.

Grenadine retribui a reverência.

— Prazer em conhecê-lo, senhor.

O lagarto sorri, encantado com sua doçura, como todos.

— O Senhor Bill é o estenógrafo da Corte Vermelha. Ele tem a habilidade de comer sussurros — o rei explica. — E, depois, ele pode anotá-los em qualquer superfície, onde ficarão colados para sempre, como murmúrios silenciosos, para que possam ser ouvidos e não vistos. Sussurre algo de que deseje lembrar-se.

Grenadine murmura as regras do croqué que acabou de ouvir.

As mandíbulas camaleônicas de Bill rangem e sua língua estala em pleno ar, capturando o eco do sussurro dela. Os olhos bulbosos giram em diferentes direções e ele engole um caroço bem grande. Em seguida, tira do bolso uma fita de veludo e escreve sobre ela com a ponta do dedo com garra.

Piscando, ele entrega a fita vermelha ao rei.

— Escute — o rei diz, levando-a ao ouvido de Grenadine.

Ela espera, e depois explode numa gargalhada de bochechas rosadas.

— São as regras sussurradas!

O rei amarra a fita no dedo mindinho dela.

— Agora você nunca vai esquecê-las. Pedi ao Senhor Bill que seja seu consultor real particular. Ele vai fazer fitas encantadas durante o tempo que você precisar.

Grenadine enruga o nariz.

— Bill? Creio que não conheço essa pessoa.

O rei dá risada.

— É claro que conhece. Ele está bem aqui.

Bill, o Lagarto, faz mais uma mesura.

Cansada do espetáculo, a Vermelha se concentra na fita amarrada no dedinho da irmã. De seu corpo emana um brilho carmim enquanto sua magia desata a fita. A tira de veludo voa de Grenadine e vai pousar na palma da mão da Vermelha. Ela sai do esconderijo.

O rei enrubesce. Ele dispensa Bill, mandando-o para dentro do palácio com

Grenadine para que possam dar vida a mais sussurros.

— Por que fez isso? — o pai da Vermelha pergunta, tentando pegar a fita roubada.

A Vermelha a aperta entre os dedos.

— Talvez eu deva nomear Bill para fazer fitas para o senhor, para que se recorde de que tem outra filha. Com quem nunca fica.

O rei olha para os sapatos vermelhos.

— Fitas não ajudariam. Porque eu não esqueci.

O queixo da Vermelha fica rijo.

— Ela nem é sua filha! Eu sou, de sangue.

— Sim, meu botão de rosa. E a cada dia você se parece mais com sua mãe. E a cada dia volto a sentir a dor de ter sido afastado dela. Você tem mais coragem do que eu.

— E é por isso que serei rainha — declara a Vermelha, tentando endurecer o coração.

— Sim, porque você aceita as coisas que a fazem se recordar dela. Você toma chá com cinzas, para recordar como ela a acalentava quando você ainda era bebê. Você pede que o cozinheiro faça as tortas de Tumtum, as favoritas dela, para poder lembrar que vocês as comeram juntas. E cantarola as músicas dela.

A Vermelha não responde.

— Por favor, compreenda, amada filha. Eu só a evito para não arrastá-la comigo. Você é importante demais para o reino e não posso atrapalhá-la. Então, observo de longe. Sou um homem de sorte por ter uma filha que cresceu e se tornou uma mulher tão forte.

A Vermelha zomba dos elogios vazios.

— Quem tem sorte é Grenadine. Porque ela não tem memória. Ela pode esquecer qualquer regra que confinaria suas ações, apagar qualquer erro que minaria sua confiança, relegar qualquer tristeza que a impediria de amar. Ela não tem padrões que regulem sua vida. Ela é imune, por suas próprias limitações, a tudo o que poderia restringi-la. Ela vê o mundo com o encanto de um filhotinho que nunca foi escorraçado nem preso a uma corrente.

O rei cutuca a caixa da bola de croqué com o dedo do pé.

— Esquecer não a faz mais forte. Você é que é forte. Pois você se lembra e mesmo assim segue em frente. É isso que a tornará uma regente maravilhosa um dia, assim como sua mãe: solidária e compreensiva.

O punho da Vermelha aperta a fita com mais força.

— As emoções nascem da fraqueza. Não quero nada com elas.

— Como? — A voz severa de seu pai a assusta. — Você desrespeitaria a memória de sua mãe? Tudo por causa de uma pontada de ciúme?

A Vermelha cerra os dentes, sentindo o olhar da mãe sobre si, mesmo ela estando muito longe — uma rosa cristalina dentro do jardim das almas.

O rei estreita os olhos por baixo da sombra da coroa.

— Você tem a mesma qualidade sombria de toda a linhagem real Vermelha. Sua mãe foi a primeira que aprendeu a equilibrar a loucura e a sabedoria. Não renegue esse legado. Permita que ela se orgulhe de você. — Ele estende a mão.

Lágrimas invadem os olhos da Vermelha e ela larga a fita de sussurros na mão dele, uma promessa velada de honrar a memória da mãe, de nunca esquecer seu exemplo.

Meus ossos se agitam e a cabeça dói quando sou novamente jogada na espreguiçadeira, e em seguida atirada outra vez de volta à tela para a lembrança final.

A Vermelha está ajoelhada ao lado de uma roseira, inalando seu doce perfume. Os botões são de um vermelho profundo, parecendo poças de sangue fresco em meio ao brilho quase artificial das folhas azul-petróleo. Ela plantou a roseira no pátio como um tributo ao seu pai, depois que ele morreu. Ela anseia pelo espírito dele. Gostaria que ele estivesse aqui, e não aprisionado no jardim das almas, embora fique confortada em saber que ele finalmente se reuniu à sua mãe.

— Eu deveria estar com vocês dois no cemitério — ela murmura às rosas. — Agora que minha vida está acabada. — Ela gira um frasco que tem na mão, revelando o rótulo: Poção do Esquecimento.

Seus ombros cedem quando, ao longe, ouve o riso alto da meia-irmã acompanhado pelas gargalhadas do esposo da Vermelha. A Vermelha o

conheceu uma semana depois que o pai faleceu. Ele tinha um coração bom, como o pai, e provou ser o único homem que poderia lidar com sua raiva, amenizar sua amargura. A força dele era a compaixão, e ele adorava a Vermelha. Mas a rainha ficou obcecada pela ideia de trazer sonhos para o País das Maravilhas e acabou negligenciando seu casamento, sem mesmo se preocupar em dar ao rei os filhos que ele tanto desejava. Em sua ausência, o marido era comumente deixado sozinho com Grenadine.

Várias vezes, a Vermelha viu o marido tentar fazer amizade com sua irmã, embora esta sempre o repelisse. Quando o rei da Vermelha voltava para seu lado feito um filhote ferido, a tristeza dele atiçava o ciúme da esposa. Ela fazia a única coisa que podia: roubava as fitas da irmã para mostrar ao marido como Grenadine era bobalhona.

Todos os dias, durante meses, toda vez que sua irmã amarrava fitas nos dedos das mãos ou dos pés, a Vermelha, usando magia, as atraía e fazia com que ficassem flutuando no céu. Em breve, elas eclipsaram o sol, como uma nuvem de rubras borboletas cintilantes. O reino ficou imerso na escuridão, mas a Vermelha não se importava. Não tinha vontade de chamar as fitas de volta nem de ouvir os lembretes mundanos e irrelevantes de Grenadine.

Para a Vermelha, roubar as fitas tornou-se um jogo de malícia e grande satisfação, até que, finalmente, Grenadine parou de usá-las. E, logo depois, parou de impedir os avanços do Rei Vermelho.

Os dois ficavam cada dia mais apaixonados, e a Vermelha testemunhava isso repetidas vezes. Furiosa, ela chamou de volta todas as fitas do céu. Elas se espalharam pelo pátio do castelo em uma torrente de chuva carmim. A Vermelha postou-se em meio às centenas de sussurros que a rodeavam, repetindo as mesmas palavras: Mantenha o marido da Vermelha longe de seu coração. Ela é sua irmã, um amor precioso. Sempre seja fiel à Vermelha.

Grenadine vinha lembrando a si mesma, diariamente, de fazer o que era certo, e a Vermelha havia tornado impossível que ela lembrasse. A responsabilidade sobre a falência de seu casamento pesava toda em seus ombros. E a única maneira de a Vermelha sobreviver era ser como Grenadine e esquecer o papel que tivera em tudo isso. Determinou que se lembraria somente das traições dos outros, para que esses erros pudessem endurecer seu coração.

Afagando uma pétala de rosa, a Vermelha sussurra uma última vez:

— Mãe, Pai, espero que ambos me perdoem, porque a única maneira de perdoar a mim mesma é esquecer. — Em seguida, ela leva o frasco aos lábios.

A imagem se apaga, a cortina se fecha e o abajur se acende.

Desmoronada na espreguiçadeira, levo as mãos às têmporas até que o martelar dentro do meu crânio se acalme. Quase me engasgo com o cheiro agridoce das rosas profundamente gravado em meus sentidos. Finalmente consigo reconhecer o que nunca me permiti admitir: sou descendente da Rainha Vermelha. Ela é uma parte permanente de mim. Agora posso aceitar isso porque sei que ela, um dia, teve coração. Um coração que sentiu perdas parecidas com as minhas: a ausência de uma mãe que ela adorava; o medo de perder a admiração do pai; o arrependimento por um erro tão monumental que lhe custou o amor de sua vida.

A Vermelha afastou seus momentos mais vulneráveis para não hesitar em sua busca de vingança. Desse modo, ela pôde abandonar-se à crueldade completa sem nenhum remorso.

A empatia espeta minha consciência, mas eu a afasto. Não há lugar para a piedade no campo de batalha... seja ele mágico ou não.

Se eu conseguir conter suas memórias repudiadas por tempo suficiente para reuni-las à sua mente, elas irão contra ela, a encherão de arrependimento. Depois, enquanto ela estiver vulnerável, eu atacarei, e o País das Maravilhas nunca mais precisará temer sua fúria.

Ainda desorientada em meio a um turbilhão de emoções obscuras, coloco me de pé e aliso a camisola hospitalar. Estou a poucos passos da porta quando ela se abre, revelando papai — com os olhos castanhos iluminados por uma chama ardente.

— Allie, eu me lembro... de tudo.



3

Dilemas em Miniatura

Papai me conta que seu verdadeiro nome é David Skeffington.

— Interessante — eu digo, enquanto caminhamos pelo corredor. — E eu pensava que daríamos em algo relacionado a Martin Gardner.

Papai franze a testa.

— Quem é esse?

— O cara que escreveu *Alice: Edição Comentada*. Um mago da matemática. — Eu dou de ombros. — Isso só prova quanto mamãe estava envolvida com o País das Maravilhas. Como ela não conseguiu encontrar seu verdadeiro nome, deu a você um que se encaixasse no legado de Lewis Carroll.

— Sem saber que eu já estava encaixado — papai emenda.

— Por quê? Quem são os Skeffingtons? — pergunto.

Ao notar o condutor pendurado na parede, papai não responde.

Eu o ajudo a libertar o besouro que esperneia sem parar.

— O inseto de tapete não estava cooperando muito — explico, soltando a pele emaranhada do meu prisioneiro dos fios e metais.

— Existem outras maneiras de ser persuasivo. — A expressão de papai é séria enquanto ele abaixa o inseto desalinhado até o chão. — Maneiras menos

violentas.

Fico calada em sinal de respeito, mas quero dizer que ele não sabe nada sobre como lidar com intraterrenos.

Depois de um pedido de desculpas que ganha uma cautelosa, embora reverente, mesura do condutor e dois pacotes de amendoim de brinde, papai me pega pela mão e vamos juntos para a plataforma do trem de brinquedo. A porta do vagão se fecha atrás de nós com um rangido forte.

Eu bocejo, inalando o aroma de poeira e pó de pedras no frescor do túnel parcamente iluminado. Os sussurros de centenas de insetos se misturam — uma distração que me acalma. As memórias da Vermelha continuam me cutucando, ofuscando minha mente com manchas rubras desconcertantes: seu rosto vermelho quando ela tentava segurar o espírito da mãe, o tremeluzir cor de rubi do cabelo da meia-irmã durante uma difícil aula de croqué, vendo o pai se afastar, e o vermelho cor de sangue das fitas sussurrantes anunciando o erro mais devastador da Vermelha.

Não posso sentir empatia. Tenho de ser forte.

Coloco as mãos sobre o estômago, enjoada e tonta. Eu não fazia ideia de que o efeito aderente das memórias seria tão poderoso. Preciso encontrar um modo de controlá-lo.

Papai percebe que esfrego o estômago e estende um pacote de amendoim.

— Você precisa comer.

Jogo alguns amendoins na boca. O sabor salgado e crocante aplaca minha fome, mas não alivia as rajadas de chuva vermelha que inundam minha mente.

— Me diga onde está sua mãe — papai diz abruptamente.

Eu quase me engasgo.

— Me diga que ela não está no mundo do espelho.

Depois de engolir, respondo:

— Ela está no País das Maravilhas.

Ele solta um suspiro de alívio.

— Que bom! Existem criaturas em Qualquer Outro Lugar que nenhum ser humano... — Ele se detém, como se lembrasse que mamãe pode ser tudo, menos

humana. — Ela é uma deles. Como aquele rapaz alado que me carregou através do portal. Ela é intraterrena.

— Em parte — eu sussurro. *Eu também sou* fica parado em minha língua, não dito.

— Ela é mais forte do que eu poderia imaginar — ele murmura. — Ela pode proteger o Jeb. Eles têm um ao outro.

Ele está meio certo. Mamãe é forte, e eu tenho de acreditar que ela está sobrevivendo no País das Maravilhas. Se o *Jeb estivesse* com ela, ele estaria mais seguro, também. Ainda não vou contar ao papai que eles não estão juntos. Primeiro, ele precisa digerir tudo o que acaba de saber.

— Eles estão bem. Todos... *os dois* estão bem.

Papai já está tendo de se esforçar muito para entender a lembrança daquele ser alado ajudando mamãe a tirá-lo do jardim das almas no País das Maravilhas. Ele não precisa saber que Morfeu é parte de nossa missão de resgate neste momento. No entanto, depois terei de explicar o imenso papel que Morfeu desempenhou em minha vida desde a infância. Mas nunca poderei confessar o papel que ele planeja desempenhar em meu futuro, pois jurei, pela magia da minha vida, não dizer uma palavra. Nem posso contar a Morfeu que vi o que vai acontecer, mesmo que ele próprio tenha visto.

— O problema é que — eu continuo — a toca do coelho foi soterrada. Todos os portais estão interligados. Então, se a entrada não está funcionando, as saídas também não.

— Foi por isso que você me trouxe aqui para ver minhas memórias. — Papai capta no ar os fios soltos da minha explicação. — Para encontrar outra entrada para o País das Maravilhas.

Tenho medo de contar a ele o estado em que o País das Maravilhas se encontra. E, pior ainda, que eu sou culpada por isso. Que minha inabilidade para usar poderes não cultivados e negligenciados causou toda essa tragédia. E que, para consertá-la, terei de encarar meu maior medo.

Temos muito a conversar antes de eu incluir a Vermelha na história.

— O que aconteceu entre você e o condutor? — Papai muda de assunto, para meu alívio. — Por que você o intimidou daquele jeito?

Jogo um amendoim na boca.

— Ele me chamou de mesticinha esquelética — respondo, mastigando. — Achei a minha solução bem criativa. — Minha voz é abafada pelo som de motores e pessoas conversando que chega da ponte através dos dutos de ar.

Papai limpa migalhas da camisa polo da sua loja de artigos esportivos.

— Assim como achou que as mentiras que você e sua mãe inventaram também eram criativas.

Ai! Jogo outro punhado de amendoim na boca, desejando que as coisas entre nós voltem a ser como eram antes. É tão estranho que, de alguma forma, as mentiras tenham se tornado a base de nosso relacionamento. Sem elas, nosso vínculo é frágil... precário.

Que vontade eu tenho de abraçá-lo, mas o vácuo entre nós é grande demais.

— Se vamos ajudar sua mãe e o Jeb — papai continua —, preciso de respostas sinceras de você. De toda a verdade. Chega de disfarces.

Analiso os dedos de meus pés descalços, que se contraem a cada passo que damos sobre seixos e pedras quebradas. A sola de meus pés não é a única coisa que parece exposta e frágil.

— Nem sei por onde começar, papai.

Ele franze a testa.

— Não espero respostas imediatas. Temos que encontrar a Estalagem do Humphrey primeiro.

— *Estalagem do Humphrey*? — Quase mordo a língua. O único Humphrey que já conheci é a criatura em forma de ovo do País das Maravilhas, também conhecido por Humpty-Dumpty, do romance de Lewis Carroll. — O que é isso?

— É a única pista que tenho para localizar minha família. Eu vivia aqui.

— Aqui, tipo em Londres?

— Aqui, tipo neste mundo. A Estalagem do Humphrey é uma espécie de casa de passagem entre o mundo mágico e o reino mortal. Fica escondida debaixo da terra.

O fato de ele aceitar de imediato um mundo subterrâneo mágico me deixa confusa. Talvez eu esteja errada em achar que ele não está preparado para lidar

com intraterrenos. Talvez eu até suspeitasse disso, mas ainda é difícil aceitar quão enraizado o País das Maravilhas se encontra em meu sangue — dos *dois* lados da minha família.

Esse pensamento deflagra outro flash de memórias da Vermelha, e eu cambaleio.

Papai me segura.

— Você está bem?

— É só uma dor de cabeça — respondo quando a sensação vai embora. Vou ter de fazer um esforço concentrado para não pensar em minha tataravó até que possa descobrir uma maneira de reprimir esses episódios. — Você estava me falando sobre a estalagem.

— Sim. Fica em algum lugar de Oxford.

— Sério? Foi lá que Alice Liddell cresceu. E onde ela conheceu Lewis Carroll.

Papai esfrega a barba por fazer.

— De alguma maneira, no passado, os Skeffingtons eram aparentados com os Dodgsons, que era o sobrenome de Carroll antes de ele criar um pseudônimo. Espero obter mais detalhes quando encontrarmos a estalagem.

Não pressiono mais. Nem consigo imaginar a overdose de informação que ele está processando.

A distância, as monarcas que nos deram carona estão penduradas nas paredes dos túneis, batendo as asas lenta e relaxadamente. Os lustres de vaga-lumes refletem seus desenhos em laranja e preto e lembram tigres se esgueirando pelas florestas em um programa sobre a natureza.

As borboletas sussurram: *Nós sabemos o caminho para a Estalagem do Humphrey. Gostaria que os levassem, pequena rainha flor?*

Meus braços ficam completamente arrepiados quando penso em sacolejar no meio de mais uma rajada de vento e chuva. Não é medo. É uma ansiedade eletrizante — como ficar na fila para andar na sua montanha-russa favorita. Os brotos de minhas asas se agitam. O da direita ainda não está totalmente curado. Talvez eu possa soltá-lo enquanto voamos, exercitar as asas sem o perigo de cair.

Sim, por favor, levem-nos. Envio a resposta silenciosa para as borboletas.

— Elas estão falando com você? — papai pergunta quando me pega olhando fixamente para elas.

Engulo em seco. É difícil me acostumar a não fingir com alguém para quem menti a vida inteira.

— Ã-hã.

Ele me analisa, com a pele quase verde sob a luz tênue. Pergunto-me se ele já se tocou que permitimos que mamãe ficasse trancada em um sanatório por algo que estava realmente acontecendo, e não por uma ilusão.

— As borboletas sabem onde fica a estalagem — eu afirmo.

Papai faz um ruído de insatisfação.

— Quando chegarmos lá, podemos voltar ao nosso tamanho normal, por favor?

— É claro. Eu tenho aqui exatamente do que precisamos. — Dou um tapinha no bolso onde os cogumelos aguardam, surpresa por sentir a caneta do condutor junto deles. Tinha esquecido que ainda estou com ela.

Papai tira a carteira e vasculha entre recibos, dinheiro e fotos. Ele para ao ver um retrato de família que tiramos meses atrás e, com a ponta do dedo trêmulo, percorre a silhueta de mamãe.

— Não acredito no que ela fez por mim — ele murmura, e eu me pergunto se deveria ouvir aquilo, ou se é um momento íntimo. Nunca duvidei da força do amor que papai sentia por ela, mas só recentemente vim a saber como o amor dela por ele era forte.

Estou curiosa para saber quanto ele lembrou, se compreende que ela ia ser rainha antes de conhecê-lo.

O queixo de papai se fecha com força, e ele desliza a foto de volta para seu lugar.

— Não temos a moeda daqui. Vamos ter que usar meus cartões de crédito. Devemos chegar por volta da hora do jantar. Enquanto comemos, vamos discutir as coisas. — Ele parece cansado, mas há anos não o vejo tão alerta. — Vamos planejar nosso próximo passo. Mas é importante ficarmos quietinhos para não chamar atenção. Considerando a profissão da minha família, eles podem ter feito inimigos muito perigosos.

Um nó de apreensão se forma em minha garganta.

— Que profissão?

Ele guarda a carteira no bolso.

— Porteiros. Eles são os guardiões de Qualquer Outro Lugar.

Meus joelhos amolecem.

— *O quê?*

— E chega de falar nisso. Ainda estou processando.

Sua aspereza me magoa. Mas que direito tenho de me sentir magoada? Eu o fiz esperar dezessete anos para saber a verdade sobre mim.

— Tá bom. — Reprimo um pedido de desculpas e analiso minha roupa rasgada. — Não vai ser fácil passarmos despercebidos usando roupas de sanatório. Você vai precisar se trocar também.

— Alguma ideia? — papai pergunta, e em seguida levanta uma mão. — E, antes que diga alguma coisa, não vamos roubar nada do varal de ninguém.

É como se ele tivesse lido minha mente.

— Por que não? Os motivos sempre justificam o crime. — Eu mordo a língua. Esse é o raciocínio de Morfeu, não o meu. É ao mesmo tempo atemorizante e libertador que sua lógica ilógica esteja começando a fazer todo o sentido.

Papai estreita os olhos.

— Me fale que você não acabou de dizer isso.

Controlo o desejo de sustentar meu ponto de vista. Justificar crimes pode ser a lei vigente no reino interior, mas isso não a torna legítima para meu pai neste momento.

— Eu só quis dizer que seria como *tomar emprestado*, se depois nós comprássemos roupas novas e devolvêssemos as outras.

— Muitas manobras. Precisamos de uma solução rápida. Roupas improvisadas.

Roupas improvisadas. Queria que Jenara, com seu talento de estilista, estivesse aqui. No mês que passei no sanatório, não pude receber nenhuma visita além de meu pai. Mas Jen mandava mensagens, e papai sempre se encarregava

de entregá-las. Ela não me culpou pelo desaparecimento de seu irmão, apesar dos boatos dizendo que eu fazia parte de um culto cujas vítimas tinham sido ele e mamãe. Jen se recusa a acreditar que eu poderia estar envolvida em algo que fizesse mal a eles.

Eu queria merecer essa fé.

Queria que ela estivesse aqui. Ela saberia o que fazer quanto às roupas. Jenara consegue criar roupas com qualquer coisa. Certa vez, para um projeto de mitologia, ela transformou uma Barbie na Medusa, pintando a boneca de prateado e criando um vestido "de pedra" com uma tira de papel-alumínio e giz branco.

Bonecas...

— Ei! — eu grito para o lustre de vaga-lumes mais próximo. — Será que vocês poderiam iluminar um pouquinho aqui, por favor?

Eles percorrem o teto e param bem acima de nossa cabeça, iluminando o que está à nossa volta. Este lugar já foi um corredor que dava em um elevador, onde os passageiros aguardavam para ser levados à cidade depois que desciam do trem. Pais distraídos e crianças descuidadas deixaram para trás brinquedos que são compatíveis com o nosso tamanho: blocos de madeira que poderiam passar por barracões de ferramentas, um catavento que poderia servir de moinho, e alguns elásticos de cabelo maiores do que os arbustos que eu via rolando ao vento nas estradas de Pleasance, no Texas.

Há uma placa acima dos brinquedos. As palavras ACHADOS E PERDIDOS foram riscadas e substituídas por TREM DO PENSAMENTO.

Pouco adiante de alguns livros de ilustrações mofados há uma mala infantil redonda de pé, de modo que a frente está visível. O estilo é retrô — rosa, de vinil estofado, com uma menina de rabo de cavalo parada diante de um avião. Seu vestido desbotado já foi azul um dia. Abaixo do zíper, escrito com letra de criança e marcador preto, lemos: *Loja de Roupas da Emily*. Esparramada no chão ao lado da mala está uma Barbie vintage.

— Roupas de boneca — eu sussurro.

Papai estreita os olhos.

— Precisamos de coisas que sirvam quando ficarmos do tamanho normal, Allie.

— Elas crescem e encolhem com a gente. Faz parte da magia.

Ele olha para seu uniforme rasgado e cheio de lama.

— Ah, certo...

— Vamos. — Pego a mão dele e avanço na direção da mala, controlando-me para não uivar de dor, pois as pedras no chão furam meus pés. Papai se detém por um momento para tirar os sapatos e me ajudar a pisar nelas.

Os sapatos são grandes demais, é claro, mas a ternura do gesto me recorda dos tempos em que eu costumava me equilibrar sobre a ponta dos seus sapatos para que pudéssemos dançar juntos. Eu sorrio. Ele também sorri, e volto a ser sua menininha. Em seguida, sua expressão muda da admiração para o desapontamento, como se ele estivesse continuamente tentando aceitar o que eu sou, o que mamãe é, e todo o tempo que escondemos isso dele.

Meu peito parece encolher. Por que o privamos de uma parte tão grande de nós? De uma parte integral *dele*?

— Papai, eu sinto...

— Não, Allie. Ainda não estou pronto para ouvir isso. — Sua pálpebra esquerda começa a tremer e ele desvia o olhar, os pés protegidos por meias sondando os escombros com cautela.

Sigo em frente e sinto o ar, dizendo para mim mesma que é a poeira que faz meus olhos lacrimejarem.

Quando chegamos perto da mala de roupas de boneca, ela parece alta como um prédio de dois andares, e o fecho do zíper é do tamanho da minha perna.

— Como vamos abrir essa coisa? — pergunto.

— Tenho uma pergunta melhor: como vamos caber nessas roupas? — Papai aponta a Barbie coberta de poeira. — Você está do tamanho da cabeça dela.

As íris da boneca são pintadas, como se ela estivesse olhando para o outro lado. Com sua maquiagem felina, ela parece estar zombando de mim. Exasperada, enfio as mãos nos bolsos do avental. Meus dedos sentem a caneta do condutor. Mais no fundo, chego aos cogumelos, e uma ideia se forma na minha cabeça.

— Vamos sentá-la apoiada na mala.

Papai me lança um olhar perplexo, mas não titubeia. Ele pega nos ombros da boneca e eu, nos calcanhares. Uma aranha amarelada do tamanho de um cocker spaniel foge correndo, reclamando por termos destruído sua teia. Ela desaparece dentro da pilha de livros. Quando colocamos a Barbie sentada, acomodo-me ao lado dela.

Entrego um cogumelo a papai e devolvo seus sapatos. Em seguida, pego outro cogumelo para mim e dou uma mordida no lado salpicado. Ranjo os dentes ao sentir o desconforto dos nervos se esticando, os ossos se alargando e a pele e cartilagens crescendo. Tudo à minha volta começa a encolher e eu continuo a comer até minha cabeça ficar na altura da cabeça da boneca.

Papai compreende tudo e também morde seu cogumelo até ficarmos ambos grandes o bastante para abrir a mala e vestir as roupas estilo anos 1950 de Ken e de Barbie que escorregam de dentro da mala.

Jogo para o lado calças boca de sino prateadas e um maiô com listras brancas e pretas, descobrindo um collant e uma saia de balé da mesma cor verde-mar dos olhos de Jeb quando ele fica bravo. Exatamente da cor que ficaram quando ele pegou Morfeu aos beijos comigo no meu quarto antes do baile de formatura.

O arrependimento me corrói as entranhas. Todas essas semanas, Jeb ficou pensando que eu o traí. No último momento que passamos juntos no baile, ele pegou o pingente que eu usava no pescoço — um amontoado de metal que um dia já fora minha chave para o País das Maravilhas, seu medalhão em forma de coração e seu anel de noivado — e me beijou. Prometeu que nós ainda estávamos longe de terminar. Mesmo depois de eu ter traído sua confiança, ele ainda planejava lutar por mim.

Uma sensação de cócegas chama minha atenção para o tornozelo, onde uma teia de aranha se pendura na beira de minha tatuagem de asa. Eu a fiz meses atrás para camuflar a marca de nascença intraterrena. Aqui, nas sombras, percebo quanto a tatuagem realmente se parece com uma mariposa, como Morfeu sempre disse. Quase consigo ver os lábios dele se enrugarem de deleite com o fato de eu admitir isso.

Aquela estranha dor que se desdobra me arranha o peito novamente. Ela me atinge quase sempre que estou hesitando entre meus dois mundos.

O que será que a Vermelha fez comigo?

A Vermelha...

Suas memórias repudiadas trovejam em meu crânio mais uma vez. Eu gemo baixinho.

— Disse alguma coisa, Allie? — Papai olha para mim enquanto vasculha as roupas de Ken.

Depois de esfregar as têmporas, levanto um vestido-camisa sem mangas com botões de pressão na frente e estampa de cereja e galhos verdes que combina com o collant.

— Acho que encontrei alguma coisa. — Ergo as roupas para papai inspecioná-las.

— Parecem ótimas. Estarei logo ali. — Ele pega sua trouxa de roupas e vai para o outro lado da mala.

Dispo-me das roupas do sanatório, tendo cuidado para não deixar os cogumelos que sobraram caírem do bolso do avental. Vou ter de encontrar outra forma de carregá-los.

Antes de tirar tudo, procuro alguma roupa de baixo feita de renda. Venho usando roupa íntima básica de algodão desde que fui para o sanatório. Seria bom vestir algo bonito. Sem encontrar nada, me conformo com o que já tenho e visto o collant verde. O detalhe mais legal da roupa de balé é uma abertura na parte de trás. Isso deixará mais fácil abrir as asas. O tecido acetinado cheira a lápis de cera e a jujuba, fazendo-me sentir saudade da minha infância, antes de mamãe ser internada.

Em seguida, visto a camisa-vestido e fecho os botões de pressão da parte de cima, deixando a saia aberta para mostrar as três camadas de tule verde que saltam acima dos meus joelhos.

Uma fita fúcsia serve como cinto. Meias finas cor-de-rosa completam o conjunto. Elas vestem perfeitamente das minhas coxas até as panturrilhas, mas ficam sobrando nos dedões. Eu dobro o excesso e calço botas moles e vermelhas de cano alto.

Botas *vermelhas*. As memórias da Vermelha martelam meu crânio até eu sentir tanta tristeza por ela que caio sobre a pilha de roupas que sobraram. Levo os punhos fechados à cabeça até passar. Quando abro os olhos, estou quase soterrada entre sapatos e acessórios da Barbie, como se tivesse me debatido inconscientemente.

— Está tudo bem por aí? — papai pergunta do outro lado da mala.

Eu solto um grunhido baixinho ao tirar tudo de cima de mim.

— Estou com dificuldade para calçar a meia. — Talvez roubar as memórias da Vermelha tenha sido um grande erro, afinal. Vou acabar usando novamente uma camisa de força, e desta vez para valer.

Quando me levanto, meu pé esbarra em um diário do tamanho da Barbie com uma chave que deve ter um quarto do tamanho de um alfinete, para um humano normal.

O condutor disse que eu precisaria de papel encantado para conter as memórias repudiadas. Um ano atrás, no cemitério do País das Maravilhas, a Irmã Um me contou que os brinquedos do reino humano eram usados para aprisionar almas no covil de sua irmã gêmea.

A Irmã Um disse que, quando os brinquedos mais queridos são abandonados, eles desejam as coisas que costumavam preenchê-los e confortá-los. Eles ficam solitários e anseiam ter o que tinham. E, se alguém lhes der essas coisas, eles se apegarão a elas com toda a sua força e determinação.

Folheio o diário. Algumas das pequeninas páginas foram preenchidas — corações, iniciais e flores, porque escrever palavras de verdade deste tamanho seria difícil para qualquer criança. Os dois terços finais estão em branco.

Talvez este diário tenha sentido falta de alguém que escrevesse nele.

O próprio Morfeu disse que os brinquedos guardam o resíduo do amor inocente de uma criança, a magia mais poderosa do mundo. Se isso for verdade, então quem sabe estas páginas sejam encantadas o bastante para conter as memórias da Vermelha e, assim, afastar os laços emocionais da minha mente.

Mordo o lábio inferior. *Veja só, inseto de tapete. Acabo de encontrar um diário mágico.*

— Já terminou? — Papai se movimenta do outro lado da mala, como se estivesse andando para lá e para cá.

— Só um segundo! — Remexo tudo à procura do avental que estava usando e tiro a caneta do bolso. — A lógica intraterrena reside no limite tênue entre o bom senso e a falta dele. — Eu balbucio as palavras de Morfeu para que papai não escute.

Descarrego as memórias da Vermelha nas páginas restantes, escrevendo o mais rápido que consigo. As emoções jorram de mim para o papel, uma experiência catártica, como escrever um diário para apaziguar o impacto de alguma tragédia.

Quando termino, fecho o caderno. Ele se retorce em minhas mãos, abrindo-se o suficiente para franzir o papel. As memórias estão tentando escapar. Apertando os dedos em torno da capa, eu o fecho, tranco-o com a chave e ele para de se agitar.

Minha cabeça parece melhor, os pensamentos mais claros e a empatia mais distante. A transferência deve ter dado certo. Ainda consigo me lembrar do passado esquecido da Vermelha, mas os eventos parecem ter acontecido com alguma outra pessoa, e não comigo. As memórias vão se distanciando, silenciando a empatia que martelava dentro da minha cabeça.

— Allie, nós temos que ir.

— Estou procurando um lugar para guardar os cogumelos — respondo, enrolando.

Enquanto procuro, aparece uma sacola de balé cor-de-rosa com um cordão. Enfio o diário dentro dela e amarro a chave do diário em um pedaço do cordão para confeccionar um colar. Desde o desastre do baile de formatura, sinto-me perdida sem a minha chave para o País das Maravilhas. Esta aqui não é cravejada de rubis e não abre um portal para outro mundo. Mesmo assim, é um conforto tê-la pendurada no pescoço.

Separando um cogumelo para mim e outro para papai, enfio o resto na bolsa junto ao diário, fecho-a com o cordão, amarro bem e a penduro no ombro.

Com uma escova de plástico, desato os nós do cabelo e faço tranças dos dois lados da cabeça. Fico olhando para o chapéu e o cachecol púrpura e escarlate de crochê, testando para ver se as memórias da Vermelha continuam dormentes. Preciso ter certeza antes de partirmos. Não posso arriscar perder o controle quando estivermos a vários quilômetros de altura.

Como nada acontece, pego o cachecol e o chapéu.

Vou para a frente da mala. Papai está esperando com trajes de Ken; casaco xadrez preto e branco, calça pregueada de flanela cinza e camisa branca.

Levo a mão à pele sob os olhos, preocupada que minhas marcas intraterrenas

estejam aparecendo depois de toda a magia que exerci.

— Estou bem?

— Está linda, borboleta — ele diz. Com a ponta do dedo, percorre o contorno de meus olhos, seguindo um desenho ilógico que só pode significar que minhas marcas estão totalmente abertas.

O fato de ele usar meu apelido me enche de gratidão. Ele está tentando me aceitar, com todas as minhas peculiaridades, mesmo tendo passado por um grande choque.

Eu ajeito seu colarinho e limpo a poeira de seu casaco.

— Sabe qual é a melhor coisa destas roupas? Sabemos que somos as primeiras pessoas a usá-las — eu provoco.

Papai dá risada. O som ecoa no túnel enquanto mordemos nossos cogumelos — os lados macios — até encolhermos o suficiente para caber no dorso das borboletas. Subimos em nossas montarias aladas, decolamos através do buraco na base da ponte e ganhamos o céu rumo a Oxford.



4

Carne e Sangue

Uma chuva fria me desperta com um solavanco. O cheiro de umidade preenche minhas narinas e o estrondo dos trovões faz tremer meus tímpanos, abafado por um som de investida. Minha bochecha direita se aninha em algo que é ao mesmo tempo macio e espigado.

Balanço a cabeça, tentando me lembrar de onde estou.

O covil do cogumelo. Estou nos braços de Morfeu... Ele está voando comigo para sua mansão. Tenho pavor de olhar, mas preciso saber para onde ele levou Jeb. Ergo-me, esperando ver paisagens do País das Maravilhas passando por baixo de nossa altura estratosférica. Em vez disso, um relâmpago ilumina a névoa à minha volta, revelando papai planando sobre sua montaria de borboleta pouco adiante. Estou rodeada por nuvens de tempestade, e não nos braços de Morfeu. Estou conduzindo uma monarca.

A tristeza me assola. Ultimamente, quando durmo, meus sonhos revivem momentos no País das Maravilhas com Morfeu, ou na garagem de Jeb, observando-o pintar e trabalhar nos motores, ou até fazendo biscoitos com a mamãe na cozinha. Um fio em comum une todos eles: acordar é uma ocorrência temerosa.

Seguro com mais força os pelos do tórax da borboleta quando nos precipitamos de uma nuvem e mergulhamos em outra. Minha visão se ajusta através de rajadas de chuva e da escuridão completa. As copas das árvores

parecem mais próximas a cada relâmpago. Nossas borboletas estão descendo, o que significa que estamos prestes a chegar a Oxford e ter aquela conversa franca.

O que papai vai pensar quando descobrir que sou eu a responsável por todo este pesadelo?

O vento é muito forte e força nossas montarias a dar guinadas bruscas, balançando o cordão em meu ombro. A sacola de balé dá um tranco forte o suficiente para o diário bater contra minhas costelas.

Por um instante, me abandono ao sabor da chuva, de voar margeando as nuvens, acesas por descargas elétricas. Minhas tranças molhadas se debatem sobre meu rosto e meus ombros — movidas ora pela magia, ora pelo vento.

O diário dá um novo tranco contra minhas costelas. Não é a montaria nem o tempo que causam esse movimento agora. Os cordões se esticam com força *contra* a direção do vento. Alguma coisa despertou as memórias contidas nas páginas, deixou-as inquietas. Talvez, ao me aproximar de meu lado sombrio, eu tenha lembrado à Vermelha que as memórias são uma parte de mim agora, não importa a distância que eu crie entre nós. Afinal, a Vermelha já fez parte do meu corpo uma vez. E ela será, para sempre, uma parte do meu sangue.

Talvez até do meu coração.

Engalfinho-me com o cadarço para dominar o diário. A bolsa sacoleja e se solta, escorrega do meu ombro e mergulha na escuridão e na chuva, levando consigo nossa oportunidade de voltar ao tamanho normal e, ainda pior, minha vantagem sobre a Vermelha.

— Siga aquela bolsa! — exijo de minha montaria.

Não somos táxis, a monarca responde. *Nós permanecemos na rota.*

— Mas é por isso que você tem que recuperar a bolsa! — eu grito. — Para permanecer na rota!

A monarca ignora meu apelo. Um arroubo de ousadia ganha vida dentro de mim, algo que Morfeu sempre alimentou e que venho aperfeiçoando há um mês.

Com um puxão, abro os botões de pressão e tiro a camisa-vestido, deixando somente o collant aberto atrás. O cachecol em torno de meu pescoço protege a chave do diário pendurada nele.

Minha camisa descartada vai na direção de papai. Ela o atinge na nuca e ele

olha para trás.

— O que está fazendo? — grita.

— Recuperando nossa única chance de salvar todo mundo. — Minhas asas se libertam. Solto um gemido de agonia quando, no ombro direito, a asa machucada se desfralda.

Sem arriscar olhar para papai, salto da borboleta. Sua antena bate na sola da minha bota quando eu desmonto, de braços abertos, carregada por uma corrente de vento.

O chapéu pula da minha cabeça, mas o cachecol permanece seguro, com as pontas esvoaçando com minhas tranças.

— Allie! — O grito desesperado de papai é cortado pelo som de um trovão.

Despenco pelo céu pontilhado pela chuva, o terror dando lugar ao êxtase. Minhas asas oferecem resistência e me desaceleram, mas são fracas demais para me levantar. O vento acrescenta outra barreira, golpeando-me feito um chicote. Sinto-me revigorada. Se existe uma coisa que ser coroada rainha no País das Maravilhas me ensinou é: o poder é impotente a menos que seja cultivado com riscos.

Isso, sim, é viver... uma queda livre para o desconhecido.

A chuva tamborila em mim, rodopiando. Faço força para abrir os olhos e curvar as asas para guinar na direção da bolsa que caiu. Ao ganhar impulso, consigo visualizá-la, embora ainda desfocada. Um instante antes de ultrapassá-la, agarro a bolsa e a enfio no peito de meu collant, contente por ter tomado a providência de amarrar o cordão antes de partirmos. Tudo continua lá dentro.

Um raio ilumina tudo à minha volta. Árvores gigantes vão ficando cada vez mais próximas, as folhas parecendo enganosamente macias. Mas o que aguarda no meio dos espaços — galhos pontudos e monstruosos — me rasgará inteira. Com o meu tamanho, sou como um inseto atingindo o para-brisa de um carro. Não sobrará nada de mim a não ser sangue e asas destroçadas.

Um instante antes de colidir com a árvore mais próxima, imagino que seus galhos se fundem uns nos outros, com o musgo macio e espesso se erguendo para revestir a copa, formando uma alfineteira gigante.

Com o impacto, todo o ar é expelido de meus pulmões. Escorrego para dentro

da superfície acolchoada feito um alfinete atravessando o estofo de serragem. A força dobra o musgo e a folhagem em torno de mim até que o alto da minha cabeça emerge e bate no tronco escorregadio. Sinto uma dor aguda no crânio e na coluna, e tudo fica preto.



Quando recobro os sentidos, meus músculos e minha carne zunem com a sensação de estar sendo esticada. Alguma coisa ronrona em meu ouvido, e em seguida um rufar de asas e uma sensação de encostar em pelos macios, tudo muito familiar.

Chessie?

Não pode ser. Eu não o vi mais depois do incidente no ateliê de arte há um mês. Presumi que já tivesse retornado ao País das Maravilhas e estivesse preso lá, como a mamãe. Caso contrário, ele teria ido me visitar no sanatório.

Meus olhos não querem se abrir. Agito braços e pernas por baixo do aconchego das cobertas, esperando que minha cabeça vá latejar. Ouvi meu crânio estalar quando bateu naquela árvore. Em vez disso, sinto-me confortável, serena... até eufórica. Sinto uma comichão no tornozelo. Alguém uniu sua marca de nascença com a minha.

Talvez *tenha sido* Chessie.

Solto um grunhido.

— Ela está acordando. — É a voz de papai.

Meus cílios recusam-se a se abrir. Sinto um sabor amargo no fundo da língua e estalo os lábios.

— Eu não sabia se tinha dado o suficiente a ela. — Papai afaga meu cabelo carinhosamente.

— Beber chá de cogumelo é cinco vezes mais potente do que comê-los. — É a voz de um estranho: áspera, como se ele tivesse gargarejado com areia. — Ela vai precisar comer alguma coisa para neutralizar os efeitos. Creio que é melhor trazer algo aqui para que ela fique escondida. Nem todos os rejeitados são compreensivos como este camaradinha aqui. Na verdade, ele é o responsável por manter todos aqui durante essas semanas. A maioria queria encontrá-la para que

ela consertasse os portais. Eles têm saudade do seu mundo e de seus pares.

Então, Chessie não foi me visitar no sanatório porque não queria conduzir nenhum intraterreno irritado até mim. Ele está mesmo aqui!

Forço os olhos a se abrirem.

O aroma de cera de vela derretida conforta minhas narinas, e o brilho suave do fogo faísca junto a uma parede sem janelas estofada com tecido azul-real e verde-floresta.

É um aposento privado. Estou em um sofá redondo e sem encosto repleto de almofadas com borlas coloridas. A decoração me lembra um circo — extravagante, mas estranhamente graciosa. Tapetes de pele de zebra guarnecem o teto abobadado. Com exceção dos candelabros, todo o resto é acolchoado, até o chão. O entorno é uma mistura da cela acolchoada do sanatório com o chalé da Irmã Um no País das Maravilhas.

Duas silhuetas ganham forma, paradas diante de mim.

O estranho parece ter a altura de meu pai. Há algo muito familiar nele, embora eu nunca o tenha visto antes.

Um manto marrom envolve seu vulto musculoso, e calças cáqui de camurça estão enfiadas em suas botas. Seu capuz enorme cai por sobre os ombros e as costas. Ele só precisa de uma aljava com flechas para ficar igualzinho a Robin Hood.

O cabelo escuro com fios grisalhos complementa seu cavanhaque e suas sobrancelhas cerradas. Olhos cor de âmbar me analisam.

— Finalmente, olá — ele diz carinhosamente.

Sinto uma comichão na ponta do nariz. Arrasto uma mão de debaixo das cobertas para cobrir o espirro iminente. Solto um som agudo e meu nariz encolhe e fica do tamanho de uma ervilha.

— Ah, está tendo uma ligeira reação ao chá, não é? — o estranho fala.

— Ligeira? — Minha voz parece mais a de um pato por causa do nariz minúsculo. Livro-me das cobertas e esforço-me para ficar de pé.

Papai senta-se ao meu lado na borda da almofada.

— Vai ficar tudo bem, Allie. Aguarde só um segundo. — Mesmo sua

expressão calma não consegue tranquilizar meus nervos. Mais um espirro irrompe de mim, e meu nariz retoma o tamanho normal, mas a mão direita começa a inflar até ficar do tamanho de uma bola de basquete.

Engulo em seco.

— O queixo é igual ao seu — o estranho diz, alheio à minha deformidade espontânea. — Mas as asas e os olhos...

— São da mãe — papai declara com orgulho, como se também estivesse cego para o que está acontecendo.

Talvez a reação seja que estou *tendo alucinações*. Tento erguer a mão inchada, mas ela fica parada ao meu lado feito um pedregulho. Fecho a mão e a sacudo. Ela esmurra papai no estômago e ele cai do sofá, pousando sobre uma pilha de almofadas.

Nada disso. Não estou alucinando.

Mais um espirro me acomete. Quando ele para, eu suspiro, aliviada ao ver que minha mão está normal e todas as outras partes do corpo também.

O estranho ajuda papai a se levantar. Papai espana as calças de flanela e os dois olham para mim com seus olhos castanhos arregalados — como se eu fosse um experimento científico.

Levo a mão ao topo da cabeça, a única parte de mim que não consigo ver.

— Ah, não. Minha cabeça está do tamanho de um balão, não está?

O estranho dá uma gargalhada.

— Que nada, menina. — Ele dá um tapinha nas costas de papai. — Ela certamente herdou o senso de humor dos Skeffingtons, hein?

Chessie aparece flutuando no ar com um sorriso maroto. Fico tão contente em vê-lo que grito seu nome.

A pequenina bolsa de balé da Barbie está pendurada no pescoço dele e tem um buraco enorme no fundo. Os cogumelos sumiram. Mas felizmente o contorno do diário ainda deforma o tecido acetinado por dentro. As memórias mágicas da Vermelha sobreviveram.

Toco minha clavícula e encontro o colar ainda no lugar, embora a chave esteja do tamanho de uma chave normal, depois de ter crescido comigo. Como o diário

ainda está do tamanho de um brinquedo, ela deve ter caído de dentro de meu collant antes de eu beber o chá. Talvez seja melhor que o diário continue pequeno. Será mais fácil de manusear se as emoções se rebelarem novamente.

Chessie desenrosca a cabeça e ela rola na minha direção pelo chão, com o cadarço da bolsa enrolado no crânio. Um riso bobo escapa dele enquanto seu corpo decapitado começa a persegui-la.

Papai e o estranho dão um risinho irônico.

Como é que meu pai pode ficar tão à vontade em meio a tantas coisas bizarras? E o estranho também? Os dois estão dando o mesmo sorriso pateta à la Elvis.

Na verdade, eles se parecem tanto que poderiam ser...

Minhas pernas começam a ficar agitadas. As cores brilhantes do aposento me desorientam.

— Papai? Esse homem é...?

— Ah, me desculpe, borboleta. — Papai volta a sentar-se ao meu lado e envolve minha cintura com o braço para evitar amassar minhas asas. — Esse é o Bernard.

— Pode me chamar de tio Bernie — o homem complementa.

O nariz de Chessie bate em minha bota de plástico e para. Puxo o cadarço da bolsa de balé e a cabeça dele sai girando feito um pião. Quando seguro o diário entre os dedos, as palavras do estranho repicam em minha mente: *tio* Bernie.

Um sorriso se forma em meu rosto. Há uma compreensão em seus olhos, uma afeição incondicional que não fiz nada para conquistar a não ser ter nascido.

— Vocês são irmãos.

O sorriso de Bernie fica mais largo.

— Somos, sim. É um prazer conhecê-la, enfim. — Ele coloca a mão no ombro de papai. — A nossa família... vai ficar eufórica. Já tínhamos perdido a esperança.

Um som esganiçado que não reconheço irrompe de minha garganta.

— Ela precisa tomar água — papai diz ao irmão.

Seu irmão.

Tio Bernie concorda e promete voltar logo. Olho para suas costas — mais largas que as de papai —, enquanto ele sai do quarto e entra em um corredor acolchoado repleto de portas estofadas parecidas com a porta do cômodo em que estamos.

Chessie atarraxa a cabeça de volta, tremula as asas e segue meu tio antes que eu possa agradecer-lhe por me curar e cuidar de meu diário.

A porta se fecha, deixando papai e eu a sós com nada além do crepitar das velas acesas. Ainda posso ver as linhas de preocupação em sua testa, ali gravadas pela ausência de mamãe e Jeb nas últimas semanas. Mas há certa felicidade atenuando as rugas que lhe contornam os olhos.

Toda a minha vida eu pensei que não tivéssemos mais nenhuma família. Então, no ano passado, soube que mamãe e eu tínhamos parentesco com as criaturas mágicas do País das Maravilhas. Agora, tenho um tio. Um tio humano que parece o Príncipe dos Ladrões.

Devo ter outros parentes também. Primos e tias, talvez até avós.

O que significa que papai tem sobrinhos e sobrinhas. Parentes dele...

— Quando vamos conhecê-los? — pergunto, sem saber se ele vai entender a quem estou me referindo.

— Minha mãe e meu pai morreram. — Um pesar ecoa em sua voz, e torna-se meu também. — Mas tenho duas irmãs, e elas têm filhos. Assim como Bernard e a esposa dele. Vamos conhecê-los depois que encontrarmos sua mãe e Jeb. Exceto pelos intraterrenos que passam por aqui, somente membros da Ordem do Espelho podem dormir nesta estalagem. Meus irmãos, tios, primos e sobrinhos. As mulheres e as crianças mais jovens ficam em algum lugar em Oxford.

Fico olhando para ele, estupefata.

Papai pega minhas duas mãos.

— Somos descendentes da mesma linhagem de Charles Dodgson. Depois que ele descobriu o caminho para o País das Maravilhas, e depois que Alice encontrou a saída da toca do coelho...

— Espere — eu interrompo. — Foi Charles quem descobriu o caminho para o País das Maravilhas? Eu achava que Alice havia contado a ele sobre a toca do

coelho. Que tinha sido ela quem havia inspirado a narrativa de ficção. Está me dizendo que ele sabia que o lugar era real?

Papai encolhe os ombros.

— A única história que nós recordamos é que os homens de nossa família foram chamados por Charles para guardar os portões de Qualquer Outro Lugar. Para serem nomeados cavaleiros. Os trabalhos publicados dele ajudam a nos financiar. Tem sido nossa tarefa por mais de um século. Os meninos são testados quando têm sete anos de idade. Normalmente, um dos filhos nasce com o gene. Meu irmão e eu fomos a exceção. Nós dois o tínhamos.

— Que gene?

— Uma segunda visão, como a que Charles tinha. Uma habilidade de ver os pontos fracos na barreira entre o reino interior e o nosso mundo. Tem a ver com espelhos infinitos.

Os únicos espelhos infinitos de que tenho conhecimento estão em parques de diversões. Engulo em seco, imaginando como uma diversão tão infantil poderia ser a porta de entrada para um lugar terrível como o mundo do espelho. Mas, pensando bem, até que combina, considerando que o País das Maravilhas é construído sobre os sonhos das crianças, a imaginação e os pesadelos — considerando que essas coisas são o seu alicerce.

— Então... você tinha essa habilidade? — eu pergunto.

— *Tenho* — papai corrige. — Eu esqueci, depois que minhas memórias foram apagadas. Mas agora está tudo voltando. Fui capturado pela criatura aranha alguns meses depois de começar a treinar para ser um cavaleiro Branco.

Meu queixo literalmente cai. Eu deveria estar maravilhada imaginando-o como um cavaleiro, mas há certa tristeza em sua voz. Eu me inclino e o abraço. Ele passa os braços em torno de mim, com cuidado para não amassar minhas asas.

Ele lamenta ter perdido a vida que nasceu para ter. Assim como mamãe perdeu a dela.

Meu nascimento e toda a minha existência aconteceram à custa de suas vocações nobres e reais. Sem mencionar a mancha negra sobre as paisagens que já foram lindamente bizarras do País das Maravilhas e agora murcham por minha causa.

— Sinto muito — eu digo, desejando poder apagar todos os meus erros com um pedido de desculpas. Mas não é possível.

Penso no minúsculo diário dentro da bolsa de balé. Os arrependimentos da Vermelha eram tão agudos que ela os rejeitou, abandonando as memórias que os causavam. Mas não existe uma “poção do esquecimento” que eu possa tomar. E, mesmo que houvesse, não a tomaria. Nada pode ser apagado se quero consertar as coisas para todo mundo. E vou fazer isso, não importa quanto me custe no fim.



5

Ovos Beneditinos

— Não lamente. — Sinto o hálito morno de papai no alto da minha cabeça. — É claro que queria ter conhecido meus parentes. Mas não mudaria mais nada. Se eu fosse um cavaleiro Branco, nunca teria conhecido sua mãe. Você não teria nascido. E, só para deixar claro, não trocaria minhas meninas por nada de mundo algum. — Ele me estala um beijo na cabeça.

Aconchego-me, fazendo esforço para a voz sair firme.

— Obrigada, papai — eu sussurro, sentindo-me reconfortada pelo cheiro de giz de cera em sua camiseta. Mesmo que ele consiga aceitar a guinada em seu passado, eu não consigo aceitar a que acontece no presente.

— O.k. — A voz dele retoma o tom grave e firme enquanto me afasta. — Deixe-me olhar você. — Ele franze a testa enquanto passa o dedo no alto da minha cabeça. — Aquele truque de cura funcionou mesmo. Você sangrou tanto que pensei que tinha sofrido uma concussão.

Ele deve ter ficado bem assustado ao me ver penetrar na tempestade e bater na árvore.

— Como você sabia que eu podia ser curada?

— Eu não sabia. Queria levar você a um hospital, mas estávamos muito pequenos e os cogumelos tinham desaparecido. — Ele retesa a mandíbula. — Pedi às borboletas que nos trouxessem até aqui. Eu esperava que elas

compreendessem e que alguém na estalagem soubesse o que fazer.

Deve ter sido aterrorizante sentir-se tão impotente, ir contra a lógica e deixar-se levar pela fé no insensato. Papai tem mais coragem do que mamãe, e jamais imaginamos isso.

Aperto seus braços.

— Você foi demais.

— Aquele gato-pássaro foi fantástico. — Papai abre minhas mãos e sente as cicatrizes. — Era isso que a sua mãe estava tentando fazer quando você era pequena e ela machucou suas mãos. Por isso é que ela vivia dizendo que podia consertar você. Ela queria curar você. E eu a afastei. — Seus olhos cheios d'água encontram os meus. — Sinto muito, Allie.

— Você não sabia. Nós nunca contamos.

Ele franze a testa e a encosta na minha.

— Bom, você pode se redimir. Para começar, nunca mais quero ver você se atirando no céu novamente.

Sorrio para ele através das lágrimas.

— Ora, eu tenho asas.

Ele se inclina para trás.

— Sim, e elas são lindas. Mas não estavam funcionando muito bem. — Ele olha sobre meus ombros para a sombra que as finas asas lançam sobre o sofá. — Embora pareçam mais fortes do que foram naquela hora.

Agito-as. Não sinto dor. Até a da direita está forte. A mistura de Chessie deve ter curado mais do que a minha cabeça.

Agora vou poder voar, bem na hora de ir para Qualquer Outro Lugar.

Papai deve ver os pensamentos em meu rosto, pois segura meu queixo de novo.

— Você não é indestrutível, mesmo que tenha habilidades que as outras garotas não têm. Nada de se arriscar sem necessidade. Está bem?

Assinto com a cabeça para tranquilizá-lo. Ele não entende quanto é necessário me arriscar para consertar as coisas. E, o pior, não entende que estou começando

a gostar disso.

— O que mais? — pergunto, para mudar de assunto.

Ele deixa a mão cair sobre o joelho.

— O quê?

— Você disse “para começar”. Quer dizer que tem mais.

As rugas de preocupação reaparecem em sua testa.

— Certo. É hora de você me contar a verdade. Toda ela.

Meu estômago se aperta em um nó.

— São muitos anos para recapitular. Por onde começo?

— Desde o comecinho. A história da sua mãe. Como Jeb se envolveu. Ele sabe o que você é? E aquela criatura com asas que me carregou para fora do portal do País das Maravilhas. Qual é o papel dela?

— Nossa, papai. Isso é só o comecinho?

— Isso mesmo.

— Um comecinho enorme, pelo jeito — eu brinco.

Seu sorriso me encoraja e conto tudo a ele. Desde o momento em que ouvi pela primeira vez uma abelha e uma flor discutirem na enfermaria na quinta série até o sonho com Alice no País das Maravilhas aquela noite, e sobre o último verão, quando Jeb e eu entramos pela toca do coelho e fui coroada Rainha Vermelha depois de descobrir de quem mamãe e eu descendíamos.

Vejo o rosto de meu pai empalidecer, mas continuo. Afinal, ele tem de saber sobre mamãe, como ela própria quis ser rainha e desistiu de tudo por ele. E de como Jeb sofreu lavagem cerebral, esquecendo-se do que passamos no País das Maravilhas, mas, assim que lembrou, lutou por mim e pelos humanos na festa de formatura. E é por isso que ele está no mundo do espelho agora.

— Ah, não. Lá, não. — A expressão de papai se enche de pavor. — Fui tão duro com ele... quando ele disse que tinha escondido você depois daquele incidente na escola. Ele só estava tentando proteger os seus segredos.

— Está tudo bem. Ele sabia que você não teve intenção de magoá-lo.

Papai balança a cabeça.

— Ele sempre foi como um filho para mim. Quando nos encontrarmos, vou me acertar com ele. Prometo.

— Sei disso, papai. — Gosto que ele diga *quando,* e não *se*. — Também preciso me acertar com ele. — Apesar de minhas falhas o terem ferido bem mais profundamente.

Respiro, trêmula, antes de confessar o resto: o papel de Morfeu em tudo aquilo. Como ele ajudou mamãe a encontrar um jeito de ganhar a coroa, mas foi traído quando ela escolheu papai à sua missão. E de como essa traição fez Morfeu visitar meus sonhos de criança e se tornar ele próprio criança para me atrair até o País das Maravilhas sem me dizer por que eu estava ali.

Uma sombra percorre o semblante de papai — uma severa desconfiança escurece suas feições. Igual a Jeb, quando o nome de Morfeu é mencionado.

Papai abre a boca para falar, mas o interrompo.

— Antes que o condene, você precisa saber que ele salvou minha vida no País das Maravilhas. E também a salvou aqui, no reino humano. Na verdade, salvou o Jeb. Ele não é de todo ruim, papai. Ele é...

Glória e reprovação — a luz do sol e as sombras —, o escapulir de um escorpião e a melodia de um rouxinol. A descrição que a Irmã Um fez dele nunca pareceu tão perfeita. *A respiração do mar e a canhonada de uma tempestade. Pode falar essas coisas com sua língua?*

Não. Não posso.

— Ele é o quê, Allie? — papai pergunta.

— É maligno. É perigoso. E está longe de ser confiável. Mas é fiel a mim e ao País das Maravilhas. Por isso é meu amigo. — Paro antes que o resto escape: *ele se alojou na metade intraterrena de meu coração, por mais que eu tentasse negar-lhe acesso*.

— Como pode dizer isso? — papai pressiona. — Depois de toda a tristeza que ele causou à nossa família?

— Porque não seríamos uma família se ele não tivesse retirado você do País das Maravilhas e mantido sua identidade em segredo por todos esses anos. Ele não precisava ter feito isso.

O desagrado de papai se intensifica.

— Não estou bem certo se concordo com seus argumentos.

— Não há argumentos quando se trata de Morfeu. Tem que aceitá-lo como é.

— Bem, eu *não* o aceito. Foi ele quem provocou tudo isso. É ele o culpado por sua mãe e o Jeb estarem em...

— Está enganado — interrompo-o e sou tomada pela vergonha de minha confissão. — Fui *eu* quem começou tudo.

— Allie, não. O que entendi foi que, de algum modo, você contribuiu para o soterramento da toca do coelho. Mas sei que foi por acidente.

— É mais do que isso. — Espremo as palavras entre os dentes. — Eu libertei a Rainha Vermelha, mas tive medo de encará-la. Não consegui voltar ao País das Maravilhas, então ela veio ao nosso mundo. E, agora, mamãe, Jeb e Morfeu são todos vítimas da minha covardia.

A justa indignação no rosto de meu pai desaparece. Uma batida na porta nos sobressalta e estremecemos. Tio Bernie entra com a água que prometera.

— Hora errada? — ele pergunta.

Papai faz um gesto para que entre, e pego o copo. O líquido desliza por minha garganta, fresco e limpo, embora não consiga acalmar o estômago. Ainda não contei a papai a pior parte. Como libertei um poder no baile de formatura que fez com que mamãe fosse tragada pela toca do coelho antes que ela desabasse.

— Você não parece muito bem — tio Bernie diz, colocando a mão em minha testa. — Sem dúvida ainda é efeito do chá de cogumelo.

Sua explicação paira no ar, embora eu e papai saibamos que é muito mais do que isso. Preocupo-me com o pequeno diário. Tirando o cordão da bolsa de balé rasgada, passo-o pelo fecho do livro, formando um colar. Enfio-o pela cabeça de modo que o diário esteja ao lado da chave, que é três vezes maior. Terei de redimensionar um ou o outro quando chegar a hora de abrir as páginas e libertar a magia da memória volátil sobre a Vermelha quando ela menos esperar.

— Vocês precisam comer alguma coisa — Bernie sugere. — E a sala de jantar está quase vazia agora, então ela estará em segurança.

Meu tio sai do quarto e papai me olha incisivamente.

— Vá tomar um banho primeiro. Terminaremos nossa conversa no jantar.



A sala de jantar tem o estilo espalhafatoso e colorido dos outros cômodos, com o detalhe adicional dos conjuntos de mesa e cadeira almofadados e do aroma de comida. Só uma mesa está ocupada, e os hóspedes são intraterrenos.

Eles olham fixamente para o piso alguns metros abaixo do restaurante, onde quatro cavaleiros humanos lutam com espadas. Isso me faz lembrar os jantares animados por encenações de duelos no reino humano, à moda de Las Vegas.

Um dos grupos de cavaleiros veste túnica vermelha por baixo da manta de malha de ferro, e o outro está de branco. Cada dupla consiste em um homem mais velho e um garoto com idade entre oito e doze anos. O cavaleiro mais velho no grupo de branco é tio Bernie. Os garotos lutam enquanto os mais velhos os instruem. As espadas envergam e soltam cinzas que sobem pelo ar, às vezes quase os encobrindo.

— Então, jantar com direito a show? — cochicho com papai.

— Estão usando floretes... espadas flexíveis com pontas arredondadas — ele fala enquanto assiste ao acontecimento no ringue com olhar distante. — É parte do treinamento de nossa concentração fazer com que atuemos na frente dos clientes desde jovens. Temos que manter a cabeça fria e ao mesmo tempo estar conscientes dos que nos olham e do aroma de comida... do som das vozes. Não podemos nos distrair.

— E as cinzas?

— As cinzas cobrem boa parte da terra de Qualquer Outro Lugar. Então, aprendemos a nos mover sem escorregar ou deixar que nos atrapalhem. — Ele me dá um beijo na testa e indica uma mesa vazia no canto. — Peça alguma coisa. Vou dar um alô.

Ele segue pelas escadas de pedra na direção de seus parentes. *Nossos parentes*.

Os cavaleiros deixam de lado as espadas e adagas à medida que ele se aproxima. Ele se junta aos de branco, pois veste a mesma túnica e calças de camurça marrons.

Olho para minha túnica vermelha. A segunda pele que uso por baixo das calças, embora longe de ser de renda como gostaria, é macia ao toque sobre a pele limpa depois do banho. Devem ter me dado um tamanho de menino, porque

serviu direitinho. E, o melhor, as costuras do ombro têm um rasgo para encaixarem minhas asas. Ainda estou com as botas da Barbie, o único sapato que me serve.

Minha aparência por fora é tão descombinada quanto me sinto por dentro. Os parentes de papai acenam para mim, indiferentes às marcas em meus olhos e às minhas asas.

Aceno de volta, mais tímida do que desejaria.

Todos se voltam para papai, que coloca um manto de malha de ferro. Ele pega a espada que lhe oferecem e se dirige ao meio do ringue com o irmão. Cumprimentam-se; em um piscar de olhos, estão lutando. Cinzas esvoaçam em torno, a cada golpe e desvio.

Papai parece pouco à vontade, os movimentos desengonçados e desequilibrados. É derrubado e levado ao chão pela espada de Bernard algumas vezes. De repente, é como se algo se acendesse. Seus golpes com a espada tornam-se fluidos e naturais. Os dedos, pulsos, corpo e braços ganham a cadência graciosa de uma valsa. O estalar das espadas reverbera no ar. Foi bom ele ter se mantido em forma jogando tênis e correndo, do contrário nunca teria resistência para isso.

As epifanias e os eventos das últimas vinte e quatro horas começam a me inquietar. Alcanço a mesa que papai tinha indicado e me sento. Os hóspedes intraterrenos que avistei ainda não perceberam minha presença.

Um é uma criatura reptiliana. O outro tem rosto de macaco e é peludo. O lagarto parece ter cabeça e mãos flutuantes. A memória da Rainha Vermelha acerca de Bill, o Lagarto, vem à tona — com detalhes frios e distantes. O corpo do lagarto pareceu sumir quando suas roupas adquiriram a cor das folhas à sua volta. Era como se, em vez dele, as vestes é que fossem camaleônicas.

Será que é Bill? Se for, meu reino está mais em perigo do que eu imaginava. Grenadine, a meia-irmã amnésica e minha substituta temporária como rainha, não tem sangue real nem uma magia pulsante como a minha. Ela ficará inevitavelmente perdida se o lagarto não a cobrir de lembretes. Ao aprisionar Bill aqui, tornei as coisas ainda piores.

— Fique sabendo que é uma *ilusão de óptica*.

Em pé ao meu lado está uma criatura branca e oval. Partes do corpo ovoide

são recobertas de miçangas coloridas e fitas brilhantes grudadas no lugar. Parece um ovo Fabergé gigante que escapou de um museu.

Ele coloca um copo de água e um cesto com pãezinhos fumegantes sobre a mesa e me passa o cardápio.

— Meu cliente que você está encarando. A roupa dele tem um capuz e é feita de seda simulacro. É confeccionada por vermes telepáticos encantados. Fica transparente quando sobreposta a outras roupas. Conecta-se com a mente de quem a veste e reflete o que está em volta. Quem observa tem a ilusão de ver apenas as partes do corpo descobertas. Engana, não é? Você nem imagina o quanto é útil.

Seus olhos amarelo-gema, o nariz vermelho e a boca larga me lembram tanto o homem-ovo do País das Maravilhas que deixo escapar seu nome:

— Humphrey?

— *Dificilmente* — ele responde mal-humorado. — O nome é Hubert. Ninguém lhe ensinou como se apresentar às pessoas?

Uau. Até a voz é de Humphrey. Eu estreito os olhos.

— Hum...

— Bem, você vai ficar sentada aí à toa ou vai pedir alguma coisa? — Um de seus braços de louva-a-deus ajeita a gola debaixo do pescoço, enquanto o outro equilibra a bandeja com bloquinho e caneta à espera de minha resposta.

— Você é irmão dele, não é? — pergunto, afastando o cardápio. O cheirinho de pão fresco é irresistível e cravo os dentes em um.

As bochechas de Hubert ruborizam.

— Ah, entendi. Basta termos a mesma forma e cor que somos parentes, não é isso? Sou só um ovo com outro nome e pronto.

— Na verdade, não. É que você trabalha aqui e o lugar tem o nome dele. — Dou outra mordida no pão. — Pensei que era um negócio de família.

— Em primeiro lugar, pediria a você que não falasse com a boca cheia de pão. E, em segundo lugar, se você olhar no menu, o nome da estalagem é “Humphrey e Hubert”. Séculos de clientes com preguiça de falar o abreviaram. Mas está bem aqui, e preste atenção para não fazer isso também.

— Então vocês são sócios.

— Éramos.

Eu me retraio.

— Desculpe, só pensei que...

— Shhh. Sei tudo sobre você e seus pensamentos nefastos. — Ele agita os bracinhos. — Foi você quem tampou a toca do coelho.

Agora são minhas bochechas que ruborizam, ao mesmo tempo em que o pão forma um pedaço grande demais para engolir.

— F-f-foi um acidente.

— Um acidente. — O rubor das bochechas de Hubert se espalha por todo o rosto e o corpo. Penso que ele vai explodir, lançando as miçangas do corpo às paredes, ricocheteando como projéteis. — Um acidente como aquele que quebrou a casca de Humphrey e fez com que ele fosse expulso para o jardim das almas? Um acidente desse tipo?

Espetando a ponta do garfo no cesto de pães, eu franzo a testa.

— Bem, sim. Ele caiu do muro. E depois tropeçou na cabeça de Chessie.

— *Empurrado*. Ele foi empurrado de cima do muro por sua tataravó. Tudo para que Humphrey caísse por cima do Rábido Branco. Tudo para que suas entranhas cozinhassem a carne daquele pobrezinho. E a corroesse para a Rainha Vermelha poder “salvá-lo”.

Balanço a cabeça.

— O que aconteceu ao Rábido foi um feitiço maligno...

— Ah, foi maligno. Mas não foi um feitiço. Nossas entranhas são como ácido. A não ser que você possua a poção curativa. O que, é óbvio, a Vermelha tinha à mão, por uma grande conveniência. — Ele bufa. — Por que você acha que Humphrey estava sob a proteção da Irmã Um no cemitério? Somente por causa de sua alma? Ele tinha tantas rachaduras após cair duas vezes que não podia mais ser remendado. Ele estava em perigo. É por isso que tudo aqui é acolchoado. Para que eu não exponha meus clientes ao mesmo destino.

A aparência de ovo Fabergé de Hubert faz sentido agora. Ele se remendou. Ao menor sinal de rachadura, ele gruda algo no lugar.

— Mas isso não tem lógica — eu digo, apesar de saber que no País das Maravilhas isso é o que menos existe. — A Vermelha planejando um acidente só para ter o Rábido nas mãos? Alguém com todo aquele poder teria súditos atendendo aos seus desejos por toda parte.

Um vozerio alto vem do andar de baixo. Dou uma olhada e vejo papai ajudando seu irmão a se levantar. Os outros cavaleiros se reúnem em volta de papai, parabenizando-o. Estão todos rindo e felizes, até tio Bernie.

Hubert empurra o cardápio em direção à minha mão.

— Parece que você sabe bastante sobre o que aconteceu com a Rainha Vermelha — retruco, encarando-o.

Ele debocha.

— Ouvi da própria fonte. Sua tataravó visitou minha estalagem. O compatriota dela, o Rábido, veio com ela. Ele me contou a história de como o salvou. Mas eu já sabia da verdade, porque Humphrey tinha me contado que ela o empurrou.

— Você está dizendo que a Vermelha esteve *aqui*. No reino dos humanos. Quer dizer, depois que ela foi banida do País das Maravilhas? — Antes mesmo de a pergunta deixar meus lábios, sei que não pode ser isso. A Vermelha estaria usando sua forma de Alice se fosse depois da expulsão, vivendo como uma menininha humana.

— Ela esteve aqui enquanto ainda reinava — Hubert corrige. — Muito antes daquela trapalhona da Alice se enfiar na toca do coelho e provocar toda aquela desordem e a queda da Vermelha.

Minha boca seca. Tomo um gole de água.

— Por que a Vermelha teria vindo ao reino humano *antes* do incidente de Alice?

— Você é lerda? Ela veio porque estava solitária. Seu marido a traía. Parecia que ela esqueceu a si mesma depois disso, e também a bondade que a família real lhe incutira. Esqueceu até como fazer amigos entre os de sua própria espécie.

As memórias insatisfeitas e repudiadas da Vermelha obscurecem meus pensamentos. Hubert não faz ideia do quanto está certo sobre o esquecimento

dela, nem de que ele aconteceu deliberadamente.

— O único jeito que ela tinha de saber se alguém era leal — o ovo continua — era se a pessoa estivesse em dívida com ela. Pelo visto, esse é o único jeito de alguém da sua linhagem garantir devoção. Assim como você fez ao tampar a toca do coelho. Agora todos nós dependemos de você abrir um caminho de volta, já que não podemos reduzi-la ao tamanho de um inseto e esmagá-la sob nossos sapatos como gostaríamos.

A voz de Hubert ecoa, estridente. A criatura lagarto e seu companheiro peludo voltam os olhares em nossa direção. Ao me verem, fazem caretas.

— *Não sou* como a Vermelha — protesto, surpresa com a raiva por trás das palavras.

Embora seja verdade que, tecnicamente, maltratei o besouro de tapete para conseguir o que queria... e forcei meu pai a comer um cogumelo e a voar em uma borboleta até Londres. Mas foi por um bem maior.

Cerro os dentes.

— Não sou tirana como ela. Sou apenas... determinada.

— Igualzinha a ela. Determinada a melhorar nosso mundo. Ela chegou a ponto de estudar os humanos, como se fossem melhores do que nós. Como se fossem algo a que devêssemos aspirar. — O homem-ovo olha sobre meus ombros. — Essas asas não são a única prova de sua linhagem. Você é uma traidora, enviando-nos rio acima para que você pudesse salvar sua insignificante metade mortal. Você não é nada além de uma...

— Beneditinos — interrompo, falando entre os dentes.

Hubert estreita os olhos — curiosos e cheios de raiva.

— *Ovos* beneditinos. — Aponto a figura no cardápio. — Ovos poché. Bacon canadense. Molho holandês e um muffin. E uma fruta de acompanhamento.

Ele apanha o cardápio e rabisca meu pedido no bloquinho.

— E, só para registro — acrescento, voltando-me para os intraterrenos que me encaram —, estou aqui para reabrir os portais e a toca do coelho. Os momirratos me entenderam mal e bloquearam tudo. — Estremeço ligeiramente ao imaginar as criaturas fantasmagóricas pavorosas e seus lamentos lancinantes. — Vou reverter tudo isso. Estou aqui para melhorar as coisas.

— É claro — Hubert bufa com desdém. — Assim como a Vermelha ia fazer um País das Maravilhas *melhor*. Mas ela tinha uma ideia meio distorcida do que era melhor. Ela até se deixou influenciar por um humano e revelou coisas que seria melhor manter em segredo.

Uma intuição forte atravessa minha mente.

— Que humano?

— O nome dele era Dodgson. Conhecido pelos seus como aquele autor... Lewis Carroll.

Aperto as costas contra a cadeira e encaro Hubert, incrédula.

— Você está tentando me dizer que a Rainha Vermelha conhecia Lewis Carroll. Pessoalmente. *Antes* mesmo que Alice Liddell encontrasse a passagem para o País das Maravilhas?

O olhar amarelado de Hubert se escurece como gemas ressequidas.

— Pelo que ouvi, a Vermelha disfarçou-se sob o glamour de um professor e fez amizade com Dodgson em uma universidade conceituada aqui em Oxford. Eles travaram embates filosóficos intermináveis sobre um reino mágico e sobre onde haveria uma entrada. A Vermelha ajudou Dodgson a elaborar uma fórmula matemática para encontrar a latitude e a longitude dessa entrada. Foi assim que Dodgson descobriu esta estalagem. Talvez você devesse questionar o Rábido, visto que ele faz parte disso tudo e é o *seu* conselheiro real agora. — O homem-ovo cobre a boca e dá um tapinha nos lábios. — Ah, espere. Ele está preso no País das Maravilhas, de onde não há saída, graças a você. Portanto, você nunca saberá.

Ele se retira, balançando os bracinhos de louva-a-deus e deixando-me intrigada.

Não permito que a culpa ressurja desta vez. Estou firme quanto ao meu novo propósito. A explicação de Hubert confirma a alegação de papai de que Charles sabia sobre a entrada para o País das Maravilhas *antes* de Alice cair na toca do coelho. Mas por que a Vermelha plantaria a possibilidade de tal local na mente de Charles Dodgson, para começo de conversa? Por que ela quereria que ele descobrisse o País das Maravilhas?

A voz de papai interrompe meus pensamentos e olho para cima. Ele está de volta ao restaurante. Hubert está de pé entre ele e tio Bernie. O homem-ovo

escreve em seu bloquinho, anotando o pedido de papai. Quando o dono da hospedaria se encaminha para a cozinha, papai dá um tapinha nas costas do irmão. Eles se separam, tio Bernie volta ao ringue e papai vem em minha direção.

Brinco com o garfo na mesa, pensativa. A luz suave da vela se reflete nos dentes do garfo, enquanto tento entender a história com Charles Dodgson.

— Em que você está pensando? — Papai puxa delicadamente uma de minhas tranças.

— Em nada. — Até que essa informação faça sentido, acho que não vale a pena compartilhá-la.

Papai deixa-se cair na cadeira e toca com o polegar a covinha de seu queixo, como se ponderando se insiste ou não no assunto.

— Você foi demais, lá — digo para distraí-lo.

Ele sorri e enxuga um pouco o suor do rosto com o guardanapo.

— Veio tudo à tona de novo. Como andar de bicicleta. — Faz um gesto em direção à cozinha. — O homem-ovo está acelerando nossa refeição. Temos que partir em uma hora. — Olha de relance para os hóspedes intraterrenos que deixam o salão.

— Certo. Qual é o plano? — Empurro o cesto de pães para papai.

Ele dá uma mordida em um pão.

— Esta noite é a troca de guarda. Bernard vai entrar. Ele pode nos garantir a entrada pelos espelhos infinitos, porque eu posso estar enferrujado e não conseguir localizar o portal. Mas ainda assim temos que passar pelo portão. — As rugas de preocupação na testa dele indicam que há mais alguma coisa.

— O tio Bernie disse o que pode acontecer se formos pegos? — arrisco, deixando a parte do *viraremos mutantes* subentendida.

Papai olha para baixo.

— Não foi preciso. Eu me lembro.

Retraio-me. Com certeza ele testemunhou algo ou alguém ser rejeitado pelo espelho. Sinto formigar a pele por baixo de minha túnica e passo para ele o copo cheio de água.

Papai dá vários goles.

— Se você estiver preocupada com mutações, saiba que isso só é perigoso onde a passagem se conecta com a floresta tulgey. É o que acontece quando se é engolido e depois cuspido pela garganta de uma árvore tulgey, e só é danoso para os que têm magia no sangue. Humanos são imunes. — Um sulco de preocupação se acentua em seu rosto quando se dá conta de que a imunidade não se aplica a mim.

— Tudo bem, papai. — Toco sua mão. — Só precisaremos passar por esse portão quando formos sair de Qualquer Outro Lugar.

— E então estaremos fazendo o caminho inverso, e você estará a salvo.

Eu não deveria me surpreender com a complexidade das regras. Nada no País das Maravilhas é simples.

— Agora, sobre o portão que leva ao mundo humano. — Ele bate os dedos no copo. — Ele tem um olho. Minha família fez um trato com esse olho, um século atrás. O combinado é que ele deixará dois guardas entrarem e dois saírem em cada troca. Bernard e meu primo Philip são os dois cavaleiros que entram. Eles têm que nos colocar para dentro com eles. Se o portão os pega, mata todos nós.

Meu corpo inteiro se enrijece. *Legal*. Não coloco em perigo só aqueles que amo e todos os ocupantes do País das Maravilhas, como também o tio que conheço há apenas duas horas e um primo de segundo grau que nunca conheci. Parece não fazer sentido.

— Se o portão é tão formidável, por que precisa de cavaleiros? Por que vocês têm que correr esse perigo?

Papai dá outro gole da água.

— Antigamente havia dois olhos, um que olhava quem entrava e outro que vigiava quem tentasse sair. Mas os olhos disputavam o poder em vez de trabalharem juntos. O que estava para fora conseguiu matar o de dentro sem se dar conta de que deixaria um ponto cego lá. E é aí que nós entramos. Monitoramos o mundo do espelho para que ninguém escape.

Levanto as sobrancelhas. É incrível como os humanos têm vivido lado a lado com o mundo mágico sem que a maioria não tenha a mínima ideia de que ele existe.

— Só mais uma coisa — papai acrescenta. — Meu irmão diz que, pela primeira vez, tem alguém em Qualquer Outro Lugar exercendo magia apesar da cúpula de ferro. Isso tornou a troca de guardas complicada no mês passado. Normalmente, eles se revezam a cada duas semanas. Mas o único contato que tivemos com os cavaleiros que estão no portão do País das Maravilhas foi por mensagens via pombos mecânicos. Os guardas sempre levam suprimentos extras por precaução, mas eles estão se esgotando. Seja quem for que estiver exercendo essa magia, tem poder suficiente para abalar as terras e confundir as coisas. Essas encenações não são muito bem-vistas. Os prisioneiros estão zangados e com inveja. Podemos estar entrando em uma zona de batalha.

Meus ombros ficam tensos. Apesar de não ser a primeira vez que penetro na instabilidade de outro mundo, essas informações me pegam de surpresa.

— Pensei que só eu poderia usar magia lá.

— Sim. Eu também pensei. — Papai coloca um pedaço de pão na boca e mastiga, enquanto vestígios irreprimíveis de medo atravessam seu semblante como nuvens carregadas.

— E se for a Vermelha? — pergunto, de impulso.

— Fazendo magia? Como?

— Não sei como. Mas não pode ser apenas mera coincidência. Talvez ela seja imune ao ferro, já que, tecnicamente, está usando o corpo da flor zumbi. — Fecho os olhos perante a lembrança. Não me deixarei abater. Estou cansada de fugir dela, de meu destino e de meus erros. De um jeito ou de outro, já está na hora de seu reino de terror chegar ao fim.

Papai segura minha mão. Abro os olhos e vejo sua pálpebra tremer.

— Você ainda não me disse o que estava fazendo na câmara do trem com o nome dela na plaqueta. — Seus dedos apertam os meus. — Não quero que se meta em confusão. Ela já recebeu a sentença e está onde deve estar. Vamos entrar, pegar o Jeb e sair pelo portão do País das Maravilhas. Sem interagir com nada nem ninguém mais. E muito menos nos deixar distrair com raiva ou dívidas antigas. Está bem?

O diário pendurado em meu pescoço parece mais pesado do que um tijolo, apesar do tamanho diminuto. Essa missão tem mais uma razão de ser. Vamos resgatar mais alguém. Não deixarei o País das Maravilhas sem três coisas:

Morfeu, Jeb e a total aniquilação da Vermelha.

Papai bebe o último gole de água.

— Allie, responda. Precisamos ser honestos um com o outr...

O tilintar de pratos interrompe papai no meio da frase e Hubert serve a comida fumegante juntamente com água e uma xícara de café para papai. O intraterreno me olha pelo canto do olho ao retornar para a cozinha.

— Belas maneiras, *Ovobert* — deixo escapar, mais alto do que deveria.

Papai faz uma careta quando nosso anfitrião para no meio do caminho e se volta para nós, a alva casca avermelhando-se por debaixo dos enfeites de miçangas.

— Da próxima vez que eu *a* vir — Hubert aponta para mim com a bandeja —, você estará ou em um caixão ou banida de seu reino por seus atos irresponsáveis. Seja como for, aproveite sua última refeição aqui como Rainha Vermelha reinante.

E deixa a mim e papai comendo na sala de jantar deserta, com o som das espadas se chocando no andar de baixo pairando entre nós como uma sentença de morte.



6

Camuflagem Curiosa

Enquanto papai vai coletar armas e praticar mais alguns movimentos e golpes com o tio Bernie, vagueio pelos corredores à procura de Chessie.

Tenho medo de chamá-lo em voz alta, levando em conta a reação de Hubert e o fato de que vários intraterrenos compartilham de seu preconceito contra mim. Em vez disso, chamo por ele mentalmente, esperando ter a mesma habilidade de Morfeu. Esperando que seja um talento intraterreno que eu possa dominar.

Uma porta se abre e eu me escondo. Uma funcionária sai, empurrando um carrinho de limpeza. No lugar de rodinhas, o carrinho desliza sobre pranchas de esqui que o impulsionam suavemente pelo chão acolchoado. Uma mistura de aromas apimentados e produtos de limpeza penetra minhas narinas quando ela passa.

O perfil da funcionária de limpeza me lembra o de um buldogue — inclusive o focinho achatado e úmido que faz com que ela ronque a cada respiração. Seu corpo parece o de um porco, à exceção das mãos em forma de garras de lagosta. Tufos de cabelo despontam nas bochechas esverdeadas, nos cotovelos e nos joelhos por baixo do avental do uniforme.

No carrinho, três macacões transparentes com capuz estão amontoados em uma pilha, revelando leves dobras e pregas que se destacam do entorno. Parece que Bill, o Lagarto, mandou suas roupas de simulacro para lavar.

“Conecta-se com a mente de quem a veste e reflete o que está em volta. Quem observa tem a ilusão de ver apenas as partes do corpo descobertas. Engana, não é? Você nem imagina o quanto é útil.”

Ah, imagino, sim, Hubert. Se eu e papai fôssemos invisíveis, seria mais fácil nos esgueirarmos para dentro do portão do País das Maravilhas. E, já que estamos nos encaminhando para uma zona de batalha, seria muito útil poder usar um disfarce assim.

Começo a perseguir a funcionária, esforçando-me para encontrar um modo de pegar as roupas. Talvez eu precise apelar para a magia.

— Com licença — digo suavemente.

Ela se vira, roncando. As letras em relevo reluzem em seu broche de metal: *Duquesa*. Pensando bem, até que ela se parece com o desenho da duquesa do livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* de minha mãe. Não consigo entender por que uma duquesa estaria limpando quartos em uma hospedaria. A não ser que eu a tenha retido aqui também. Em todo caso, é melhor não me apresentar.

— O que você quer? — Sua pergunta soa mais como um grunhido. Os dentes me lembram espigas de milho, como os daquela criatura suína que encontrei no Banquete das Bestas no ano passado: o filho da duquesa. Ele nos deu pimenta para acordar os convidados do chá. A semelhança do parentesco é notável.

— Preciso de toalhas limpas — eu digo. Enquanto ela se distrai na parte de baixo do carrinho, vou pegar os disfarces de cima e correr.

— Estes são roupões aveludados, não toalhas. É uma cortesia para nossos hóspedes mais importantes. Meu chefe contabiliza as peças e, se faltar alguma, desconta do pagamento. — Ela me enxota com seu espanador.

Seguro as penas do espanador e ela agarra o cabo, formando um cabo de guerra.

— Seu chefe não se importaria se você me desse um — insisto. — Somos muito amigos. — A mentira soa batida, mas não me importo, pois por trás do ombro da funcionária avisto uma névoa alaranjada e brilhante; silenciosa e furtiva. Antes mesmo de Chessie se materializar, sei que é ele.

Sorrio por dentro. Ele me *ouviu*.

Envio-lhe uma explicação silenciosa do que estou tentando fazer e Chessie assente com a cabeça, dando aquele sorriso largo e maroto. Ele sempre topa tudo, sem questionar, só pela diversão. Não é à toa que Morfeu o considera um valioso aliado.

— E sobre o roupão — digo à funcionária —, só preciso mesmo de um. Você pode dizer ao Hubert que ele criou pernas e saiu correndo. — Faço um leve sinal afirmativo com a cabeça para Chessie. Deixando um rastro de listras laranja e cinza, ele se infiltra na pilha de roupões aveludados dobrados no canto do carrinho.

— Eu tenho pernas curtas, na sua opinião? — a duquesa pergunta.

— Não. Por quê?

— Porque dizem que a mentira tem pernas curtas. E, como eu não tenho, não pretendo mentir. — Ela arranca o espanador da minha mão e rosna: — Agora caia fora.

Assim que o "caia fora" sai da boca no focinho amassado, o roupão aveludado sai correndo pelo chão, arrastando as mangas atrás dele. A funcionária solta um ganido e seus olhos alaranjados movem-se do roupão para mim.

— Parece que você não vai ter que mentir, afinal — comento.

Ela atira o espanador para o alto e começa a perseguir o roupão que, com Chessie por baixo, flutua como um tapete mágico. A funcionária tem de usar as quatro patas para alcançá-lo.

Assim que eles fazem a curva no corredor, apanho os macacões transparentes e corro no sentido contrário até chegar a uma intersecção entre três corredores. Penso em Chessie e envio-lhe um agradecimento mudo. Não me preocupo com ele; sei que não será capturado a não ser que queira.

Viro o corredor e dou de cara com papai.

— Calma! — Segura meus ombros. — Por onde você andou?

— Tentando... achar você — minto, ofegante. O tecido faz volume em meus braços, sem ser visto, apenas sentido.

Papai não aprovaria o roubo. Mas isso mudará uma vez que estivermos em Qualquer Outro Lugar e sua consciência der lugar à autodefesa.

Jeb vem à minha cabeça. Ele é como papai em muitos aspectos. Protetor,

moralista e gentil. Será que perdeu seu sentido estrito de preto e branco, de certo e errado, para se adaptar a um mundo de criminosos intraterrenos? Ele deve ter precisado fazer isso. É um sobrevivente. Sua infância é a prova.

Espero apenas que ele não tenha esquecido como perdoar. E espero que Morfeu me perdoe também.

Mesmo assim, as coisas ainda serão complicadas por causa da visão que a Rainha de Marfim me mostrou antes de voltar pela toca do coelho no dia da formatura e por causa do que uma vida com Morfeu significaria para o País das Maravilhas.

Sinto uma pontada no peito, lembrando-me novamente da Vermelha. Do que é importante *agora*. Qualquer decisão sobre meu futuro terá de esperar até que a Vermelha tenha corrigido o que quer que tenha colocado errado em mim e eu a tenha destruído.

— Por aqui. — Papai segura meu cotovelo. — Bernard está nos esperando na sala dos espelhos.

Ignorando a pontada no centro do peito, retiro a sacola de viagem do ombro de papai. Ele está tão ocupado olhando os números nas portas que não me percebe reorganizando garrafas de água, barras de proteína, mix de cereais, frutas, primeiros socorros, lanternas e sortimento de armas para colocar no meio deles os tecidos roubados.

Tecidos *emprestados*. Quando retornar, devolverei as roupas encantadas com um pedido de desculpas.

Minha respiração fica suspensa ao perceber que não há “quando” em nossa situação a partir de agora. Antes que papai e eu possamos encarar o mundo do espelho e resgatar os rapazes, ou ajudar mamãe e consertar o País das Maravilhas, precisamos passar pelo portal e pelo portão.

Tudo — nossa vida, nossos amores, nosso futuro — depende de uma única palavra: *SE*.



Papai pega a sacola de viagem de volta e entramos no quarto 42.

Ele já me instruiu sobre o que acontecerá assim que passarmos pelo portão de

Qualquer Outro Lugar: como pularemos para dentro de um funil sobrenatural de cinzas e vento que leva os prisioneiros para o centro do reino, e os guardas de um reino para o outro.

Primeiro, porém, precisamos levar o portal de espelho para a entrada.

Esperava que as paredes do salão fossem forradas de espelhos. Em vez disso, o lugar é forrado de almofadas. A circunferência é maior do que nosso quarto e não há mobília, somente uma engenhoca circular no centro do assoalho. É tão alta que quase encosta no teto.

Cores vivas reluzem no exterior de metal e lâmpadas redondas alinhadas separam cada painel — extinto e sem vida. Lembra uma pequena versão do Gravitron, um brinquedo que havia no parque de diversões. Era sempre a primeira atração que Jenara, Jeb e eu procurávamos quando o parque vinha para nossa cidade.

Uma nostalgia aguda ecoa em mim com gosto de algodão-doce e cheiro de cachorro-quente. Era como mágica, nós nos posicionávamos no interior de um cilindro e o brinquedo começava a girar tão rápido que o chão abaixava e nós continuávamos encostados à parede. Hoje sei que não era magia o que nos mantinha presos; era a força centrífuga. Hoje sei também o que é magia de fato — e que ela tem um preço.

A saudade dos tempos simplórios com meus dois melhores amigos é tão aguda que dou um passo adiante e percorro com os dedos os painéis lisos e gelados para me distrair. Um zumbido alto dispara ao mesmo tempo que o motor liga e luzes começam a piscar — brilhantes e espalhafatosas. Papai me empurra para trás.

— O que foi que eu fiz? — pergunto.

— Nada. Está tudo bem. Absolutamente correto. — Ele sorri com uma expressão distante. Seus olhos brilham como os de um menino maravilhado com as luzes que piscam.

— Papai, você nunca me contou... Como você foi parar no portão para o País das Maravilhas?

A ponta de seus dedos assume onde os meus haviam parado, e ele alisa os painéis de metal.

— O tio William estava me ensinando como abri-lo, apenas nós dois, e de

repente ele caiu de joelhos. Não conseguia respirar. Eu era pequeno demais para conseguir arrastá-lo para o funil de vento e sabia que, se fosse em busca de ajuda, ele estaria morto quando eu voltasse com alguém. — Papai comprime os lábios, como se a confissão tivesse um gosto distinto: azedo e cortante. — Ele começou a ficar roxo. Entrei em pânico. Eu tinha ouvido histórias sobre o País das Maravilhas. Que as criaturas tinham poderes curativos. Eu me enfiei pelo portão... pensando que assim conseguiria ajuda mais rapidamente. Eu sabia que elas poderiam ser malignas, mas também tinha ouvido falar que algumas eram boas. Infelizmente, encontrei primeiro as más. — Ele pressiona a testa contra a máquina. As luzes piscam e se refletem em seu rosto enquanto ele fecha os olhos com força.

Ponho a mão em seu ombro, assombrada pela imagem dele preso na toca da Irmã Dois, emaranhado na teia de raízes cintilantes presas em sua cabeça e seu peito. Seus sonhos estavam sendo sugados para alimentar os mortos inquietos. Por dez anos ele foi o estimado menino sonhador da Irmã Dois, até que mamãe o resgatou. Não era o momento de contar-lhe que talvez ele enfrentasse o mesmo mal quando chegássemos ao País das Maravilhas. Nem que a Irmã Dois talvez estivesse com mamãe presa em suas garras pegajosas, a menos que de algum modo ela tenha conseguido escapar.

— Papai, você era apenas um menino. Tomou a única decisão possível. Estava certo também. Se seu tio estava começando a ficar roxo, ele não teria sobrevivido a tempo de você voltar com alguém.

Papai suspira e levanta a cabeça.

— Ele teve um derrame. Bernie me contou que o encontraram morto perto do portão em que eu havia desaparecido. — Estreitando os olhos, ele leva o polegar até uma fresta entre dois painéis e a pressiona. Dá um passo para trás, uma porta se abre e uma escada com degraus motorizados se estende até o chão.

Tio Bernie coloca a cabeça para fora de uma das entradas da engenhoca. Está usando um uniforme novo de cavaleiro Branco.

— Vejo que você se lembra de como entrar. É um bom sinal.

E de repente a tristeza de papai desaparece. Ele dá um meio sorriso e passa a sacola para tio Bernie.

Encaro-o incrédula. Primeiro, vejo-o lutar como um especialista. Agora ele domina a arte das passagens secretas. Como este pode ser o mesmo homem que

me criou? O homem que lia os livros de figuras fazendo vozes engraçadas, preparava minha merenda e nunca esquecia que eu gostava de biscoito com recheio de maçã?

Eu o achava tão normal. No entanto, ele levava uma vida extraordinária antes de se perder no País das Maravilhas.

Papai me ajuda a subir as escadas atrás dele. Do lado de dentro, deparamo-nos com inúmeras imagens de nós mesmos entre quadrados pretos e brancos refletidos no chão. Espelhos e mais espelhos distribuídos pelo interior arredondado cobrem as paredes e o teto abobadado, formando reflexos que refletem outros reflexos até que não exista mais começo ou fim. A ilusão do infinito.

Cavalos de carrossel — em cores vivas e poses estranhas — parecem brotar do chão xadrez, captados nos reflexos, apesar de não haver nenhum onde nós estamos.

— O carrossel... está pintado nos espelhos? — Assim que pergunto, percebo que são como os espíritos de mariposa no corredor espelhado da casa de Morfeu no País das Maravilhas, exceto pelo fato de que os cavalos não estão presos nos reflexos. Estão *por trás* deles, de alguma maneira.

— Você *vê* o carrossel? — papai pergunta. Ele e tio Bernie trocam olhares de surpresa.

— Parece que sua menina herdou algo mais do que o senso de humor dos Skeffingtons — tio Bernie brinca, dando um tapinha no alto da minha cabeça enquanto nos encaminha para o corredor estreito.

Papai segura minha mão e me conduz através do espaço arredondado.

— O que você enxerga é o outro lado do portal, Allie. Nenhuma das mulheres de nossa família demonstrou essa habilidade.

Tio Bernie concorda, abanando a cabeça.

— Pode ser da linhagem da Alison.

Como se adivinhasse que vou estremecer ao ouvir o nome de mamãe, papai aperta minha mão.

— Os reflexos refletidos... — Ele faz um gesto, indicando tudo à nossa volta. — O labirinto de imagens sem fim... são como uma ilusão de óptica. Somente

aqueles que têm o gene podem decifrar o efeito duplo do espelho. O carrossel está do lado de fora da entrada para o mundo do espelho. A cavalaria o montou décadas atrás, peça por peça, porque a área ao redor do portão é árida. Precisávamos de algo para mirarmos do outro lado. Agora, assim que discernirmos qual cavalo é real e qual é apenas reflexo, saltamos e montamos neles através do portal.

— Certo — eu digo com cautela —, mas por que vocês não podem usar uma sala com espelhos como ponto de partida? Por que um Gravitron?

— Bem, não foi sempre assim — tio Bernie responde enquanto abre um painel de circuitos e aciona algumas chaves. — Anos atrás, antes de essas geringonças serem aperfeiçoadas, nossos ancestrais costumavam ir a parques de diversões em busca de atrações como as casas de espelhos. Era perigoso. Eles corriam o risco de ser vistos por outros caçadores de emoções. Então, começaram a construir suas próprias salas de espelhos infinitos. Mas é difícil ter impulso suficiente para saltar pelo portal. Lá pelos idos de 1950, começamos a ver algumas atrações nos parques de diversões que nos inspiraram a usar a força centrípeta em nosso favor.

— Pensei que era centrífuga. — Sinto-me zonza, e a máquina ainda nem foi acionada.

— A força centrífuga é reativa — meu tio explica. — Existe apenas *por causa* da centrípeta. Se você começar a rodopiar e esticar o braço segurando um martelo, estará exercendo a força centrípeta para fazer o objeto seguir uma trajetória curva. Mas vai sentir que o martelo está puxando sua mão. Essa é a força centrífuga: uma coerção na direção oposta. Nossa máquina foi elaborada para usar ambas as forças uma contra a outra, de modo que, quando o chão se destacar, seu corpo será lançado para a frente, como o que aconteceria com o martelo se você o largasse. Isso torna a entrada mais simples.

Suspiro, bufando.

— Nossa, parece tudo... menos simples. — Nem paro para pensar em como aterrissaremos em cima dos cavalos de carrossel sem machucar partes importantes de nosso corpo. As leis da natureza são diferentes do outro lado e, de algum modo, isso deve influenciar. Entretanto, ainda sinto vergonha ao me lembrar de como me espatifei contra o espelho na noite da formatura. De como o vidro se estilhaçou e cortou minha pele. — Se mirarmos mal, deve ser bem dolorido.

— Dolorido, mas suportável. — Tio Bernie fecha a porta da engenhoca. Raios alaranjados penetram pelas frestas entre os painéis, vindos do lado de fora. — É assim que se adquire sabedoria. Levando uma pancada no coco ou no nariz. Aprendemos pelos nossos erros, não é verdade?

Sinto o diário em meu pescoço. *A menos que, como a Vermelha, você escolha esquecer seus erros e, nesse caso, nunca aprender*.

— Tem um truque — papai acrescenta. — Se olhar bem de perto, alguns cavalos têm sombras provocadas pelas luzes do carrossel. Outros, não. Os que têm sombras são os reais.

Foco no carrossel, assustada por ter de escolher tão rapidamente os que são reais. Só de pensar que serei atirada em direção a um painel de vidro em alta velocidade minha pulsação se acelera tanto que sinto o sangue correr pelas veias. Posso já ter saltado de uma borboleta no meio de uma noite de tempestade, mas isso aqui não é o mesmo que voar. Não terei vento nenhum para planar. Não terei controle sobre nada.

Agora sei o que Morfeu sentia quando tinha medo de andar de carro, e não é muito engraçado quando se está do lado de cá.

O motor do Gravitron ronca debaixo de meus pés.

Papai aperta seus dedos entre os meus.

— Esse é o único jeito de entrar e salvar sua mãe e Jeb. Segure em mim e salte quando eu saltar. É minha vez de criar asas.

Um sorriso nervoso se esboça no canto de minha boca.

— E, por falar em asas — Tio Bernie aponta minhas costas —, você deveria recolhê-las por enquanto. O portal é muito pequeno. Não queremos que fique presa.

Fico contrariada. Já tinha me acostumado a deixá-las expostas — ao poder que me conferem. Reabsorvê-las é algo fácil, depois de tanta prática no sanatório, embora eu estranhe a falta de peso no mesmo instante em que se vão.

Agarro a mão de papai e não a solto enquanto nos posicionamos contra a parede de espelho. Tio Bernie segura a sacola de viagem de papai, já que ele e eu somos novatos. Ou melhor, o corpo *adulto* de papai é iniciante nisso tudo.

O zumbido do motor fica mais alto à medida que vai girando mais e mais, até

que nossas costas estão totalmente coladas ao espelho e ficamos imobilizados no lugar, como os insetos que eu costumava colecionar. Meus pulmões se espremem como se estivessem encolhendo. Estou tão desorientada que não consigo distinguir nada a não ser um borrão nos reflexos. Reprimo a bile que vai subindo pelo esôfago.

No momento em que penso que vou devolver os ovos beneditinos, papai grita:

— Agora!

Ouve-se o barulho de uma alavanca sendo acionada. O chão se retrai e somos ejetados para a frente, papai e eu unidos por uma corrente de mãos e dedos, como naquela vez no País das Maravilhas que Jeb e eu navegamos pelo abismo em carrinhos de chá.

O vidro vem em nossa direção. Solto um grito e o espelho se afunda como uma bolha que estica e nos envolve, estourando em seguida, quando somos lançados no outro reino.

Papai solta minha mão. Por um instante, flutuo e pouso em cima de um cavalo do carrossel que se move sincronizado com o Gravitron do outro lado.

Um odor fétido e úmido nos envolve, como o de um brejo estagnado. Papai não exagerou quando disse que tudo era árido por aqui. As únicas luzes vêm do carrossel. Olhando de perto, são na verdade insetos bioluminescentes dentro de globos de vidro. Um firmamento plúmbeo paira acima de nossa cabeça — uma névoa do nada.

Uma bruma negra encobre tudo ao nosso redor, tão espessa que não distingo nada além da plataforma da máquina. Não há som algum; até a engrenagem do carrossel se move em silêncio.

Papai e tio Bernie pegam suas montarias à minha frente. Phillip, o primo de papai, vestindo um uniforme de cavaleiro Vermelho, já está sentado em um banco ao lado do cavalo do tio Bernie. Agarro-me à barra de latão que segura minha montaria no lugar. Pequeninos espelhos a cobrem. Através deles enxergo o interior do Gravitron. É por onde saímos e por onde os cavaleiros devem, de algum modo, voltar para lá. Parece fisicamente impossível, considerando nosso tamanho em contraste com os pequenos cacos de vidro brilhante.

A adrenalina que pulsa dentro de mim vai desacelerando à medida que a máquina para. Papai pega a sacola de tio Bernie e me ajuda a descer. Minhas

pernas oscilam, como se precisassem reaprender a andar.

Juntos, nós quatro nos afastamos das luzes e penetramos no nada. Minhas botas deslizam como se estivessem no ar. Parte de mim esperava por um lamaçal debaixo dos pés. A bruma esquisita borbulha na altura de nossos joelhos e, perto dos calcanhares, se assemelha a um caldo fervente fumegando, embora nada esteja molhado. A névoa tem a qualidade de absorver os sons, engolindo o ruído de qualquer suspiro, respiração, movimento de roupas ou passos.

Um portão branco e brilhante sobressai a distância. Por trás dele se avista a cúpula de ferro, escura e ameaçadora como um gigantesco caldeirão de bruxa virado para baixo.

Detenho-me. O plano que meu tio e seu primo armaram — distrair o olho do portão enquanto papai e eu nos infiltramos — é perigoso demais. Com as roupas de simulacro, temos passagem garantida. Mas precisamos vesti-las antes de chegarmos perto o suficiente para o olho do portão nos ver.

Seguro na sacola que está no ombro de papai, fazendo-o parar.

— Preciso mostrar uma coisa a você — tento dizer, mas o som é absorvido antes mesmo que deixe minha boca. Tio Bernie disse que a comunicação seria difícil aqui. Eu jamais imaginaria que nossas palavras seriam tragadas pelo vazio.

Pego a sacola e visto o simulacro sobre a roupa. O tecido transparente ajusta-se sobre meus ombros e minha cintura. Ajeito o tecido excedente nas pernas e amarro-o para que cubra as botas.

Então, concentro-me no que está à minha volta e estico os braços. O tecido se encolhe, ajustando-se sobre minhas roupas com perfeição. Mantenho-me concentrada na paisagem que me cerca e ela começa a se transferir para mim. Apenas as mãos podem ser vistas para fora dos punhos encantados. O resto do corpo desapareceu. Coloco as mãos para dentro dos punhos e, exceto pela cabeça flutuante, me transformo em um nada.

Phillip e tio Bernie aprovam, fazendo um gesto com a cabeça.

Em poucos minutos, papai também está com seu disfarce e invisível. Por não poder falar, também não pode me interrogar sobre onde arrumei essa camuflagem e muito menos brigar comigo pelo modo como a obtive. Ele enfia a sacola debaixo do braço por dentro do macacão para escondê-la. O capuz

esconde nosso rosto de modo que podemos enxergar sem sermos vistos.

Nossos acompanhantes se dirigem para o portão. Nós os seguimos, mantendo certa distância para não esbarrarmos acidentalmente nos cotovelos e nos pés um do outro. À medida que nos aproximamos, aquilo que pensei serem barras são na verdade tentáculos escamosos e brancos, contorcendo-se como cobras albinas. Sou tomada de uma súbita emoção. Nenhum medo. Nenhum tremor.

Apenas um sentimento avassalador de solidão, tão vasto quanto o nada que nos rodeia.

Em algum lugar daquele portão estão meus dois cavaleiros — a luz e a sombra. Morfeu deve estar decepcionado comigo por minha falha colossal quando destruí as entradas e saídas para seu amado País das Maravilhas. E ainda há Jeb, que acredita que rejeitei o amor mais puro e devoto que já conheci.

Nas últimas semanas, estive concentrada no bem-estar deles. Mas o que dizer de seu estado emocional? Jeb pensa que o traí. E Morfeu fará tudo para reforçar esse engano a cada chance que tiver.

Talvez não seja com os prisioneiros assassinos ou as criaturas selvagens que eu deva me preocupar. Seria quase engraçado pensar que Morfeu se apiedou de Jeb e o ajudou. Tudo o que espero é que, por algum milagre, cada um tenha tomado seu rumo sem matar um ao outro.

Mais uma vez, meu coração está dividido entre duas direções — uma sensação ardente, física e real. Cerro os dentes por baixo do véu invisível e me esforço para seguir nossos acompanhantes.

Chegamos perto do portão, da altura de um prédio de três andares. Tio Bernie alisa os tentáculos serpenteantes. Nem mesmo um ninho de anacondas equivaleria a seu tamanho. As escamas murcham e relaxam por cima dos músculos ondulantes. Não há dúvida quanto à forma como o portão mata suas presas. Uma simples espremida esmagaria qualquer um que violasse a passagem.

Esses tentáculos poderiam aniquilar exércitos inteiros. E provavelmente já o fizeram.

A imagem é tão medonha que solto um gemido — e agradeço pela névoa engolidora de sons. Ao centro do portão, um apêndice ofídio se destaca dos outros. Uma protuberância alongada, semelhante a uma planta carnívora, tomba na frente de meu tio e de Phillip. Ela tem a metade do tamanho de um humano.

As bordas dentadas se abrem, virando longos cílios, e de dentro espia um único globo ocular prateado, com a pupila negra fendida como um olho de cobra. Contenho um arrepio.

As pestanas piscam, lenta e cautelosamente.

Tio Bernie e Phillip estão à nossa frente. A criatura escamosa analisa-os de perto, dos pés à cabeça. Quando ela se ergue para olhar sobre seus ombros, prendo a respiração, receosa de que perceba minha presença ou a de papai.

O olho aperta-se e cerra as pestanas, depois se mistura aos demais tentáculos. Então, eles se agrupam para o lado, como cortinas sendo abertas. Avançamos juntos como um só corpo. Meus cabelos se eriçam quando recolho o cotovelo para não esbarrar nas escamas.

Não ouso respirar até o portão se fechar atrás de nós.

Papai e eu retiramos o capuz e damos um suspiro de alívio. Seu irmão e o primo me dão um tapinha nas costas e direcionam-se para o alto da plataforma de pedra nas laterais do portal, junto aos cavaleiros a quem vão substituir. Avisto, mais à frente, um redemoinho de cinzas e vento parecido com os tornados brancos dos programas de meteorologia.

A névoa de nada se prolonga entre a plataforma onde estamos e a paisagem de Qualquer Outro Lugar. O vapor brilha esverdeado, como se fosse radioativo. De acordo com o que tio Bernie explicou anteriormente, em vez de absorver ruídos, suga tudo o que tente atravessá-lo.

Ambos os portões destacam-se do solo de certa maneira. O sorvedouro verde brilhante retém os prisioneiros, tornando impossível que ataquem o portão. Eles teriam de controlar os funis de vento para atravessar. O outro olho, aquele que costumava tomar conta do lado de cá do portão, era mentalmente conectado aos funis. Os cavaleiros moldaram medalhões com os restos da criatura e agora se aproveitam dessa força para trafegar em segurança, entrando e saindo de Qualquer Outro Lugar.

Após uma breve conferência com os cavaleiros, tio Bernie desce e oferece a papai um pombo mecânico.

— Aperte o botão abaixo da garganta dele — ele diz, demonstrando. — Quando o bico se acender, grave a mensagem. Assim que encontrarem o garoto e chegarem ao País das Maravilhas com os suprimentos, enviem-nos uma

mensagem para sabermos que está tudo certo. O pombo nos encontrará. Ele é banhado em ferro para evitar que algum prisioneiro o detecte. Vocês têm um dia. Se não tivermos notícias em vinte e quatro horas, seguiremos o sinal do pombo e os encontraremos.

Papai pega o pássaro de ferro, enfia-o na sacola e tenta falar. Nenhum som.

Tio Bernie explica:

— Você ainda não desenvolveu tolerância à névoa negra que inalou. — Sua voz vai aumentando à medida que o redemoinho se aproxima. — Suas cordas vocais permanecerão desse jeito por meia hora ou mais. — Ele gesticula apontando para trás, e vemos o funil chegando cada vez mais perto. Rajadas de vento jogam minhas tranças contra o rosto e o pescoço.

— Lembra-se de como fazer isso? — meu tio grita para papai.

Ele assente com a cabeça.

— Entrem e agarrem-se bem firme — tio Bernie avisa. Ele pega um medalhão do pescoço e o segura, erguido. Uma pedra oval esbranquiçada reluz no centro do pingente e raios vermelhos finíssimos correm através dela, como veias de sangue. Uma armação de metal fosco envolve a estranha pedra. — Daríamos a vocês um medalhão como este, mas não podemos arriscar que caia em mãos erradas. Já que vocês têm que encontrar uma pessoa, vou fazer com que o funil os largue no local onde deixamos os prisioneiros. Mas fiquem atentos. As terras têm estado imprevisíveis ultimamente e, já que os ciclones estão atrelados a ela, tornaram-se indomáveis. É por isso que não temos certeza de onde vocês cairão. Providenciamos um mapa. Procurem os dois portões verdes brilhantes onde estiverem. São o norte e o sul. Usem-nos como referência ao mapa. E, acima de tudo, permaneçam juntos.

Papai concorda, fazendo um gesto com a cabeça. Tio Bernie nos abraça e nos direciona ao funil que se aproxima. Vejo a mão de papai desaparecer por dentro do disfarce e ele segura a sacola contra o corpo. Lança-me um olhar bem profundo. Quero pular em seu colo e me esconder, como fazia quando era criança.

Agora, porém, além de moça, sou rainha. E sou a única responsável por tudo isso. Não há como esconder-me. Levanto o queixo. *Estou pronta*.

Colocamos o capuz para nos proteger das cinzas e entramos, segurando firme

enquanto nossos pés são suspensos e o corpo rodopia. Em questão de minutos, o funil se abre, revelando uma colina coberta de neve que se aproxima rapidamente abaixo de nossos pés. Árvores esparsas e sem folhas pontilham a paisagem. Não avisto mais a cúpula de ferro acima da cabeça. Apenas um falso firmamento entre a cúpula e o chão, parecendo um céu alaranjado. Um aroma de fumaça chega às minhas narinas por baixo do tecido, como se houvesse um incêndio por perto.

Somos ejetados para o topo da colina e, com o baque da queda, nos separamos. Papai tenta me segurar, mas rola para baixo na direção oposta. Seu capuz abaixa e vejo o rosto e o pescoço. É uma imagem terrível, como se ele estivesse decapitado. Cravo as unhas através do tecido, tentando agarrar-me na neve. Mas não é neve. A colina está recoberta de cinzas, como o funil por onde chegamos. O solo se desfaz sob meus dedos, fazendo-me deslizar e perder papai de vista.

Lembro a mim mesma que ele esteve aqui quando era criança e sobreviveu, e que desta vez, tem a vantagem da invisibilidade e de uma sacola cheia de armas.

Meu corpo gira lateralmente e o capuz se aperta mais enquanto escorrego pela encosta empoeirada. Meus ossos chacoalham na descida áspera e, chegando ao pé da colina, sou atingida no estômago por uma pedra do tamanho de uma bola de futebol. O impacto deixa-me sem ar.

Esforço-me para respirar.

— Ora, ora! O que temos aqui? — O forte sotaque britânico ressoa como veludo em meus ouvidos.

Espio através do capuz. Morfeu está de pé do outro lado, olhando em minha direção. Ele resplandece sob a luz alaranjada; um halo azul irradia de seus cabelos. A camiseta lilás por baixo do casaco de tapeçaria azul-marinho harmoniza com sua pele alva. Calças listradas definem a silhueta alongada. Sobre a cabeça, um chapéu meio de lado. E, embora eu não veja as mariposas dispostas em volta da tira do chapéu, sei que estão ali.

Ele segura uma bengala. A parte de cima ostenta uma águia tão real que poderia estar numa loja de taxidermia. Asas e penas recobrem a haste e quatro patas despontam da base, recobertas de uma pelagem dourada como a dos leões. Garras enormes sobressaem.

Morfeu continua estiloso e excêntrico como eu me recordava. De algum

modo, este lugar não o alterou. Estou tão feliz que quero abraçá-lo — até notar as joias vermelhas brilhando nas bordas de seus olhos.

Ele coloca a bengala sob o braço e se aproxima, baixando as asas. A raiva endurece suas feições delicadas.

— Esperava nunca mais ver sua cara por aqui.



7

Ilusões

O ódio de Morfeu me atinge como um soco, uma pulsação agonizante que se equipara à contusão onde a rocha se projeta para dentro de minhas costelas.

— O fato de você estar aqui não muda nada — ele diz, fervendo de raiva. — Você fez a cama. Agora, deite-se nela. — Não desperdiça mais nenhuma palavra, não pergunta como cheguei aqui nem menciona meu nome. Simplesmente empurra a pedra para o lado para que ela não fique entre nós.

Eu me curvo numa bola. O que poderia esperar? Destruí o lar que ele ama e depois o mandei para o mundo do espelho para apodrecer sem sua magia. Ele não poderia me receber nos braços e dizer quanto sentiu minha falta.

Não que ele não tenha tido participação nesse pesadelo, também.

Um pedido de desculpas bate de frente com minha justa indignação. É melhor que as palavras fiquem presas em minha garganta dormente. Haverá tempo para quebrar as barreiras de Morfeu depois. Neste momento, preciso encontrar papai e me certificar de que ele esteja bem. Depois, vamos procurar Jeb — que, certamente, terá a mesma reação ao fato de eu estar aqui.

Procuro o diário e a chave no meu pescoço para garantir que estão a salvo por baixo das roupas. Estou prestes a ficar de pé e a caminhar através das árvores secas quando Morfeu se levanta e dá as costas e asas para mim.

— Eu disse: volte para sua cama de cinzas. — Ele cutuca a pedra com a

bengala. — Você não tem permissão para me seguir a menos que eu sinalize.

Baixo a cabeça. Estendo um braço e olho através dele. Ainda estou invisível. Morfeu não sabe que estou aqui. Ele estava falando com a pedra o tempo todo. Fico de pé o mais silenciosamente que consigo e estico os músculos doloridos.

— Nós só g-g-gostaríamos de saber — a pedra responde para Morfeu, com uma boca que surge por baixo da superfície branca e empoeirada — se nosso mais g-gracioso rei pensou em nosso p-pedido de nos ajudar a recuperar nossos ovos.

— Essa é nossa única pergunta — acrescentam cerca de trinta pedras menores, articulando os lábios empoeirados. — Se o senhor vai salvar nossos ovos.

— Vamos colocar isso em perspectiva. — Morfeu ergue as asas sobre sua escarpada plateia. — Foram vocês que perderam os ovos por descuido, deixando-os sozinhos para poderem nadar um pouquinho em um oceano temporário. Agora, eu disse que *pensaria* em ajudar vocês. Pensar, por definição, é avaliar os fatos e meditar sobre os resultados. Isso leva tempo. Até mesmo cabeças de pedra fujonas que nem vocês conseguem compreender que eu vim aqui hoje porque queria ficar só, um sentimento raro quando se tem sempre a própria sombra por trás. Finalmente encontrei um ponto sem sol, o lugar perfeito para meditação. Então, vão embora.

As pedras continuam no lugar. Usando a ponta com garras da bengala, Morfeu cutuca uma que rolou para mais perto.

— Talvez seu cérebro tenha se fossilizado — ele grunhe. — Você realmente deseja se desentender com o único que tem magia suficiente para transformar seus ovos em poeira?

Uma luz púrpura treme na ponta dos dedos de Morfeu que seguram a bengala. A estática desce pela haste e pula das patas do leão para o chão, como um raio violeta.

Eu tapo a boca com uma mão, tarde demais para abafar um gemido.

Os músculos de Morfeu se retesam e ele olha para trás, mas as pedras voltam a chamar sua atenção.

— Ah, não. Nós não que-que-queremos nossos ovos esmagados — a criatura pedregosa maior responde. — P-p-por favor. — Seis pernas de lagosta e dois olhos de contas saltam de seu corpo. As outras pedras fazem o mesmo,

libertando os membros e os olhos, lembrando-me da lagosta de pedra da história de Carroll.

Lamentando-se, as pedras rastejam para trás, formando uma onda, a fim de evitar o brilho mágico e crepitante que se arrasta em sua direção saindo das mãos e da bengala de Morfeu. Suas pinças dianteiras cortam as cinzas, jogando uma névoa branca sobre os raios de magia violeta.

Eu estreito os olhos. Então Morfeu é o único a ostentar seus poderes sob a cúpula de ferro? É melhor que seja ele do que a Vermelha, mas como ele está usando a magia sem ser distorcido por ela? Teria sido o ferro que tornou sua magia púrpura em vez de azul?

— Por favor! — as lagostas de pedra imploram em uníssono.

— Muito bem — Morfeu diz, rebobinando os fios encantados, que sobem pela bengala até desaparecerem dentro de seus dedos. — Deixe que seu rei analise a questão. Quando uma decisão for tomada, chamarei vocês. Está claro?

— Sim, m-m-muito claro. — A cor da pedra maior vai esmaecendo até ela ficar quase transparente, como se fosse feita de cristal. Sua concha é como uma pérola tremeluzindo sob o céu laranja. As pedras menores a seguem, arrastando-se até a colina e enterrando-se na pilha de cinzas até todas ficarem tão escondidas quanto eu.

— Maldito reino — diz Morfeu. Ele apoia a bengala nas quatro patas, tira do bolso um par de luvas e as veste. — Tudo e todos desejam um pedaço do bolo real. Até a paisagem tem intenções.

Eu contenho um sorriso. Ele está igualzinho a quando foi sugado para cá — narcisista, desconcertantemente irritável e inteligente. Fico feliz que tenha encontrado um modo de reinar sobre as criaturas daqui. Mesmo que seus poderes tenham causado inquietação entre os prisioneiros e problemas aos parentes de papai, pelo menos o mantiveram vivo.

Ele se vira para ir embora, acariciando as penas da bengala enquanto anda.

Esforço-me para tirar o simulacro do rosto e das mãos, mas ele gruda na minha pele suada. Deixo as palmas das mãos caírem para o lado, concentrando-me em minhas roupas. Quem sabe, se eu mentalizar o que estou usando por baixo, isso reverta a magia que me deixou invisível.

— Morfeu, espere. — Minha voz é fraca e sai como um sussurro. Mesmo

assim, ele se detém.

Silêncio... nada além de sua respiração. Cinzas se revolvem sob um giro de seu calcanhar. Estendo a palma da mão para ele, transparente com um contorno vagamente distinguível.

— Tem alguém aí? — Morfeu estreita os olhos.

Uma mão segura meu ombro por trás. Eu a sinto, mas não a vejo.

— Allie. — O sussurro de papai roça minha orelha. — Não se mostre.

Eu agarro sua mão, aliviada por ele estar a salvo. Antes que eu possa responder, o chão treme, abrindo-se feito pedaços de um quebra-cabeça. O braço de papai me envolve com força e nós dois cambaleamos no lugar. Em um instante, o terreno se movimenta e fica rachado. Água borbulha pelas frestas, enchendo os veios entre nós. Minúsculos gêiseres esguicham — do tamanho do jorro de um bebedouro.

As árvores, a colina, Morfeu, eu e papai — estamos todos flutuando em nossas próprias ilhas em miniatura.

O ar quente e suave sopra em rajadas, com a umidade aumentando.

— Mas que droga — Morfeu resmunga, com as asas esticadas bem baixo para estabilizar o fragmento de terra sob os pés. Ele levanta o rosto para o céu quando este se torna cinza. — Sério? — Grita para ninguém em especial. — *Gêiseres?* Esta é sua noção de piada?

Arrasto meu pé para perto do pé de papai, equilibrada em nossa ilha flutuante, tentando entender o sentido da tirada de Morfeu. Um zumbido mecânico surge acima de nós à medida que um bando de pássaros gigantes vai aparecendo. Em vez de usar suas asas, eles estão agarrados a sombrinhas de renda com estampas florais de cores vivas que rodopiam para erguer os pássaros. Cada um deles parece uma Mary Poppins monstruosa pairando no céu. Para descerem, as sombrinhas se invertem e as criaturas-pássaros se chocam com a água. O esguicho atravessa o simulacro e atinge minhas roupas. Sinto o calor na pele.

A maioria dos pássaros abandona as sombrinhas, usando o bico para içar os fumegantes corpos emplumados da água. Alguns levam as sombrinhas junto.

Embora alguns se pareçam com patos e outros com filhotes de águia-pesqueira, são horrorosamente deformados: do tamanho de gorilas, com quatro

braços peludos e mãos ligadas a dois pares de asas. As costas são retorcidas e nodosas, fazendo com que coxeiem ao andar.

Papai me puxa para mais perto. Nossa ilha flutuante balança quando três pássaros passam mancando em suas pernas de avestruz. Algo me diz que eles não nos perceberiam nem se estivéssemos visíveis, pois seu olhar está fixo em Morfeu.

Ele permanece no lugar enquanto sete criaturas batem as asas para pular os fossos e o cercam, estalando os bicos afiados. Mais cinco sobem a colina onde as lagostas de pedra se escondem.

— Ora, ora. — Morfeu sorri com prazer. — Se não é o bando dos patetas. Uma entrada e tanto. Vejo que estão fazendo o possível para controlar suas mutações. Mas temo que o verdadeiro estrago já tenha sido feito. Eu realmente espero que vocês não tenham vindo buscar conselhos de moda. Não há estilo ou charme que consigam esconder tanta feiura.

— Cale a boca — grasna um pássaro que parece mais um martim-pescador. — Você não será tão petulante depois de saber que o Manti descobriu seu ponto fraco.

— Sim, ponto fraco. — Uma criatura semelhante a um filhote de águia estala o bico perto da orelha de Morfeu, deixando um arranhão vermelho no lóbulo. Morfeu se retrai, mas não recua. Ele praticou magia agora há pouco. Por que não voa e escapa? Tento me libertar de papai, mas ele me prende com mais força.

— Essa luta não é sua — ele sussurra, quase inaudível em meio ao farfalhar de penas molhadas e gêiseres borbulhantes.

Eu reprimo um grunhido.

— Acabou a farsa, rapaz — uma águia-pesqueira diz, puxando a lapela de Morfeu com a mão de macaco molhada. A bengala escorrega da mão dele. — Manti andou espionando você. Ele sabe que você desaparece depois de seus truques mágicos para se recarregar. O que ele quer saber é *como* você se recarrega e *como* usa sua magia sem que ela o afete. — A águia olha para o casaco de Morfeu onde o tecido que ela havia agarrado se desintegrou, deixando um buraco. — Como isso aconteceu?

Morfeu sorri com desdém.

— Parece que minhas roupas têm aversão ao seu toque pegajoso e escolhem

evitar isso a todo custo.

Meu corpo treme em um riso involuntário. Papai aperta meu ombro novamente — um alerta.

A águia se inclina para mais perto do rosto de Morfeu.

— É melhor ir parando com essa gaiatice. Manti não tem o nosso senso de humor.

Morfeu estala a língua.

— Bem, então talvez devêssemos deixar isso para outra tarde qualquer. Estou me sentindo particularmente espirituoso hoje. Agora, se me dão licença, vou pegar minha bengala...

— Não vai, não. — O mutante martim-pescador se aproxima. — Nós mandamos as lagostas de pedra para drenar sua magia em troca dos ovos. Você está sem carga. Então, não tem escolha a não ser vir conosco e responder às perguntas de Manti.

Morfeu olha para o alto da colina, onde as outras criaturas-pássaros estão pegando as pedras com o que parecem ser cordões de pérolas do tamanho de bolas de beisebol. Seus dedos enluvados batem na coxa.

— Crustaceozinhos traidores. Eu deveria saber que eles estavam mal-intencionados. — Ele dá as costas para seus captores. — Então, seu chefe gostaria de entrar na competição, não é?

— Foi você quem insistiu em balançar o barco e formar uma ditadura real. Todos nós sabemos que a coroa pertence a Manti. Ele já era o valete da rainha antes de eles serem exilados aqui. Há séculos. Você acha mesmo que poderia se tornar rei sem outro candidato para desafiá-lo? — A águia-pesqueira chuta a bengala de Morfeu, fazendo suas penas esvoaçarem. — Não. A Rainha de Copas marcou a Festa de Consagração para depois de amanhã, e haverá uma corrida eleitoral para eleger um rei *oficial*. Quem vencer a corrida reinará ao lado da rainha. E os derrotados perderão seu coração pulsante.

— É as regras — diz um pássaro com bico de pato, zombando e balançando a sombrinha diante do rosto de Morfeu. — Criadas pela própria rainha.

— *É* as regras? — Morfeu diz com um sorriso profundo e suave. — Você precisa melhorar suas táticas de intimidação, Patolino. Gramática incorreta usada

por um pássaro troglodita carregando uma sombrinha de renda não surte bem o efeito esperado.

Os sete pássaros o atacam, derrubando-o no chão.

Eu luto contra papai, mas ele se recusa a me soltar.

— Nada de comê-lo! — diz a criatura com bico de pato. — O chefe mandou!

— Ele tem razão — a águia-pesqueira grunhe para os companheiros. — Manti ordenou que o levássemos vivo. Mas ele não foi muito específico. *Quase* vivo está bom para vocês, cavalheiros?

Todos grasnam, concordando, atacando o corpo inclinado de Morfeu. Alguns batem com suas sombrinhas; outros usam seus múltiplos punhos.

Sem conseguir me libertar de papai, eu grito até minha garganta despertar completamente. Ao me ouvirem, os pássaros olham para trás dos próprios ombros emplumados. Tiro o simulacro no momento em que as mãos de Morfeu se soltam da distraída pilha de penas. Ele estala os dedos enluvados e as asas da bengala se abrem.

A bengala se transforma em um grifo vivo — cabeça e asas de águia, com o corpo coberto de pelos dourados e patas de um enorme leão. Com um rugido, a besta voa na direção do bando, mergulhando sobre os pássaros.

Morfeu rola para fora da confusão e se levanta. Mais buracos decoram seu casaco agora, junto a alguns na camisa, onde o peito liso fica à mostra. Mesmo em suas calças há buracos, como se o conjunto tivesse passado algum tempo pendurado em um armário infestado de traças. Ele pega o chapéu e o espana com a mão. Seus olhos grudam nos meus. O calor me sobe às bochechas quando ele limpa o rosto manchado com um lenço.

Os sete pássaros não se mexem diante do grifo. Rosnando um alerta, a criatura mitológica ganha o céu, indo atrás dos outros cinco pássaros e das lagostas de pedra até todos desaparecerem sobre a colina.

Enquanto papai tenta se livrar de seu simulacro, Morfeu sustenta nosso olhar. Ele guarda o lenço, a expressão em algum ponto entre o fascínio e o orgulho. É difícil dizer com exatidão, porque as joias sob seus olhos estão piscando com incontáveis emoções.

— Minha Rainha — ele finalmente fala, e sua voz costumeiramente forte

demonstra um ínfimo tremor.

— Meu lacaio. — Eu nem pisco, retribuindo a indiferença. — Não parece surpreso por me ver aqui.

— Ah, eu sabia que encontraria um modo. Era só uma questão de tempo. Na verdade, você chegou antes do que eu esperava. — Ele gesticula, indicando o entorno. — Daí, o deplorável estado de minha casa.

— Bons criados são difíceis de achar — eu provoco.

Suas íris pretas como tinta cintilam feito ônix, e um sorriso aponta em seus lábios. Não consigo resistir mais um segundo, e sorrio em resposta. O momento é quebrado por sete pássaros mutantes que surgem acima dele.

— Cuidado! — eu grito.

Quatro o atacam. Os outros três voam na nossa direção.

— Allie, abaixe-se! — Papai abre a bolsa de viagem.

Um dos pássaros investe contra a cabeça de papai. Os outros dois colidem em pleno ar e despencam no chão. Papai se defende com uma adaga de ferro em uma mão e um mangual na outra. Trocando os pés com destreza, ele gira a bola com pontas de ferro e arranca um pedaço do bico do atacante.

Os dois pássaros do chão rolam de encontro a papai, fazendo-o cair de joelhos. Ele solta um gemido, esparramado ao lado de garrafas de água e barras de proteína. A captura de mamãe surge em flashes na minha cabeça, em dores vivas e pulsantes.

A loucura por baixo da superfície de minha pele desperta. Concentro-me nos gêiseres em miniatura mais próximos de nós, mentalizando-os como línguas que se desenrolam das bocas de serpentes. As cascatas crescem até ficarem grandes o suficiente para estalar no ar e arrebatar os atacantes de papai, capturando o pássaro com o bico ferido em seu retorno. As línguas líquidas puxam os pássaros gigantes para os fossos e os submergem.

Papai cambaleia na beira da água, com a adaga em punho. Bolhas emergem das profundezas e vão escasseando aos poucos.

— Alyssa — ele chama.

Não me importo com o fato de ele ter usado meu nome por extenso nem com a preocupação em sua voz.

Em vez disso, permito que as espirais da loucura rastejem sobre minha compaixão humana — enjaulando-a para que fique alheia às minhas ações. Então, olho fixamente para as bolhas, comandando que o ar se dissipe, aguardando que os pulmões dos pássaros sucumbam. Desejando sua morte.

— Você nunca matou ninguém, Allie. Certifique-se de que essa é a única maneira. De outro modo, isso vai assombrá-la... — A lógica de papai me desperta.

Uma pontada de nojo revolta meu estômago.

Ele está errado. Eu matei. Houve tantos insetos em minha vida que eu poderia encher um elevador de grãos com os corpos, se não os tivesse usado em meus mosaicos. Também contribuí para a morte de inúmeros guardas de cartas e pássaros jubjub no País das Maravilhas, sem falar no octopolvo.

Já chega. *Por enquanto*.

Com um comando silencioso, ressuscito os gêiseres. Eles se erguem, carregando os pássaros mutantes para o alto. Um esguicho quente me açoita enquanto conduzo a água cascateante para a árvore mais próxima, imaginando que seus ramos estéreis são pétalas de flor. A água estatela seus passageiros dentro dela, e os ramos se fecham à sua volta, deixando meus prisioneiros ensopados e arfantes de cara para mim. Os gêiseres voltam a afundar nos fossos.

— Essa é a minha menina — papai diz.

O poder que estou aprendendo a exercer me assusta, mas não o suficiente para me fazer parar e analisar a situação. E isso me assusta ainda mais.

Viro-me para ver como está Morfeu. O grifo voltou e segura os quatro pássaros restantes sob as garras gigantes. Há sangue pingando delas, o que não deixa dúvida quanto ao destino dos cinco pássaros que ele perseguiu na colina.

Morfeu coloca-se diante dos cativos.

— Uma palavra minha e minha mascote os cortará ao meio, como fez com seus comparsas.

A criatura com bico de pato emite um som que é algo entre um chiado e um grasnido, e os outros tremem sob as garras afiadas que pressionam suas penas.

Morfeu agacha-se ao lado da águia-pesqueira.

— Os rapazes têm com a senhorita uma dívida de gratidão. — Ele arranca

uma pena da cara feia do pássaro. — Como estou tentando impressioná-la, vou seguir seu exemplo e ser piedoso. Mas levem uma mensagem para Manti, por favor. Digam-lhe que ele não tem a menor chance de vencer nenhuma corrida se não pode nem travar suas batalhas pessoalmente. — Morfeu traça o contorno do bico trêmulo do pássaro com a ponta da pena. — Ah, e obrigado pela nova pena de escrever.

Com um sinal para o grifo, Morfeu levanta-se e os pássaros mutantes ganham a liberdade. Viro-me para meus prisioneiros na árvore e os solto também. Com grasnidos e guinchos de derrota, eles se espalham pelo céu púrpura sem as sombrinhas, tornando-se ainda mais deformados a cada bater de asas.

Dois deles começam a perder as penas. Os corpos se contorcem em pleno ar até eles não conseguirem mais voar. Despencam das alturas. Nuvens de cinzas se agitam a distância, marcando o contato.

— Estão mortos? — pergunto.

— Estão — Morfeu responde com indiferença. — A derradeira consequência por continuarem usando magia. Sua espinha enrolada e seu corpo murcho e reduzido a uma carcaça inútil.

Aperto os dedos em torno do diário sob minha túnica. As memórias da Vermelha estão quietas e calmas por enquanto, mas sua presença me traz à mente várias perguntas.

— O que acontece com os espíritos deles? Vão procurar corpos para possuir?

Morfeu enfia a pena no bolso.

— Não é assim que funciona em Qualquer Outro Lugar. Quando você morre, desaparece para sempre. É um efeito do ferro. Cada parte de nós que continha magia vira cinzas, do corpo ao espírito. Nossos restos são levados com o vento, formando os ciclones que trazem e levam prisioneiros. — Seu rosto torna-se sombrio. — Então, não hesite em matar se for o único modo de sobreviver, Alyssa. Aqui, não.

Papai e eu trocamos olhares inquietos.

O grifo se esfrega na perna de Morfeu como um gato gigante e em seguida volta a se transformar na bengala. Morfeu a pega na mão, limpando o sangue das garras com o lenço.

— Agora eu entendo — digo ao observá-lo.

Os cílios negros de Morfeu se levantam, o interesse iluminando os olhos.

— Entende o quê?

— Por que você precisa de uma bengala.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Que bom que saciou sua curiosidade.

— Exceto pelo que aconteceu com suas roupas.

Olhando para seu conjunto, ele grunhe:

— Só lavagem a seco, oras. — Ele espana o casaco com a mão, franzindo a testa para os buracos onde aparece sua pele.

— Morfeu.

Ele volta a olhar para mim.

— Como é que você está usando magia sem ser afetado, apesar da cúpula de ferro?

— Creio que manterei essa resposta para mim, amorzinho. Se eu lhe contasse todos os meus segredos, não haveria mais mistérios em nosso relacionamento.

— Não sou grande fã de mistérios.

Aquele sorriso malandro que um dia eu odiei curva seus lábios e minhas entranhas.

— Bobagem. Você adora. — Ele anda até a beira de sua mini-ilha e usa a ponta com garras da bengala para puxar nossa ilha flutuante para mais perto, evitando a água. — Você se delicia com o desafio de solucioná-los.

Ele pisa em nosso pedaço de terra e suas asas se erguem. Seu brilho negro e suave é o oposto do brilho das que tenho enfiadas na pele, incrustadas com joias opacas. Sinto o aroma de tabaco. Está diferente de antes — menos açucarado e mais frutado, terreno —, como carvão e ameixas.

— Pare bem aí — meu pai grunhe quando os pés de Morfeu se detêm a poucos centímetros de minhas botas.

— Papai, ele é meu amigo e eu não o vejo há um mês. — Não vou admitir quanta saudade senti dele. Sei que não devo dar nenhuma vantagem a Morfeu.

— Poderia nos dar um segundo, por favor?

Papai lança um olhar corrosivo da cabeça às asas de Morfeu.

— Nada de gracinhas — ele diz.

As joias de Morfeu cintilam em um malicioso púrpura-avermelhado, precursor de alguma réplica irônica que aguarda para saltar de sua língua. Eu lhe lanço um olhar de súplica e ele revira os olhos em resignação silenciosa.

Satisfeito, papai se afasta e se agacha para guardar os simulacros e as armas na sacola de viagem.

— Jeb está vivo? — pergunto a Morfeu.

A cor branca desbota suas marcas de joias — a cor da indiferença.

— Eu não o matei, se é isso que está sugerindo.

— Você sabe que não. Será que poderia, uma vez na vida, me dar uma resposta direta?

Ele olha para o nebuloso céu cinza.

— Seu mortal está vivo e bem. Na verdade, você certamente o verá muito em breve.

Lágrimas de alívio brotam em meus olhos.

— Então, isso quer dizer que você sabe onde ele está? — É possível que Morfeu tenha acolhido e protegido Jeb, afinal?

Papai para de guardar as roupas na sacola, esperando pela resposta.

Estudando sua bengala, Morfeu grunhe:

— Eu *sei* onde ele está, sim. — Antes que eu possa responder, ele levanta os olhos e encara os meus, as joias agora de um tom verde-esmeralda. — Suponho que eu deveria ser grato porque não foi o nome dele a primeira coisa que saiu de sua boca.

O ciúme e a mágoa com que ele me encara não são inesperados, mas o efeito que têm em meu coração, sim. Provocam aquela mesma sensação dilacerante e tortuosa que está se tornando muito familiar. Controlo a respiração para abrandá-la.

— Eu fiquei com muito medo por *vocês dois*. Agora que sei que você está

bem, é claro que preciso saber dele.

— Você poderia pelo menos me perguntar primeiro como minha orelha está.

O pedido é quase cômico. Morfeu — o mais confiante e independente intraterreno do País das Maravilhas — está amuado, e isso o faz parecer uma criança... como meu companheiro de brincadeiras de tantos anos atrás. Mais do que isso, ele parece o filho que tivemos na visão da Marfim, o que deflagra uma torrente de emoções à qual tenho medo de dar um nome.

O som dos passos de papai fica mais fraco. Ele está recolhendo as garrafas de água e as barras de proteína para nos dar a privacidade que pedi.

Eu me aproximo e corro a ponta do dedo sobre o sangue seco na orelha de Morfeu.

— Está doendo? — sussurro.

Ele inclina a cabeça ao meu toque.

— Arde um pouco — ele diz baixinho, e estuda minha boca tão fixamente que meus lábios parecem ficar mais pesados. Seu corpo inteiro se retesa, limitando-se. Se estivéssemos sozinhos, eu não o reprimiria. — Você pode curar isso, sabe.

Suas palavras me fazem perder o equilíbrio.

— Curar... o quê?

Ele enruga a testa por baixo da aba do chapéu.

— A dor.

Meu rosto fica quente com a ideia de curá-lo, e depois arde em chamas quando percebo que não é da dor na orelha que ele está falando.

Uma flutuação por baixo da pele em sua clavícula me diz que sua pulsação está disparando, assim como a minha. Começo a tirar a mão, mas ele a apanha, pressionando a palma contra seu rosto macio. A ação ao mesmo tempo me surpreende e me conforta.

— Eu pensei que você estaria furioso — eu digo. — Porque mandei você para cá. Porque destruí a toca do coelho e negligenciei o País das Maravilhas. Eu arruinei tudo. — A confissão provoca um nó em minhas entranhas.

Ele balança a cabeça.

— Você tomou uma decisão de rainha ao enviar os momirratos. E foi a decisão certa. Mesmo quando fazemos o que é certo, as consequências às vezes podem ser calamitosas. Pensar duas vezes a cada passo restringe o ímpeto de avançar. Confie em si mesma, perdoe-se e siga adiante.

Passo a ponta dos dedos em seu queixo. Há muito tempo eu precisava ouvir essas palavras.

— Obrigada.

— O importante é que você veio para consertar as coisas — ele diz. É uma observação, não uma pergunta.

Eu concordo.

Segurando meu pulso, ele inclina a cabeça para que sua boca roce minha mão.

— Eu sempre soube que viria — ele sussurra contra minhas cicatrizes, suas joias cintilando intensamente em dourado, como cintilaram há mais de um ano no País das Maravilhas, na primeira vez que ele disse essas palavras para mim, pouco antes de me arrastar para um jogo louco de desordem e política que quase me matou.

Mesmo assim, apesar da forma como o perigo o atrai, de como cresce dentro dele, ou talvez *por causa* disso, meu lado obscuro e cruel amolece ao sentir seus lábios em minha pele.

A adaga de papai se interpõe entre nós, a ponta pressionando a jugular de Morfeu.

— Acabou o tempo.

Morfeu solta minha mão.

Eu aperto meus dedos ao lado do corpo para as cicatrizes pararem de formigar.

— Papai, por favor. A faca não é necessária.

Com o queixo retesado feito granito, ele me empurra para trás com o cotovelo. É só um pouco mais baixo do que Morfeu, mas a justa indignação que emana dele compensa a diferença de altura.

A pele de Morfeu se tinge de verde, um efeito do contato com o ferro. Então, por que a cúpula não limita sua magia? Ele certamente tem um segredo. E eu vou descobrir qual é.

A ideia do desafio me provoca, como Morfeu disse que faria. É mais do que uma pequena inquietação saber que ele conhece tão bem o que me motiva.

— Você tem ideia do que fez com a minha família? — papai diz com raiva, tirando-me da contemplação.

Morfeu conduz a ponta da adaga para seu ombro em lugar do pescoço nu.

— Acredito que tornei possível que você tivesse uma família, em primeiro lugar, Thomas. Um agradecimento seria suficiente.

Papai escorrega a adaga de volta para o pescoço de Morfeu.

— Vamos fazer o seguinte: você vai nos levar até o Jeb e depois nos conduzir em segurança por este reino amaldiçoado até o portão do País das Maravilhas, para podermos encontrar a Alison. — A ponta de metal enruga a pele de Morfeu. — E depois, somente depois, eu vou decidir se devo agradecer-lhe ou "cortá-lo ao meio" e transformá-lo em um monte de cinzas aos meus pés.



8

Asas Quebradas e Cavalos sem Pernas

Morfeu e eu trocamos olhares enquanto papai vasculha a sacola. Quando ele abre o mapa, centelhas alaranjadas irrompem de dentro dele e entram pela boca da sacola. Um leve espirro emerge lá de dentro. Papai dá um pulo para trás e Morfeu dá um passo para a frente, com um meio sorriso entretido nos lábios.

Ele enfia a mão dentro da sacola e tira uma bolinha do tamanho de um beija-flor, listrada com pelos laranja e cinza. O sorriso provocador de Chessie aparece quando ele desenrola o corpo e senta, balançando as patas da frente, na beira da mão enluvada de Morfeu. Sua cauda fofa tremula, uma indicação precisa de que ele está orgulhoso de si mesmo.

— Ora, ora, veja quem deixou o gato entrar — Morfeu diz. — É bom vê-lo, velho amigo. — Ele afaga a cabecinha do felino intraterreno com o polegar.

Chessie arqueia as costas e em seguida volta os olhos travessos para mim.

— Danadinho. — Não consigo parar de sorrir, lembrando-me daquele momento em que tio Bernie fechou a porta do Gravitron e centelhas laranja se infiltraram na câmara. Chessie estava planejando pegar uma carona desde o começo.

O pequeno intraterreno tenta voar, mas eu o detenho, fechando os dedos sobre a palma da mão de Morfeu.

— Espere. Existem regras aqui. Se usar sua magia, vai acabar se machucando. Você pode sofrer mutações... e até morrer.

— A maior parte é verdade — Morfeu corrige, levantando minha mão. — Mas lembre-se de que nosso Chessie é de uma linhagem rara. Espírito e carne ao mesmo tempo. Ele pode usar magia. É o único intraterreno puro que pode.

— Além de você, é o que quer dizer? — eu provoco.

Morfeu intencionalmente evita meu olhar e concentra-se em Chessie.

— Você deve evitar soltar a cabeça enquanto estiver aqui. Do jeito que a paisagem muda, arriscaria perdê-la. Agora, você quer voar ou gostaria de pegar uma carona?

Chessie flutua até o único bolso que restou na roupa de Morfeu e deposita-se lá dentro, deixando somente a cabeça para fora.

Antes que Morfeu possa se mover, coloco a mão em sua lapela.

Esticando-me na ponta dos pés, esfrego o nariz felpudo de Chessie no meu.

— Obrigada por me curar lá atrás — digo para ele — e por manter meu colar em segurança. — Quando estou prestes a beijar sua cabeça, ele se agacha dentro do bolso.

Meus lábios pousam no meio de uma das aberturas na camisa de Morfeu, beijando a pele quente e macia.

— Me desculpe. — Corando, dou um pulo para trás e perco o equilíbrio quando o chão abaixo de mim treme.

Morfeu me pega pela cintura, a afeição tingindo suas joias num tom rosáceo.

— Não precisa se desculpar.

Papai solta um pigarro. Eu engulo em seco, afastando-me.

— Temos que ir andando. — Papai pega a sacola de viagem e dá o mapa a Morfeu. — Onde está o Jeb, de acordo com esse mapa?

Ainda com a atenção voltada para mim, Morfeu empurra o pergaminho sem ao menos olhar para ele.

— Esse frangalho não o levará a lugar algum. A paisagem é imprevisível, caso não tenha notado. Quem lhe deu este mapa deveria ter dito isso. Talvez, com seu

limitado intelecto humano, eles não consigam assimilar a magnitude de tais alterações.

Papai franze a testa.

— Disseram que as posições dos portões nunca mudam. Eu posso ver o brilho deles, ali e ali. — Ele aponta as ondas verdes radioativas no horizonte a distância, à nossa direita e esquerda.

Suspirando, Morfeu volta a atenção para papai.

— Muito bem. Responda-me uma coisa: onde é o norte e onde é o sul? Sabe de qual direção chegou? É impossível deixar de andar em círculos neste mundo sem uma bússola.

— E você tem essa bússola? — papai pergunta.

— Eu tenho a minha bengala — Morfeu responde com ar de segredo.

Papai range os dentes.

— Então você espera que nós simplesmente o sigamos.

Os lábios de Morfeu se curvam em um sorriso largo e malévolo.

— Alyssa não terá problemas em me acompanhar. Quanto a você, posso carregá-lo nos ombros mais uma vez, se necessário.

É uma farpa maldosa, e eu lanço um olhar de repreensão para Morfeu.

— Não será necessário — papai diz, inabalável. — Você nos levará até Jeb. Tenho formas de convencê-lo. — Ele bate na adaga embainhada pendurada em seu braço esquerdo.

— De acordo — Morfeu revida. — Afinal, não tenho escolha. — Sua réplica é cheia de frustração. Deve haver um motivo mais forte do que a adaga de ferro de papai para persuadi-lo. Afinal, ele pode alçar voo a qualquer momento que queira.

Ele se vira sobre o calcanhar e começa a escolher o caminho através das ilhotas flutuantes, usando a bengala para uni-las sobre os fossos, como fez antes. Papai e eu o seguimos.

O fato de termos de nos equilibrar sobre um terreno balouçante torna o caminhar difícil, até que aprendemos onde pisar e pegamos o ritmo. Surtos momentâneos de atividade pontuam a paisagem: bandos de coelhos fofinhos

saltitando a distância que, olhando mais de perto, têm o focinho e caninos afiados de lobos; criaturas parecidas com crocodilos levantando a cabeça por entre os fossos — mandíbulas gigantes bocejando e revelando dentes macios e brancos que lembram vagamente cerdas de escovas de dentes; e centopeias arrastando-se sob ervas daninhas espinhentas para proteger o corpo coberto por uma pele prateada e aveludada, e pernas cravejadas de pequeninas joias verdes.

A maioria dos animais e insetos nos ignora, e eu prefiro assim. Não consigo ouvi-los, nem às flores. Contudo, quando minha túnica fica presa em uma planta com frutos que parecem xícaras de chá de couro vermelho penduradas de cabeça para baixo, penso em tocar nela.

— Eu não incomodaria essas aí, se fosse você — Morfeu grita da minha frente, sem nem se dar ao trabalho de olhar.

Recolho a mão.

— O fruto é venenoso?

— Não é um fruto — papai responde lá de trás. — São bolsas de ovos para um gênero anfíbio de morcego aqui de Qualquer Outro Lugar.

Morcegos que vivem na terra *e* na água. *Assustador.*

Aumento a distância entre mim e as plantas para não perturbar os receptáculos em forma de xícara. O poema da história de Carroll ecoa em minha mente:

Pisca, pisca, morceguinho,

Aonde vais nem adivinho.

Lá no céu, como travessa

Para chá, voas depressa.

Pisca, pisca, morceguinho,

Aonde vais nem adivinho.[1]

Enquanto tento lembrar o resto dos versos, tropeço em um grande arbusto. Uma confusa miscelânea de borboletas-monarcas revoa das folhas. Suas asas são finas como papel, e metálicas, como uma mistura entre cobre forjado e vitral. Estendo a mão para capturar uma, mas minha intuição intraterrena detém minha mão no ar.

— E as borboletas? — pergunto.

— Elas são nativas deste lugar — Morfeu responde alguns passos adiante, antes que papai possa responder. — E, por causa disso, pode contar que elas sejam o oposto do que você esperaria. Os dentes dos crocodilos eram de cerdas macias de escovas de dentes, e seu temperamento era igual. Eles são como gatinhos neste mundo. Mas as borboletas? Uma picada e você vira pedra. Ou então elas podem escolher cortar uma artéria com uma de suas asas afiadas como navalhas. As mudanças constantes no cenário servem para manter a fauna distraída. Ignore-os, e eles retribuirão com a mesma cortesia.

As graciosas borboletas se distanciam, flutuando em uma corrente de ar, e eu percebo uma agulha brilhante e afiada projetando-se de seu tórax, curva e com uma ponta venenosa, feito o ferrão de um escorpião.

As coisas se acalmam à medida que a fauna retoma sua rotina. Se é que se podem chamar coisas como ovos feito xícaras de chá e escorpiões com asas de metal algo rotineiro...

Depois de falar de outras criaturas estranhas com papai, liberto minhas asas e voo para alcançar Morfeu.

Ele olha para mim quando pouso ao seu lado. Um sorriso satisfeito me saúda.

— O que foi? — pergunto.

— Você pode não estar vestida como a realeza, mas é bom vê-la aceitar seu lado intraterreno tão abertamente.

Olho para minhas botas vermelhas, reprimindo um arroubo de orgulho. Ele nem desconfia de como está ficando fácil soltar as rédeas da loucura.

— E então, vai me dizer quem é esse tal de Manti? Ele é perigoso?

— Que nada. É um manticórnio ambicioso que foi um humilde valete por tempo demais. Ele anseia por poder e prestígio. Nada com que você tenha que se preocupar.

O fato de haver um ser que é metade homem, metade unicórnio de verdade correndo por aí já é suficiente para me preocupar, e a garantia de Morfeu parece, no mínimo, forçada.

— Você não acha que chegaríamos mais depressa se voássemos? — pergunto para apaziguar meus nervos tensos. — Papai pode usar o seu grifo. Você poderia

deixar que ele o levasse.

Morfeu volta a atenção para a paisagem. As joias de seu perfil mudam de vermelho para preto.

— Não sinto muita vontade de compartilhá-lo com seu pai. Tenho certeza que entenderá.

— Então, espere por nós e eu voltarei para pegar uma das sombrinhas que os pássaros deixaram.

— Também não tenho vontade de esperar.

Eu faço uma careta.

— Pare de ser tão mesquinho. — Olho para papai, que nos mantém sob sua vista, alguns passos atrás. — Coloque-se no lugar dele. Pode imaginar o que ele tem passado? O pesadelo que ele teve que reviver e aceitar como realidade nas últimas horas?

Vários passos adiante de mim, Morfeu ergue a cabeça, deixando a brisa úmida enrugar a franja azul na aba do chapéu.

— Sim, pobre homem. Deve ter sido insuportável perceber quanto a mulher que ele adora também o ama.

Batendo as asas, acompanho seu passo rápido.

— Você não está comparando o romance deles com...

Ele estuda meu rosto com um sorriso irônico e amargo.

— Com o de quem, Alyssa?

Mordo a parte interna do lábio, irritada comigo mesma por quase levantar a mão.

— Espere. — Eu o estudo, dos pés à cabeça. Sim, ele ainda parece ser o mesmo Morfeu que eu conhecia. Mas há uma diferença discernível: suas asas o seguem feito rastros de tinta, enquanto as minhas batem, levantando-me um pouco do chão. — Essa não cola. Você está mudando de assunto. Está enrolando.

Morfeu faz ar de escárnio enquanto traz outro pedaço vagante de terra para podermos pisar nele sem nos molharmos.

— Ridículo. Por que eu faria isso?

Pulo com leveza na frente dele.

— Porque é *você* quem precisa do grifo. Você não pode voar sozinho, assim como meu pai.

Enquanto esperamos que papai nos alcance, Morfeu segura a ilha vizinha no lugar com a bengala. O único som é o dos gêiseres borbulhando à nossa volta. Seu silêncio é muito significativo.

Coloco minha mão sobre a mão que segura a bengala. Através da luva fina, sinto seus músculos tensos.

— Não vi você usar as asas nem uma vez desde que estou aqui. Aquela coisa-pássaro... ela disse que você precisa se recarregar, que sua magia acabou. O que significa que você não é imune à cúpula. Vai me contar o que está havendo?

Sua outra mão se fecha sobre a minha, tornando-me cativa em vez de captora, enquanto ele sustenta meu olhar.

— Naturalmente. Assim que você me disser o que há nesse pequenino diário que traz no pescoço.

Meu coração dispara junto ao diminuto caderno que descansa sobre meu esterno. Ainda está sob a túnica, então ele não poderia tê-lo visto.

— Como é que você...?

— Chessie fala com os olhos. Você só tem que olhar e ouvir.

A cauda de Chessie escorrega para fora do bolso de Morfeu e se contorce, como se zombasse de mim.

— Na verdade — eu digo quase para mim mesma —, estamos aprendendo a nos comunicar ultimamente.

— Bom. — Morfeu balança a cabeça. — A maior prioridade de uma rainha deve ser uma comunicação aberta com os súditos. Agora, de volta à minha pergunta.

Aperto os lábios. Ainda não estou pronta para compartilhar o segredo do diário. Trazer à baila meu plano para derrotar a Vermelha vai abrir o assunto do voto pela magia da minha vida que fiz para Morfeu um mês atrás, que eu passaria vinte e quatro horas com ele depois que a derrotasse. Agora não é a hora nem o lugar de discutir isso.

Papai cruza o fosso que o separa de nós, obviamente atraído por nossas mãos unidas.

— Por que paramos?

Morfeu faz cara feia.

— Só esperando que o humano nos alcance, embora saibamos que ele nunca realmente nos alcançará — ele graceja, frio como sempre. Mas há uma ruga de preocupação entre suas sobrancelhas, um tique inconsciente que ele não consegue esconder de mim. Não respondeu à minha pergunta sobre as asas. O invencível Morfeu está aleijado. E isso me entristece.

Voltamos a caminhar, com papai nos seguindo de perto. Quero pressionar Morfeu sobre sua fraqueza aqui, mas seu orgulho não o deixará responder. Então, mudo de assunto.

— Voltei a ficar curiosa.

Ele rodopia a bengala.

— Mas é claro. Esta é sua qualidade mais encantadora.

Balanço a cabeça em resposta à provocação.

— Os pássaros mencionaram uma Rainha de Copas. É o pseudônimo da Vermelha aqui?

Morfeu entorta o queixo.

— A Rainha de Copas não é a Rainha Vermelha. Sua mãe sempre as confundia, mas eu tentei explicar. A Copas era uma rainha da Corte Vermelha séculos atrás. Ela é uma parenta sua, mas distante. Ela tinha tendências à barbárie, assassinando os súditos pelos motivos mais inanes. Pegar um pedaço de torta e deixá-lo no prato, ou derramar seu esmalte de unhas. Por isso, ela herdou a alcunha de Sem Coração. Em uma manobra distorcida para ganhar respeito, começou a colecionar a única coisa que os súditos diziam faltar a ela.

— Corações? — eu pergunto, quase engasgando com a ideia. — Era a isso que o pássaro troglodita se referia quando disse que aqueles que não vencerem a corrida perderão seu coração pulsante?

— Precisamente. Os corações intraterrenos são únicos. Eles podem ser colhidos e continuar a bater para sempre depois que sua prisão corpórea desaparece. A rainha se aprimorou nessa técnica. Ela também pode sentir a

qualidade de um coração. Ela usa esses órgãos para tudo: desde acessórios para suas roupas até pesos de papel. Ela foi banida do reino por essa prática e enviada para cá depois que se tornou uma assassina demasiadamente violenta para ser contida. Infelizmente, agora ela está abrigando o espírito da Vermelha. Duas rainhas pelo preço de uma. É uma pechincha e tanto.

Minha garganta se fecha.

— Mas você disse que os espíritos não podem possuir outros corpos aqui...

— Exceto se esse "corpo" for adequado e tiver a mesma linhagem. Na ausência de magia, a linhagem se torna o elo mais forte. A fada-flor em que a Vermelha chegou estava acabada. De fato, da última vez que a vi, achei que ela estava morta; forragem para os pássaros trogloditas. Mas ela os convenceu a carregá-la até o castelo da Copas e ofereceu alguma barganha à sua ancestral para compartilhar o corpo. Embora eu ainda desconheça quais foram os termos.

Um arrepio de terror gela meus ossos. Se a Vermelha está dentro do corpo de outra rainha, tão maliciosa e selvagem quanto ela, as memórias do meu diário podem se mostrar inúteis. Preciso de mais alguma coisa para poder barganhar. Se eu descobrisse o grande plano da Vermelha...

— Fiquei sabendo de uma coisa, por parte de um amigo do Humphrey, o Hubert. Nós ficamos na estalagem dele.

Morfeu fica radiante.

— Ah, o Hubert. Como está aquele velho bebum?

— Esplêndido. — Eu franzo as sobrancelhas. — E rabugento.

Um riso profundo irrompe do peito de Morfeu.

— Eu sempre gostei da companhia dele.

— É — eu digo, zombando. — Ele é um ovo muito legal.

Morfeu ri novamente, e não consigo conter um sorriso em resposta.

— Enfim — continuo —, ele disse algo inacreditável sobre a Vermelha e Lewis Carroll. Que eles se conheceram antes de Alice entrar na história. — Morfeu parece genuinamente surpreso, mas aguarda que eu termine. — A Vermelha *queria* que Lewis encontrasse o País das Maravilhas, de acordo com o cabeça de ovo. Você sabe algo sobre isso?

Morfeu não tem tempo de responder, porque repentinamente o sol aparece por entre as nuvens do céu, um flash ofuscante que nos faz cobrir os olhos. O céu desvanece em um brilho cor de pêssego e o chão treme. Morfeu segura meu cotovelo. Água jorra dos fossos e as peças do quebra-cabeça voltam a se encaixar. As árvores ressecadas à nossa volta ganham folhas de um verde tímido e flores brancas; no mesmo instante, nossos pés ficam rodeados de grama.

Quando tudo se estabiliza, incluindo o chão, Morfeu me solta e papai nos alcança. Eu estreito os olhos. Fica tudo tão claro que nós até lançamos sombras, e as formas altas e frondosas da folhagem salpicam matizes sobre a terra. Até os cheiros mudaram, de estagnados e fumacentos para fragrantes e florais, trazidos por uma brisa temperada. É como a primavera no Texas. Uma pontada de saudade de casa acompanha esse pensamento. Estou prestes a mencionar isso para papai quando uma luz verde — não maior do que um gafanhoto — cintila no céu e cai.

Ao descermos, podemos ver melhor o ser de pele verde-viva com escamas brilhantes curvadas sobre os seios e o torso, e orelhas pontudas. As asas da fada tremulam, de um branco leitoso e cobertas por uma penugem, e seu cabelo brilha como algodão-doce feito de açúcar mascavo. Ela pousa sobre o ombro de Morfeu, escondendo-se sob o chapéu. Quando ele ergue o dedo mindinho para afagar seu pé, ela espia por trás da cortina de cabelo azul dele, com os olhos metálicos tremeluzindo, como se usasse óculos escuros marrons.

— Olá, minha pequena e adorável Nikki — Morfeu diz a ela carinhosamente. — Suponho que esteja aqui para me avisar que minha carona está a caminho.

Ela fala baixinho no ouvido dele, e só consigo ouvir um tilintar parecido com sinos de vento.

— Espere — eu digo. — Por que ela pode voar sem sofrer mutações? Não faz sentido.

— Você terá todas as respostas que procura muito em breve. — Morfeu me passa a bengala. O gesto é mecânico, quase resignado. — E reencontrará Jebediah também. Mas estou avisando. Ele não é o mesmo rapaz que você conheceu.

— Hum? — eu indago.

— É só pedir à bengala que voe — Morfeu diz, evitando minha pergunta. — Aconteça o que for, não a deixe ficar molhada. — Em seguida, dá as costas para

mim.

Os pelos de minha nuca se arrepiam quando percebo que sua sombra não se vira com ele. Em vez disso, ela o encara, mais como um reflexo borrado do que como um contorno eclipsado no chão. Suspirando, Morfeu dá as mãos para a silhueta escura e é erguido no ar ao som dos ecos fantasmagóricos das próprias asas. A pequenina fada olha para mim mais uma vez antes de segui-los.

Fico boquiaberta, imóvel.

Papai coloca a mão nas minhas costas.

— Temos que ir. Ele é nossa única chance para encontrar Jeb e sair daqui. — Sua voz está trêmula, e eu sei que ele está tão apavorado quanto eu.

Dou-lhe o bastão do grifo.

Arrumando a sacola no ombro sobre a adaga, ele sobe na bengala como uma criança sobe em seu cavalo de madeira.

— Voa — ele sussurra baixinho, e, com um rufar de asas e pelos, a criatura ganha vida. Ela abre o bico com um rugido. Suas asas de águia se agitam, fazendo meu cabelo esvoaçar, e o grifo alça voo com papai segurando firme em sua juba.

Reprimo as perguntas que rodopiam em minha mente, abro as asas e me lanço ao céu, mantendo papai e Morfeu à vista enquanto cortamos nuvens macias, na direção das ondas espumantes de um oceano que brilha a distância.



Uma montanha surge da água quando estamos descendo, como se estivesse nos aguardando. A fada e Morfeu, junto a sua sombra, mergulham na direção das pedras na encosta. A montanha se abre e os engole, em seguida fechando a entrada.

No momento em que papai toca no solo, o grifo se transforma na bengala. Eu pouso ao lado deles. Minhas asas fazem muito peso sobre os ombros, cansadas do esforço. Eu limpo o suor da testa.

— E agora? — papai pergunta.

Tento encontrar uma fresta ou buraco que possa ser a chave para abrir a montanha.

— Poderia me emprestar isso? — Pego a bengala de Morfeu e uso as garras para cavar algumas pedrinhas. Como nada acontece, cutuco algumas saliências com o pé.

— Pare! — Uma voz, áspera como pedras raspando uma na outra. — Pare já com isso!

Fico boquiaberta.

— Isso não é maneira de dar uma boa primeira impressão — a voz fala novamente.

— Sim, para dar uma boa impressão você deveria estar segurando um cinzel — uma segunda voz, menos rabugenta, acrescenta.

Dois rostos aparecem na encosta da montanha, um deles feito de terra, o outro de pedra. O rosto de pedra é o rabugento e tem olhos arregalados e grandes. O outro — o de terra — tem olhos estreitos e um jeito quase engraçado.

Papai larga a sacola de viagem e senta sobre ela. Sua pálpebra esquerda está tremendo tanto que parece o ponteiro de segundos de um relógio.

— Tudo bem, papai. Eu cuido disso.

Concordando, ele passa a mão pelo cabelo.

Pisando sobre algumas pedras soltas, chego mais perto do rosto simpático.

— Precisamos entrar.

— Aaaahhh, sinto muito — diz a voz rabugenta e empedrada por trás de mim. — Só o mestre pode abrir a porta.

— É, sim. Lamento. — Olhos quase fechados me encaram com simpatia. — Sinto muito mesmo. Meu coração fica triste por você.

O solo abaixo de nós treme, e começamos a afundar no oceano. Papai pega a sacola e, juntos, subimos a montanha com a mesma velocidade com que o oceano sobe à nossa volta. Todas as vezes que fiz escalada com Jeb me voltam à mente, e tenho a vantagem das asas. Papai também, com a bengala de grifo.

— Vamos ter que voar! — eu grito. — Antes que o pico fique submerso!

Papai se desequilibra quando a sacola e a adaga escorregam de seu ombro. Ele as segura no último instante, mas perde a bengala. Ela cai montanha abaixo e é

engolida pelas ondas que crescem. Quando emerge, é o grifo. Ele guincha, batendo as asas, e vai derretendo aos pouquinhos até tornar-se uma mancha oleosa e colorida que flutua.

Papai e eu olhamos estarrecidos, alheios às ondas que já tocam nossos tornozelos.

— Allie, vá! — papai grita, o primeiro a lembrar que a montanha está encolhendo.

Escalando junto a ele, tento invocar minha magia. Minha mente está tão acelerada que minha imaginação não consegue acompanhá-la. Estou em um branco total.

— Pare! — eu grito para a montanha, de puro desespero.

O movimento cessa. A espuma branca toca meus calcanhares.

— Seu mestre gostaria que vocês nos ajudassem — eu digo, na esperança de persuadir os rostos a se mostrarem.

— É mesmo? — O rosto de terra aparece no topo da montanha. — Bem, *existe* outro modo de entrar.

Arfando, papai e eu trocamos olhares esperançosos.

— Muito bem. E qual é? — eu pergunto.

— Um cavalo. Um cavalo especial. Ele pode fazer vocês entrarem. Só precisam gritar o nome dele a plenos pulmões.

Algo me diz que vou me arrepender de perguntar, mas pergunto mesmo assim.

— Então... qual é o nome dele?

— Não posso dizer *para* você, magricela bobinha.

Eu olho desconfiada, segurando o desejo de pisar nos torrões de poeira que formam os lábios do rosto.

— Então me dê uma pista. As letras do nome... um anagrama. Qualquer coisa!

— Só posso dizer que é um cavalo.

O outro rosto aparece na beira de uma pedra do tamanho de uma bola de golfe, com os traços comprimidos para caber em uma superfície menor.

— Um cavalo sem pernas que pode se mover para cima e para baixo, para a

frente e para trás... Um cavalo sem sela que pode acomodar o cavaleiro mais frágil... Um cavalo sem asas que pode deslizar com a graça de um pássaro.

Eu passo a mão no rosto.

— Está brincando comigo? Mais uma charada idiota?

O falante de pedra entorta a boca numa careta.

— Eu prefiro dar um mergulho a ficar ouvindo suas lamúrias. Você tem uma chance somente, então tenha certeza do que vai dizer! — Em seguida, balançando-se para a frente e para trás até que a pedra se solte, ele rola para dentro da água com um *tibum*.

O de olhos estreitos olha para mim e enruga os brotos de grama que formam seu nariz.

— É melhor você descobrir depressa. Porque sua ingratidão me fez sentir muito mal.

A montanha começa a encolher novamente. Em questão de momentos, as ondas já lambem nossas coxas.

Solto um gemido.

— Papai, o que você acha?

Ele esfrega a pálpebra que treme.

— Não sei. Talvez um cavalo de balanço?

Penso nas dicas. Parece combinar *mais ou menos*.

— E quanto à parte de deslizar? Cavalos de balanço não deslizam. Talvez um cavalo de carrossel. Eles são suspensos em um poste, e isso pode contar. Eles se movem para cima e para baixo. Mas não se movem para a frente e para trás, na verdade. E têm pernas...

A água chega ao abdômen de papai.

— Allie. — Sua expressão é aquela que ele faz quando está prestes a estabelecer as regras. Não quero ouvir o que ele está pensando, porque já sei. — Você vai ter que voar — ele diz quando a água bate no meu esterno. — Vá enquanto ainda temos onde pisar.

— Não! Não vou deixar que você se machuque! — *Não como fiz com mamãe.*

O rosto dela volta à minha mente, o desespero no olhar quando os momirratos a arrancaram e a arrastaram para a toca do coelho que desmoronava, junto com a Irmã Dois e seus brinquedos recheados de almas. Eu não conseguia mais aguentar, por mais que tentasse. Lágrimas brotam do canto de meus olhos.

— Pai, fui eu quem chamou as criaturas que levaram mamãe embora. Sou responsável pelo perigo que ela está correndo agora. Se ela desaparecer para sempre...

— Alyssa Victoria Gardner. — Papai pega minha mão. — Nem diga isso. Seja o que for, você o fez porque teve que fazer. Sua mãe sabe disso. Ela é forte e está bem. E nós vamos encontrá-la.

Nós. Internamente, hesito, com as emoções me arrasando.

— Promete que vai ficar comigo?

— Até o fim. Você vai nos tirar desta.

— Como? — Se pelo menos eu fosse forte o bastante para carregá-lo.

— Eu sei nadar — ele responde. — Posso nadar de costas por tempo suficiente para você ir pegar uma daquelas sombrinhas que os pássaros deixaram, ou até um pedaço de madeira em que eu possa me segurar.

A cena é igual à do ano passado no País das Maravilhas, quando não consegui carregar Jeb na travessia do abismo. Eu deveria encontrar uma maneira de voltar para ele, mas falhei, como falhei com mamãe.

Cerro os dentes com força. Não posso deixar minhas dúvidas vencerem.

Faço um sinal de cabeça para papai, concordando.

Ele larga a sacola para poder deitar-se na água. A sacola submerge, soltando bolhas de ar. Vasculho a distância, incapaz de ver terra em lugar algum. Não tenho ideia se andamos muito ou se as sombrinhas desapareceram na última mudança de paisagem.

Mesmo assim, preciso tentar.

Abraçando papai com força, dou-lhe um beijo apertado no rosto, que tem gosto de sal por causa dos borrifos do mar.

— Não vou desapontar você.

— Eu sei — ele diz, e roça o nariz no alto da minha cabeça.

Ele trança os dedos das mãos para eu pisar e me erguer da água. Respirando fundo, eu tomo impulso e abro as asas, e veios de água escoam delas quando eu me levanto.

— Quando estiver pronta, eu dou um impulso. — Papai faz força e seus lábios se curvam, formando aquele meio sorriso à la Elvis. Sua confiança encenada tem o efeito oposto, fazendo-me lembrar de todas as vezes que ele fingia que estava tudo bem quando mamãe estava no sanatório, e durante essas últimas semanas em que ela está desaparecida. Ele está fazendo a mesma coisa, embora esteja tão confuso e assustado quanto eu.

Chegou a hora de eu ser forte.

Preparando-me para decolar, sacudo as asas. Elas estão pesadas sobre minhas costas, não só por estarem molhadas, mas devido ao musgo enrolado nelas, como criaturas do mar.

Criaturas do mar.

As ondas atingem o queixo de papai.

— Allie, depressa. — A água já entra em sua boca. Seus dedos se retesam sob a sola das minhas botas.

— Espere — eu imploro. *Um cavalo sem pernas que pode se mover para cima e para baixo, para a frente e para trás... Um cavalo sem sela que pode acomodar o cavaleiro mais frágil... Um cavalo sem asas que pode deslizar com a graça de um pássaro.*

— Um *cavalo-marinho*... — eu sussurro. Eles usam as caudas para manobrar em qualquer direção, carregam seus bebês em bolsas e deslizam graciosamente pela água, como se navegassem.

— Não dá mais tempo! — papai grita, e me impele rumo ao céu. Logo sua cabeça desaparece debaixo d’água.

— Cavalo-marinho! — eu grito tão alto que meus pulmões doem, abrindo as asas e batendo-as de modo a pairar no lugar.

Papai emerge e começa a nadar de costas. A água se avoluma como se alguma coisa enorme fosse surgir atrás dele. Uma corcova blindada emerge, coberta por placas de ossos claros como vidro. A água escorre, revelando a curva de uma espinha por baixo da armadura transparente. O gracioso pescoço de um cavalo-

marinho — grande como o monstro do Lago Ness — vem à tona. O sol cintila sobre a criatura. Ela é linda e parece mais uma estátua de vidro do que um ser vivente: o corpo de um cavalo-marinho com a cabeça de um garanhão selvagem.

Sua barriga se abre e um funil de água arrasta papai em sua direção. Eu mergulho para unir-me a ele. Escorregamos para dentro de um bolsão translúcido. A abertura se fecha novamente antes que a criatura volte a submergir. A cavidade é úmida, mas confortável. Papai e eu sentamos e ficamos abraçados, observando plantas submarinas e peixes confusos passarem depressa por nós enquanto descemos na direção da montanha que afundou. Surge uma entrada — como aconteceu com Morfeu — e, seguros dentro de nosso submarino vivo, entramos em um túnel escuro enquanto a montanha envolve tudo à nossa volta, bloqueando a luz.



9

O Olho da Mente

Quando emergimos, um brilho purpúreo e tênue lança sombras por toda parte. O cavalo-marinho curva a espinha para a frente e para trás, espremendo o bolsão até nos expelir para a água rasa.

Eu tusso e caio apoiada nas mãos e nos joelhos. Nas costas, minhas asas pendem, tão ensopadas e enlameadas como as roupas. O cavalo-marinho bufa, solta espuma pelo nariz equino e volta a afundar nas profundezas.

Fraca devido ao extremo esforço físico, eu me forço a ficar de pé na água que bate em meus tornozelos. Papai se levanta, oferece a mão e nós caminhamos com dificuldade até uma barragem de cimento para sentar e recuperar o fôlego.

— Alguma ideia de onde estamos? — eu pergunto, torcendo minha túnica. — Você esteve aqui quando era criança? Lembra de alguma coisa?

Sua testa se franze.

— Este mundo é tão diferente do que eu lembro, Allie. Ele vive mudando. É como se estivéssemos em um livro de ilustrações e as páginas virassem com o vento.

Quando viro a cabeça para trás para olhar melhor o túnel escuro, minha respiração para: pichações se estendem pelo que parecem ser quilômetros — palavras como *amor, morte, anarquia, paz* e imagens de corações partidos, estrelas e rostos pintados em cores fluorescentes.

É uma réplica do bueiro em que Jeb e eu quase nos afogamos há mais de um mês, no lugar ao qual costumávamos ir quando crianças. Até o som parece o mesmo, com água pingando por todo lado. Mas há uma diferença enorme: as imagens dessas paredes se movem.

Os corações partidos costuram a si mesmos, batem várias vezes e depois quebram e sangram. As estrelas correm de uma ponta à outra, deixando no rastro centelhas que pegam fogo e se desintegram com o aroma de folhas chamuscadas. E os rostos olham para nós, como se estivessem zangados. Eu reprimo um gemido.

— Está vendo isso? — pergunto a papai.

— Não é possível.

— Qualquer coisa é possível aqui — eu corrijo, e me detenho, estudando as imagens ultravioleta. Minhas pernas tremem, mas dou um passo à frente. — Percebe o que isso significa?

Papai não responde.

É claro que ele não percebe. Não consegue ver meu passado.

— Essas imagens são das memórias de Jeb — eu explico. — Nossas memórias. — A ideia de que estou prestes a vê-lo faz cada músculo do meu corpo saltar. Saio correndo para a outra ponta do túnel.

— Allie, precisamos ter cuidado. — Papai me alcança e segura meu ombro.

Eu me liberto.

— Nós temos que encontrá-lo! — A cada passo, porém, o túnel encolhe e nós também. Ou é isso, ou é uma ilusão, porque não me sinto encolhendo. E já encolhi vezes suficientes para ter memorizado a sensação.

Não. Não estamos ficando menores. As imagens estão crescendo, se alongando. Elas se erguem de seus lugares nas paredes e roçam nossa pele enquanto passamos. As estrelas chamuscam minhas mangas; os corações jorram sangue. Os rostos me mordiscam — com dentes frios e afiados feito alfinetes.

Sinto arrepios à medida que apressamos o passo.

Um desenho monta guarda no fim do túnel — uma fada de néon laranja cujas asas se abrem em tons de rosa, azul e branco.

Sou eu. A figura que Jeb pintou na parede do túnel em nosso mundo. Mas esta não faz parte da parede. Ela está nos encarando, uma barricada nefasta...

— Fique atrás de mim. — Papai saca a adaga, movendo-a de um lado para o outro enquanto a encara. Cores vivas se refletem na lâmina reluzente e o ferro trespassa suas linhas. Papai consegue passar sem problemas. — Vamos, borboleta. É só uma ilusão. — Ele estende a mão.

Eu estendo a mão para ele, mas algo vindo das sombras lá atrás puxa seu ombro. A adaga cai de sua mão e atinge o chão, fazendo ruído.

— Corra, Allie! — ele berra enquanto é arrastado para fora de vista.

O terror gela minha espinha.

— Pai!

Minha dublê fluorescente volta ao lugar, bloqueando o caminho.

— Você deveria estar em pedaços, como os outros — ela sussurra. Seu hálito cheira a tristeza, sonhos perdidos e esperanças abandonadas, como suvenires mofados e cobertos de poeira em algum sótão vazio.

Cerro os dentes, lutando contra a repulsa e o medo. Papai passou através dela. Isso prova que ela não é real.

Jogo o corpo para a frente.

Meu corpo encontra uma barreira espinhenta, cada linha do desenho parecendo me espetar feito um arame farpado. Eu grito e minha atacante faz eco. Eu me liberto de suas farpas e despenco no chão. Meus ossos chacoalham mesmo com as asas amortecendo o impacto.

O desenho parte na minha direção, com o corpo e o rosto se deformando quando ela chega mais perto. A boca se alarga numa caverna e ela guincha:

— Rasgue-a!

Seus dedos espinhosos arranham meu pescoço. Eu protejo o rosto, tentando usar magia para recrutar os outros desenhos nas paredes para ajudar. Ou estou muito aterrorizada ou eles estão sob o feitiço de outra pessoa, porque se recusam a obedecer.

Eu rolo e arrebato a adaga que papai deixou cair na passagem ao lado. No mesmo movimento, passo a lâmina pelas linhas fluorescentes do desenho, mas

não surte efeito. Ela ataca novamente, junto com outras pichações que agora saíram das paredes. Elas me rodeiam: obras de arte brilhantes e cheias de farpas.

Jogo a adaga para longe e levo as mãos para o alto da cabeça, como fazíamos na escola durante o exercício de evacuação para tornados. O diário no meu pescoço treme e balança. Arrisco olhar para a sensação de calor no meu peito. Uma luz irradia de debaixo de minha túnica, como se as palavras nas páginas fossem infravermelhas.

Os desenhos estremecem e recuam, todos choramingando, até o desenho da fada. Eles se reintegram às paredes e ficam no lugar, deixando o túnel vizinho desprotegido.

Recupero a adaga de papai e saio correndo atrás dele, usando o brilho vermelho do diário para me guiar. É a primeira vez que vejo o caderninho reagir dessa forma, como se a magia dentro dele estivesse queimando de vontade de sair. Não sei ao certo o que causou aquilo, mas fico grata. Salvou minha vida.

Absorvendo minhas asas pesadas e molhadas na pele, sigo manobrando pelos corredores estreitos. O som de água pingando cessa. Minhas botas plásticas produzem um ruído de esguicho no chão de pedra. Cada nervo do meu corpo estremece quando penso no que os desenhos planejavam fazer comigo e no que pode estar acontecendo com meu pai.

Você deveria estar em pedaços como os outros... Rasgue-a!

O que a fada do desenho queria dizer com *os outros*? Eu me retorço sob as roupas molhadas.

O teto vai caindo gradualmente, como se eu estivesse crescendo outra vez. A sensação é estonteante, mas também me dá certa segurança. Quanto maior fico, mais forte me sinto.

Vozes masculinas ecoam pelo corredor e me atraem para uma passagem à direita, onde tênues fachos de luz saem de trás de uma porta de aparência pesada que está entreaberta. De fininho, vou até ela na esperança de que uma das vozes pertença a papai.

— Você nem imagina o que fez, em seu desespero, para me manter sob seu domínio. — É Morfeu. — Não tem ideia do que me fez deixar para trás.

— Não foi desespero — Jeb responde.

Um alívio total e completo me toma ao ouvir sua voz. Aproximo-me da porta.

— As fadas me disseram que Manti estava atrás de você — Jeb continua a dizer do outro lado. — Que ele tinha mandado pássaros trogloditas no seu encalço. E é assim que você me agradece por salvar você pela milésima vez desde que estamos aqui.

— *Eu* uma ova — diz Morfeu. — *Você* é que está numa maldita batalha pelo poder, como sempre. Mas passou dos limites. E, quando eu contar o que você fez, nunca vai se perdoar.

Jeb bufa.

— Ã-hã. Venha aqui para eu consertar sua orelha. Tenho que terminar uma pintura.

O tom doméstico da interação deles é tão fascinante que me faz parar. Pergunto-me há quanto tempo eles estão escondidos aqui juntos. Por todo o tempo em que estão presos neste reino? Espio lá dentro.

Prendo a respiração quando vejo as costas de Jeb. Ele está sem camisa, usando uma calça jeans desbotada e rasgada em uma sala iluminada com um pôr do sol laranja-rosado. A luz entra por um teto de vidro. É como uma estufa — uma cópia exata do estúdio do reino humano em que ele ficou preso um mês atrás. Novamente, o mesmo padrão: tudo aqui nasceu e foi construído com base nas memórias de Jeb.

A tinta brilha em pontos úmidos ao longo de seus braços torneados. Fico imóvel, desejando poder ver seu rosto, mas ele não vira o corpo. O cabelo está mais comprido agora, com as ondas escuras e descuidadas quase tocando os ombros.

Morfeu me enganou. Jeb *não* mudou. Ele tem até as mesmas paixões.

Há cavaletes por toda parte. Alguns intocados, outros cheios de paisagens, alguns deles retratando as terras mutantes pelas quais passamos no mundo do espelho. Eu franzo a testa, tentando encontrar um sentido naquilo tudo.

Morfeu está sentado em uma mesa diante de Jeb, com as asas negras pensas para a frente e arrastando no chão. Suas luvas estão no colo, e ele brinca com um dos buracos da perna da calça.

Sua pequenina fada de companhia, Nikki, paira no ar entre os dois, como se

não soubesse onde se aninhar.

Jeb ergue um pincel até a orelha de Morfeu, acidentalmente pisando na ponta de uma asa.

Morfeu se contrai e dá um tapa na mão de Jeb.

— Ai! Onde estão seus modos tranquilizadores, pseudoelfo?

Nikki paira na frente do nariz de Jeb, balançando um dedo. Depois de gentilmente tirar a fada da frente, ele se inclina sobre Morfeu e ergue novamente o pincel.

— Se você colocasse essas coisas em cima da mesa, não teríamos problemas. Agora, fique quieto e pare de agir feito uma menininha.

Um pulsar de luz violeta passa das cerdas úmidas para a orelha de Morfeu. Num passe de mágica, a ferida se fecha. Tenho de colocar a mão na boca para abafar um gemido de surpresa.

Ainda de costas, Jeb se endireita para apreciar seu trabalho.

Morfeu sorri com ironia — um torcer mordaz e ensaiado dos lábios.

— Então, eu o lembrei de alguma *menina* em particular?

Nikki flutua entre eles com as mãos entrelaçadas e a cabeça inclinada, numa pose dramática. Ela dá piscadelas rápidas e fortes.

— Tem razão, Nikki. — Depois de passar a ponta do dedo na tinta sobre o peito de Jeb, Morfeu esfrega o resto de tinta entre o indicador e o polegar. — Ele deve estar pensando na namorada. Mas ouso dizer que, se eu fosse Alyssa, os modos dele melhorariam tremendamente.

Jeb joga o pincel no chão e agarra Morfeu pela lapela esburacada, com cada músculo do corpo se retesando. Nikki paira sobre eles, a voz tilintante repreendendo-os.

— Ela é minha *ex*-namorada — Jeb diz. — E não quero ouvir o nome dela. Não quero que ela atormente meu subconsciente. — Ele afasta Morfeu. — Você se lembra do que aconteceu quando o rosto dela apareceu em minhas pinturas. Temos que esquecê-la. Assim como ela nos esqueceu.

Ex-namorada. Todo o entusiasmo dentro de mim se esvai. Ele nunca pareceu tão desanimado, nem mesmo depois que brigava com seu pai. E tudo porque

pensa que eu o abandonei.

Morfeu limpa a tinta do polegar e do indicador em um trapo jogado ao seu lado na mesa. O olhar que ele lança para Jeb é de malvado deleite.

— Uma pena que você tenha tão pouca fé naquela que um dia alegou amar. — Ele enfia os dedos no bolso do casaco e tira Chessie. O intraterreno peludo tremula as asas e se ergue no ar. Ele sorri para Jeb, sinceramente feliz por vê-lo.

Jeb dá dois passos para trás.

— Onde... como ele veio parar aqui?

Morfeu encolhe os ombros.

— Você deveria perguntar *quem o trouxe* para cá. A resposta seria muito mais interessante.

Jeb balança a cabeça enquanto a fada pega as patas de Chessie nas mãos e eles começam a dançar em pleno ar.

— A Al nunca viria...

— Viria, sim — Morfeu provoca. — Ela veio. E logo encontrará um modo de entrar em nosso refúgio. A não ser que esta última vez que você mandou me prender tenha feito com que ela fosse capturada. Nesse caso, ela está em perigo, e a culpa é sua.

— Não — Jeb insiste. — Ela não se importa o suficiente para vir.

Quero entrar correndo e provar que ele está errado. Ele perdeu toda a fé em mim. E esse fato é mais excruciante e inacreditável do que qualquer coisa que enfrentei desde que caí pela primeira vez na toca do coelho.

Meus membros ficam inertes e a adaga de papai quase escorrega de minhas mãos suadas.

Papai! Como pude me esquecer dele?

Ouço uma confusão vinda da escuridão do fundo do corredor. Prendendo a respiração, ando na ponta dos pés pela passagem sinuosa. Ainda não cheguei longe quando alguma coisa gruda em meu braço vinda de trás. Uma mão me tapa a boca e outra me joga contra a parede com força suficiente para minhas costas rasparem na parede de pedra.

O corpo de meu captor é masculino. Ele agarra meus pulsos com a mão livre e

os prende sobre meu abdômen. Meus dedos envolvem a adaga de papai, apontada para o chão.

Tento gritar, mas a mão livre do atacante sela meus lábios com força. Ele é mais alto do que eu e inclina a cabeça feito um filhote curioso, tentando ver quem sou. Há algo muito familiar em sua altura e físico. Quando meus olhos se adaptam à escuridão, eu quase desmorono.

É Jeb, desde o piercing labret até o corpo que conheço tão bem... só agora consigo ver seu rosto.

Do lado direito, pontos com joias vermelhas cintilam em uma linha curva que vai da têmpora até a maçã do rosto, da mesma cor que o piercing vermelho. Um olhar mais detalhado nas orelhas revela que elas são pontudas. Ele lembra um cavaleiro élfico da corte da Marfim, exceto pelo queixo com barba por fazer. Até mesmo os olhos, vagos e distantes, são desprovidos de emoção.

Um grito luta para se libertar quando percebo mais detalhes macabros. A pele sob seu olho esquerdo ostenta uma fenda. Onde deveria haver tecido e ossos aparecendo, não há nada além do vazio.

Minha língua fica seca, asfixiada sob sua mão.

— *Ele não é o mesmo rapaz que você conheceu* — Morfeu alertou. Era a isso que ele se referia. Jeb está sofrendo mutações. Por minha causa.

Engasgo-me com um soluço.

O movimento chama minha atenção para o vazio onde lhe falta pele. Um globo ocular pula para a superfície, cheio de veias e invertido. Eu arfo, tentando empurrá-lo. Ele é forte demais e me mantém grudada na parede por minhas próprias mãos.

Ele inclina o rosto para mais perto. Um conjunto de dedos se desenrola de dentro da pele aberta acima da maçã do rosto — uma mão tentando se esticar e tocar-me. Os dedos são brilhantes, de um vermelho profundo como sangue. O globo ocular desconectado rola para olhar a ponta dos dedos enquanto os outros dois olhos de Jeb continuam a me estudar.

Tento respirar sob a mão implacável que cobre minha boca. O calor escalda meu peito — elétrico como um raio — e o diário sob a túnica brilha mais uma vez. Ele acorda meu sentido de autopreservação. Mostro os dentes e mordo seus dedos com força suficiente para cortar a pele.

Com um grito selvagem, Jeb me solta. Eu cuspo seu sangue, vagamente consciente de que tem gosto de tinta.

Busco desesperadamente a adaga escorregadia em meus dedos suados e a pego no último segundo, acidentalmente cortando sua calça jeans e a coxa. Ele uiva — um som animal e angustiante — quando a pele da perna se abre em um corte de quase um palmo.

— Me perdoe! — eu grito. — Eu sinto muito, por tudo!

Olhos desconectados e mãos sem corpo saem da abertura, subindo por galhos vermelhos e escorregadios com bocas que estalam feito plantas carnívoras.

Largo a adaga. Com as costas pressionadas contra a parede, escorrego para o chão. Meus gritos se unem aos uivos agonizantes. Os galhos viscosos rastejam à minha volta e eu os chuto, afastando-os. A bile chega à minha garganta quando vários deles envolvem meu tornozelo.

A porta no final do corredor se abre. Morfeu sai correndo, com Nikki e Chessie logo atrás.

Lágrimas salgadas rolam pelo meu rosto, cobrindo meus lábios enquanto murmuro desculpas sem sentido para tantas coisas. Tantas coisas irreversíveis.

Morfeu arranca os galhos e me levanta, aninhando-me em seu peito.

— Tire esse animal horrendo daqui! — ele grita por sobre o ombro. Com o olhar embaçado, procuro ver a quem ele se dirige.

É o Jeb. O *meu Jeb*. Com quem Morfeu estava falando minutos antes. E a única coisa de errado com seu rosto são alguns respingos de tinta.

O outro Jeb, o que me atacou, está todo enrolado no chão, uivando — um dublê do rapaz humano que eu conheço e em quem confio.

— Por que ele está andando por aí sozinho? — Morfeu continua a repreender. — Eu disse a você... que nunca deveria ter dado certas liberdades a ele.

O olhar de Jeb se volta para mim, os olhos verdes muito distantes do encarar sem emoção do cavaleiro élfico. Eles estão cheios de surpresa, amargura e agonia.

Sinto-me arrepiar dos pés à cabeça. Preciso dizer a ele que vim para salvá-lo. Que ainda o amo. Que sinto muito por tudo. Mas minhas cordas vocais endurecem, como se eu estivesse congelada.

Minha cabeça também parece congelada. Pesada e entorpecida. Nem sei mais se estou acordada ou não. Talvez tudo isso seja um pesadelo. Envolvo a nuca de Morfeu com as mãos, enterrando o rosto em seu casaco. Nikki e Chessie se enfiam no meu cabelo. Eu inalo o perfume de Morfeu. É a única coisa que reconheço, a única coisa que é segura.

Ele me leva de volta à sala cheia de luz e me acomoda com cuidado sobre a mesa. Não consigo parar de tremer. A garganta dói de tanto segurar soluços.

— Acalme-se, Alyssa. — Morfeu cobre meus ombros com um tecido usado para cobrir as pinturas.

Chessie sai do meu ombro e pula no meu colo, os olhos arregalados indagando se estou bem. Nikki voa, agitada, de um lado para o outro do meu rosto, dando tapinhas em minha têmpora com as mãozinhas de joaninha — maternal e carinhosa.

Meu sangue dispara, quente e frio.

— Você está pálida — Morfeu diz, envolvendo o tecido com mais cuidado em torno de meus ombros. — Vai precisar de um balde?

Eu balanço a cabeça em negativa, resistindo ao embrulho que tenho no estômago.

— Ca... cadê o Jeb? O que era aquela coisa...? — Um ataque de tosse estremece todo o meu corpo.

— Shhh. — Morfeu coloca as mãos nos meus quadris sobre a mesa. Suas asas nos envolvem. — Jebediah está afastando a coisa. Ele vai voltar logo. Respire fundo e concentre-se em mim. Você está segura.

Eu respiro, mas me engasgo com o ar.

— Olhe para mim — Morfeu insiste. Concentro-me no rosto dele, na cor das sombras claras por baixo do eclipse de suas asas, e ele começa a cantar. Não dentro da minha mente, pois a cúpula de ferro o impede, mas em voz alta... uma canção de ninar simples, doce, entoada por sua linda voz.

— Florzinha, cheia de temor, tire do peito essa dor. Cantarei este acalanto, para assim secar seu pranto.

Ele costumava cantar esses mesmos versos quando virou criança para me levar ao País das Maravilhas em meus sonhos. Eu puxava uma de suas asas

acetinadas sobre mim como um cobertor, e o aroma de alcaçuz e mel combinava com a linda canção de ninar, me aquietando, me relaxando. Enquanto ele canta, suas joias piscam num azul sereno como a superfície de um oceano.

Inspirando profundamente mais algumas vezes, consigo superar o acesso de tosse.

— Obrigada — digo.

Morfeu aperta meus ombros sobre o tecido pesado.

— A criatura lá fora não ia machucá-la. Ela estava simplesmente intrigada. Já viu seu rosto antes. Todas as criações daqui já viram.

Lembrando-me dos desenhos de arame farpado, eu balanço a cabeça.

— Não. As pichações agiram como se eu estivesse infectada com uma doença contagiosa. Elas tentaram me matar.

Ele ergue uma sobrancelha e passa a ponta de um dedo em meu pescoço.

— Foi assim que você ganhou esses arranhões?

Eu faço que sim.

Ele estuda os rasgos em minhas mangas e as queimaduras das estrelas cadentes.

— Que curioso.

— São monstros. — Envolvo-me no tecido com mais força.

— Nem todos são — Morfeu corrige. — A pequena Nikki teve o mesmo criador e ela é bem agradável. — Como se quisesse provar o que ele disse, Nikki pousa ao lado de sua mão sobre meu ombro e afaga meu cabelo.

O mesmo criador. O sangue na barra da minha túnica deixado pelos corações partidos... as manchas parecem tinta. Assim como o sósia de Jeb tinha *gosto* de tinta.

Uma triste percepção aperta minha traqueia. A fada fluorescente e as pichações, o elfo desfigurado parecido com Jeb e as paisagens nos cavaletes — tudo isso me faz recordar a primeira vez que descobri meus poderes... o momento em que eu, inadvertidamente, fiz um mosaico ganhar vida. Eu o animei na parede da minha casa — grilos mortos e frutas vermelhas dançando e pingando dentro de sua moldura de gesso.

— Ah, não — digo com a voz quase irreal. — Não é que a Nikki seja imune às consequências de usar sua magia aqui. Ela é *feita* de magia. O Jeb a pintou. Ele pintou seu sósia também. Suas obras estão ganhando vida. — A explicação parece ficção, embora minhas entranhas sintam que é verdade.

Uma centelha de orgulho é refletida no fundo dos olhos negros de Morfeu.

— Esplêndida dedução. Sim, Jebediah adquiriu dons intraterrenos. Mas não é somente isso.

Como se satisfeito por ver que estou bem, Chessie pula de minha coxa, saindo de debaixo da tenda formada pelas asas de Morfeu. Nikki o segue.

Quando os dois se foram, volto-me para Morfeu.

— O que você quer dizer com isso?

— Hum. — Seus dedos dirigem-se novamente para o meu pescoço, mas desta vez ele encontra o cordão ali pendurado e retira o diário e a chave antes que eu possa detê-lo. — Primeiro, conte-me sobre este pequenino tesouro. — Um brilho vermelho ilumina seu rosto. Ele tenta abrir o caderno, mas a magia é muito poderosa e a chave, muito grande.

Arranco o cordão dele, enfiando-o debaixo da túnica novamente.

Morfeu me analisa.

— O que está escondendo nessas pequenas páginas, Alyssa? E por quê?

Olho bem dentro dos olhos dele.

— Finalmente, eu tenho um segredo só meu. Não é tão divertido ficar do outro lado, hein?

O lento arder da curiosidade aquece sua expressão. Ele se aproxima e sussurra:

— Pelo contrário, minha Rainha. Não consigo imaginar nada mais delicioso do que despi-la de suas defesas, camada por camada, e desnudar seu precioso... segredo.

Um calor me sobe ao peito e corre para meu pescoço e minhas bochechas. É para lá de inquietante a rapidez com que ele pode passar de confortador a atormentador.

Ele observa minha pele ruborizar-se, obviamente adorando a provocação.

— Na verdade, estou disposto a apostar que desmascaro seu segredo antes de você desmascarar o meu. É como eu sempre disse: a lógica intraterrena reside entre o bom senso e a falta dele. Quando você der as costas a tudo o que pensava ser real, encontrará a iluminação. — Ele solta as asas.

O calor do pôr do sol atravessa o teto de vidro.

— Suponho que vamos constatar quanto você aprendeu a confiar em seu lado do País das Maravilhas. — Ele separa a mecha vermelha de cabelo da minha trança e a segura contra a luz, em seguida enfiando-a atrás de minha orelha. — A intuição intraterrena pode decifrar a ilógica de tudo o que você encontrar enquanto estiver aqui, o que a ajudará em sua grandiosa busca.

Tenho a impressão de que essa "grandiosa busca" a que ele se refere é mais do que só a minha tentativa e a de papai de recuperarmos a mamãe.

Papai... me esqueci dele novamente!

— Meu pai!

— É bom saber que você se preocupa — Jeb diz da porta, e eu me pergunto há quanto tempo ele estava ali. — Fique fria. Estive com ele agora há pouco, e ele está bem.

Uma camisa preta de seda e mangas compridas cobre os ombros largos e os braços de Jeb, desabotoada e esvoaçante. Seus olhos brilham com uma luz desorientada que confirma que há algo de outro mundo correndo dentro dele. Embora aliviada por ele não ter se transformado fisicamente, fico aterrorizada ao pensar no que está acontecendo em seu interior.

Seu labret cintila em vermelho sob a luz que se esvai, lembrando-me de como os cavaleiros élficos espetam a própria pele para marcar o rosto com joias feitas de sangue cristalizado. Com o cabelo longo e ondulado, Jeb realmente lembra os que eu conheci no País das Maravilhas. A expressão petrificada — sem demonstrar emoção — só amplifica a ilusão.

— Poderia me levar até ele? — peço, sentindo-me como se falasse com um estranho.

— Primeiro, me responda a uma pergunta — Jeb diz. — Se você se importa tanto com ele, por que o colocou no meio de tudo isso?

O tom acusatório de Jeb magoa. Eu não o vejo há semanas e acabo de ser

atacada por suas criaturas, mas, em vez de me confortar ou de me dar as boas-vindas, ele me joga na fogueira.

— Meu pai faz parte deste conto de fadas distorcido tanto quanto o resto de nós.

Jeb e Morfeu se entreolham.

— Certo. O meleca de inseto me contou sobre o passado do Thomas. Mas por que você o faria reviver todo esse sofrimento? É melhor que ele não se recorde.

— Eu... eu tive que fazê-lo recuperar as memórias — respondo, gaguejando, abalada pela ideia de Jeb e Morfeu terem trocado confidências. — Acha que seria melhor se *você* não tivesse as suas?

Jeb olha para o chão, com uma ruga de reflexão na testa.

— Acho que seria melhor não ter nem criado essas memórias, para começo de conversa.

Eu luto para não chorar. Com uma confissão tão lancinante, eu choraria sangue.

— Eu precisava da ajuda do meu pai para encontrar o caminho para o mundo do espelho. Ele queria que você e mamãe voltassem. Já era hora de ele saber a verdade.

— A verdade. — Jeb esfrega as manchas vermelhas na palma das mãos. — Me surpreende que você ainda saiba o que é isso.

Começo a choramingar antes mesmo de perceber.

— Não é o que você acha que é — Jeb diz sem levantar os olhos. Ele exibe as mãos, como se fossem elas que me fizeram reagir. — É tinta, não sangue.

Balanço a cabeça.

— Não me importa o que você tem nas mãos. Por favor, olhe para mim. Eu senti sua falta. Fiquei muito preocupada com você.

— É mesmo? De qual de nós você está falando? — A atenção dele se volta para Morfeu, que sorri de lado com ar de conspiração.

Ainda mais inquietante do que ver esses homens do mesmo lado é vê-los unidos contra mim. Aquela dor aguda me rasga o interior do coração novamente, como se a Vermelha estivesse aqui, antagonizando, chafurdando no meu

infortúnio.

Fecho os olhos com força, expulsando as lágrimas que querem sair. *Aguente, Alyssa. Você é uma rainha. Aja como uma*. Enrijeço os ombros e abro os olhos.

— Eu encontro meu pai sozinha. — Livro-me do tecido que me cobre e começo a descer da mesa.

Morfeu coloca a palma da mão na minha clavícula.

— Você não está pronta para correr nenhuma maratona, amor. Ainda está abalada.

— Eu tenho que encontrá-lo.

— Ele já foi encontrado, eu disse — Jeb responde, com a atenção voltada para a mão sobre meu pescoço. Ele estreita os olhos e, com um estalar de dedos, a sombra de Morfeu se ergue do chão e o afasta de mim.

Grunhindo, Morfeu empurra a silhueta escura para o lado e olha para Jeb.

— Amador. Truques de salão.

Jeb responde com um sorriso malvado:

— Um aluno só é tão bom quanto seu professor.

Olho fixamente para os dois, pasma.

Jeb vira-se para mim.

— Seu pai só precisa dormir. Ele está cansado.

A sombra rastejante de Morfeu cheira meu cabelo emaranhado, como um cão. Eu a afasto, e Morfeu a força a ficar atrás dele.

— Quero ver com meus próprios olhos — eu digo a Jeb.

Ele estreita os olhos.

— Por quê? Não confia em mim? Acha mesmo que eu machucaria o Thomas? Ele é o único pai de verdade que eu tive na vida. O único da sua família que não me apunhalou pelas costas.

Recuso-me a deixar que ele perceba quanto está me magoando.

— Não é em você que eu não confio. É naquela... coisa que você pintou.

Ele caminha até o outro lado da sala com a cabeça abaixada.

— Você contou a ela.

Seu olhar de acusação é dirigido a Morfeu, mas quem responde sou eu.

— Meu pai foi capturado e arrastado para longe de mim. Tenho certeza de que isso foi feito pela mesma coisa que me atacou no corredor. A coisa mostrou a você para onde o levou? Ela tinha que mostrar, não é? Você é o criador.

Os cílios de Jeb se levantam em minha direção, e naquele momento consigo ver meu melhor amigo novamente. Marcas escuras de cansaço sob seus olhos revelam a vulnerabilidade do que ele está tentando esconder. Ele é humano e desprotegido. Só preciso descer, andar até ele e diminuir o espaço entre nós. Mas ele logo desvia o olhar, e sou golpeada pela realidade, percebendo que o número de passos entre mim e ele não é nada comparado às paredes que terei de escalar para alcançar seu coração.

— Como é que ela sabe de tudo isso? — Jeb pergunta a Morfeu. — O que andou dizendo para ela?

Morfeu faz uma careta.

— Guarde sua pequena invenção e então nós conversaremos.

Jeb faz um sinal com a cabeça e a sombra afunda novamente no chão, deixando somente uma forma escura aos pés de Morfeu.

Morfeu apoia o quadril na beira da mesa e, com uma ponta do tecido que me cobria, envolve Chessie e Nikki, que dormem a sono solto.

— Como sempre, você subestimou a engenhosidade de Alyssa. Ela descobriu tudo sozinha depois de ser atacada por seu exército de pichações na entrada do túnel.

Jeb olha para mim.

— Eles atacaram você? — Por um instante, eu poderia jurar que há preocupação em seus olhos. Em seguida, ela se foi. — Não costumam ser violentos com seres vivos.

Morfeu franze os lábios.

— Bem, como a maioria de suas criações não é capaz de sair desta montanha, e como nunca tivemos visitantes vivos por aqui, não chegamos a testar essa teoria. Ademais, ela não é uma visitante qualquer. Alyssa é o objeto de sua raiva.

— Isso não é verdade — Jeb murmura, desviando o olhar.

Morfeu suspira.

— Por mais que tente negar, é óbvio que suas criações acabaram perpetuando a raiva que sente dela. Alimentando-se com esses sentimentos negativos.

— Jeb? — eu pergunto num sussurro.

Ele não responde.

— Talvez tenha chegado o momento de você passar uma borracha em tudo e começar novamente. — Morfeu fala suavemente, de modo atencioso e com bom senso, embora seja óbvio que ele esteja procurando encorajar Jeb.

Jeb o encara.

— Acho que chegou o momento de *você* parar de falar.

— Por quê? Alyssa vai descobrir tudo em breve.

Começo a me sentir enjoada novamente.

— Quero que *vocês dois* parem de falar sobre mim como se eu não estivesse aqui. O que aconteceu com você, Jeb? Foi quando você passou pelo portal? Sofreu alguma mutação?

Morfeu ri.

— "Mutação." A palavra que você está procurando é "evolução", amor. Ele abandonou seu estado mortal de macaco e vestiu o manto da imortalidade intraterrena. É um degrau acima, não abaixo.

Ao lado de um de seus cavaletes, Jeb solta um grunhido.

— Cale a boca, Morfeu. Eu é que vou decidir quanto ela precisa saber e quando devo contar.

— Bem, esperamos que você decida antes que ela vire picadinho, está bem?

Engulo em seco.

Jeb cobre uma pintura com um pedaço de tecido e segue adiante para cobrir outra.

— Seu pai está preocupado com você. — Ele fala comigo sem olhar na minha direção. — Vou levar você até ele... para descansarem juntos.

É com Jeb que eu preciso ficar a sós, mesmo que seja somente o tempo que levamos para percorrer o corredor.

— Obrigada.

Morfeu acomoda a fada e Chessie num canto e atravessa a sala. Ele para à porta, com as asas e as costas voltadas para nós.

— Durma tranquila, Alyssa. Quando acordar, eu a ajudarei a criar uma estratégia para seus planos de batalha. Tenha em mente que eu não esqueci a promessa que me fez. Nem pretendo deixá-la esquecer.

Fico olhando para o corredor vazio depois que saímos. Ajudar a criar estratégias para meus planos de batalha? *Ele sabe que estou indo atrás da Vermelha*. Sua fascinação pelo diário... de alguma maneira, descobriu que planejo usar o que está dentro daquelas páginas para destruí-la. A guerra nem está vencida e ele já está recolhendo os despojos.

— Então, você vai me dizer que tipo de acordo fez com o Baratão? — Jeb me observa enquanto abotoa a camisa preta, cobrindo as cicatrizes circulares antes que eu consiga contá-las. Fico tentada a usar minha magia para impedir seu avanço, para expor sua pele à luz do fim da tarde que nos envolve. Meus dedos anseiam buscar suas partes defeituosas... os lugares feridos e autênticos que provam que ele é real; que é o rapaz em quem eu confio desde o verão da quinta série. Que o humano que eu amo ainda está em algum lugar lá dentro.

Depois de meu encontro com seu sósia e das acusações de Morfeu sobre sua raiva reprimida, preciso ter cautela.

— Al.

Meu nome dito por ele faz com que eu o encare. O que não daria para ouvi-lo me chamar de “menina do skate”.

— Do que Morfeu estava falando? — ele pergunta, pressionando.

— Eu prometi uma coisa a ele — respondo com calma. Não quero admitir o que ele já sabe. Que há muito mais acontecendo entre mim e Morfeu do que eu jamais demonstrei.

— Uma promessa, é? Que romântico. — Suas palavras cortam como facas. Ele se tornou mestre em manejar mais do que um pincel desde que está aqui. — Então, foi por isso que você veio parar aqui no nosso pequeno paraíso? Para

cumprir a *promessa* que fez a Morfeu.

Eu me retraio.

— Não. Eu vim para cá resgatar vocês dois. Você tem todo o direito de não acreditar em mim... de estar bravo comigo. Eu sei que deve ter sido um inferno. Este lugar... acabou com você.

— Eu já estava acabado antes disso. — Sua expressão atormentada confirma a alegação *(graças a você e ao caruncho de inseto)*melhor do que sua voz poderia fazê-lo. — Mas eu retomei minha vida. Aqui, quem tem poderes sou eu. Tenho a habilidade de fazer o mundo como ele deveria ser. Como *sempre* deveria ter sido.

Ele ergue a mão direita e enrola a manga da camisa de modo que a tatuagem na parte interna do pulso fique aparecendo. As palavras em latim *Vivat Musa* não estão mais em preto. Elas brilham com a mesma magia violeta que seu pincel tinha antes, dando novo significado à tradução: *Vida longa à musa*.

— Agora eu compreendo — ele murmura — por que o poder seduziu você. Com um gesto de mão eu posso criar, matar, mutilar e curar. — Há uma qualidade onírica em seus movimentos e palavras, como se ele estivesse em transe. Piscando, solta o braço ao longo do corpo. — Ninguém pode me fazer de vítima novamente, nem a ninguém de que gosto. Este lugar não é o inferno. É o paraíso. E eu... sou um deus.

A nefasta declaração paira no ar entre nós. Meu peito se contrai, como se alguém tivesse me dado um soco.

O olhar tremeluzente de Jeb percorre meu rosto, e em seguida ele sai pela porta.

A lua aparece através do teto de vidro, conferindo uma aura prateada a tudo o que nos cerca. Algo se mexe debaixo dos tecidos cobrindo os quadros. São as pinturas começando a se mover. Elas dão socos na pesada coberta, como se tentassem se libertar.

Mordendo a língua para não gritar, eu pulo da mesa e vou atrás do homem responsável por esses monstros... o homem que está perigosamente perto de se tornar um monstro também.



10

O Paraíso do Pesadelo

— Jeb, vá mais devagar, por favor.

Alguns metros à minha frente, ele ignora meu pedido ao nos encaminharmos para o quarto de papai. Minhas pernas se arrastam como se houvesse blocos de cimento em volta de minhas botas, e isso se deve apenas parcialmente ao fato de eu estar cansada. E mais, estou perturbada. Esse corredor sinuoso e inclinado parece muito a casa de Jeb e a minha, cada canto enfeitado com pinturas familiares e mosaicos de nossas próprias coleções. Saliências mórbidas saem das paredes, como mãos desencarnadas.

Prendo a respiração ao passar, esperando que nada me agarre. Não consigo parar de me lembrar dos ramos vermelhos estalando, dos dedos e olhos que saltavam da cópia monstruosa de Jeb.

— Jeb, aquela criatura no corredor...

— Bom, para que fique claro, não é uma *criatura*. O nome dele é CC.

— CC?

— Cópia Carbono. E ele não tem uma tatuagem no braço. No caso de você precisar nos distinguir. Sabe, caso as orelhas pontiagudas e os cortes debaixo dos olhos não sejam suficientes.

É tão raro Jeb ser irônico que nem sei como responder.

— Aquelas coisas dentro dele. O que era aquilo?

— Ora, vamos. — Ele faz a curva e apresso-me para alcançá-lo. — Você é uma artista. De que são feitas as suas obras?

A exaustão está a ponto de me vencer. Luto contra o ímpeto de tropeçar em alguma protuberância no chão, determinada a manter-me junto dele a qualquer preço.

— Pedaços e partes de nós?

Jeb olha-me por cima do ombro. Por um instante, sua expressão muda, como se estivesse satisfeito com a resposta. Então, a fachada isenta de emoções retorna e ele desvia o olhar.

— Pedaços e partes de tudo o que já imaginamos ou experimentamos, bom ou ruim. Então, se fosse para uma pintura se tornar realidade... em vez de intestinos, órgãos, sangue... qual seria sua essência?

— Nossos sonhos e pesadelos.

— Acertou — ele responde.

Abaixo-me e vejo mais uma porta passar. É isso o que aguarda dentro dessas salas? Pesadelos?

Um misto de ressentimento e angústia compõe o passado de Jeb. E ele escolheu remexer justo *naquela* paleta para construir seu mundo ideal. Onde estão as lembranças felizes? As esperanças? O amor?

Após o que calculo serem dez minutos, paramos diante de uma porta feita de diamantes. Imediatamente, lembro-me da árvore das praias de areia negra do País das Maravilhas. As pedras reluzem mesmo com pouca luz.

Jeb detém-se com a mão sobre a maçaneta de rubi.

— Eu não sabia que você estava lá fora hoje. Nunca teria deixado você e seu pai sozinhos... indefesos.

Não sei se acredito nele. Quero acreditar, mas como, depois que fui atacada por suas criaturas?

Não. Jeb merece o benefício da dúvida. Esse é o primeiro lampejo real do garoto com quem cresci, e vou lutar por ele.

— Nada nos faria desistir de encontrar você. Sentimos sua falta. Amamos

você. — Coloco a mão sobre a dele na maçaneta. — *Eu* amo você.

Ele fica tenso. Meu tronco encosta nele e seu corpo se volta para mim involuntariamente, as costelas expandindo-se a cada respiração.

— Você se lembra do que disse da última vez que estivemos juntos? — eu sussurro, a boca perto de seu ombro, sofrendo com a proximidade e o calor que ele irradia. Quero ficar na ponta dos pés e encostar os lábios na nuca dele, perto dos cabelos, quero senti-lo estremecer ao meu toque, como ele costumava fazer. — Você disse que não desiste sem lutar. Foi uma promessa. — Entrelaço meus dedos nos dele, sobre a maçaneta.

Sua mão se enrijece.

— Nunca prometi.

— Você disse. E sua palavra é o mesmo que uma promessa. Eu me recuso a acreditar que isso tenha mudado.

Ele relaxa, como se eu o tivesse atingido. Vira a cabeça, e o maxilar roça minhas têmporas. Sinto sua respiração no alto da minha cabeça.

O diário da Barbie me queima o peito e novamente se ilumina por baixo da túnica.

— Você está errada, Al — Jeb murmura, como se o brilho avermelhado tivesse lhe devolvido a razão. — Tudo mudou.

O tom amargo em sua voz acaba comigo.

— Abra — ele ordena à maçaneta. Com um lampejo púrpura, ela gira. Jeb me puxa para dentro e a porta se fecha atrás de nós. Desorientada, eu rodopio, tentando absorver tudo aquilo.

Não é um quarto com meu pai dormindo em um sofá ou cama. Entramos na simulação de uma praia à noite. Uma brisa morna e salgada passa por meus cabelos. Ouço o barulho do mar batendo na areia branca e o teto é um céu infinito. A luz do luar é refletida nas ondas e as estrelas brilham, lançando uma luminosidade suave nas flores aos nossos pés.

— O oceano de lágrimas — sussurro, embevecida com os pensamentos da primeira noite que passamos no País das Maravilhas dentro de um barco a remo. Apesar de estarmos em um lugar místico rodeado de morte e loucura, foi o local onde me senti mais segura na vida, pois adormeci nos braços de Jeb.

Agora, seguindo-o pela beira do mar em silêncio, tudo o que me lembro é de como ele foi suave, como me virou para que eu pudesse vê-lo no casco do barco enquanto eu dormia, como acariciou meus cabelos e prometeu cuidar de mim.

Ele reconstruiu um dos momentos mais românticos que tivemos. Talvez isso queira dizer que todo esse tempo ele esteve tentando me perdoar.

A não ser que considere isso uma má recordação.

— Jeb, por que estamos...

— Você vai à ilha para dormir — interrompe. Um facho de luz branca passa por nós. A distância, um platô sobressai no oceano. Há um farol em funcionamento no topo de uma rocha. Jeb se ajoelha, cava e retira uma corda escondida pela areia. Ele puxa com força, esticando o tecido tremeluzente de sua camisa. Um barco a remo aparece, vindo para mais perto a cada puxada. — Cercada de água, você estará fora do alcance dos outros.

Outros. Sua explicação em código me lembra a ameaça da pichação: *Você deveria estar aos pedaços como os outros*.

— Que outros, Jeb? O que mais você fez?

Ele hesita, o corpo tenso.

— Borboleta! — o grito de papai me surpreende. Sua silhueta se define sob a luz fraca, sentada no casco do barco.

Jeb traz o barco para a areia.

Papai se inclina para a frente e aperta a mão dele.

— Obrigado por trazê-la.

Jeb baixa a cabeça, em reconhecimento, e dá um passo para trás, deixando espaço para eu subir.

Papai me estende a mão. Somente quando meus dedos tocam sua pele morna e calejada é que eu relaxo e entro na proa. Ele me ajuda a sentar.

— Papai, pensei que você estava...

— Eu estou bem, querida — responde, abraçando-me. — Conto tudo a você mais tarde.

Viro-me para Jeb.

— Você vai ficar conosco esta noite, não vai? Precisamos planejar como levar todos para casa. Por favor...

— Vou pegar o cavalo-marinho e sair à procura de sua sacola de viagem — diz, evitando meu olhar. — Há roupas no farol para esta noite. Providenciarei para que tenham o que vestir amanhã. Então discutiremos como levá-los ao portão do País das Maravilhas.

— Levar-*nos* lá? — Olho-o, incrédula. — Não deixaremos Qualquer Outro Lugar sem você!

Ele conduz o barco de volta à água. A areia raspa o fundo da embarcação quando esta se move.

— Vocês encontrarão comida nos armários. Há uma flor amarela nativa deste mundo. Morfeu viu um animal comendo-a certa vez. Deve conter todos os nutrientes de que precisamos, já que temos vivido à base dela e de um ou outro coelho, ocasionalmente. Há água de chuva para beber. Não precisarão de muito para ficarem satisfeitos. — Dizendo isso, faz um sinal para papai partir.

— Jebediah, você sabe que é bem-vindo. — Papai faz uma pausa, para ver se Jeb muda de ideia. Quando percebe que não, pega os remos.

Jeb fica observando enquanto os remos afundam nas águas resplandecentes e formam marolas junto do casco. Um facho de luz do farol cintila sobre seus olhos verdes e a tatuagem fluorescente. No instante seguinte ele já se foi, voltando por onde veio, em direção à porta.

Papai para de remar e toca minha mão.

— Allie.

A solidão me corrói, pensando em tudo o que Jeb já significou em minha vida.

— Ele não pode ficar aqui. Ele precisa voltar para casa, papai.

— Está tarde e estamos cansados. Tenho certeza de que amanhã ele verá as coisas de outro modo. Se lhe dermos tempo, ele tomará a decisão correta. Precisamos acreditar nele.

— Ele me odeia.

Papai suspira.

— Não, querida. Se isso fosse verdade, então por que ele ainda está

protegendo você? Ele está nos mandando para a ilha porque se preocupa com a sua segurança.

— E como é que ficar nessa ilha chata pode nos proteger?

Papai recomeça a remar.

— Não tenho certeza. Achei que ele tinha explicado isso a você.

Agarro as bordas do barco.

— Ele não me confia mais nada. Está mais próximo de Morfeu do que de mim. — Meus ossos pesam e as emoções estão em frangalhos. Inclino a cabeça para trás, fechando os olhos e deixando que o ruído das águas desfaça os nós em meus nervos.

— Bem, faz sentido que eles estejam mais próximos — papai diz. — Considerando que Jeb se fundiu à magia de Morfeu quando atravessaram o portão.

Arregalo os olhos e sento-me, espantada.

É por isso. O comentário cruel de Jeb para Morfeu sobre aluno e professor, a estranha cor púrpura da magia... como superaram a raiva que sentiam um pelo outro e aprenderam a conviver. *Mais* do que conviver. Unir-se. Dois homens que no passado eram inimigos e aprenderam a confiar um no outro para sobreviver.

— Allie, você está bem?

— Eu só queria... que ele próprio tivesse me contado.

— Ele também foi meio fechado comigo — papai diz — quando me encontrou naquele quarto vazio em que a criatura me deixou. Mas conversamos sobre meu passado e sobre o dilema de sua mãe. Eu pedi desculpas por tê-lo julgado mal na noite da formatura. Ele me perdoou. E fará o mesmo com você. Você só tem que ser sincera com ele. No fundo, ele sabe que você não pretendia mandá-lo para cá.

É muito pior do que isso. *Você nem imagina*. Se pelo menos eu tivesse energia para contar tudo a papai, mas estou cansada demais para tentar. A luz perpassa nosso barco e ficamos novamente na escuridão. Não me renderei ao sentimento de autopiedade que me atormenta. Vou reconquistar a confiança de Jeb. Até lá, fico satisfeita em saber que ele ainda confia em papai.

— O lado bom disso — papai continua — é que parece que Jeb é quem tem

mais poder aqui, já que é humano e o ferro não o afeta. Ele o concede a Morfeu por meio de suas criações. É por isso que Morfeu pode fazer magia sem sofrer mutações.

Comprimo os lábios.

— Espere. A bengala do grifo é que era mágica, e não Morfeu? Era isso que precisava de recarga?

Papai confirma com um sinal de cabeça.

Então, sem a magia de Morfeu, Jeb estaria indefeso, e, sem Jeb, Morfeu seria magicamente impotente — um destino pior do que a morte, na cabeça dele. Pensando bem, ele não vai gostar nada quando souber que derretemos sua bengala.

Debruço-me sobre a borda e deixo a mão sentir a água que passa.

— O bastão se transformou numa poça de tinta. Jeb o criou e a água o dissolveu. — Franzo a sobrancelha. — É a água que nos protegerá hoje à noite. Não a ilha. Mas como o remo ainda está intacto? E o cavalo-marinho? Também são criações dele. Por que não se derreteram? — Enxugo as mãos na calça.

— Jeb não pintou o cavalo-marinho. — Papai conduz os remos pelas ondas que respingam. — Ele é parte da fauna daqui. Jeb e Morfeu o domaram. E, quanto ao barco, talvez tenha algo a ver com a resposta que ele deu quando perguntei sobre aquela... aquela coisa. A imagem dele. Por que estava defeituosa.

— Sim?

— Ele disse alguma coisa sobre os limites da realidade de uma pintura. Que tudo o que se origina da mesma tela pode conviver. A maior parte das pinturas dele fica restrita a um cenário que ele cria. Mas as poucas que não ficam (as pinturas sobre telas negras), quando, sem querer, entram no território de outra pintura, coisas imprevisíveis podem acontecer.

Começo a juntar as peças. Isso explica por que Nikki pode voar para fora do mundo do espelho e por que o sósia elfo — CC — podia perambular pelos corredores.

— Então, se algo estiver pintado em uma cena com água, não se desmanchará. Mas se não estiver...

— Isso. Acho que, no caso da imagem de Jeb, ela se misturou com pinturas de

outro território e seu rosto se partiu em pedaços.

As palavras de papai reativam as palavras da fada da pichação para mim: *você deveria estar em pedaços*. Morfeu disse que todas as criações conhecem a minha imagem e Jeb mencionou algo sobre meu rosto aparecer na arte dele. Isso quer dizer que ele deve ter me pintado.

Talvez a fada do desenho possa ter pensado que eu era uma pintura errante que não pertencia àquela cena. E pretendia me despedaçar por estar lá. Ou talvez seja como Morfeu disse, e ela estivesse buscando vingança para seu mestre.

Um tremor de inquietação percorre minha espinha.

— Allie — a voz de papai muda de tom. — Há mais uma coisa que você deve saber: Jeb não perguntou sobre a mãe dele ou a irmã. Na verdade, fala nelas como se estivessem aqui. Como se estivesse com elas.

As lágrimas que estive contendo finalmente explodem em grandes pingos escorrendo pelo meu rosto.

— É culpa minha — murmuro, enxugando as bochechas com as costas da mão. — Eu o feri tanto que ele prefere ficar aqui e criar uma falsa realidade a encarar um mundo repleto de memórias ruins.

— Por que você fica dizendo isso? O que você está escondendo? — Papai para de remar. Estamos a apenas alguns metros da ilha agora. Eu só quero que ele continue. Não quero conversar sobre isso. Já me sinto mal mesmo sem seu julgamento.

— Algo aconteceu na noite da formatura — admito, relutante. — Antes do baile.

— Deixe-me adivinhar. Tem a ver com Morfeu.

Respondo, gemendo:

— Foi só um beijo! Por que Jeb ficou tão magoado com um beijo idiota?

— Espere um pouco. — Papai volta ao banco, fazendo o barco balançar. — Você beijou aquele arrogante...? Não sei nem o que pensar disso.

— Eu também não. — Ele ficaria ainda mais zangado se soubesse do resto. Que não foi a primeira vez. Que o Jeb também sabe do outro beijo que dei em Morfeu no País das Maravilhas. Que eu disse a Jeb que não tinha significado nada (mentira), depois fui e fiz de novo... mesmo não querendo que isso tivesse

acontecido. Morfeu distorceu a história a seu favor, como sempre faz.

— Morfeu é um erro, Alyssa — papai continua, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Ele é manipulador. Não tem escrúpulos. E não é humano.

— Nem mamãe. Nem eu. Ou Jeb, por falar nisso. Não mais. Isso faz com que você nos ame menos?

A luz do farol passa por nós e sinto arder o rosto ante o exame atento de papai.

— Claro que não. Mas *amor*? É isso que você sente por Morfeu?

Engulo em seco.

— Não tenho certeza. Está muito misturado à lealdade que tenho pelo País das Maravilhas. Mas há algo real entre nós. Algo poderoso. — Afundo-me no banco. — É complicado.

Papai retoma os remos.

— Bom, eu sei o que você sente pelo Jeb. E é simples e puro. Vocês são amigos desde o dia em que se conheceram. E isso virou algo mais. Isso é uma coisa tangível, Borboleta. E tão rara. O *melhor* tipo de amor. Ele planejava pedir você em casamento. Sabia disso? Ele me pediu a sua mão.

Fico atordoada. É a cara do Jeb fazer algo assim, tão fora de moda e bonito. Pelo menos, o Jeb que eu conhecia.

— Ele pediu a minha mão — consigo falar afinal. — Mas não cheguei a responder.

— E qual seria a sua resposta?

— Sim — digo, sem hesitar. — Mas isso foi antes...

Papai olha para as estrelas.

— Já sei. Antes que ele e sua mãe fossem capturados.

Penso em corrigi-lo, mas isso levaria a um interrogatório que não desejo enfrentar esta noite.

— Você é a única pessoa que conseguiria convencer esse rapaz e ajudá-lo a encontrar o caminho de volta para casa — papai pressiona. — Mas para fazer isso você terá de deixar para trás o País das Maravilhas.

— Não! — Apoio os cotovelos nos joelhos e seguro a cabeça para evitar que

exploda. — Sou uma rainha. Tenho responsabilidades lá que você nem sequer imagina. Não é correto renegar esse lado meu. Virar as costas para um mundo que depende de mim. Já tentei fazer isso... — Gesticulo, mostrando o entorno. — É, e você está vendo o que aconteceu. Nunca mais vou fugir das minhas responsabilidades. Tenho um compromisso com os intraterrenos. Eu me importo com eles. Se Jeb e eu tivermos qualquer tipo de futuro juntos, ele terá de fazer as pazes com o fato de que o País das Maravilhas terá peso em qualquer decisão que eu tome, para o resto da minha vida. — Penso no diário pendurado em meu pescoço. — Em qualquer decisão que eu tome *aqui*.

Papai rema mais forte e a água respinga em nós.

— Em primeiro lugar, você é humana. Você tem compromissos lá também. Pessoas que dependem de você e que a amam. Não se deixe envolver tanto pelo poder e pela política a ponto de se esquecer disso. Ou estará fazendo exatamente o que Jeb está. Fugindo de sua humanidade.

A marca da Vermelha — aquela sensação de meu peito partindo-se em dois — me atinge como um soco. Apoio as mãos nas pernas para não cair.

— Não é isso que estou fazendo — digo entre os dentes. — Estou tentando achar um equilíbrio.

— E como isso é possível? — papai pergunta. — A loucura é a antítese do equilíbrio. Já presenciei você tomada pelo outro lado. E, honestamente, isso me assusta. Você está se deixando levar para a escuridão, para um mundo sem leis. Deixando-se levar para...

Morfeu.

Papai não fala em voz alta, mas ouço seu nome ecoar no silêncio.

— Ele se infiltrou em sua vida — papai prossegue.

— Alguns diriam que as escolhas da mamãe tiveram um papel nisso tudo — respondo.

O barco atraca na areia, dando um solavanco. Meu pai irradia raiva, o que alimenta o senso de justiça queimando dentro de mim.

— Não quis dizer isso — emendo, tentando aplacá-lo. — O que quero dizer é que Morfeu não tinha intenção de usar ninguém. Não no início. Ele e mamãe tinham um acordo mutuamente benéfico, até que ela desistiu.

Papai atira os remos no barco, fazendo barulho.

— Jamais acuse sua mãe de tomar uma decisão impensada. Ela tomou a decisão certa até quando era difícil. Deixou para trás um mundo que lhe prometia poder e imortalidade, simplesmente porque não tinha estômago para raptar criancinhas humanas a fim de roubar os sonhos delas.

— Simplesmente porque não tolerava a ideia de deixar você como um dos raptados. — Arrependo-me no instante em que falo. Sei que foi muito mais do que isso.

Papai balança a cabeça.

— Vou fazer questão de esquecer esta conversa, Allie. Você está cansada e obviamente não está pensando antes de falar. — Ele salta para fora do barco, andando na parte rasa para puxá-lo.

Ele está enganado. *Estou* pensando antes de falar, tanto é que não contei a ele a verdade mais inacreditável de todas: a de que, na verdade, posso pôr um fim às infâncias roubadas. A de que, ao ter um futuro e um filho com Morfeu, eu poderia consertar todas as coisas entre nossos mundos.

Não poderia contar-lhe nem que eu quisesse. Não posso arriscar perder meus poderes por quebrar o voto de silêncio vitalício da magia. Para me defender da Vermelha, encontrar mamãe e recompor o País das Maravilhas, preciso de minha magia intacta.

Papai amarra uma corda em volta de um toco para segurar o barco na areia. Eu salto antes que ele possa me oferecer ajuda.

Odeio quando há atrito entre nós. Odeio sentir-me distante de Jeb enquanto ele assombra os cômodos deste refúgio na montanha, enfrentando seus pesadelos e desgostos sozinho. Odeio ter sentimentos confusos quando se trata de Morfeu: sentir pena dele agora que está sem poderes, ficar zangada por ele manter um juramento que é pesado demais para mim — e, ao mesmo tempo, ser infinitamente fascinada por ele.

E, mais do que tudo, odeio o fato de mamãe e meus súditos intraterrenos estarem presos em um País das Maravilhas que se deteriora, sem saber se algum dia conseguirei salvá-los.

Algo nesse pensamento me aquieta... uma esperança serena. Eu vi como a magia de mamãe é forte na noite da formatura. Compreendi quanto ela conhece

sobre o funcionamento interno do País das Maravilhas. Ela já foi quase uma rainha. Pode sobreviver naquele mundo.

Guardo os pensamentos para mim, pois são apenas palpites e não tenho provas. Mesmo assim, me confortam.

Guiados pela luminosidade das estrelas, papai e eu subimos por uma escadaria de pedra íngreme e sinuosa até o farol. Lá dentro, lustres espiralados flutuam próximo ao teto e acompanham nossos movimentos, irradiando uma luz suave de cor âmbar. As paredes são de pedra, o chão forma quadrados de areia pretos e brancos — réplicas minúsculas das dunas em que eu e Jeb surfamos no País das Maravilhas há um ano. Tiro as botas e afundo os pés exauridos na areia fresca. No alto da torre, há um quarto arredondado com uma cama de dossel e uma portinhola que dá vista para o oceano, deixando entrar o luar, o ruído das ondas e a maresia.

Papai insiste para que eu durma lá e opta pelo sofá no andar de baixo. Vamos à cozinha e comemos flores secas. São estriadas, como carne-seca, mas de uma coloração dourada intensa. O gosto é doce e lembra cera de abelha, como os favos de mel do reino humano. Terminamos com água de chuva em canecas feitas de casca de lagosta. Papai e eu estamos esgotados e não conversamos.

Entro no banheiro para tomar um banho e lavar minha segunda pele para poder estendê-la a fim de secar durante a noite. Encontro tudo de que alguém poderia precisar: um vaso sanitário, lâmina de barbear, escova de dentes e sabonete de aroma cítrico. De certa maneira, Jeb ainda vive de forma humana, não importa quanto negue.

Dirijo-me à escada e vejo papai esticando uma colcha sobre o sofá. Apesar do clima esquisito entre nós, nos abraçamos antes de ir dormir.

Na torre, abro um armário encostado à parede e encontro uma camisa de flanela xadrez. Retiro a roupa que tio Bernie me deu e penso nos guardas no portão do País das Maravilhas, torcendo para que estejam bem depois de tanto tempo por lá sem suprimentos. Também fico preocupada com a mensagem que deveríamos ter mandado pelo pombo de metal. Mesmo que o cavalo-marinho de Jeb encontre nossa sacola de viagem, é pouco provável que o pássaro mecânico esteja intacto depois de ter sido submerso. Nem sei se o sinal que ele emitiria funcionará para que o tio Bernie possa nos encontrar.

Aconchego-me na camisa de flanela, enrolando os punhos para ajustá-los ao

meu tamanho. Ela bate em minhas coxas. Uma calça de moletom com cordão para amarrar na cintura está cuidadosamente dobrada dentro do armário. Separo-a para vestir pela manhã.

Quando estou pronta para me deitar na cama, uma luzinha verde tremeluzente pousa na portinhola aberta.

Nikki faz uma delicada reverência.

— Da parte do mestre Morfeu. — A vozinha aguda da minúscula fada confunde-se com a brisa. Ela me entrega uma caixa branca embrulhada com fita vermelha brilhante. Tem três vezes o tamanho dela. É mais forte do que parece para ter carregado a caixa pelo caminho.

Assim que pego a caixa, ela rodopia no ar e desaparece no céu noturno, sem mais palavras. Ao contrário de Gossamer, ela não é de falar muito.

Dentro da caixa há duas peças inusitadas de lingerie: um sutiã e uma calcinha short feitos de algodão branco recoberto de renda dourada. A renda metálica me parece vagamente familiar.

Ruborizo-me ao imaginar as mãos elegantes de Morfeu dobrando as peças e colocando-as na caixa. Há um bilhete em papel preto, sem dúvida escrito com a mesma pena que ele retirou da águia mais cedo.

A tinta parece feita de prata e cintila à luz das estrelas.

Queridíssima Alyssa,

Envio minhas desculpas por não recebê-la apropriadamente hoje. Gostaria de erguê-la acima de mim e rodopiá-la em círculos até estarmos ambos tontos e gargalhando. Gostaria de beijar seus lábios e sentir seu hálito. E gostaria de vesti-la em trajes condizentes com uma rainha. Esta noite, contento-me com as humildes peças que darão início ao seu guarda-roupa real. Imagino que o que você está vestindo por baixo das roupas seja tão indigno de você quanto as próprias roupas. Mas saiba que lhe darei armários repletos de renda, cetim e veludo um dia, quando você reinar no País das Maravilhas. Basta você pedir.

Seu fiel lacaio,

Morfeu

Os sentimentos dele me envolvem, sensuais como a seda. Coloco as peças de renda sobre o parapeito da vigia e examino o desenho dourado, tentando lembrar onde já o vi antes. Subitamente, lembro: a roupa da formatura de Morfeu era uma camisa de algodão e um casaco recoberto de renda dourada com fechos de colchete iguais aos do sutiã. Minha lingerie foi confeccionada com pedaços das roupas dele. Foram costurados à mão, o que deve ter lhe custado um bom tempo, pois ele não tem tais poderes. Isso significa que ele já os tinha aprontado para mim e estavam à minha espera.

Bilhetes de amor e presentes confeccionados à mão. Desprovido de magia, ele está me deixando mais confusa do que nunca. Sinto novamente aquela sensação de um murro no coração. Está ficando cada vez mais forte e frequente — como se houvesse uma costura no meio dele esticando-se além do limite.

Massageio o centro do peito para aliviar o incômodo. Então, tiro a camisa de Jeb e visto a lingerie por baixo.

Ruborizo-me ainda mais ao perceber que as peças me caem com perfeição... que Morfeu conhece meu corpo sem jamais tê-lo sentido com um toque; e, ainda mais, sabe que venho desejando peças bonitas desde que deixei o sanatório. Ele *me* conhece.

Abotoando a camisa de Jeb, subo na cama e abaixo as cortinas do dossel, agradecida por serem pesadas o suficiente para barrar a luz do farol. Na escuridão, debaixo das cobertas, abraço-me bem forte, envolvida pelo perfume de Jeb e pela lingerie feita à mão de Morfeu.

Sonho que sou uma boneca de papel, uma criação de tinta e imaginação trazida à vida pelas mãos de Jeb. Rasgo-me em duas, finalmente aliviando a sensação que trago no coração. Uma parte minha brinca de pula-sela por cima de cogumelos, envolve-se nas asas negras de Morfeu e dança com ele no céu ao lado da lua... a outra parte anda de skate no Submundo, passeia de motocicleta com Jeb e rouba-lhe beijos à luz das estrelas debaixo de um salgueiro. E, apesar dos paralelos e contrastes — ou talvez graças a eles —, sinto-me em paz como há muito não me sentia. Tanto Jeb quanto Morfeu estão felizes, e o País das Maravilhas e o reino humano prosperam.

Acordo de repente, desejando ser realmente a boneca de papel, dividir-me bem ao meio e proporcionar a cada parte seu final feliz, como em meu lindo sonho.



11

Máscaras

Vozes vindas da cozinha me despertam uma segunda vez. Visto a calça de moletom de Jeb, calço as botas plásticas e desço as escadas. Jeb e papai já estão ali há algum tempo, a julgar pelas canecas vazias e pela travessa salpicada de migalhas da flor de favo de mel.

Estou desorientada pela sensação distorcida de tempo aqui. Como Jeb pintou o oceano como uma cena noturna, ainda está escuro lá fora, mas deve ser de manhã, porque papai parece descansado.

Jeb, no entanto, não.

Os círculos sob seus olhos estão mais definidos, exagerados pelo brilho dentro das íris. Ele está usando jeans furado e uma camiseta branca manchada de tinta vermelha. Basta olhar para as manchas de tinta da mesma cor nas mãos dele e sei que ele está criando algo novo. Imagino o que pode ser.

Quando estou no último degrau, Jeb levanta-se e afasta o cabelo que caía sobre sua testa. A ação beira a timidez e o constrangimento, mas não demora para sua fachada impávida voltar ao lugar.

— Agora que você levantou, vamos arrumar umas roupas para os dois. — Ele oferece uma maçã e uma garrafa de água de nossa sacola de mantimentos. Parece que a patrulha com o cavalo-marinho foi bem-sucedida. — Café da manhã — ele diz, esperando que eu pegue a comida.

Eu me detenho.

— Como chegou aqui? O barco está com a gente.

— Eu andei sobre o oceano — ele responde de imediato.

Sua declaração de ontem à noite, de que ele é um deus, me atinge com toda a força.

— É mesmo?

O sorriso galanteador em sua boca é tão inesperado e adorável quanto um eclipse.

— Na verdade, eu pintei mais de um barco.

— Ah, certo. — Sorrindo, pego a fruta e a água que ele oferece. Nossos dedos se tocam. Um músculo no queixo dele pulsa mais forte, e em seguida ele se vira para papai e faz um sinal para que o sigamos.

Eu entro na fila, mastigando a maçã, esperançosa. Ontem, achei que tinha perdido Jeb. Entretanto, se ele ainda tem seu senso de humor, posso tentar quebrar a barreira da raiva.

Quando terminamos de atravessar o oceano, ele nos conduz de volta ao estúdio-estufa. Visto do alto, mariposas pretas e brancas encobrem a maior parte do teto de vidro. Elas se empilham e rastejam umas na direção das outras, formando um cobertor vivo que parece um céu noturno salpicado de estrelas. Isso diminui a luz da sala, reduzindo-a a sombras. Uma lâmina de luz do dia atravessa o único painel de vidro vazio — criando a desnorteante ilusão de noite e dia ao mesmo tempo.

Uma paleta de várias cores aguarda em cima da mesa. O cheiro familiar de tinta me reconforta. Nem pergunto onde ele está conseguindo ingredientes para fabricá-las. Embora o cheiro seja normal, as origens devem ser mágicas.

O estúdio parece maior esta manhã, na ausência das paisagens, que são as obras-primas de Jeb, e dos cavaletes. A única tela ainda ali é um lençol sobre uma parede, do teto ao chão. Há um espelho basculante em um canto da sala, e biombos japoneses escondem dois cantos. Os grous vermelhos em relevo nos painéis se movem como se estivessem vivos. Uma mariposa sai de seu lugar no teto e aterrissa na tela mais distante, sendo engolida por um dos pássaros pintados com uma mordida crocante.

Papai vê aquilo tudo com uma careta de perturbação.

Quanto a mim, estou fascinada. Na noite passada, eu estava desconfiada do trabalho de Jeb, mas hoje um encanto me aquece o sangue — o ressurgimento da minha loucura. As criações aberrantes de Jeb, sua extravagância e funções macabras parecem alimentar meu lado intraterreno.

— Primeiro — Jeb diz, dirigindo-se a papai enquanto alinha os pincéis e lapiseiras sobre a mesa —, temos que desenhar sua sombra.

Ele pede que papai tire a camisa e os sapatos e enrole as calças até os joelhos. Depois, ele o posiciona diante da tela e acende um abajur. A luz forte imprime a forma de papai sobre o lençol.

— Não se mexa — Jeb fala enquanto desenha a imagem. Eu estava com saudade de vê-lo trabalhando e de testemunhar o poder que fermenta sob sua pele enquanto ele confere vida às suas criações... isso acrescenta uma dimensão que nunca poderíamos compartilhar no reino humano.

Como disse ontem à noite, ele compreende o encanto exercido pela magia agora, a paixão e a liberdade contidas em dar às nossas obras-primas a habilidade de interagir com o mundo. A escuridão dentro de mim se enche de fascinação enquanto a humana dentro de mim me cutuca, alertando — um apelo pequeno, mas poderoso... exigindo ser ouvido.

Para aceitar o poder, é preciso também reconhecer quanto ele pode ser inebriante. Jeb tornou-se um viciado, assim como seu pai. Eu mesma estive embriagada de magia e loucura. A única maneira de encontrar a sobriedade é equilibrá-la com as melhores partes de ser humano. Mas não será fácil lembrar alguém das virtudes humanas quando essa pessoa foi maltratada tantas vezes, como Jeb.

— Quando eu terminar o contorno — ele diz, desenhando a metade inferior de papai —, vou preenchê-lo com tinta. Depois, vai precisar recuar e se juntar à pintura antes que ela seque. Ela tem que ficar unida à sua pele para poder segui-lo aonde for. Ela vai permanecer intacta, desde que não se molhe. Como fui eu que manipulei o tempo e as paisagens, isso não será problema.

Ergo uma sobrancelha.

— Então, você basicamente está fazendo o papel da Wendy.

Jeb se detém e olha para mim.

— Windy?

— A Wendy, de *Peter Pan*. Você está costurando a sombra de papai no lugar. — Peter Pan era a história favorita dele quando criança. Sua mãe lia para ele toda noite.

Mais uma vez, uma nuance juvenil de rapaz tímido em seu rosto — o olhar que ele costumava me dar quando eu o pegava de surpresa. Em seguida, o sorriso desaparece e ele volta a se concentrar no trabalho.

Seu afastamento é como um jato de água fria. Papai dá uma piscadela sutil para mim, encorajando-me a saborear a vitória, por menor que ela seja.

Jeb termina o desenho sobre a tela e começa a acrescentar asas.

— Ao contrário da Al — curvas e linhas florescem, impecáveis, a um gracioso movimento de sua mão —, nós não temos esse equipamento embutido. A maneira mais segura de viajar é voando, então vai precisar de asas para nossa viagem ao portão do País das Maravilhas.

— Vamos para o portão hoje? — Tenho sentimentos conflitantes acerca dessa notícia. Sei que, se eu for embora sem enfrentar a Vermelha, ela vai voltar para assombrar o País das Maravilhas e aqueles que amo. Ela provou que não vai desaparecer até que *eu* a obrigue. Mas também quero resgatar mamãe o mais depressa possível, e é impossível não ficar animada com o fato de Jeb ter decidido ir conosco. — Então você vai com a gente?

Papai me observa com olhar pesaroso.

— Você entendeu mal — Jeb responde, fazendo furos na boia da minha esperança, não somente pela resposta lacônica, mas pelo tom indiferente da voz. Ele volta para a mesa e mistura tintas até obter um pigmento preto com nuances de púrpura. — Só seu pai e eu vamos hoje. Foi escolha dele.

Papai faz uma careta de quem pede desculpas.

— Nós planejamos levar os suprimentos para os guardas e sentir como estão as coisas — ele explica. — Você fica aqui. Assim podemos ter certeza de que tudo está correndo bem antes de você e eu tentarmos partir juntos.

Você e eu. A sala fica mais triste.

Fecho as mãos com força.

— Não tem a menor chance de eu ficar sentada aqui enquanto vocês dois

enfrentam toda essa loucura aí fora. Eu vou junto.

Quero acrescentar mais uma coisa: que se Jeb acha, por um segundo, que vou deixá-lo para trás quando partirmos para o País das Maravilhas, ele está enganado. Lançarei mão de minha magia para forçá-lo a voltar para casa, se necessário.

A ideia de enfrentar seu exército de pichações me assola. Não tive poder sobre ele. Jeb agora é um rival à minha altura, em todos os sentidos. Seria uma luta difícil de vencer.

— Allie, por favor — papai insiste.

— O quê? — eu retruco. — Acha que ainda não sei me cuidar? Mesmo depois de tudo o que você viu?

— Não é isso. O que me preocupa é a sua sede de sangue. Nenhum de nós sabe onde a Vermelha está. Mas é quase certo que ela saiba que você está aqui agora, depois do nosso encontro com aqueles pássaros. Não quero que você se depare com ela. Lembra-se do nosso trato? Entramos, chegamos ao portão, saímos.

Não posso deixar de notar que ele omitiu a parte que falava de salvar Jeb. A frustração queima meus olhos. Não há nada que eu possa fazer acerca de Jeb até ficar algum tempo sozinha com ele. Mas talvez eu possa usar a ausência dele e a de papai a meu favor. Depois que eles saírem, irei sozinha à procura da Vermelha. Tenho um pressentimento de que o diário me levará diretamente a ela.

Olho para as mariposas no teto para manter a cara de brava. Se Jeb desconfiar do meu plano, pode pintar uma jaula dourada à minha volta e eu ficarei presa.

— E o que eu vou fazer o dia todo enquanto vocês estão lá? Brincar com insetos?

Jeb se agacha para preencher a parte inferior do esboço com tinta. Seus lábios se curvam em um sorriso de escárnio.

— É o seu passatempo favorito, não? E você terá o príncipe das mariposas para lhe fazer companhia.

Mantenho a expressão inescrutável. É bom que Morfeu fique. Ele pode me acompanhar na busca pela Vermelha. Ele conhece os caminhos deste mundo e compreende seus ocupantes melhor do que eu. A única desvantagem é o voto

que fiz, e quanto ele está determinado a cobrá-lo, e como uma parte de mim está começando a ansiar por essas vinte e quatro horas ao lado dele no País das Maravilhas.

— Então... vocês não vão levar Morfeu? — consigo falar em tom indiferente.

— Ele ficaria perdido sem o seu grifo. — É impossível não sentir a presunção na voz de Jeb. — Não pode voar sem ele e precisa de seu brinquedinho para saber o rumo de volta, se quiser se virar para o outro lado.

— Então *aquela* era a bússola dele.

— Isso mesmo. Todas as minhas pinturas têm a habilidade de encontrar o caminho de volta para esta montanha, para mim, por mais distantes que estejam.

— Mas Morfeu pode usar sua sombra — tento argumentar com ele.

— Eu a peguei de volta. Ela precisa de reparos — Jeb diz; uma resposta para tudo.

Incapaz de esconder minha irritação, eu brado:

— Bom, essa parece uma manobra bem idiota. Quanto mais gente, mais seguro, vocês sabem. — Mordo a língua para que eles não saibam que sou eu quem precisa de segurança.

— Vamos levar reservas. — Jeb aponta para um dos biombos japoneses no canto. O grou bate as asas e bica o painel ao qual está grudado.

— O quê? Os grous?

Concentrado e em silêncio, Jeb conduz papai de volta à pintura e em seguida sela os dois juntos com um passe de mágica do pincel.

Papai se afasta e a pintura se destaca da tela — um rastro quiescente e fluido no chão —, parecendo uma sombra comum que ganhou asas.

Caminho até o biombo japonês para o qual Jeb apontou, curiosa.

— Al, espere — ele alerta, largando o pincel em um pote de água e correndo na minha direção.

Antes que possa me alcançar, espio atrás do biombo. Um tecido pesado cobre alguma coisa que tem a forma de um porta-chapéus. Eu puxo a coberta.

CC guincha e se debate, libertando-se e quase me derrubando em sua pressa

de escapar.

Eu grito.

— Ei! — Papai corre na direção da criatura.

Jeb o segura antes que ele chegue à porta.

— Tudo bem. Eu o proibi de tocar em vocês novamente. — Ele dá um tapinha no ombro do sósia. — Mostre a eles, CC — ele instiga com voz suave, como se falasse com uma criança ou um animal de estimação.

A criatura se vira e eu me preparo para encarar as macabras fissuras em seu rosto. Em vez disso, um remendo vermelho em forma de coração cobre o olho e os buracos abertos que vi ontem. Há uma fenda no meio para CC poder enxergar. O outro olho perfeito e a bochecha estão descobertos, e as marcas de elfo cintilam sob a luz do dia. É mais fácil agora distinguir as cores de porcelana da criatura — pouco mais claras do que a tez morena de Jeb. Com o coração sobre o olho, CC lembra o arlequim de uma peça infantil. Só falta a fantasia com losangos em vez da calça jeans e da camiseta.

Considerando-se as manchas vermelhas nas roupas e nas mãos de Jeb, era esse o projeto em que ele estava trabalhando antes de ir até a ilha.

— Você fez uma máscara para o CC hoje de manhã? — pergunto.

— Eu a fiz para você. Ontem à noite. Não queria que a aparência grotesca dele a assustasse de novo.

A gentileza do gesto me comove. Não admira que as olheiras de Jeb pareçam tão mais escuras hoje. Pergunto-me se ele chegou a dormir.

Ele manda a criatura embora e evita olhar para mim.

— Farei sua sombra aparecer quando chegar o momento de voar — ele diz para papai.

Papai assente e observa a forma escura mover-se com ele pelo chão.

— Agora vêm as roupas — Jeb continua, limpando o pincel. — Elas serão removíveis quando estiverem secas, e você pode usá-las várias vezes. Mas a tinta tem que tocar o máximo possível de sua pele nua.

Papai se detém.

— O máximo possível?

— Você vai usar um tapa-sexo. É assim que eu faço as roupas do baratão.

Imaginar Jeb e Morfeu em posição tão íntima é, ao mesmo tempo, sexy e cômico. Vaidoso do jeito que Morfeu é, deve ter havido muita discussão sobre as escolhas de estilo.

— E quanto à Allie? — papai pergunta com uma defesa paternal, elevando o tom da voz.

Jeb se concentra na mistura de tintas.

— A menos que ela queira usar minhas roupas, não teremos nenhuma outra opção.

Eu dou de ombros, acentuando o tamanho de sua camisa.

— Estas aqui estão quase caindo. Não vão servir para viajar.

— Ela não vai usar só uma tanguinha enquanto você a pinta — papai insiste.

— É claro que não. — Jeb joga dois rolos de bandagens elásticas para mim. — Encontrei isso em sua sacola. Elas vão aderir à tinta para se tornar parte de sua roupa. Cubra suas roupas de baixo. Deixe os braços, barriga e pernas de fora. Não será pior do que usar um biquíni. E tem uma fivela para você prender o cabelo.

A aspereza da fala machuca. Quatro semanas atrás, ele não teria sugerido que eu usasse algo assim sem expectativa no olhar. Na verdade, antes de todo o País das Maravilhas escapar no baile de formatura, estávamos discutindo o próximo passo físico de nosso relacionamento. O maior passo. É excruciante saber que perdi o poder de tocá-lo em um nível humano.

Enfio-me atrás do biombo mais próximo e tiro a roupa, em seguida prendendo o cabelo no alto da cabeça.

Papai sai primeiro de seu biombo. Enquanto Jeb trabalha em suas roupas, vou bem devagar para não ter de ver meu pai de tanga. De todas as coisas horripilantes que já testemunhei, esta seria a pior.

Envolvo as bandagens em torno da lingerie que Morfeu me deu e confecciono um maiô do qual qualquer mãe teria orgulho. Depois de me certificar de que papai e Jeb terminaram, saio usando a camisa de flanela como um roupão.

Papai dá uma olhada rápida e parece satisfeito que eu esteja adequadamente coberta.

Meu queixo cai. Ele está envolto em plumas, tem quatro asas e me faz lembrar os pássaros trogloditas que encontramos ontem.

— O que é isso?

— Vamos passar despercebidos se parecermos com a gangue de Manti — Jeb explica, lavando o pincel. — Eles montam guarda pelo céu. Tenho uma fantasia de pássaro também. É a camuflagem perfeita.

A palavra *camuflagem* me recorda o simulacro.

— Será que a melhor camuflagem não seria a invisibilidade? — Ajoelho ao lado da sacola de viagem no chão.

— Jeb e eu procuramos os disfarces — papai responde. — Não estavam aí dentro.

Eu franzo a testa e checo os outros itens. O pombo mensageiro aparece, mas, quando aperto o botão em sua garganta, o bico não brilha mais. Volto a procurar os simulacros.

— Não faz sentido — digo para mim mesma depois de desistir. — Todo o resto está aqui.

Jeb dá de ombros.

— Talvez a seda encantada não seja à prova d'água.

Papai dirige-se para a porta.

— Acho que vou até ao farol limpar a cozinha. Preciso praticar como me movimentar com estas penas.

Ou ele se sente constrangido me vendo seminua como eu me senti ao vê-lo, ou está me dando algum tempo a sós com Jeb. Seja qual for o motivo, fico grata.

— Obrigada, papai.

Ele faz um sinal com a cabeça e fecha a porta. Só faz dois minutos que ele saiu quando a porta volta a se abrir e Morfeu entra, retumbante, dando de cara com Jeb na mesa, sem saber que estou no canto oposto.

Ele está com roupas novas hoje: uma jaqueta acetinada na cor prata sobre camiseta branca e calças pretas elegantes. Sem um chapéu para contê-las, as ondas sedosas do cabelo combinam perfeitamente com a gravata de seda azul pendurada frouxamente no pescoço. Contudo, apesar da mudança de guarda-

roupa, suas asas ainda estão caídas, um sinal claro de que ele está triste.

— Sabe que você está sendo totalmente insensato — ele grunhe para Jeb. Como este não responde, Morfeu bate a palma da mão ao lado dos pinceis, fazendo-os pular. — Estou somente pedindo outra bengala... — A voz dele emudece quando Jeb olha para mim. Morfeu se vira.

Um rubor invade meu rosto. Fecho a abertura da camisa para esconder o diário em miniatura em meu pescoço e mexo-me para cobrir a tatuagem no tornozelo esquerdo antes que ele possa caçoar dela. Depois, lembrando que estou nua das coxas para baixo, volto para trás do biombo e fico espiando.

Morfeu diz com voz brava:

— Alyssa, o que é isso debaixo do roupão? — Ele se vira para Jeb. — Essa é nossa rainha. E você a veste com bandagens?

Jeb nem tira os olhos de seus preparativos.

— O que ela usa debaixo das roupas não é da sua conta.

— Bah! — Morfeu rouba um pincel. — Ela deveria estar vestida com o brilho das estrelas e nuvens, com renda e maciez. Nada menos delicado deveria tocar sua pele. — Ele aponta as cerdas para Jeb. — Eu vi no que você meteu o Thomas. Você não vai pintar uma dessas fantasias de pássaro troglodita para ela. Ela faz parte da realeza. Vista-a como a realeza. Dê-lhe algum brilho... um pouco de pompa. E uma coroa.

— Volte para o seu quarto, Morfeu. — Jeb pega o pincel. — Os adultos têm mais o que fazer.

Morfeu inclina a cabeça para encontrar meu olhar por detrás do biombo.

— Ah, minha florzinha. Você deveria ter visto as atrocidades com que ele queria me vestir nos primeiros dias. Ele não me deixou dar nenhuma opinião até eu andar por aí pelado por algumas horas. Se você decidir empregar essa estratégia, eu estarei totalmente do seu lado. Ou na sua frente. A dama escolhe. — Ele pisca.

Uma inesperada centelha de diversão me invade. Aguardo que sua provocação sugestiva cause um ataque de ciúme em Jeb. Em vez disso, porém, ele continua calmamente organizando suas tintas.

— Jeb não estaria aqui para ver mesmo — eu murmuro a Morfeu. Um

implícito *E ele nem perceberia mesmo* ecoa em minha cabeça. — As fantasias de pássaro são para a expedição dele com papai. Não fui convidada, nem você. Estamos em prisão domiciliar.

Morfeu percebe minha expressão austera e volta-se para Jeb.

— Ora essa! Você está deixando Alyssa aos *meus* cuidados? Que maduro e confiante de sua parte, pseudoelfo. — Ele segura o ombro de Jeb. — Se quiser ir logo, pode abster-se das novas roupas. Ela não vai usar nada depois que você partir. Considere essa a minha contribuição para a causa.

Jeb joga Morfeu contra a parede com tanta rapidez que quase não percebo o movimento.

Provocadas pela atividade, as mariposas no teto descem feito pedaços de cinzas caindo do céu. Elas grudam na parede próxima às asas de Morfeu, delineando seu contorno. Fortes raios de sol entram pelos painéis de vidro abandonados.

Jeb e Morfeu se encaram — olhos nos olhos. Uma luz púrpura pulsa entre seus corpos.

— O que você tem que se perguntar, Alyssa — Morfeu se dirige a mim, mas continua focado em Jeb —, é de quem ele tem mais ciúme. — Ele corre os dedos pelo cabelo ondulado de Jeb. — De mim ou de você.

Jeb não move um músculo.

— Acho que nunca vão saber. — Ele estuda a expressão imutável de Morfeu e seus músculos começam a relaxar. — E boa tentativa. Mas não vou entrar nesse joguinho. Vocês dois ficam por aqui.

Ele solta Morfeu, que me lança um olhar pesaroso.

— Lamento, amor. Agora que tem a perspicácia intraterrena, ele não é tão fácil de manipular. Eu decidi achar isso charmoso. Mas não se preocupe. Você e eu vamos pensar em alguma coisa para nos manter ocupados. — Ele lança as asas para cima e as mariposas flutuam à sua volta em pequenos tornados.

Com um movimento de mão, Jeb chama os insetos. Eles pairam no ar diante dele, construindo uma forma humana, como se espelhassem sua imagem.

— Escoltem o mariposão de volta ao quarto dele — Jeb as comanda. — E mantenham-no ocupado enquanto eu estiver fora.

Morfeu sorri com desdém e caminha na direção da porta, com o guarda-mariposa forçando-o a avançar.

A porta se fecha sozinha.

Eu saio de trás do biombo e faço uma careta para Jeb.

— Por que fez isso?

— Porque temos que começar, e, se eu deixasse a porta aberta, teríamos mais distrações. — Enfiando o polegar no buraco da paleta, ele indica que eu me coloque na posição em que papai estava, para tomar as medidas.

Não me mexo.

— Você sabe que não estou falando da porta. Não suporto o modo como você o está tratando. Sem mencionar o fato de ele estar sem poderes... e que você detém toda a magia.

— Ah, está certo. Como se ele *nunca* tivesse feito isso comigo.

Olho para meus pés descalços. Segurando o pincel entre os dentes, Jeb pega meu cotovelo e me posiciona sobre um quadrado de tecido.

Ele levanta meu queixo com a ponta de um dedo e em seguida pega o pincel da boca.

— Olhe direto para a frente.

Meu corpo permanece estático, mas minha opinião dá pulos para ser ouvida.

— Sabe que eu esperava esse tipo de crueldade vindo do Morfeu, não de você. A ideia de certo e errado que ele tem é distorcida. — Estudo o rosto de Jeb. — Mas a sua não é. Intimidação? Eu achei que isso tinha ficado na infância. Você é um homem agora. E não é esse tipo de homem. Você não é como o seu... — Eu paro bruscamente e mordo a língua com força suficiente para tirar sangue.

A expressão de Jeb endurece.

— Meu *pai*? Pode apostar que não sou como ele. Sou mais forte do que ele jamais foi. — Sua voz é baixa e controlada. — Sou mais do que ele achava que eu poderia ser. Fiz mais do que ele disse que eu era capaz. Você sabe o que ele pensava da minha arte. Imagine o que diria se me visse agora.

Ele sustenta meu olhar por tempo suficiente para registrar minhas desculpas não verbalizadas. Depois, sem me tocar, ele abre minha camisa. Minha pele

reage à proximidade de suas mãos — lembrando como é ser afagada por elas. A camisa escorrega de meus ombros, livre de minhas mãos, e cai no chão atrás de mim, desnudando os seios e a cintura cobertos por bandagens e o estômago nu. Sinto-me exposta, em todos os níveis.

Jeb respira fundo. Ficamos ali, piscando um para o outro sob a luz forte. Sua pele exala cheiro de tinta e sabonete cítrico. Manchas de tinta fresca brilham nos braços e no pescoço, chamando atenção para os músculos firmes.

Respondendo a um impulso, passo o indicador pela mancha azul próxima de sua clavícula.

Ele franze o rosto e se afasta. Baixo a mão, derrotada.

Com a atenção em sua paleta, Jeb passa o pincel na tinta preta. Ele o desliza sobre meu braço esquerdo, do ombro ao alto do bíceps. Linhas definidas formam uma manga curta. As cerdas pinicam e a tinta é fria, mas é a habilidade de Jeb em desligar suas emoções que me dá calafrios. Não o conheço mais.

Ele dá um passo para trás e recarrega o pincel, em seguida passando para o braço direito. Como se estivesse ausente, passa a língua pelo lábio inferior, cutucando seu piercing.

— Lembra quando eu coloquei isto?

A pergunta inesperada me desequilibra. Eu me mantenho inerte, apesar do calor que brota por baixo da minha pele.

— Duas horas depois do funeral do seu pai — respondo secamente.

— E sabe há quanto tempo eu vinha querendo fazer isso, mas toda vez que tocava no assunto... — Ele vira o antebraço para baixo.

A tatuagem brilha, mas são as marcas de cigarro que chamam minha atenção.

— É.

— Bem, foi mais do que para provar que o reinado de terror dele tinha acabado. — A voz de Jeb é distante, como se estivesse lendo a história da vida de outra pessoa. — Foi um lembrete. Que agora *eu* estava no controle das minhas escolhas, do meu corpo e da minha vida. Que podia dar minha opinião quanto ao que acontecia com minha mãe e minha irmã. — Ele dá a volta e vai para as minhas costas, deixando meu peito e minha barriga sem pintar. Depois que termina as costas das minhas mangas, as cerdas traçam uma linha que desce

pela minha espinha e para alguns centímetros acima da cintura, fazendo uma listra de um lado ao outro das minhas costelas.

Eu controlo qualquer reação à sensação de cócegas.

— Engraçado — Jeb continua — como eu pensei que algo tão insignificante pudesse colocar uma pedra no que aquele bêbado miserável fez. — Ele ri. Não a risada cálida que costumava dar. Essa é profunda, frágil e sem alegria. — Agora... agora eu posso pintar um piercing em qualquer lugar do meu corpo, ou uma tatuagem, e eles se tornam reais. Vivos. Poderosos. — Ele passa o líquido frio e cremoso nas minhas costas, criando uma camiseta cortada. — Tudo o que eu criar lutará por mim. Meu labret poderia ser tão mortal como a espada de um samurai. Eu só preciso pintar e dar a ordem. Se eu tivesse isso no nosso mundo, poderia ter impedido que ele machucasse minha mãe e a Jen. Eu poderia ter melhorado a vida delas. Aqui, eu posso fazer isso. — Ele faz uma pausa. — Eu tenho feito isso, sabe. Aquelas cenas agora acontecem como deveriam ter acontecido. Todas as vezes, é meu velho que apanha até rachar. E a mamãe e a Jen ficam intocadas e felizes.

Eu tremo, aterrorizada ao ver quanto ele se afastou de nossa realidade.

— Jeb, elas não são a sua irmã e a sua mãe. São só pinturas. Você sabe disso, não é?

O pincel retoma a viagem pelas minhas costas, mas ele não diz nada.

— Você tem que se livrar dessa culpa — eu continuo. — Você era só um menino. Se permitir que isso o envenene, vai matar tudo de bom dentro de você. Você não é como ele. Mesmo quando ele o machucava, você não era violento. É isso que fez de você uma pessoa melhor. Não o poder para revidar, mas o poder de se elevar e ajudar sua irmã e sua mãe a ter uma vida boa, apesar disso. Você encontrou uma maneira de fazer isso de modo pacífico, por meio da sua arte.

— Encontrei uma maneira melhor agora. — O perigo que permeia sua voz faz com que os cabelos do meu pescoço se ericem.

Lágrimas crestam meus olhos. Algumas se libertam e correm pelo rosto. Elas ficam penduradas no queixo antes de cair e rebentar sobre meu peito.

Jeb termina as costas da camiseta — deixando aberturas nos ombros para as asas — e passa para a frente. Ele estuda meu rosto.

— Você tem que parar de chorar. Vai borrar a tinta.

— Jeb, por favor.

— Não vale a pena chorar — ele me garante, mas sua voz estremece quando percebe que meu peito está molhado. Ele arrasta uma faixa de tinta no sentido horizontal ao longo da minha caixa torácica e acima do meu umbigo para formar a barra frontal da camiseta. — Você está olhando pelo lado errado. Ser capaz de criar as próprias cenas e paisagens significa que você reina sobre elas. Poxa, eu me dei asas com a minha sombra. Agora posso voar. Juntos, poderíamos dirigir este mundo e construir nossos próprios finais felizes. Posso oferecer a você tudo o que Morfeu tem. — Ele levanta o queixo, pensando. — *Tinha* — corrige com um sorriso sarcástico.

Meus pulmões doem, como se ele tivesse me arrancado o ar.

— Não quero essas coisas de você. Eu amo seus defeitos e imperfeições. Seu coração bondoso. As cicatrizes que combinam com as minhas, e as lutas que tivemos para encontrar a nós mesmos. Eu quero a sua humanidade. Nada mais.

Ele franze a testa. O que eu não daria para ver seus lábios se abrindo em um sorriso genuíno. Aquele com as covinhas que eu amo. Minha garganta arde, obstruída por emoções que temo libertar.

— Eu teria seguido você para qualquer lugar — ele murmura com a voz árida de agonia. — Eu só queria passar a vida toda com a minha melhor amiga. Com a garota que deu vida às minhas pinturas. Mas não fui eu quem inspirou seus mosaicos, fui? Foi sempre o País das Maravilhas. Foi por isso que você o escolheu.

— *Escolhi*? Foi só um beijo, só isso...

— Não é o beijo. Às vezes, as palavras falam mais alto do que as ações.

— Palavras...? Que palavras?

— A promessa que fez a ele, e que não pôde fazer para mim.

Solto um grunhido para não chorar novamente.

— Você está falando coisas sem sentido. Por favor, me explique o que quer dizer. — Talvez Morfeu tenha contado a ele sobre o meu voto. Se ele vem provocando Jeb esse tempo todo sobre nosso dia juntos, isso explicaria uma parte dessa animosidade. Mas não toda.

— Chega de conversa. Preciso me concentrar. — Jeb preenche a metade

inferior da minha camiseta. Ele coloca camadas de tinta sobre a pele por baixo da linha do busto, evitando o ponto onde estão meus colares. Eu deveria tê-los tirado... tê-los afastado, mas não posso me mexer porque o pincel está fazendo a curva do meu seio direito, pintando-o para que a bandagem não apareça.

A respiração de Jeb está no mesmo ritmo da minha. Conheço sua linguagem corporal, como os músculos do queixo se comportam quando ele está se esforçando para manter o controle.

O pincel se torna uma extensão da mão dele. Não importa que as cerdas e o cabo estejam entre nós. Mesmo através das bandagens, posso sentir nossa conexão. Não há calor, nem entusiasmo, nem pressão. É um elo mais profundo, nascido da amizade e da confiança conquistada a duras penas: um chamado por baixo da pele, como se meu espírito convidasse o dele.

Engulo o ar aos poucos, com cada movimento do pincel... temendo respirar muito alto, temendo mover-me. Temendo que, se eu perturbar a atmosfera de alguma forma, quebrarei o encanto que o envolve. Talvez eu *possa* trazê-lo de volta, ajudá-lo a lembrar-se das coisas boas de sua vida humana. Se puder fazê-lo me abraçar, talvez isso o faça se recordar de tudo o que significamos um para o outro.

A mão dele começa a tremer no momento em que termina de pintar meu seio esquerdo.

— Jeb. — Eu arrisco um apelo sussurrado. — Todas essas semanas eu estava em um sanatório. Eu cedi à minha loucura, encarei meus medos. Mas nunca me esqueci de você. De nós. Por favor, me mostre que você também se lembra.

Seu olhar se intensifica dentro do meu. Meu corpo dói de desejo, reconhecendo aquele olhar do passado.

A paleta e o pincel caem aos meus pés quando ele segura meu rosto com cuidado para não borrar a tinta em meu peito. Seu polegar percorre o curso das lágrimas sobre meu rosto e então ele toca a covinha em meu queixo. Sua respiração envolve meu rosto, quente e adoçada pelas flores de mel que ele comeu antes.

Passo a palma da mão por seu peito e mais abaixo, buscando as cicatrizes através do tecido fino da camiseta. Buscando o Jeb com quem cresci. Minha rocha, apesar de suas próprias fraquezas.

Ele geme. Seus dedos entram no cabelo preso na base do meu pescoço. Eu agarro sua camiseta, viro o rosto para beijar o piercing na beira de seu lábio inferior.

Com um som de surpresa, ele me larga e dá um pulo para trás. Uma luz vermelha é refletida em seu rosto. Nós olhamos para o meu pescoço simultaneamente. As páginas do diário estão brilhando.

— O que é essa coisa? — A voz dele está carregada de emoção. A luz vermelha pisca dentro dos olhos dele feito chama de velas. A expressão muda de curiosidade para fascínio. Ele usa o dedo mindinho para levantar os dois cordões que tocam minha clavícula, conseguindo não tocar no vão entre meus seios.

— Essas páginas são de verdade? — ele pergunta.

Empurro o coração que pulou até minha garganta, engolindo em seco.

— Não é nada. — Passo o pequeno caderno e a chave pela cabeça e os escondo no punho.

Não escape novamente... Por favor, fique comigo... Me abrace, me abrace, me abrace.

Meu mantra silencioso se espatifa quando ele pega meu pulso e o vira para que eu deixe cair os colares na palma de sua mão. No momento em que isso acontece, ele xinga e joga-os para o outro lado da sala. Com os olhos arregalados, abre os dedos.

O diário deixou uma impressão — uma marca vermelha da cor de fogo — no centro de sua mão.



12

Salas

Jeb inspeciona a mão enquanto tento avaliar a gravidade do ferimento. Seu humor muda para o acusatório em um piscar de olhos.

— O que você tem dentro desse livro? Por que ele me queimou?

— Eu não sei — murmuro a ele e também a mim mesma.

O diário me protegeu pelo menos duas vezes desde que estou dentro desta montanha. Será que ele acha que Jeb também é um perigo para mim?

Será que é?

— São só palavras — eu acrescento. — Palavras mágicas. Não têm nada a ver com você. — Não posso ser mais específica ou ele descobrirá que estou planejando procurar a Vermelha enquanto ele e papai estiverem fora.

Jeb estreita os olhos, como se não tivesse acreditado. Fico desnorteada, perguntando-me mais uma vez de onde vêm toda essa animosidade e desconfiança.

Papai escolhe este instante para voltar para a sala. Ele percebe meu estado semipintado e rapidamente desvia o olhar.

— Está tudo bem com vocês dois?

— Não poderia estar melhor — diz Jeb.

Papai pega a sacola e a coloca em cima da mesa para olhar os suprimentos com as costas para nós, um truque óbvio para nos dar privacidade.

Não que precisemos de alguma. Jeb acrescenta algumas coisas — uma fita de renda na barra da camiseta para cobrir meu umbigo e a parte inferior das costas, e meias-luvas combinando —, tão desligado de seus movimentos que me sinto como se fosse uma boneca unidimensional e ele estivesse colocando roupas de papel em mim.

Quando termina, ele me conduz até o espelho basculante para que eu possa vê-lo tocar cada peça pintada com a ponta do pincel, agora aceso com magia violeta.

O pigmento dourado em minhas pernas se torna uma meia-calça cintilante sem pés que termina nos tornozelos. Ele estica e dobra, feito Spandex. As duas camadas em xadrez vermelho, marfim e verde que ele pintou da cintura até o meio da coxa formam as costuras dianteira e traseira de uma minissaia, e a camiseta preta se alarga, adquirindo um talhe confortável. O crânio marfim e os ramos dourados na frente dela se inflam, como se fossem um bordado com fios metálicos.

Ele solta meu cabelo e roça o pincel em minhas ondas platinadas. Ergo a mão para tocá-las e sinto uma bandana em forma de tiara com rosas brancas e rubis cintilantes que combinam com minha mecha vermelha.

Pela primeira vez em um mês, sinto-me eu novamente. Parte intraterrena e parte humana — e um toque de majestade.

O reflexo de Jeb aparece atrás do meu, com o queixo acima da minha cabeça. Ele coloca o diário e os cordões com as chaves no lugar, com cuidado para tocar somente nos cordões.

— Vou repetir mais uma vez — ele diz. — Não deixe as roupas se molharem.

Eu me viro para agradecer-lhe por me dar essas coisas lindas, mas ele já está do outro lado da sala, discutindo a missão ao portão do País das Maravilhas com papai.

De volta para trás do biombo, verifico sob as roupas. As bandagens se uniram à roupa pintada, deixando somente os presentes rendados de Morfeu intactos. Coloco minhas botas de Barbie sobre a meia-calça. Decidimos que era melhor eu ter sapatos à prova d’água. Assim que eu sair, papai e Jeb me acompanharão até

o farol.

Papai me dá um abraço e instruções rigorosas para que eu não me mexa até eles voltarem. Juntos, eles retornam ao barco. Eu me regozijo em silêncio, rindo de como eles esqueceram que posso voar, quando Jeb para no meio das escadas de pedra, diz alguma coisa a papai e volta para perto de mim.

Ele apoia a mão sobre o batente da porta acima da minha cabeça, inclinando-se sobre mim, com os traços fortes iluminados pela lua.

— Eu sei que está planejando sair — ele diz.

Reprimo uma negação, furiosa por ele ter previsto cada movimento meu quando eu nem consigo extrair uma migalha dos pensamentos dele.

— Só existem dois modos de sair deste refúgio — ele continua. — O primeiro é o caminho que você usou para entrar. Eu ordenei às pichações que não a machucassem, mas também não a deixassem sair daquele túnel. E, se você tentar tirar água deste oceano, ele vai evaporar assim que você o retirar do cenário. O outro modo é a passagem pela montanha e eu sou o único que a controla.

A intraterrena em mim está impressionada pelo seu novo papel de mestre manipulador. Mas o lado humano, o que sabe que este não é o verdadeiro Jeb, tem medo do que ele se tornou.

— Aproveite esse tempo — ele insiste. — Descanse e preserve suas forças para o País das Maravilhas. Não vai ser um piquenique para você nem para o seu pai. — O velho Jeb aparece de relance quando ele hesita, e eu me pergunto se pensou no que significará para nós o fato de ele permanecer em Qualquer Outro Lugar. Será um adeus definitivo.

Ele baixa a mão queimada e olha com atenção para a cicatriz recente.

— Você não me disse o que tem nesse caderno aí.

Eu aperto o diário entre os dedos.

— Eu disse que eram só palavras.

Ele bufa.

— Bem, então parece que são palavras que sempre vão ficar entre nós, não é? — Depois de dizer isso, ele parte. A frase “Às vezes, as palavras falam mais alto do que as ações” ecoa no ruído da sola de suas botas arranhando os degraus de pedra.

O que eu posso ter dito da última vez que estivemos juntos que pareceu tanta traição e destruiu a fé que ele tinha em nós dois?

Cerrando os dentes, eu bato a porta. Apesar do que Morfeu queria que eu acreditasse, existe algo mais do que raiva, ciúme e arrependimento dilacerando o Jeb que eu conheço. Talvez a magia intraterrena seja demais para qualquer mortal controlar sem ir à loucura.

Sento-me na cama da torre. Preocupada com a excursão de Jeb e papai e desorientada pela escuridão perpétua, deixo as cortinas em dossel abertas e deito-me de lado para observar o céu estrelado através da vigia. Inalo o ar salgado e planejo minha fuga: depois de algum tempo que Jeb e papai tiverem saído, vou procurar Morfeu nas salas de baixo. Ele deve conhecer alguma outra saída da montanha. Vamos usar o diário para nos conduzir até a Vermelha. Embora eu não saiba ao certo como encontraremos o caminho de volta depois disso.

As pálpebras começam a pesar e eu adormeço...

Em algum lugar de meus sonhos, vislumbro lampejos de mamãe. Seu cabelo está comprido agora, muito abaixo dos ombros, e brilha em um tom suave de rosa. Ela parece saudável, radiante de magia. Está com Grenadine no castelo Vermelho, substituindo as fitas sussurrantes da minha rainha substituta na ausência de Bill, o Lagarto. Todos os dias, mamãe gentilmente recorda Grenadine das coisas de que ela precisa se lembrar. Por causa disso, ela é respeitada e reverenciada pelos súditos da corte.

Mas há algo sombrio se infiltrando que não respeita ninguém... um temor obscuro que rasteja pelos muros do castelo e penetra em suas frestas.

Antes que esse mal possa tomar o palácio, chegam a Marfim e seus cavaleiros. A Marfim sopra uma névoa prateada que congela tudo o que toca, incluindo os guardas de cartas. Depois, ela leva mamãe e Grenadine para um lugar seguro. Um lugar de luz e esperança radiantes.

O sonho termina, deixando o local em que elas estão como um mistério. Tudo o que sei é que mamãe encontrou um refúgio.

Sem saber por quanto tempo dormi, pulo correndo da cama e atravesso a porta. No momento em que o ar me atinge, liberto minhas asas. Meio voando e meio dormindo, desço os degraus na direção da costa. Dou um salto no último segundo. Minhas botas raspam na água, e então alço voo.

Lembro-me de como mamãe voou ao meu lado no baile de formatura. Morfeu certa vez me disse que ela e eu temos uma conexão incomum. Que ele era capaz de usar os sonhos dela como veículo para os meus. Talvez ela tenha encontrado alguma forma de reverter esse poder e se comunicar comigo. Talvez por eu estar aqui em Qualquer Outro Lugar, tão próximo do País das Maravilhas, ela tenha conseguido se comunicar — porque o sonho que tive me pareceu uma premonição.

Meu corpo fica mais leve e eu voo mais alto, como se pensar nela tivesse ajudado a me elevar. As ondas vão ficando menores, cada vez mais longínquas. Sua crista parece a espuma de um cappuccino, a água escura como o café, só com o luar para iluminá-la.

Quando chego aos corredores da montanha, absorvo minhas asas e vou diretamente ao estúdio de Jeb — a única porta entreaberta. O sol está brilhando, então talvez eu não tenha dormido por tanto tempo. Olho para a mesa e os pincéis. O que ele usou em minhas roupas ainda brilha com a magia violeta.

Pego o pincel e sigo a direção que Morfeu tomou quando saiu escoltado pelas mariposas. Cinco portas se alinham no corredor sinuoso. Mexo em cada maçaneta ao passar, sem me surpreender por encontrá-las trancadas.

A primeira porta é confeccionada inteiramente de bolas de gude. A madeira da seguinte está danificada por queimaduras de cigarro. Outra é feita de casca de árvore, cheia de nós, com folhas de salgueiro penduradas. Pétalas de rosa vermelhas e aveludadas formam a próxima, ao lado da última. Eu acaricio as flores macias e inalo a delicada fragrância, pensativa.

— Morfeu! — chamo em voz alta. Sem ouvir nada, decido abrir todas e encontrá-lo pelo processo de eliminação. Não há buracos para chave. Lembro-me então de que, cada vez que Jeb abre a porta de diamante, ele simplesmente ordena que a maçaneta de rubi se abra.

— Abra — digo para a porta de bolas de gude, mas nada acontece. Ergo o pincel luminescente e roço as cerdas na maçaneta. Nada. Então, percebo que o cordão com o diário está brilhando. Não só isso, está tentando alcançar a maçaneta, esticando o cordão com força em volta do meu pescoço, como se estivesse magnetizado.

Franzindo a testa, inclino-me para que ele possa tocar na maçaneta de metal. Forma-se uma centelha e ouço um clique. Colocando o pincel de lado, abro a

porta e adentro em uma réplica exata da porta de entrada da casa de Jenara e Jeb.

— Al? — Jenara cumprimenta.

Fico sem ar. Seus olhos são indiferentes e sem emoção, como os da cópia de Jeb. O cabelo cor-de-rosa está preso em um coque e ela usa uma legging de xadrez branca e preta com uma túnica metálica prateada.

— O que a traz aqui? — Ela age como se me ver fosse a coisa mais natural do mundo.

A emoção fecha minha garganta. Quero me atirar em seus braços. Mas esta não é a Jen. Ela não é nada mais do que um reflexo vazio da minha melhor amiga.

— Mãe! — Jen grita. — A Al está aqui! Faça uns biscoitos ou alguma coisa parecida para a gente. — De braços dados, ela me conduz para a sombria sala de estar.

Minha pele se arrepia. Ela parece Jenara. Age como Jenara. Contudo, pela minha experiência com algumas das criações de Jeb, ela não merece confiança.

— Olá, Alyssa. — A voz de um homem sai do canto mais escuro da sala, de trás de uma plataforma de madeira projetada com rodas e polias. — O Jeb está com você?

— Hum... — respondo, reconhecendo vagamente a voz.

Jenara acende uma luminária de chão, iluminando a engenhoca de madeira, que tem as palavras RATOEIRA DO LINGUARDARTE pintadas na frente.

— Não — murmuro, incrédula. É o mesmo aparelho que estava no fundo da toca do coelho quando eu e Jeb caímos lá na primeira vez e que abriu a porta para o jardim de flores e a loucura.

E deu início a tudo...

O pai de Jeb está de pé atrás do labirinto de madeira, brincando com uma das polias. Seu perfil parece jovem e gentil — nada parecido com o homem amargo e desgastado que ele era antes de morrer.

Sinto náuseas. Jeb o trouxe de volta à vida nessa versão mais gentil para reviver seus momentos ideais em família. É sentimental, é triste, e é perturbador.

— Bom, ele deve estar a caminho — diz o Sr. Holt, e me encara. Eu reprimo

um gemido. Seus olhos são laranja, tremeluzindo feito a ponta acesa de um cigarro. Quando ele pisca, caem cinzas sobre seu rosto, deixando rastros. — Este é o jogo favorito dele. — Ele joga bolas de gude em uma das rampas. — E ele me deve uma revanche.

— Você está esperando que ele o deixe ganhar desta vez, papai. — Jenara dá risada. Ele pisca para ela, fazendo caírem brasas por seu rosto.

Eu estremeço.

— Olha, eu tenho que ir. — Afasto-me, com Jen e seu pai me seguindo.

— Mas você acabou de chegar — ela diz com voz mais ameaçadora do que amistosa.

Eu esbarro em algo macio e giro no calcanhar.

— Biscoitos? — A rechonchuda mãe de Jeb sorri para mim e oferece uma travessa cheia de guloseimas. Biscoitos de chocolate, lâminas de barbear sujas de sangue e vidro quebrado parecem ser o sabor do dia.

— Este não é o meu lugar — eu sussurro, incapaz de tirar os olhos dos petiscos mortais.

— Não é mesmo — concorda o Sr. Holt. — Porque estamos aqui para fazê-lo feliz. E você o deixou triste. Mas nós vamos consertar isso. Coma um biscoito.

Sinto um nó no estômago. Vou de lado até o centro da sala, e eles me rodeiam, com o pedido tornando-se um sibilo:

— Sssssimmm, nósss inssssissstimosss. Ssssó um bissscoitinho...

O diário em meu pescoço lança uma luz vermelha escaldante. A pseudofamília de Jeb recua, gritando. Eles caem no chão, num emaranhado de membros. Com o coração aos pulos, saio da sala e os tranco lá dentro, dando graças a Deus que Jeb os tenha pintado em seu próprio cenário, para que não possam passar pela porta.

Apoio as costas na porta. Sua frieza vítrea entra pelas fendas de minha camiseta. As bolas de gude devem representar uma das lembranças mais felizes de Jeb, que era fazer rampas para elas com seu pai. Se essa é uma cena agradável, fico horrorizada só de pensar no que há por trás da porta com queimaduras de cigarro depois da próxima curva.

Não tenho certeza se é a determinação para encontrar Morfeu ou um desejo do

meu lado obscuro de mergulhar mais fundo na mente de Jeb, mas sigo adiante.

Usando o diário para abrir a fechadura, espio lá dentro. Um ginásio com pesos, uma bicicleta ergométrica e uma esteira aguardam lá dentro sob fracas luzes fluorescentes. Não há ocupantes, então eu entro. Um saco de pancada em forma de ovo está pendurado perto de uma parede com espelhos quebrados. A parte da frente me encara com olhos pintados, rosto redondo e uma boca — uma versão assustadora da rima de Humpty Dumpty.

Ouço um sibilo saindo de trás do saco. Tremendo, eu o observo virar-se lentamente e assumir o que parece ser seu lugar, apesar das cordas torcidas que esperam ser desenroladas.

O ar me falta. É o rosto do Sr. Holt do outro lado. Não é um desenho plano, mas um rosto tridimensional de carne e osso, rosnando. *Esse* é o Sr. Holt que eu conheci: as feições, antes bonitas, agora aguçadas pelo ódio e pela discórdia, as bochechas cavadas pelo grande consumo de álcool e pela falta de uma alimentação adequada.

Os olhos, como os do outro Sr. Holt, são feitos de bitucas de cigarro acesas.

Ele vocifera:

— Me faça tropeçar de novo. Vamos lá, seu pirralho inútil. Me faça derrubar a cerveja. É isso que você vai receber em troca. Pare de chorar, maldito. É isso que acontece quando você deixa os brinquedos pela casa. Não! Sua mãe não tem que recolher os brinquedos pra você. Assim ela vai ter que ser punida também. E, se ela está sangrando, a culpa é sua. *Toda sua*.

As imagens de infância que vi com o olhar de agonia de Jeb me vêm à cabeça. Era isso que ele vivia todos os dias. Estou surpresa que tenha sobrevivido. Não é de admirar que ele sempre tenha culpado a si mesmo pelo que aconteceu com a mãe e a irmã.

A língua do Sr. Holt continua a se agitar, com palavras degradantes e cheias de ódio.

Alguma coisa irrompe de dentro de mim — a parte que deseja vingança por tudo o que ele fez para o rapaz que eu amo. Eu o ataco, atingindo seus lábios com tanta força que o som faz um eco agudo e minha mão dói.

O saco gira lentamente.

— Ah! Ah! Ah! Eu deveria ter sentido isso? Sua irmãzinha bate com mais força que você. — O Sr. Holt cospe um dente, um pouco de sangue e uma torrente de obscenidades.

Não consigo me mexer. Eu deixei uma marca nele de verdade... cortei seus lábios e quebrei um dente. Quantas vezes o Jeb esteve aqui, socando o rosto do pai? A julgar pelos danos e cortes no saco, ele deve ter perdido a conta. Se ele se sentia tão impotente quanto eu me sinto agora, não deve ter lhe feito nada bem.

Saio correndo da sala, com a alma pesada e tristonha, e tranco os insultos cruéis do Sr. Holt lá dentro.

Jeb, o que você fez consigo mesmo? Ele caiu num desespero e amargura tão grandes que é como se estivesse morto. Uma desesperança imensa se aloja em minha alma e estrangula toda a esperança.

Com as pernas pesadas, vou aos tropeços para outra curva do túnel e chego à terceira porta.

— Morfeu! — grito novamente, a voz falhando. Não quero ver mais isso. Jeb não é o garoto que eu conhecia, e não sei como trazê-lo de volta...

E, o que é pior, não tenho tempo de descobrir.

Um som de motor me atrai para a porta feita de casca de árvore e folhas de salgueiro.

Eu hesito. Se cada porta simboliza o que está por trás dela, esta deve ter algo a ver com o salgueiro que une o quintal de minha casa ao da casa de Jeb. Nós jogávamos xadrez debaixo dessa árvore quando éramos crianças. Depois, quando nos tornamos um casal, íamos lá para ficar a sós um com o outro.

Não faz sentido ele colocar Morfeu aqui, mas o som de vibração não parou.

— Morfeu? — O ruído fica mais forte. Respiro bem fundo, bato de leve com o diário na maçaneta e espio lá dentro.

Flocos de neve caem das vigas. O cheiro é de neve real, embora não se sinta o frio na pele, só o brilho. Luzes negras e neblina complementam a atmosfera onírica. Ao contrário das outras duas salas, esta não é insana nem perturbadora.

É linda.

Entro com cuidado. A metade da frente está decorada como uma cena de baile de formatura: colunas adornadas com folhagens, um arco envolto em veludo

púrpura, e tule branco guarnecendo um banco de vime. Máscaras reluzentes de carnaval estão penduradas em vigas, com uma variedade de tamanhos de cordões — púrpuras, pretos e pratas.

Há uma réplica do vestido que Jenara fez para eu usar no baile em cima do banco — renda branca, pérolas e sombras feitas com aerógrafo. Eu me aproximo, intrigada com o buquê de pulso dentro de uma caixa plástica branca. Ao perceber o anel aninhado dentro de uma das rosas — pequeninos diamantes formando um coração com asas —, despenco sobre a cadeira, meu corpo subitamente fraco. Ele é exatamente igual ao que Jeb me deu quando me pediu em casamento. O que usei no pescoço e se fundiu com minha chave do País das Maravilhas e o medalhão de coração sob a pressão da magia de Morfeu.

Corro o dedo pela tampa da caixa, amarrada com uma fita dourada. Com um puxão, o laço se transforma em uma chuva de letras brilhantes que formam uma mensagem em pleno ar:

Coisas que um dia esperei dar a você:

1. Uma festa de casamento mágica...

Engasgada com as lágrimas, tiro o anel e o amarro no cordão, junto à chave do diário no meu pescoço, enfiando-o debaixo da camiseta para ficar mais seguro.

Uma cesta de piquenique está aos meus pés, debaixo do banco. Lá, outra fita, e, quando a desamarro, mais letras formam um desfile no ar:

2. Piqueniques no lago com sua mãe e seu pai...

Começo a fungar e vou até o meio da sala, onde reproduções de meus mosaicos flutuam ao lado de avisos de Vendido. Puxo uma fita e liberto outra mensagem:

3. Compartilhar toda uma vida de vitórias e risos...

Tomada pela emoção, eu me viro na direção do ruído de motor que vem da parede dos fundos. Uma motocicleta está parada no alto das vigas, em meio a cordões de luzes de Natal. Há um laço amarrado no guidão. Liberto minhas asas e ergo-me. Flocos de neve e uma brisa suave serpenteiam à minha volta

enquanto eu me acomodo no assento, voltando aos tempos em que andava na garupa de Jeb, os braços envolvendo seu corpo forte. Completamente à vontade, mas tão sem equilíbrio. Tão perfeita e erroneamente humana.

Reteso o queixo ao sentir um tremor e puxo a fita do guidão:

4. Passear de moto pelas estrelas...

As palavras lindas voam à minha volta, alimentando minha necessidade de mais. Há tantas fitas e objetos para contar. Voo de um para o outro, deflagrando mais desejos: por garotinhas com meu cabelo e olhos, e meninos que têm o temperamento teimoso da mãe; pela segurança dos braços um do outro todas as noites; por envelhecermos juntos e curtirmos cada ruga, cada mancha de velhice e cada cabelo branco, para sempre.

Meu peito incha — tanto que poderia estourar. A sala é um templo dedicado a tudo o que eu esperava ter. Coisas que Jeb queria me dar. Seu coração brilha em tudo o que criou aqui; seu altruísmo, sua nobreza e devoção, o desejo de fazer os outros felizes. Seu verdadeiro caráter não foi destruído. Ele foi guardado, reprimido.

O meu Jeb *está* vivo.

Eu voo até o chão e reabsorvo as asas. Não quero sair. Todavia, antes que possa ajudar a recuperar Jeb, encontrar mamãe e consertar o País das Maravilhas, tenho de achar Morfeu e enfrentar a Vermelha.

— Eu voltarei — sussurro, e olho para a porta atrás de mim.

Restam duas salas a explorar.

Paro diante da porta de pétalas de rosas. Desta vez, nem hesito. Uma batidinha do diário, e eu entro.

As paredes, também cobertas de rosas vermelhas, se curvam no teto e se encontram no meio, formando uma cúpula. Pequeninos globos transparentes flutuam acima de mim, tilintando ao baterem uns nos outros. Cada um deles abriga cenas vivas — como filmes mudos em miniatura.

Um, em particular, chama minha atenção. Dentro dele, um funil cinzento cai do céu. Dele sai a Rainha Vermelha em sua forma de flor zumbi gigante, ao lado de Jeb e Morfeu. É o momento em que eles chegaram a Qualquer Outro Lugar.

Os meninos ainda estão usando as roupas do baile de formatura, e Jeb está com sua máscara.

Eu seguro o globo para ver a cena se desenrolar mais de perto. A Vermelha aproxima-se de Jeb e Morfeu, lançando uma longa sombra azul. Uma boca torta que rosna se alarga no meio de sua cabeça de flor, e fileiras de olhos piscam em cada pétala. Sua hera se enrosca nos rapazes, e eles se debatem, tentando escapar. Jeb liberta um braço e enfia a mão no bolso, tirando uma faca. Morfeu distrai a Vermelha — fazendo queda de braço com a hera até que ela comande várias outras para paralisá-lo. Jeb serra suas amarras — como fez quando enfrentamos o jardim de flores monstruosas em nossa viagem ao País das Maravilhas.

Uma vez livre, ele agarra a hera cortada, usando-a para amarrar os outros membros da Vermelha e ajudar Morfeu.

A Vermelha perde o equilíbrio e vai ao chão, indefesa.

Quando a poeira abaixa, Jeb e Morfeu se entreolham. Ainda segurando uma vinha, Jeb arranca a máscara do baile, grita alguma coisa e vira-se para ir embora. Morfeu pula em suas costas. Eles lutam no chão e Morfeu termina por cima, com as asas envolvendo os dois como uma tenda. Posso ver o contorno do rosto de Jeb pressionado contra a membrana acetinada do outro lado. Ele está sendo asfixiado. A raiva ferve dentro de mim.

A cena termina. A Marfim me disse, semanas atrás, que é nas ações de Morfeu que está a verdade. No ano passado, quando ele usou aquele truque para asfixiar Jeb, queria deixá-lo inconsciente para ficar a sós comigo. Então, precisava ter um motivo para querer Jeb inconsciente desta vez. E só há uma maneira de descobrir qual era.

No momento em que me viro para ir embora, os globos restantes descem para perto, insistindo em que eu olhe dentro deles. Um tremor de desconforto me envolve a cada vez que espio. Um é uma imagem da mãe da Rainha Vermelha quando esta era jovem; também há momentos entre a Vermelha e seus pais — bebendo chá, rindo... plantando flores; e dançando com o pai enquanto a mãe aplaude a distância.

Jeb não poderia saber todas essas coisas. São coisas que somente a *Vermelha* saberia.

Antes que eu consiga juntar todas as peças para saber seu significado, uma

imagem de Charles Dodgson toma forma dentro de um globo que flutua para longe. Eu me estico e o pego.

Ele está andando em um caminho ladeado por flores junto de um distinto cavalheiro mais velho. Quando eles penetram na sombra de algumas árvores, a aparência do homem mais velho se transforma e eu vejo, muito claramente, a Vermelha usando o disfarce do professor. Assim como Hubert disse na hospedaria.

Meu coração acelera.

Charles leva um diário cheio de equações escritas à mão e indicações de latitude e longitude. Juntos, Charles e o disfarce de professor da Vermelha atravessam alguns arbustos, parando na estátua do menino com o relógio de sol — o portal para a toca do coelho — que um dia escondeu a entrada para o País das Maravilhas antes de eu destruir tudo.

A imagem escurece. Estou prestes a soltar o globo quando ele se ilumina mais uma vez, mostrando outra cena em que um grupo de pessoas faz um piquenique. Várias crianças, uma mãe, um pai e Charles. O rosto de Alice Liddell aparece. Sua aparência é igual à da menina de sete anos na fotografia que mamãe tinha escondido na poltrona reclinável de papai. Esta deve ser a família dela... os Liddells, amigos íntimos de Charles.

O rosto de Alice está radiante de animação enquanto ela corre sozinha por entre vários espectadores. Bolinhos, xícaras de chá sobre toalhinhas de crochê e sombrinhas são abundantes. Ela dá voltas em uma moita familiar. Com os olhos cheios de encanto, ela para ao lado da estátua com o relógio de sol. Ela foi afastada para o lado, deixando à mostra o buraco abaixo.

Duas orelhas brancas e peludas surgem lá de dentro, e aparece uma cara de coelho completa, com o nariz agitado e adoráveis bigodes. Alice fica boquiaberta e o coelho faz um sinal com a pata rosada e almofadada para que ela o siga. O que ela não vê é o outro lado do disfarce de coelho: a mão ossuda do Rábido Branco, o rosto do homem velho de antenas brancas.

O coelho branco desaparece dentro do buraco. Olhando em volta, Alice hesita. Mas a luz curiosa em seus olhos brilha mais do que o medo, e ela mergulha. A Rainha Vermelha sai rastejando de trás de uma touceira de rosas e empurra a estátua do relógio de volta para cima do buraco, tapando-o. Ela vai embora antes que Charles e o pai de Alice apareçam, procurando a criança que sumiu.

Nenhum deles sabe que há um buraco debaixo da estátua, a julgar pelo espanto no rosto deles. Charles havia encontrado o portal, mas nunca descobriu como abri-lo.

Conheço o resto da história de cor: Alice ficou desaparecida por dias. Depois que ela retornou, Charles, também conhecido como Lewis Carroll, colocou a história dela no papel. Mas não foi Alice quem retornou. Foi a Vermelha.

O globo escurece novamente, e eu o solto.

Fico parada no lugar, entorpecida.

Todo esse tempo eu pensava que Alice havia descoberto o País das Maravilhas por acidente. Entretanto, a Vermelha fabricou a possibilidade do reino intraterreno na mente de Charles Dodgson fazendo-se passar por seu colega. Quando Charles descobriu a estátua com o relógio de sol e nada mais, pensou que seus cálculos estivessem errados. Então a história floresceu como ficção dentro da imaginação de seu contador. Ele encheu a cabeça de Alice e a de seus irmãos com ideias fantasiosas e tentações de contos de fadas, cometeu o erro de mencionar a estátua e até levou a família para vê-la durante um piquenique, sem nunca perceber a repercussão disso.

A Vermelha *queria* que Alice entrasse na toca do coelho. Ela preparou tudo.

Um calor desconfortável lateja no meu crânio — minha intuição intraterrena acordando... cutucando. Seja porque o espírito da Vermelha um dia compartilhou meu corpo, seja porque suas memórias ainda estão em algum canto obscuro de minha mente, eu sei que esta epifania é fato, não especulação.

Hubert disse que a Vermelha queria melhorar a linhagem intraterrena. Que ela achava que os humanos eram melhores, de alguma maneira.

O que torna as crianças humanas melhores? Por que a Irmã Dois as rouba e as amarra no jardim das almas?

Sonhos e imaginação...

O diário se mexe em meu pescoço, uma prova ainda maior. As memórias esquecidas nestas páginas moldaram as motivações da Vermelha muito antes de ela escolher esquecê-las. Mas o problema é que ela escolheu esquecer. Esqueceu *porque* queria levar sonhos para o País das Maravilhas.

“Um dia, vou trazer sonhos para nossa espécie, pai. Eles serão abundantes

em todo lugar, não só no cemitério. Um dia, vou libertar os espíritos para que possam dormir em nossos jardins, roçando nossas janelas à noite e tropeçando em nossos pés de dia. Vou trazer imaginação ao nosso mundo para que todos possam sempre estar com aqueles que amam."

As únicas coisas que a Vermelha continuou lembrando depois de matar suas memórias eram que ela queria levar sonhos para o reino intraterreno e queria poder e vingança. De alguma forma, essas coisas se fundiram em sua mente. Depois que o marido a traiu, ela não tinha nada a perder fazendo o papel de rainha negligente, banindo a si mesma do reino para que ninguém percebesse quando ela sumisse no reino humano.

Ela aprisionou uma criança humana no País das Maravilhas e usou uma cópia dela como camuflagem para poder procriar com um mortal e levar de volta herdeiros mestiços. Esses descendentes deveriam introduzir sonhos e imaginação no mundo intraterreno. Mas como melhorar as coisas no País das Maravilhas poderia satisfazer sua necessidade de vingança e poder?

Sinto a cabeça confusa e enorme. Ainda há algo que não percebi. Uma parte crucial do plano dela.

Olho em volta buscando mais cenas. No centro do teto abobadado, os globos estão sendo confeccionados por uma hera verde e folhosa, igual à que Jeb tinha na mão quando Morfeu o atacou depois que eles escaparam da Vermelha. A hera está suspensa no ar sem ninguém que a controle, dando vida a cada cena com um cintilar de magia carmim que goteja de sua extremidade.

Magia carmim. Essa era a cor da magia da Vermelha em suas memórias. A de Morfeu é azul. A de Jeb é *púrpura*.

Encosto-me na parede, com falta de ar por causa do opressivo aroma de rosas.

Como é que não percebi? Quando Jeb caiu neste mundo enrolado nessa hera, ele absorveu parte da magia da Vermelha, junto a uma parte da magia de Morfeu — que também estava preso. E eu aposto minha vida que Morfeu já sabe. Isso explica por que as imagens nesta sala pertencem à Vermelha e por que as pichações me atacaram. Explica por que Jeb parece outra pessoa... e por que as memórias esquecidas da Vermelha o queimaram por meio do diário.

As palavras do besouro de tapete ecoam em minha mente: *Memórias repudiadas... querem vingança contra quem as criou e as repudiou.*

As memórias nas páginas do diário sentiram os fragmentos da Vermelha dentro de Jeb e de suas criações e queriam vingança. O intuito não era me proteger.

Quase tropeçando nas próprias botas, recuo e saio pela porta. Ela bate atrás de mim.

A Vermelha é uma parte de Jeb. Então, como posso destruir o espírito da Vermelha e acabar com ela sem matá-lo também?



13

Armadura

A porta final não contém enfeites ou design. É claro que Jeb criaria uma entrada simples para o quarto de Morfeu.

Corro para dentro e escondo o colar com o diário por baixo da camiseta, junto à chave e ao anel, certa de que as mariposas de Jeb estarão de guarda. Em vez disso, sou invadida por um forte aroma de tabaco de narguilé, com toques de carvão e ameixa, espalhado por uma suave brisa. A distância, avisto um cogumelo ultravioleta do tamanho de um pneu de caminhão. A nuvem de fumaça se assenta sobre ele como neblina sobre uma cidade.

Árvores dispostas em círculo entrelaçam-se, formando uma cúpula. Um céu lilás aparece por cima das copas, lançando sombras que se movem. Pequeninas luzes penduram-se dos galhos.

O lar de Morfeu está exatamente como era quando Jeb e eu visitamos o País das Maravilhas e quando eu o visitei nos sonhos da infância, aprendendo a ser rainha.

Salpicado de musgo verde-limão e líquens amarelo-vivos, o chão se afunda por baixo da sola de plástico dos meus sapatos. Sou assolada por lembranças felizes de brincadeiras infantis com Morfeu, misturadas às emoções adultas que ele despertou ao longo do último ano.

Fadas descem pelas árvores, luminescentes e temperamentais. Agitam os

punhos para mim, intolerantes à minha presença, assim como a maioria das criações de Jeb. Elas começam a se atirar contra mim como pedras de granizo, usando tanta força que me deixam marcada. Nikki aparece e me resgata, seguida por Chessie logo atrás. Eles cercam as outras e as enxotam na direção da névoa do narguilé. As fadas retiram-se soltando grunhidos que tilintam como talheres de prata sendo jogados em uma gaveta.

— Chapéu de festa! — Morfeu grita lá de dentro.

Chessie e Nikki disparam e desaparecem na direção das árvores, à procura do chapéu para Morfeu.

— Você os mandou atrás da coisa errada — protesto. — Não vamos comemorar nada.

— É uma pena. — A voz de Morfeu emana da nuvem, abafada como a fumaça que o envolve. — Você já está até vestida para isso. Seu mortal se superou. — Ele exala um anel de fumaça que flutua em minha direção. — Suponho então, já que não vamos exibir suas vestes estonteantes, que poderíamos encontrar uma cachoeira onde brincar. Eu gostaria de dar uma olhada nos presentes que mandei para você na noite passada.

Minha pele se arrepia por baixo da lingerie. Levanto o queixo, determinada a não deixá-lo perceber o efeito que provoca em mim.

— Eu vi os quartos.

— Ah! — ele responde, sem o menor traço de surpresa. — Bem, antes que você despeje as acusações de sempre, gostaria de esclarecer que eu não permitiria que você matasse a Vermelha. Pelo menos não até que a expulsemos de seu brinquedinho mortal.

Finjo uma risada.

— Certo. Você a quer morta tanto quanto a Jeb. Dois coelhos com uma só cajadada.

— Se isso fosse verdade, ele não estaria aqui agora. Quando aterrissamos, os pássaros trogloditas começaram a nos sobrevoar. Eles preferem alimento vivo, então simulei que matava Jebediah. Eu o escondi para protegê-lo, e é o que tenho feito desde então.

Aproximo-me um pouco mais, mexo com o pé em uma pedra do tamanho de

uma bola de beisebol. Apanho-a e rolo-a entre minhas luvas rendadas.

— Você não está protegendo Jeb, está ocultando. Ele é a sua joia da coroa. Com a magia que ele concede a você, todos o tratam como rei. — Contenho-me, pois esse é um papel que Morfeu desempenhará de verdade se eu me comprometer eternamente com ele, algum dia.

Sua risada profunda se enrosca em um filete de fumaça.

— Você se sente vulnerável, Alyssa... pelo fato de podermos ler os pensamentos um do outro? Eu me sinto. — Seu tom de voz se ameniza com a confissão, uma faceta desprotegida raramente utilizada por ele.

É claro que me sinto vulnerável; tudo a respeito dele me faz sentir assim. Passo a pedra de uma mão para outra.

— Farinha do mesmo saco. Blá-blá-blá. Esse clichê me deixa entediada.

— Prefiro pensar em nós como mariposas da mesma chama. E tentar adivinhar qual de nós dois vai se queimar primeiro está longe de ser entediante, amor.

Uma agitação percorre meu corpo ante o desafio implícito.

— Você percebeu que Jeb havia adquirido magia. Por isso o salvou.

Outra risada engrossa a fumaça em volta do cogumelo.

— Eu vi um líquido carmim gotejando da ponta da hera e a luz púrpura sob a manga da camisa dele. De alguma forma, a cúpula de ferro causou uma reação magnética, incorporando a minha magia e a da Vermelha nele. Sim.

— Então, foi aí que vieram para a montanha? — insisto.

— Jebediah fez um desenho na lama a céu aberto. Sua criação ganhou vida. Então fizemos tintas e pincel improvisados. Com essas coisas, escavamos a montanha e domamos o oceano e seus habitantes, modificando o mundo já existente. É assim que suas paisagens funcionam: ele redesenha a água em lagos e fossos... molda a terra em montanhas, colinas ou vales. Cada vez que me arrisco a sair, ele modifica o entorno para confundir os seres daqui e apagar minha trajetória. Mas essa habilidade tem limites emocionais. Apesar de ele não ter problema nenhum em redesenhar paisagens e inventar criaturas, quando se trata de pinturas mais pessoais, ele é acometido por um bloqueio artístico. E, quanto menos satisfeito está com seus resultados, mais cai em desespero, o que

confere à magia da Vermelha mais poder sobre a inspiração dele.

Meus olhos lacrimejam, tanto pela fumaça quanto pelo receio da sanidade de Jeb. O alerta que ele deu a Morfeu quando os vi juntos da primeira vez agora faz todo o sentido: *Você se lembra do que aconteceu quando o rosto dela apareceu em minhas pinturas*.

— Alguma coisa deu errado quando ele tentou me pintar.

— Ele não conseguia retratar você bem. Faltavam-lhe pernas e braços. Seu rosto tinha buracos. Como o autorretrato que ele fez.

Meu estômago se embrulha.

— Mas eu pensei que as outras pinturas tinham atacado CC.

— Por vezes, as pinturas atacam umas às outras. Mas aquilo foi culpa de Jebediah. Ele não consegue ver além da imagem partida que seu pai o ensinou a ver. Então, não consegue pintar a si mesmo por inteiro. E é por isso que acabou se retratando como um cavaleiro elfo, como última tentativa. O mesmo aconteceu em relação a você. A confusão e a raiva dele não deixavam que ficasse perfeita. Ele se escondeu no quarto do salgueiro tentando pintá-la direito... tentando retratá-la à altura de sua memória. O único jeito que arrumei de tirá-lo dali para que voltasse a viver novamente foi sequestrar cada uma das suas cópias. Eu as conduzi até a água e fiquei observando enquanto se desmanchavam e desapareciam. Estavam desfiguradas a tal ponto que era desumano mantê-las vivas, apesar de o criador delas não ter força suficiente para destruí-las. Então eu o fiz por ele. Eu o convenci de que a melhor maneira de se libertar era sair do quarto do salgueiro. Para evitar lembranças suas e assumir a raiva que sentia.

Apoio-me em uma árvore e pressiono a pedra fresca contra o anel pendurado por baixo da camiseta para aliviar as pontadas no peito. Não é de espantar que a raiva e a violência tenham dominado o coração de Jeb. Ele sobrevive à custa do poder extraído dos dois habitantes mais potentes, mais brilhantes e mais manipuladores do País das Maravilhas. Está em guerra consigo próprio tentando contê-lo. Assim como eu fazia. Contudo, seu esforço é ainda maior, já que ele é dois terços intraterreno e um terço humano.

Cerro os olhos.

— Ele deve ter se sentido tão solitário.

Ouve-se um grunhido vindo da nuvem:

— Francamente, Alyssa. Você me magoa. Sou uma excelente companhia.

Arregalo os olhos.

— Você *mentiu* para ele. Você não queria que ele soubesse que era a magia da Vermelha que o fazia sentir raiva de mim. Como você conseguiu isso? Ele teve que ver as memórias na sala de pétalas de rosa.

— A despeito da magia que ele exerce, sua porção mortal está fora de seu elemento natural aqui. Ele não tinha em quem confiar a não ser em mim. Ninguém exceto a origem de sua força. Então, quando eu disse a ele que as imagens no quarto de pétalas de rosa eram memórias minhas, do tempo que passei com a família real, ele não teve por que duvidar da minha sinceridade.

Aperto os dedos em volta da pedra.

— *Sinceridade*. Como se você soubesse o que é isso. Você permite que ele seja devorado pela raiva dela apenas para colocar um obstáculo entre nós dois.

Morfeu estala a língua dentro de seu véu de névoa.

— Se ele soubesse da Vermelha, teria voltado sua magia contra mim. Teria me matado com um estalar de dedos. Foi autodefesa. O fato de isso ter afastado vocês dois foi simplesmente um bônus. — Um fiapo de fumaça se desprende, formando corações, anéis, notas musicais.

Solto um grunhido.

— Sim. Qualquer coisa que traga vantagem a você. — Abano um coração de fumaça, partindo-o ao meio.

Uma asa grande e escura corta a fumaça e desaparece em seguida, envolvida pela névoa.

— Você me levou a isso. Você colocava aquele rapaz em um pedestal. E lá é muito escorregadio para alguém tão sem princípios como um solitário ser mágico. Não é que eu não tenha tentado trazê-lo para baixo. Olhei dentro da alma dele. Esperava encontrar seus pontos fracos. Mas então percebi que até eles poderiam ser considerados pontos fortes em circunstâncias apropriadas.

— Espere. *O qu*ê? — Olho em direção à nuvem, desejando que ele saia dela e me encare. — O que você quer dizer com olhar dentro da alma dele?

— Peguei o trem da memória alguns meses depois de você deixar o País das Maravilhas. Antes de você e Jebediah nos visitarem no dia da formatura. Que tal minha sinceridade?

A fúria transparece em meu rosto.

— Você espionou as memórias perdidas dele? Você não tinha o direito! — Os galhos acima de minha cabeça tremulam, como se provocados pela minha explosão. O diário se aquece por baixo da roupa, resplandecendo.

— Ah, por favor — Morfeu debocha. — Guarde a sua justa indignação para alguém que não conheça de perto seu lado manipulador. Você não fica para trás, espionando as memórias de sua mãe. De seu pai. Da Vermelha. Menos ainda usando um diário encantado pela magia amorosa de uma criança para manter as memórias repudiadas a uma distância segura... uma ideia brilhante. Se eu já não estivesse louco por você, essa artimanha já teria me puxado o tapete e me derrubado de costas no chão.

Agarro o diário por baixo da roupa.

— Como você sabia que eram as memórias esquecidas que estavam aqui?

— Da mesma maneira que você sabe que a Vermelha envenenou a inspiração do seu brinquedinho mortal. Intuição intraterrena e raciocínio superior. Provando mais uma vez que você e eu somos mais parecidos do que você gosta de admitir.

— Não somos nem um pouco parecidos. — Mentira, sei disso. E o pior é que ele também. — Minha motivação foi honrada. Roubei as memórias da Vermelha para que ela parasse de arruinar a vida de todos.

— Uma iniciativa de rainha, é verdade. Mas tudo se resume a uma única coisa: você é uma dama de *ação* e eu, um homem da mesma estirpe. Somos peritos em riscos e truques e não hesitaremos em usá-los para preservar aquilo que amamos. E é por isso que, não obstante meus deslizes éticos, quando comparado ao seu príncipe de cartolina, você escolherá a *mim.*

Sua assertividade invade minha mente, zombando de minha própria indecisão.

— É mais do que isso. É escolher qual lado meu assumir e a qual dar as costas. Eu vou consertar o País das Maravilhas. E estarei lá cada vez que o reino intraterreno precisar de mim. — Sinto-me estonteada com a ardência no coração, como se tivesse sido talhado ao meio com uma faca. A marca da Vermelha vai se acentuando a cada hora que passa. — Mas ainda não consigo escolher. — *Não*

sem cair de joelhos de tanta dor.

— E aí, minha flor, é onde seu egoísmo completa o círculo e fica confirmado, sem sombra de dúvida, que você é uma rainha maliciosa da Corte Vermelha, sem tirar nem pôr.

— Chega! — Perdendo o controle, atiro a pedra em direção à nuvem do narguilé. Ela a atravessa sem encontrar obstáculos, caindo no chão do outro lado, próximo ao cogumelo. A risada zombeteira de Morfeu me incita a atirar mais uma, mas dois buracos na nuvem não me satisfazem. Quero lançar cada pedra que encontrar como se fosse um míssil até que Morfeu fique igual a um pedaço de queijo suíço.

Minha magia demonstrou ser inútil contra as criações de Jeb, mas as memórias da Vermelha podem afetá-las. Talvez eu possa persuadir o poder das páginas do diário, atiçá-lo contra minha magia. Como o Gravitron, usar as duas forças, uma contra a outra, para obter uma reação violenta.

Quanto mais me concentro, mais esquenta o livro em minha pele. O brilho avermelhado emana pelo centro do peito e pelas veias. Incorporo-o até que meu sangue ferva e transborde, e então redireciono a força para levantar as pedras do chão. Acima, os galhos das árvores estalam e caem, atingindo minha munição improvisada, fazendo grande ruído e lançando-a em direção à névoa, abrindo rasgos. A nuvem começa a se dissipar.

— *Finalmente* — Morfeu fala em um tom de voz exausto. — Será preciso sempre provocá-la para que você perceba que não tem limitações além daquelas que você mesma se impõe?

Ainda não posso vê-lo, mas as fadas estão lá, pairando no ar e dando risadinhas. Mostram a língua e saem em disparada, rodopiando na mesma direção que Chessie e Nikki tomaram.

Os vestígios de fumaça se dissolvem como fiapos de algodão no céu, expondo o cogumelo completamente. Equilibrada e aberta em cima dele pousa uma grande mariposa, balançando vagarosamente as asas negras. A tromba aspira o tubo do narguilé e solta no ar mais anéis em forma de estrelas e corações.

— Espere — digo, a raiva dando lugar à confusão. — Você não pode estar com forma de mariposa. Você não pode usar sua magia. É tudo ilusão.

— Isso mesmo, minha Rainha. — A voz dele faz cócegas na ponta da minha

orelha direita, apesar de vê-lo no cogumelo. — Assim como você, usando as memórias repudiadas da Vermelha para dar a ilusão de poder contra as pinturas de nosso pseudoelfo. Bom trabalho, aliás.

Viro-me, mas não vejo ninguém à minha volta.

— Isto não é real.

— É tão real quanto desejar que seja. — Seu sussurro roça a orelha esquerda agora, provocando um calor irresistível em meu pescoço.

Olho em volta, mas ele não está em lugar nenhum.

A mariposa abana as asas, devagar e lânguida em seu poleiro. Ao mesmo tempo, sinto o toque de lábios macios descendo pela minha nuca. À minha revelia, sinto desabrochar o prazer quando ele me toca.

— Como você está em dois lugares ao mesmo tempo?

— Ilusão de óptica — responde sua voz atrás de mim. Ele me puxa para mais perto com mãos invisíveis em minha cintura.

Mãos invisíveis...

— O simulacro. — Percorro seus braços invisíveis com os dedos. — Por isso é que os trajes não estavam na sacola de viagem. Você os roubou.

— E você tornou isso possível roubando-os primeiro. Sua garota esperta e malvada.

Por mais que eu resista, meu lado intraterreno satisfaz-se com o elogio. Minha pele brilha como a luz das estrelas, refletida em pequenos prismas no chão e nas árvores.

Morfeu me incita a encará-lo e retira o capuz do simulacro. Seu cabelo se agita com a brisa, as joias nos olhos reluzem num púrpura ardente e o sorriso com que me cumprimenta é ao mesmo tempo selvagem e brincalhão. O resto de seu corpo torna-se visível à medida que a realidade se infiltra pela miragem do disfarce — jaqueta prateada por cima de uma camiseta, calças pretas, gravata azul e magníficas asas recolhidas nas costas.

Coloco a mão em seu tórax para ter certeza de que ele não é uma alucinação.

— Você pegou os disfarces para podermos passar pelos guardas de pichação depois que Jeb saísse.

Ele dá um passo para trás, retira o tecido encantado, faz uma reverência e um floreio.

— Foi um bom plano — admito, enquanto ele ajeita as roupas e recompõe as asas. — Mas não temos meios de fazê-lo voar ou de encontrar o caminho de volta.

Ele sorri novamente.

— É claro que temos, sua tola. Você não sabe que eu sempre penso em tudo? — Ele coloca as mãos em meus ombros e vira-me, apontando a mariposa gigante que descansa no cogumelo. — Olhe com seus olhos intraterrenos.

Ajusto o foco e percebo que não é uma única mariposa. São centenas ou mais, reunidas, compondo uma grande. São as mariposas que acompanharam Morfeu até aqui sob as instruções de Jeb. E o cogumelo também não é comum. Seu interior é oco, com uma pequena porta na lateral e um arreio ligado à mariposa.

— Essa seria sua montaria? — pergunto, sussurrando.

— *Nossa* montaria. — Morfeu bate palmas. As asas gigantes provocam rajadas de vento à nossa volta conforme a mariposa suspende o cogumelo do chão. Elevam-se juntos, como um balão de ar quente e seu cesto, graciosos e majestosos. Os galhos das árvores se afastam, abrindo passagem para que o aparato suba cada vez mais alto no céu.

Fico pasma assistindo à subida.

— E temos serviço de chá planejado para a viagem — Morfeu diz. — As fadas foram buscar alguns víveres.

— Mas... como? O cogumelo não pode existir fora deste cenário criado por Jeb. Não é?

Morfeu retira as elegantes luvas azuis das mãos.

— Pode, agora que o reprogramei.

— O quê?

— As criações de Jebediah são metade magia e metade visão artística. Portanto, embora eu não possa modificar suas formas, elas podem ser *convencidas*, desde que imaginemos seu novo propósito. É verdade que funciona melhor com as pinturas que não obedecem a um comando específico dele. A única função dos cogumelos aqui é serem belos. E a instrução que ele deu às

mariposas para me manterem ocupado é sujeita a várias interpretações. Elas aceitam qualquer cenário que eu imagine, contanto que eu esteja ocupado.

Balanço a cabeça. O mestre das manipulações acertou mais uma vez.

O transporte de mariposa balança acima das correntes de ar, levando minha curiosidade às alturas.

— Mas você é um intraterreno puro. Você não sabe usar a imaginação.

— Muito pelo contrário. Sei, sim. Graças a você. Segui seu exemplo na infância. Eu o absorvi mesmo sem perceber. Então, quando eu estava preso aqui, desprovido de magia, precisei encontrar o que fazer durante muitas semanas e horas. Talvez esse tenha sido o lado bom de todo esse fiasco. A falta de magia é o que leva os humanos a fantasiar, em primeiro lugar. E, Alyssa, que força maravilhosa e cheia de poder a imaginação pode ser.

A expressão dele é de assombro, exatamente do jeito que ficava em nossas escapadas na infância. É inconcebível que eu tenha sido sua professora também. Uma vez ele me disse isso, mas eu nunca tinha entendido o que queria dizer até agora.

As palavras da Marfim sobre o País das Maravilhas, semanas atrás, vêm à tona e pairam no ar como o aparato de Morfeu: *Por muito tempo, a inocência e a imaginação não tiveram lugar aqui... Morfeu vivenciou essas coisas com você... por intermédio de seu filho... nossas proles se tornarão crianças novamente; aprenderão mais uma vez a sonhar. E tudo ficará bem em nosso mundo.*

Morfeu sempre dominou a manipulação de sonhos; nesse quesito, ele é diferente de qualquer outro intraterreno. Agora que aprendeu a utilizar a imaginação também, isso faz dele o único intraterreno completo capaz de gerar uma criança que sonha.

O diário se aquece em meu peito. Uma criança assim seria perfeita para os planos da Vermelha. Sinto um desconforto pinicar a garganta quando me dou conta: ela teve muitos peões alinhados em seu tabuleiro de xadrez. Seu marido, sua irmã. O Rábido Branco, Carroll, Alice, mamãe e eu. E Morfeu. Acima de tudo, Morfeu.

— *Você a quer para si?* — As palavras de Rainha Vermelha ressurgem em minha memória daquele agonizante momento há mais de um ano, quando a Vermelha habitava meu corpo e tentou fazer com que Morfeu a ajudasse a

dominar minha vontade.

— *Muito* — ele disse.

— *Então faça como eu mando. Ela será sua fisicamente, e depois o coração e a alma virão a seu tempo. Com romance, você pode conquistar suas graças. Terá a eternidade para ganhá-la.*

Até nesse momento a Vermelha estava usando Morfeu. Ela tinha todas as cartas na mão. Àquela altura, ele não sabia da criança. Não até ver a visão da Marfim alguns meses atrás. A Marfim foi específica quanto a isso e, entre todos os intraterrenos, é ela a mais honesta.

Mas como uma criança que Morfeu e eu compartilhássemos poderia dar à *Vermelha* mais poder?

— Alyssa?

Devo ter ficado de boca aberta novamente, pois ele segura meu queixo, fechando-a.

— Por onde sua cabeça vagueava agora? — ele pergunta.

Preciso dizer a ele que tive uma visão de nosso filho. Preciso saber como ele acha que isso pode estar ligado à vingança da Vermelha. Mas tenho de analisar as palavras que usei em meu voto para a Marfim. Deve haver um jeito... algum jeito de contar a Morfeu *sem contar* a ele...

As fadas tilintantes retornam e deixam cair um pano de seda sobre minha cabeça. Morfeu o tira de cima de mim. Parece ser um saco próprio para roupas. Ele faz cara feia para as fadas. Elas aplaudem e rodopiam no ar, como se tivessem descoberto um tesouro escondido.

— Fadinhas malandras — Morfeu adverte. — Não foi isto que pedi que vocês buscassem. Pedi uma cesta de piquenique, não?

Elas voam à minha volta, apontando em minha direção com as bochechas inchadas e vermelhas e fazendo gestos de birra no ar.

— Bom, suponho que agora *seja* a hora de dá-lo a ela — ele admite. — Mas sou eu quem deve abri-lo.

As fadas unem-se em uma onda e apontam para mim.

— Está bem — Morfeu suspira e me passa a sacola.

— O que é isto? — pergunto.

— Apenas tenha cuidado — ele adverte.

Solto o cordão e milhares de asas de borboletas-monarcas cintilantes saem em massa pela abertura. É uma revoada de moscas-escorpião!

Um grito se desprende de minha garganta.

Morfeu pega a bolsa de volta enquanto os risinhos das fadas ecoam em meus ouvidos — um tilintar de sinos debochando de mim.

— Eu avisei para você ter cuidado — ele repreende, retirando a bolsa. As asas não estão presas a insetos; são parte de um vestido em que cada asa foi meticulosamente costurada em camadas. Pernas de centopeia cravejadas de joias foram bordadas ao longo das bordas afiadas para deixá-las seguras ao toque. A franja acrescenta um brilho verde deslumbrante ao conjunto laranja e preto. O corpo é sem mangas e justo, enquanto a saia se abre até a barra, na altura dos joelhos.

As camadas agitam-se com a brisa, produzindo um ruído metálico como se fossem centenas de minúsculas correntes.

Mal acredito em meus olhos.

— Você *fez* isso? Para mim?

Morfeu passa a mão pelos cabelos, deixando vários fios azuis apontando para cima, como os galhos de árvore à nossa volta.

— Eu sabia que você viria para dar um fim à Vermelha. Espero que você vista isso quando for enfrentá-la. É a única armadura digna de sua perigosa beleza.

— Armadura? — Não consigo tirar os olhos de seu cabelo desalinhado. — Isso é incrível. Quantas vezes teve que arriscar a vida para fazê-la?

— Ora, vamos, Alyssa. Você sabe que eu sei lidar com agulha e linha. Costurar não mata ninguém.

Dou risada, lembrando-me de nossa infância, quando enfiávamos mariposas mortas em uma linha com agulha, prendendo os mórbidos fios aos chapéus dele para decorá-los. Um hábito excêntrico que ele pratica até os dias de hoje.

— Sério. Você poderia ter virado uma estátua de pedra. Ou acabar fatiado. De quantas asas precisou?

Ele encolhe os ombros.

— Perdi a conta depois de mil setecentas e vinte e duas. — Um sorrisinho de lado levanta seus lábios.

Sorrio. Ainda há algo dentro da bolsa. Retiro um par de botas carmim que vão até os joelhos, feitas de um material parecido com couro, além de luvas que chegam até os ombros e uma legging combinando.

— São pintadas?

— Ah, são de verdade. Feitas inteiramente de pele de morcego. As criaturas ficam enormes quando crescem. Pedi a meu grifo que capturasse um para mim. — Ele guarda tudo e então fecha a sacola e a entrega às fadas.

Passo as mãos pela minha minissaia e as fadas desaparecem pelas árvores mais uma vez.

— Você sempre me surpreende.

Ele me pega pela cintura.

— Então terei que repensar minha estratégia. Minha intenção era arrebatá-la.

E, antes que eu possa reagir, ele me suspende até minhas botas tocarem suas canelas. Ele nos rodopia, envolvendo-me em suas asas até que fico tonta e começo a rir.

— Gostaria de erguê-la acima de mim e rodopiá-la em círculos até estarmos ambos tontos e gargalhando — ele murmura perto de meu pescoço e caímos ao chão, presos por baixo de suas asas.

Meu corpo dói com a queda — mas é uma dor deliciosa. Mal posso respirar com o peso das costelas dele em cima das minhas, com o aroma de tabaco me asfixiando e me intoxicando. A curva de seu sorriso roça em meu colo e eu arquejo com seu toque aveludado. Levanto seu rosto para olhá-lo... quebrar o encanto.

Ele retira a faixa com enfeites do meu cabelo, afastando os fios do meu rosto. A maciez das luvas roça as marcas em meus olhos.

— Gostaria de beijar seus lábios e sentir seu hálito — ele fala suavemente enquanto se aproxima.

Percebo que está realizando os desejos listados no bilhete que enviou com a

lingerie.

Recordo-me do último beijo que demos — o gosto de sua língua, o jeito como elevou meu espírito, mas fez o de Jeb despencar ao chão.

Jeb — que está lá fora com papai, tentando preparar tudo para que possamos pegar a mamãe. Mesmo com a raiva da Vermelha atuando dentro dele, ainda é capaz de arriscar a vida para me ajudar.

Seguro os ombros de Morfeu, afastando-o.

— Eu... não estou pronta.

Ele ergue minhas mãos acima da cabeça, segurando-as por cima da grama pontiaguda e fosforescente, prendendo-me ao solo. Seu toque é sutil, deixando-me livre para eu sair, se quiser.

— Você veio aqui para destruir a Vermelha — ele fala. — Isso quer dizer que você *está* pronta... pronta para reivindicar seu trono porque assumiu seu amor pelo País das Maravilhas. E, antes que você esqueça, *eu* sou o País das Maravilhas. Assim como você. — Mesmo eclipsada sob as asas, o brilho em meu rosto ilumina o dele. Ele me desarma com esses olhos negros emoldurados pelos cílios longos, deixando-me sem chão com sua loucura e beleza.

Ele continua:

— Jebediah desistiu de você, mas eu nunca farei isso. Posso lhe oferecer a segurança que deseja. Se você for somente minha, seu coração estará sempre sob minha proteção e meu cuidado. Sim, teremos discussões sem fim e lutaremos por poder. E, sim, teremos arroubos de paixão, mas também suavidade e calmaria. É assim que somos quando estamos juntos. Você nunca precisará duvidar da reciprocidade de seu amor. Pois, embora você tenha me feito sentir coisas que não são da minha natureza... não consigo parar de senti-las. — Seu queixo treme. — Você abriu a caixa de Pandora dentro de mim. Libertou a imaginação e as emoções de um homem mortal. E não há como voltar atrás. — As joias em torno de seus olhos brilham em tons alternados de púrpura e azul. — Por mais que eu rejeite qualquer característica humana, Alyssa, não ousaria me fechar para isso. Pois significaria perder você.

A confissão é encantadora e brutal — arrematada por uma honestidade que não apenas ouço no tom rascante de sua voz, mas também sinto em seus músculos trêmulos ao segurar minhas mãos acima da cabeça.

— Você pensa que sou egocêntrico e incapaz de ser sincero — ele continua, entrelaçando nossos dedos de modo que as cicatrizes por baixo de minha luva de renda ficam junto às suas mãos enluvadas. — É verdade. O seu cavaleiro mortal estava disposto a morrer por você sem hesitar, altruísta ao extremo. Eu tinha a espada vorpal quando deixei o *bandersnatch* me levar em seu lugar; eu sabia que poderia escapar. Talvez isso tenha feito o sacrifício de Jebediah parecer mais grandioso. Mas eu também fiz sacrifícios. Mantive-me distante por tantos anos após nossa infância, depois que sua mãe foi para o sanatório, para que você pudesse viver a sua vida.

— Porque você fez para ela um voto pela magia de sua vida; você não teve escolha... — Quase conto a ele que sei muito bem quanto esses votos podem nos prender.

— Sim. Mas deixei você partir de novo, no ano passado, após ser coroada. E todas as noites em que eu a trouxe de volta ao País das Maravilhas em seus sonhos, embora me fosse doloroso ver que você abandonava nossas paisagens de sonho e retornava ao reino mortal, permiti que você partisse pela manhã para viver sua realidade lá. Pode não parecer muito, comparado aos galanteios do seu mortal. Mas, para mim, sujeito interesseiro e arrogante que sou, é a forma mais sincera de sacrifício. Deixar você partir. Você não vê isso?

Sinto-me tomada pela empatia. Esforço-me para encontrar uma palavra de gratidão ou de desculpa, mas nada me parece suficiente. Tudo o que consigo fazer é um gesto com a cabeça, concordando.

Como se esperasse por esse gesto, ele solta minhas mãos, segura meu rosto e sussurra em meu ouvido.

— Minha preciosa Alyssa, compartilhe a realidade comigo. Dê-me a eternidade. Juntos causaremos os mais belos estragos.

A tentação ilumina meu sangue, com gosto de poder eterno e loucura. Seus lábios macios deslizam em meu rosto. Fico extasiada quando ele me toca, drogada por suas promessas, cada vez mais envolvida por ele. Antes que ele chegue à minha boca, seguro suas mãos e o viro, deixando-o de costas no chão, sem as asas a nos esconder, agora voltadas para baixo.

Coloco meu tronco sobre o dele, assumindo o controle.

— Não consigo raciocinar — sussurro. — Você está me deixando louca.

— A insanidade é a mais pura clareza. — Ele passa a perna sobre meu quadril e me ajeita em cima dele. — Deixe a loucura entrar. Deixe-a ser sua guia. — Um dos cantos de sua boca se eleva em um sorriso malicioso.

Apoio-me nos cotovelos. Não o via relaxado assim desde que brincávamos juntos: pedaços de grama no meio dos cabelos, roupas desalinhadas e amassadas. Até a camiseta está para fora da calça. Ele se espreguiça languidamente sob meu corpo e a cicatriz prateada em sua barriga cintila, a marca reveladora causada pela Irmã Dois quando ele a enfrentou dentro da Fios de Borboleta, semanas atrás. Ele quase morreu para ajudar Jeb e a mim a escapar. Mas não permiti que morresse porque não poderia conceber o mundo sem ele.

Da mesma maneira que também não imagino o futuro sem ele. Não mais.

Seguindo um instinto obscuro e um desejo mais obscuro ainda, toco a cicatriz. Sua pele reage ao toque e ele se sobressalta.

Retiro a mão.

Ele agarra meu braço e me puxa de volta, os narizes se tocando.

— É bonita — ele diz, seu hálito perfumado e frutado. — A marca deixada por seu amor quando você salvou minha vida. Combina com as marcas na palma das suas mãos, da primeira vez que você me salvou. Uma após a outra, suas ações denunciam seus verdadeiros sentimentos. Mas quero ouvir as palavras. — Os lábios dele acariciam meu rosto e param ao meu ouvido. — *Diga-as*.

Sua voz baixa e rouca eletrifica minha pele. A rainha do País das Maravilhas ganha vida. Ela dá vazão ao sentimento escondido nos cantos mais obscuros do meu coração, até que eu não tenha mais como negá-los.

Procuro seus olhos, extasiada pela profunda emoção neles.

— Eu gosto de você... — É uma resposta superficial e inapropriada. A verdade mais profunda se congela em minha boca: *Meu lado intraterreno ama você loucamente*.

Essas palavras são assustadoras, vulneráveis e extraordinariamente únicas para serem proferidas; podem se desmanchar como flocos de neve quando expostas ao calor da realidade antes da hora.

Morfeu, porém, está farto de esperar. Ele me puxa para mais perto, aperta meus lábios com os seus e me beija quente e primorosamente.

Acontece rápido demais. Mal vi quando se aproximava.

Ah, mas a minha parte intraterrena viu e colocou minhas defesas de lado.

Ela guia minhas mãos, corre meus dedos entre os cabelos dele, brinca com a língua dele. Ela não deixa que eu me afaste, pois quer voltar para lá, para o País das Maravilhas, aonde seus beijos com gosto de tabaco sempre nos levam...

Porque as coisas que eu abomino nele são as coisas que ela adora: o sarcasmo, a condescendência irritante. Seu domínio ameaçador das meias verdades e dos enigmas. O modo como ele me empurra para o perigo, me força a olhar para além dos meus medos e a alcançar meu potencial completo.

Acima de tudo, porque me encoraja a acreditar na loucura... *nela*... meu lado mais obscuro: a rainha que nasceu para reinar no reino Vermelho e dar ao País das Maravilhas um legado de sonhos e imaginação.

Suas mãos enluvadas tateiam buscando a curva de minha cintura e a inclinação dos quadris. Ele me coloca por cima de seu corpo, tão perto que entre nós não há espaço para nem sequer uma folha de grama. Seus beijos ficam mais insistentes e desesperados. Seu sabor penetra em mim, frutas, fumaça, terra e outras coisas provenientes das sombras e tempestades... coisas que nem sei nomear.

Sou levada a um lugar distante onde chamas incendeiam minha pele, ofuscando-me com tons de laranja, amarelo e branco. O calor faz arder minhas narinas.

Estou no sol. Não o sol terrestre, mas o do País das Maravilhas. Morfeu está comigo, usando uma coroa de rubi. Juntos, dançamos descalços no interior flamejante, sem que o inferno ao redor nos afete, atentos apenas à nossa dança. Brasas cintilantes douram nossas asas. Meu vestido vermelho, feito de rosas e renda, atrai uma faísca e queima-se por inteiro. O mesmo acontece com seu belo terno carmim, dispersando-se como cinzas. Nosso espírito reflete nossa carne, todos os segredos e desejos despidos. Estamos livres, face a face, em igualdade... sem lugar algum para nos esconder a não ser dentro um do outro. Ele abre os braços e me entrego a ele sem reservas.

A imagem enfraquece. Estou por cima de Morfeu novamente, vestidos e sobre a grama. Deve ter sido uma visão, como aquela que a Marfim teve de um banquete com uma criança, um lampejo do futuro transmitido a mim pela magia da minha coroa.

As profundezas fluem através de mim, no entanto não posso esquecer minha humanidade e meu amor pelo homem mortal que pintou um quarto repleto de lindos sonhos, um homem que se perdeu e precisa de mim, mais do que nunca.

A pressão que sinto no coração explode pelo peito e rouba meu fôlego. Desvencilho-me e procuro respirar, tentando ficar de pé.

— *Jeb* — murmuro.

Morfeu resmunga e põe-se de pé, colocando a camisa para dentro da calça. Retira a grama das pernas e ajeita a gravata ao pescoço.

— Essa foi uma declaração de amor extremamente decepcionante. Talvez fosse melhor se você escrevesse um soneto, de preferência omitindo as letras J, E e B.

— Eu sinto muito. — Massageio o centro do peito para aliviar a sensação de ardência. — Tenho que fazer a coisa certa, por todos. Eu só não sei o que é. Tudo o que sei é que todos precisam de algo diferente. Você, Jeb, meus pais, o País das Maravilhas. Quero me partir em duas... ser duas ao mesmo tempo.

Morfeu franze a testa.

— Nunca diga isso, Alyssa. É perigoso desejar tais coisas.

— Por quê? Não posso mudar o fato de que meu coração tem dois lados. Por mais que eu queira.

— Você nunca deveria pensar isso. O único jeito de você encontrar a paz é se seus dois lados aprenderem a conviver. Você não seria a garota com quem compartilhei a infância sem esses dois lados.

Sua admissão tocante faz-me considerar algo em que até então não tinha pensado.

— A garota que você ajudou a formar como rainha. — Olho para o teto de céu, enredando-me em minha própria indecisão. — Você sempre me disse que eu era a melhor de dois mundos. Ensinou-me a assumir minha magia e minha imaginação. Agora, tenho duas vozes em meu interior para seguir. Cada uma é atraída por uma vida diferente, em um mundo diferente. Estou machucando a todos porque estou confusa. E *odeio* isso. — Volto-me para ele. — Talvez seja isso que me faz querer odiar você.

Ele examina meu rosto, silencioso e estoico. Imagino que finalmente está se

arrependendo de ter me ensinado tudo, de tudo em que me envolveu.

Roço os dedos nas joias que brilham em tons melancólicos em seu rosto.

— Mas ódio é o que há de mais distante do que sinto por você. O mais distante de tudo.

Ele pega em minha mão e pressiona a palma coberta de renda contra seu peito, passando o polegar sobre meus dedos.

Rejeito o momento de ternura para permitir que as engrenagens de minha mente estejam livres para funcionar.

— Você disse que vamos expulsar a Rainha Vermelha de Jeb para que eu possa destruí-la para sempre. Como podemos fazer isso sem feri-lo?

Morfeu abaixa-se para pegar minha tiara, colocando-a de volta em meu cabelo e alisando os fios.

— Isso, amor, exigirá o maior sacrifício de todos. — Seus dedos percorrem o cordão em meu pescoço. — E só você poderá fazê-lo.

Ele não tem tempo de explicar, pois a porta se abre de repente, revelando Jeb. Embora ele tenha insistido que terminamos, minha consciência tem um *déjà vu*, como se eu tivesse sido pega traindo-o novamente.

Minha preocupação desaparece à medida que percebo sua aparência: sangue gotejando, cabelos em desalinho, rosto pálido e expressão ansiosa. Faltam penas em seu traje — um pássaro que quase não sobreviveu a um ciclone. E, o pior de tudo, papai não está com ele.

— Jeb, onde...?

Seu olhar nos penetra com uma luz sobrenatural.

— Vocês dois. Venham comigo. Depressa.



14

Água e Pedra

Saímos correndo para o estúdio de arte. Estou um passo atrás dos rapazes, seguindo ao lado de Chessie e Nikki, que jogam para Morfeu o chapéu que ele pediu enquanto percorremos o corredor.

Ao chegarmos, gritos agonizantes nos recebem, e o terror aperta meu peito. O estúdio está escuro. Uma luz azul nebulosa é filtrada pelo teto de vidro, remanescente do crepúsculo. Uma figura está deitada na mesa, contorcendo-se de dor.

— Pai! — Eu empurro Morfeu, que ficou parado na soleira da porta, com o chapéu apertado contra o peito.

Jeb já está perto da mesa, dando a papai a mão para ele apertar.

As lágrimas me estrangulam. Há semanas me preocupo com mamãe, quando era papai que estava em perigo o tempo todo. Por que minhas visões não me mostraram isso?

Aperto seu peito com a palma da mão. A fantasia de penas abafa as batidas de seu coração acelerado.

— O... o que... o que aconteceu? — pergunto.

Jeb concentra-se no rosto de papai.

— Eu não consegui detê-los.

— Deter quem? — eu insisto.

Em vez de responder, Jeb solta um grunhido — um som gutural misturado com raiva e remorso. Quero confortá-lo, mas também quero sacudi-lo. Por permitir que meu pai se ferisse, por ter ido sem mim.

Morfeu coloca-se entre nós.

— Paciência, amor. Nosso cavaleiro élfico finalmente percebeu que ele não é o deus que pensava ser.

Minha cabeça é tomada por medos infantis.

— Papai. — Eu me inclino sobre ele, fungando. — Papai, olhe para mim.

Seus olhos tremem, mas não se abrem.

— Nós seguimos o brilho, aterrissamos perto do abismo do nada — Jeb murmura com a voz trêmula e rouca devido à explosão anterior. — Os cavaleiros do portão do País das Maravilhas nos viram. Eles usaram seu medalhão e mandaram um túnel de vento. Nós estávamos esperando que nos recolhessem... mas fomos atacados. Os guardas da rainha chacoalharam uma jaula cheia de moscas-escorpião e libertaram um enxame. Eu tentei tirar o meu bloco de desenho, desenhar redes para capturá-las... como as que eu faço para você. — Ele volta o olhar para Morfeu.

— Sua magia falhou — Morfeu sugere.

— *Eu* falhei — Jeb diz, com os olhos novamente em papai. — O som me penetrou a cabeça. Mais alto do que um milhão de gafanhotos presos em um auditório.

Papai uiva, balançando a cabeça de um lado para o outro, tentando cobrir as orelhas.

— Faça parar!

— Do que ele está falando? — eu pergunto.

— Ele está dizendo isso desde que foi picado — Jeb responde. — É como se ainda estivesse ouvindo o zunido delas.

— Ele foi *picado?* — Sou eu quem pergunta? Não tenho certeza. As vozes de todos estão tão distantes, e meu corpo parece comprimido, como se estivesse nadando pelos sedimentos do fundo de um oceano.

— CC conseguiu matar a maioria delas, e eu capturei as outras... mas duas se soltaram. Eu sinto muito, Al. — Jeb ainda não olha para mim.

Morfeu tira o casaco, arrasta um balde de debaixo da mesa e molha uma esponja.

— Onde elas o picaram?

— Na perna esquerda, eu acho — Jeb murmura.

— Não. Não é verdade. — Eu me interponho entre eles, apertando com força o bíceps de Morfeu.

— Você disse que essas coisas transformam as pessoas em pedra. Ele não virou pedra, está vendo?

Ele afasta minha mão.

— Precisamos tirá-lo dessa fantasia, para ter certeza de que ele só foi picado em um lugar.

— Isso não pode estar acontecendo! — eu grito.

Morfeu me força a encará-lo.

— Se ele foi picado só em uma perna, teremos mais tempo, pois é longe do coração. Agora vá buscar algo para mantê-lo aquecido. Ele vai ficar muito molhado.

Chessie pousa no meu ombro, dando tapinhas em meu pescoço para confortar-me. Nikki me pega pelo dedo mindinho e me conduz a um cabide onde está pendurado um pano grande. Eu o levanto. Não estou mais debaixo da água. Estou flutuando em algum lugar distante, amarrada por uma corda elástica que fica me jogando de volta para algo de que não quero participar. A luz tênue do crepúsculo penetra pelo teto de vidro, ampliando a minha desorientação.

Entrego o tecido a Jeb.

— Isso não pode estar acontecendo. Não pode.

Nenhum deles responde. Eles cobrem papai até os ombros e usam esponjas ensopadas para derreter sua fantasia.

Conjecturas estranhas e idiotas me enchem a cabeça. O tecido não está derretendo. E quanto à mesa? A água não a destruiria, e papai não cairia no chão? Talvez não seja uma pintura; talvez seja como as flores de mel, o couro do

morcego, a carne do coelho e a água da chuva. Algo derivado dos recursos naturais deste lugar.

Todas as perguntas desaparecem quando vejo a expressão séria no rosto de Morfeu e de Jeb.

Vou até a mesa e roço o nariz no cabelo de papai, com os dedos envolvendo suas orelhas.

— Você vai ficar bem, papai. A mamãe precisa que você fique bem. Nós duas precisamos de você. — O cheiro de xarope de bordo, sabão de lavar roupas e desinfetante de limão me rodeia. Não faz sentido que ele esteja com esses cheiros. Minha mente deve estar pregando peças porque ele sempre foi meu lar, minha segurança e meu conforto.

Papai bate a cabeça várias vezes na mesa, com o rosto retorcido de dor.

Coloco as mãos em sua nuca para proteger o crânio da madeira dura.

— Façam alguma coisa! — eu grito.

Jeb finalmente olha para mim.

— Al, estamos tentando.

Pela primeira vez, consigo olhar para seu rosto. Ele está igualzinho ao garotinho das fotos que tem em casa. Perdido, amargurado, assustado. As únicas diferenças são o sangue na bochecha e o piercing que cintila no lábio inferior.

Estou prestes a perguntar se ele também se feriu, quando olho de relance para o tornozelo de meu pai, que ficou para fora do tecido. A pele está branca, seca e empoeirada, como cimento. Os pelos caíram. Milhares de luzes minúsculas lampejam em sua pele, como uma calçada sob um céu noturno.

Ele *está* virando pedra.

Minha traqueia quase se fecha.

— Use a sua magia! — Minha voz parece uma chaleira avisando que a água ferveu: cheia de ar e assobiante. — O pincel. Cure-o como fez com a orelha de Morfeu. — Seguro o braço de Jeb. — Por favor.

Ele e Morfeu trocam um olhar misterioso.

— Só funciona com Morfeu porque compartilhamos da mesma magia — Jeb responde com a expressão tão cheia de remorso que ultrapassa seu estado

encantado, fazendo com que ele pareça angustiado e humano. — Espere. — Ele franze a testa. — Sua magia do sonho. Thomas é humano. Ele pode embarcar nos sonhos.

Morfeu aquiesce, entendendo algo que eu não capto.

— O veneno se espalha pela corrente sanguínea, estimulado pela agitação da vítima. Se pudermos induzi-lo ao estado REM, mandar sua mente para onde ele não ouça o zunido, poderemos acalmá-lo e manter o veneno controlado.

— A Rainha de Copas — Jeb retoma. — Ela tem um antídoto para isso. Caso contrário, seus guardas idiotas não estariam lidando com esses insetos.

Olho para um e para o outro.

— Sim. Façam isso. Por favor... — Não percebo que meu rosto está molhado até Chessie vir secar minhas bochechas com a cauda.

Jeb começa a tocar a cabeça de papai, mas Morfeu o detém.

— Você não sabe como dominar a magia do sonho. Precisa de orientação.

Eu reteso o queixo, imaginando qual seria a verdadeira razão para a intervenção de Morfeu. Se ele permitisse que Jeb libertasse todo o seu poder, uma parte da Vermelha também penetraria em meu pai. E quem sabe o resultado que isso teria?

Jeb dá de ombros e eu me afasto, completamente inútil, apesar de toda a minha magia.

Morfeu coloca as mãos em concha sobre as têmporas de papai, e Jeb afasta uma asa para conseguir ficar ombro a ombro com ele, com as mãos sobre as de Morfeu. Embora a tatuagem de Jeb cintile em púrpura, a luz que ela irradia é de um azul imaculado — estritamente de Morfeu —, como se eles tivessem praticado transmitir a magia da Vermelha muitas vezes antes. Morfeu olha para Jeb, incrédulo, parecendo surpreso com a pureza daquela força.

A luz pulsa pelo corpo de papai, da cabeça aos pés, igual a quando Morfeu lançou sobre Jeb a magia do sonho no dia do baile de formatura.

O corpo de papai fica mole e os músculos de seu rosto relaxam.

Eu desmorono sobre a mesa, exausta, embora não tenha feito nada.

— Agora vamos cuidar de você — Morfeu avisa Jeb, fazendo sinal para que

se sente. Ele volta a molhar a esponja. — Você está sangrando.

Jeb apoia-se na beirada da mesa.

— Não. — Ele passa a mão nas manchas vermelhas em sua fantasia. — É tinta — explica, parecendo delirar. — Um resíduo do CC. As mãos dele foram cortadas quando ele seguiu minha ordem de impedir que os guardas sequestrassem o funil.

Morfeu faz uma careta e para de secar o rosto de Jeb.

— Onde está CC agora?

— Ele estava dando cobertura para eu poder fugir com Thomas — Jeb responde. — Os guardas o capturaram.

Blasfemando baixinho, Morfeu joga a esponja dentro do balde. Depois de secar as mãos no tecido que cobre papai, ele veste o casaco e caminha na direção da entrada, onde deixou o chapéu. Ele o acerta sobre a cabeça, com as asas caídas sobre as costas.

— Precisamos de um plano para pegar o antídoto. — Ele veste as luvas com cuidado. — Qualquer esperança de ter o elemento surpresa está descartada. A Vermelha sabe que Alyssa está em Qualquer Outro Lugar. Agora eles estão com CC, que sabe o caminho para a nossa montanha.

Jeb cerra as mãos e dá um soco na mesa.

— Eu vou esta noite, antes que eles nos encontrem. Vou trazer CC de volta, com o antídoto. Vamos curar Thomas e fazer com que ele e Al atravessem o portão antes que aconteça mais alguma coisa.

Balanço a cabeça, discordando.

— Não vamos sair daqui sem vocês dois. Entenderam?

— E como você entraria, pode me dizer? — Morfeu contradiz. — Sua magia é limitada ao terreno natural. Coisas construídas pelas mãos de outros estão além de sua capacidade de alteração. — Ele arruma o chapéu e as mariposas laranja pousadas na aba balançam. Ele olha para mim. — A Copas marcou uma corrida eleitoral para amanhã a fim de eleger um rei oficial. Podemos usar o simulacro... ir de manhã bem cedinho, quando os portões estiverem abertos.

— Todos os prisioneiros ficarão preocupados — eu raciocino, afagando a mão de papai.

Jeb inclina a cabeça, pensativo.

— Ajudaria se tivéssemos uma planta do lugar. Saberíamos exatamente aonde ir para pegar a cura, sem desvios.

Morfeu concorda.

— Podemos enviar alguém esta noite, alguém pequeno o suficiente para passar pelos buracos do muro. Enquanto eles exploram, podemos descansar, nos preparar e planejar.

Nikki olha para nós do outro lado da sala, onde ela e Chessie estavam provocando os grous que ocupam os biombos japoneses. Ela voa até nós.

— Mandem a mim — ela insiste, a voz tilintando enquanto aponta para si mesma.

Fico comovida com sua bravura.

— Nikki é forte. Ela pode trazer o antídoto sozinha, caso o encontre.

— Eu não sei — Jeb diz. — Ela é tão pequenina. E se...

— Nikki é ideal — Morfeu retruca. — Você a desenhou para que ela corresse livremente por este mundo. Ela é pequena e veloz. E se dá bem com suas pinturas. Se fizerem o CC trazer os guardas até aqui, ela pode distraí-lo. Chessie e eu podemos acompanhá-la até os portões do castelo, esperar escondidos que ela termine a expedição.

Jeb passa a mão pelo cabelo, deixando-o desgrenhado. Obviamente, ele está preocupado com sua fada.

— Está bem. Mas fui eu quem estragou tudo. Se ela não conseguir pegar a cura, eu é que vou a essa corrida amanhã. Não será você nem a Al.

Eu começo a objetar, mas Morfeu se adianta.

— Você é necessário aqui. Você é quem comanda as criações. Está mais bem equipado para proteger Thomas caso a montanha seja atacada. Chessie será nosso mensageiro caso algo dê errado na nossa parte.

Jeb concorda, resignado.

Morfeu envolve papai no tecido e o ergue, deixando-o sentado.

— Ele precisa ir para um lugar seguro, caso a montanha seja invadida.

— Vou levá-lo para o farol — Jeb sugere. — Al, você pode passar a noite com ele.

— Está bem — eu sussurro. Tenho medo de ficar sozinha, embora seja meu próprio pai. Não sei o que farei se ele piorar. — E se ele acordar?

— Ele não vai acordar. O feitiço que colocamos vai durar até que Jebediah e eu o retiremos.

Procuro lembrar a mim mesma que uma rainha deve ser corajosa, e concordo.

Jeb coloca papai sobre o ombro. Ao me afastar para deixá-lo passar, Morfeu pega no meu braço antes que eu possa segui-lo para o corredor.

Ele aguarda até Jeb se distanciar o suficiente para que não ouça e olha para mim.

— Jebediah não pode ir para aquele castelo, sob circunstância nenhuma. — Ele vigia a porta. — É perigoso demais para ele.

Não sei se acredito em sua preocupação.

— Por quê?

— Ele é um recipiente em que todos nós podemos colocar nossa magia. Em uma terra de seres mágicos sem poderes, essa capacidade é inestimável. Uma arma a ser temida e cobiçada por todos. Ele quase morreu tentando controlar somente o meu poder e o da Vermelha. Os habitantes deste lugar, a Rainha de Copas, Manti e seus pássaros, são todos desalmados e impiedosos. Se eles perceberem o que ele é, o encherão com sua magia até as orelhas. Isso o comerá vivo feito um câncer até que não sobre nada. Não haverá como recuperar o seu mortal depois que eles terminarem.

A lógica de suas palavras pesa ainda mais na minha cabeça já muito pesada.

— Então, quer dizer que você o protegeu mesmo durante todo esse tempo? Mantendo-o enfiado neste buraco?

Sua mão escorrega até o meu pulso, numa confirmação silenciosa.

— Obrigada. — Eu aperto seus dedos nos meus.

Morfeu faz um gesto para que Chessie e Nikki vão para o corredor a fim de vigiar Jeb.

— Não fique sentimental. Não fiz isso por ele. Eu fiz porque não aguentaria

ver você torturada pela culpa, caso ele tivesse esse fim. Você culparia suas próprias escolhas na noite do baile por essa tragédia. Isso arruinaria sua fé em sua capacidade de reinar. Você seria uma rainha imprestável se não confiasse no próprio julgamento.

A explicação cansada se alinha com o raciocínio de um ser mágico solitário. É óbvio que é para o bem maior do reino que ele ama. Mas, mesmo assim, ele fez a coisa certa e Jeb está vivo por causa disso. Não vou esquecer.

— Então, o que sugere que façamos? Que contemos a Jeb que uma parte da magia dele vem da Vermelha?

— De modo algum. Ele vai inventar algum plano esdrúxulo para enfrentá-la se fizermos isso. Vamos ter que tirá-lo deste reino antes que o descubram.

— Mas ele não quer ir embora — eu murmuro, incapaz de esconder a derrota na voz. — Como vamos proteger alguém que não quer ser protegido?

— Ele irá embora se você tirar a fonte de seu poder. Vamos fazer um trato com a Vermelha em troca do antídoto. Ela abomina este lugar. Então podemos oferecer a ela um plano de fuga. Ela pode compartilhar do corpo da Copas, mas a Vermelha é mais astuta, não tenha dúvida. Pegamos a cura para seu pai e, em troca, tiramos a Vermelha de Qualquer Outro Lugar. Jebediah será forçado a nos seguir, para ficar ligado à magia da qual se tornou dependente. Ele sentirá o chamado instintivamente. Assim como sente com relação a mim. Quando estivermos no País das Maravilhas, o efeito magnético do ferro se reverterá. A magia voltará para seus próprios recipientes. E Jebediah voltará a ser humano.

Por que Morfeu faria tal sacrifício? Arrastar não somente a Vermelha de volta para seu amado mundo, mas outra rainha inclinada à destruição, só para salvar dois mortais?

Mudo o apoio dos pés e controlo minhas suspeitas, tentando pegá-lo pelas palavras.

— Os guardas... não deixarão a Rainha de Copas passar pelo portão. Mesmo que meu pai esteja recuperado, ele não conseguirá convencê-los. A Vermelha está dentro dela, e a Rainha de Copas é prisioneira. As duas devem ficar aqui.

Morfeu dá um tapinha no diário em meu pescoço.

— E é por isso que a Rainha de Copas deve ficar para trás. Vamos contrabandear a Vermelha debaixo do nariz dos guardas.

— Mas não podemos vesti-la com o simulacro. Ela é um espírito... — O horror me toma antes mesmo que eu termine de verbalizar a frase. A afirmação críptica de Morfeu mais cedo, quando perguntei como tiraríamos a Vermelha do corpo de Jeb: *"Isso, amor, exigirá o maior sacrifício de todos. E só você poderá fazê-lo"*.

Era essa a intenção dele o tempo todo. Quando construiu uma magnífica mariposa para nos levar, quando disse que me ajudaria a traçar uma estratégia para meu plano.

O plano nunca foi meu. Foi *dele*. Para que eu entrasse no castelo, deixasse o espírito da Vermelha me possuir e a levasse para fora deste reino.

— Não — digo, o coração martelando com tanta força em meus pulsos que consigo ver o movimento da pele sob a luz fraca. — Eu vim aqui para acabar com ela. Não para dar-lhe acesso ao meu... — Não posso dizer em voz alta. Ela já fez algo ao meu coração que precisa ser reparado. Não permitirei que entre em mim novamente.

Tudo o que aconteceu hoje... as salas, minhas epifanias, a sedução de Morfeu, o estado letal de papai — tudo isso me sufoca feito fumaça, e respirar fica difícil. Enjoada e com muito calor, meu corpo treme. Morfeu me recosta na mesa.

— Agora já basta disso. — Ele me puxa para um abraço e afaga meu cabelo, um gesto terno que parece deslocado junto de suas palavras de repreensão. — Este plano é perfeito. — A voz ecoa em seu peito junto ao meu ouvido, suave e melódica. — É o menos perigoso para todos, principalmente para Jebediah. — Fecho os olhos, permitindo-me sentir as batidas firmes de seu coração contra meu rosto. — A parte mais difícil será convencer a Copas a deixar o espírito da Vermelha sair. Mas, quanto à Vermelha, nem vamos precisar barganhar. É tudo o que ela sempre quis, ser parte de você.

Ser parte de você. A bile queima o fundo da minha garganta. E se foi a Vermelha que a Marfim vislumbrou em sua visão... a Vermelha vivendo através do meu corpo? E se foi o futuro *dela* com Morfeu, e não o meu? Se isso for verdade, meu filho com Morfeu pertencerá a ela. Ela será a mãe dele.

Agarro-me à lapela do casaco de Morfeu. Será que ele não percebe o que acontecerá se eu não conseguir derrotá-la depois que ela estiver dentro de mim? Será que não compreende o perigo? Não somente para ele, mas para nosso futuro filho?

— Não vou deixar que ela me use como recipiente — digo junto a ele. — Mais uma vez, não.

Ele recua um pouco e arrasta o polegar enluvado por minha têmpora.

— Nem mesmo pelo seu mortal? E pelo pai que precisa de você? Você tem as memórias dela para derrotá-la no instante em que atravessarmos a fronteira e Jebediah ficar livre do poder dela.

Seguro com força o pequenino diário como se ele fosse minha tábua de salvação, mas ainda me sentindo afundar.

— Não pode ser a única forma.

— Mas é. A única forma de resgatar o que nós amamos.

Meus nervos formigam.

— *Nós* amamos? Você nem se importa com Jeb. Você mesmo disse.

Seus lábios se apertam.

— Ele tem seus méritos. Suficientes para ele merecer viver. Assim como seu pai, tantos anos atrás. — Ele quase parece sincero. Mas a variação na cor de suas joias o delata. Finalmente aprendi a entendê-lo.

Reúno minhas forças.

— Não. Você está mentindo. Essa não é a única forma de salvar Jeb.

Morfeu posiciona as duas mãos na mesa atrás de mim, encurralando-me.

— Como você mesma disse. Ele não tem vontade de partir.

Eu o empurro para longe.

— Posso convencê-lo.

— O quê? Seduzindo-o? — Morfeu ri com ironia. — Sou capaz de deixar você tentar. Qualquer coisa que tire esse rapaz da sua vida de uma vez por todas.

Uma corrente de raiva pulsa em minhas têmporas.

— Tem razão. Você só é capaz quando acha que o seu “deixar” vai lhe trazer alguma vantagem.

Seu sorriso arrogante dá a resposta.

— Então vá em frente. Vou apagar da memória que ele a tocou. E não

precisarei da poção do esquecimento para fazer isso. Tenho muita fé nas minhas habilidades de eclipsar qualquer coisa que um mortal possa fazer por você, ou *com* você. — Ele arrasta a ponta do dedo pela minha cintura, fazendo-me recordar o que aconteceu entre nós em sua sala antes. — Por que estamos discutindo, hum? — ele cantarola. — É uma questão polêmica. Vocês passaram a manhã juntos. Ele a pintou seminua, sujeito de sorte. Se fosse meu trabalho, suas lindas roupas nunca teriam sido confeccionadas. Ele não a quer mais.

Essa verdade me dilacera. Mas não deixarei um ego ferido afetar minha decisão.

— Tem mais alguma coisa nessa história da Vermelha. E, se você não me contar, vou usar o simulacro e ir sozinha esta noite pegar a cura para o meu pai e acabar com ela de uma vez por todas.

Sua tez alva fica mais pálida.

— Não seja boba. Entrar naquele castelo exige um trabalho de equipe. Temos que ir munidos de um plano de fuga. O mais importante agora é que você precisa dormir. Mal consegue ficar de pé.

Eu me afasto dele e da mesa, avançando devagar na direção da porta.

— Por que eu precisaria ficar de pé? Posso voar. E nem você nem Jeb podem me deter. — Com um movimento das escápulas, minhas asas se libertam, lançando mais uma torrente de poder em minhas veias.

O olhar de Morfeu segue minhas asas. Filamentos de luar caem do alto, iluminando sua expressão embevecida.

— É uma demonstração impressionante, amor. Mas não ouse confundir minha veneração com rendição.

Ele vem na minha direção, a expressão transformando-se numa carranca. Eu deflagrei um de seus humores obscuros e combativos. Não importa, porque minha imaginação é mais refinada que a dele, e ele me contou o segredo da manipulação das pinturas de Jeb.

Antes que ele passe pelo biombo japonês, convoco mentalmente os grous. Eles param de bicar sua prisão de papel-arroz e voltam a atenção para mim. Eu lhes dou uma nova tarefa: tecer uma rede usando a luz da lua como fio.

Guinchos que soam como trombetas irrompem da garganta deles quando saem

do biombo e surgem diante de Morfeu em forma tridimensional. Cambaleando sobre as pernas cinza escamosas, a dupla estala e escorrega sobre o piso, aprendendo a se equilibrar pela primeira vez. Depois, com as asas abertas, levantam totalmente o elegante pescoço, alcançando o queixo de Morfeu.

Ele recua, suas joias piscando em verde-amarelo — fascinação cautelosa.

Os grous capturam o luar no bico como se fossem fios tangíveis. Esticando-o a partir do teto, eles o tecem, formando uma rede de renda com velocidade estonteante. Num piscar de olhos, o painel já está na altura do peito de Morfeu.

Ele tenta passar por baixo, mas os pássaros ajustam sua trajetória, dando laços, torcendo e trançando a malha até ela alcançar a altura das canelas dele. Ele mal tem tempo de recuar antes que a barreira o confine ao canto nos fundos da sala... uma cerca de gaze do teto até o chão. Assim que terminam o primeiro painel, eles começam outro, os bicos estrepitando.

— Bem pensado — Morfeu diz do outro lado, enrolando os dedos nos fios inquebráveis. A admiração fulgura em seus olhos negros. — Eu sou seu prisioneiro. Mas sempre fui.

Observamos um ao outro em silêncio. Uma coisa inata em nós dois é o nosso medo de ficarmos presos. Lembro-me de sua linda e agonizante confissão semanas atrás: *Nada pode quebrar as correntes com que você amarrou meu coração.* Na visão que tive, quando dançamos sobre o sol, éramos livres e iguais de todas as maneiras. É isso que desejo para ele. Para nós dois.

— Eu nunca desejei que você fosse meu prisioneiro — insisto.

Ele faz um floreio com os braços, numa grande mesura.

— No entanto, aqui estou, em uma jaula feita por você.

— Se você aprendesse a ser sincero, as paredes viriam abaixo.

Ele cerra a mandíbula.

— Você está usando Jeb para influenciar minhas escolhas. De novo. Mas, desta vez, não vou cair. Por que quer libertar a Vermelha? Existe algo entre vocês dois? — Eu paro na soleira, aguardando.

— Não! Eu odeio aquela miserável. — Seu rosto, entrecortado pelas sombras da renda, torna-se obscuro. — Eu a odeio com a mesma paixão imutável com que amo você.

A confissão é terna em sua simplicidade, recordando-me de que as emoções que sente são estranhas para ele; sendo uma criatura solitária, não compreende quanto o amor é permeado com a confiança.

— Quer que eu acredite no seu amor? Então, chega de segredos. Se vamos ser iguais, temos que trabalhar juntos. Você está tão acostumado a ser sozinho que não sabe como confiar em ninguém a não ser em si mesmo. Isso tem que mudar. A humana em mim *precisa* de confiança. Confie que vou compreender você sem julgamentos. Que posso encontrar uma maneira de ajudá-lo. Talvez uma maneira melhor.

Seu silêncio resoluto zomba de mim, então eu me viro para sair.

— Não existe maneira melhor! — O desespero em sua voz me faz dar meia-volta e encará-lo. — Se houvesse, eu nunca lhe pediria isso. A Vermelha colocou o feitiço sobre o território do País das Maravilhas. Somente a magia dela pode reverter sua decadência e trazer de volta seu esplendor original. Sem ela, o reino interior ficará em ruínas, e nada poderá recuperar nosso mundo. Nosso lar. O *seu* reino. É por isso que temos que levá-la daqui... e a única saída é dentro de você. Você é da mesma linhagem, e a única forte o bastante para dominar a magia dela e usá-la para sempre depois que atravessarmos a fronteira.

Espirais de gelo se concentram em minha espinha.

— Você espera que ela viva dentro de mim para sempre?

Ele volta a segurar a renda.

— É claro que não. Só até que os reparos sejam feitos. Depois, nós nos livraremos de sua vil existência de uma vez por todas.

Chessie e Nikki adentram a sala, provocando pequenas lufadas de vento que esvoaçam meu cabelo ao se dirigirem para a prisão de renda. Eles se precipitam contra os grous numa tentativa de distraí-los.

Jeb esbarra em mim ao passar pela porta. Seu braço toca na minha asa, e uma comichão irradia da ponta dela até minha espinha. Ele deve ter percorrido todo o caminho até a porta de diamantes antes de perceber que eu não o acompanhei. Antes que eu possa perguntar, ele faz um sinal para o corredor, onde papai está apoiado, sentado — dormindo profundamente.

Jeb estuda o espetáculo dos grous sibilantes, Chessie e Nikki, todos emaranhados na rede. Ele se vira para mim.

Eu meio que dou de ombros.

Ele ergue a mão e a parede de gaze se dissipa, voltando a ser fios de luar e libertando todos os seus prisioneiros. Jeb ordena que os pássaros voltem ao seu lugar no biombo. Eles guincham, entram e voltam a ser enfeites planos.

Nikki paira no ar e se enfia no cabelo de Jeb, oferecendo um tilintante agradecimento e enrolando as ondas sedosas em torno dela feito um vestido.

Chessie se aninha no ombro de Morfeu enquanto ele caminha na minha direção.

— Alyssa, você tem que perceber quanto isso é crucial.

Jeb o detém, colocando a palma da mão no peito de Morfeu.

— Alto lá, coxinha de mariposa. Quando eu estava vindo pelo corredor, ouvi que você espera que a Al deixe aquele monstro possuí-la outra vez. Mas isso não vai acontecer mesmo.

Morfeu grunhe.

— Isso não lhe diz respeito. Você preferiria partir o coração de Alyssa a abdicar do poder que tanto deseja e encarar o mundo real. Então, sua opinião não conta. A escolha é dela. É o reino dela que está em jogo. — Ele olha enfaticamente para mim. — *Mais* do que o reino dela.

Jeb o empurra e a disputa fica mais acirrada. Nikki voa em torno dos dois, tentando arbitrar.

Olho à minha volta: a magia distorcida está em todo lugar, salas cheias de pesadelos, meu pai recostado em uma parede, em coma induzido para não virar pedra.

Jeb quer ficar aqui?

Não. Este lugar é venenoso. Temos que sair. Todos nós; mesmo que a única maneira de convencer Jeb seja capitalizar seu vício no poder...

Chessie chama minha atenção, flutuando sobre a discussão entre Morfeu e Jeb como uma bola laranja cintilante e cinza. Seus olhos grandes e sábios falam comigo, forçando-me a encarar o que será dele, dos extravagantes e estranhos intraterrenos enfiados dentro do trem da memória no reino humano, dos que estão no País das Maravilhas. Forçando-me a reconhecer o que acontecerá com todos eles depois que seu lar lindamente bizarro se transformar em ruínas. Quão

perdidos eles ficarão.

Uma lâmina aguda desliza pela couraça gelada que envolve minha coragem, cortando-a com precisão. Não há dúvida sobre o que tem de ser feito.

— Eu vou fazer isso. — Embora minha voz soe mais parecida com um grasnido, ela abafa a gritaria de Morfeu e Jeb.

Os dois se voltam para mim, num silêncio mortal.

Ergo os ombros para que minhas asas se elevem.

— Farei qualquer coisa para salvar o País das Maravilhas — *para salvar todos aqueles que amo* — porque eu sou responsável. Eu fui fraca. Não voltarei a ser.

Batendo mãos e patas, Chessie e Nikki se lançam ao ar dando giros de celebração.

— Alyssa... — A atitude de Morfeu é de pura reverência. — Eu sempre soube que você tem um coração de rainha.

Jeb segura a camiseta de Morfeu, rangendo os dentes.

— Se você a ama tanto quanto diz, deveria deixar aquela bruxa possuir *você*.

Morfeu crava os olhos nele.

— Não somos da mesma linhagem. E, mesmo que eu pudesse, somente Alyssa já conseguiu superar o poder da Vermelha. É seu destino tirá-la daqui e derrotá-la de uma vez por todas.

— Jeb, por favor. Já tomei minha decisão. — Minha garganta dói, embora eu esteja quase sussurrando. Estou tão cansada. — Papai precisa de roupas e de um lugar para se deitar.

Jeb solta Morfeu e dirige-se ao corredor. Sua expressão é de fúria contida quando ele ergue papai e o coloca no ombro.

— Presumo que venha desta vez — ele grunhe, e começa a percorrer o longo corredor mais uma vez.

Tremendo ao atravessar a soleira, olho de relance na direção de Morfeu.

— Ela quase me estripou uma vez. Sua marca ainda está lá. Posso senti-la. — Não lhe digo o resto: que é como se os fios do meu coração estivessem se

partindo, que estou convencida de que é um efeito mágico de sua possessão e de que cada dia parece romper-se um pouco mais. — Não sei se tenho a força necessária para expulsá-la novamente. Não sem matar a nós duas.

A expressão dele muda para algo tão próximo do arrependimento que congela minha respiração. Ele olha para o diário.

— Agora você tem uma arma. As memórias lhe dão uma vantagem que ela não espera. Isso a enfraquecerá.

— Nós nem sabemos se isso vai funcionar — eu sussurro.

— Vai, sim — ele diz. — Tem que funcionar. — A preocupação que ecoa na imperscrutável profundeza de seus olhos trai a confiança de suas palavras. Pela primeira vez na vida, compartilhamos as mesmas dúvidas.

Ficamos assim por incontáveis segundos, olhando fixamente um para o outro.

Quando ele se adianta para me confortar, recuo para o corredor. Sem mais uma palavra, sigo atrás de Jeb, incapaz de me livrar do terror que carrego no pescoço em forma de diário: um brinquedo de criança que salvará minha vida ou a levará rapidamente ao fim.



15

Marés do Destino

Quando chegamos ao farol, Jeb leva papai para a torre. Ele o veste e me chama. Cubro o corpo adormecido de papai com cobertores e em seguida me sento na beirada do colchão ao seu lado, tirando as botas.

Faz pouco mais de um dia que cheguei ao mundo do espelho, mas parecem semanas. Não consigo acompanhar a passagem do tempo aqui. E esta noite promete ser a mais longa de todas, pois estamos todos ansiosos para ver se conseguiremos pegar a cura para papai, ou se teremos de enfrentar a corrida eleitoral mortífera da Rainha de Copas.

Afago a cabeça de papai, na esperança de que Jeb tente me desencorajar de levar adiante o plano de Morfeu. Em vez disso, ele me observa em silêncio enquanto o luar e a luz do farol se revezam para iluminar as paredes.

— Eu verifiquei a perna dele e o veneno não se espalhou — Jeb finalmente diz com sua voz profunda e aveludada, como se estivesse no reino humano, antes de a magia da Vermelha ter se infiltrado nele. Como é irônico que meu coração não seja o único que ela contaminou. Isso só me faz odiá-la ainda mais.

— Ele vai ficar bem — Jeb continua. — É o homem mais forte que já conheci.

Um vislumbre do menino do passado torna-se tão vivo que eu caio nos velhos hábitos e abro minha alma.

— Eu tive uma visão da minha mãe, que ela está viva e em segurança. Acho que ela está mandando mensagens através dos meus sonhos.

Jeb se recosta na parece, sem fazer perguntas. A esta altura, ele já viu e fez magia suficiente para acreditar no inacreditável.

— O que vou dizer a ela se...? — Minha voz emudece.

— Não, Al. Ele vai sair dessa porque é ele que está sonhando agora.

Com um sinal de cabeça, concordo.

— Espero que ele esteja sonhando que vai ficar bem. Com coisas que o deixam feliz.

— Ele deve estar pescando — Jeb acrescenta, de pé ao lado da vigia. — Como nas vezes que ele nos levava junto. — Ele força um riso breve, mais de pesar do que de alegria. — Lembra aquela vez que você deixou cair uma caixa cheia de iscas?

Eu quase sorrio. Foi no verão antes da oitava série. Papai comprou grilos na loja de pesca.

— Eles estavam gritando, pedindo ajuda.

Ouço um som surdo, e nem preciso olhar para saber que é o punho de Jeb contra a parede de pedra.

— Foi aí que eu comecei a gostar de você.

Olho para ele por sobre o ombro. Com o cabelo desgrenhado coroado por raios prateados de luar, ele está mais lindo que qualquer visão mística que eu já tive.

— Você nunca tinha me contado isso.

Ele se vira e olha para fora.

— Você estava tão preocupada com aqueles insetos. A mesma menina que os espetava com alfinetes todos os dias para fazer mosaicos não conseguia enfiar um anzol neles para pegar um peixe.

— Porque eles já estavam mortos quando eu os usava para os mosaicos. Eu não tinha que ouvir seu sofrimento.

— Eu não sabia disso. Só sabia que você guardava muitos mistérios. Então

comecei a desenhá-la, tentando fazer com que eles viessem à tona, ler as entrelinhas.

Ele sempre me desenhou como uma fada, como se realmente estivesse decifrando meus segredos. Corta meu coração que ele tenha perdido a habilidade de me pintar enquanto esteve aqui, que quase enlouqueceu tentando.

— E seu pai — Jeb continua — não ficou bravo por você ter soltado os insetos. Ele só tirou as iscas de alumínio e começou a usá-las desde aquele dia. Eu não sabia que um pai podia agir daquele jeito. Perdoar. Ser gentil. Ele é o melhor homem que eu já conheci. Tenho certeza de que ele deve ter salvado a minha vida algumas vezes.

Eu fungo e limpo o nariz com as costas da mão, em seguida enfiando o cobertor por baixo do queixo de papai, estudando seu rosto sereno.

— Era para ele ser cavaleiro. — Minhas cordas vocais endurecem. — Mas, quando a mamãe foi internada, ele teve que ser pai e mãe. Eu o achava chato por causa disso. Mas isso fez dele o maior herói de todos. — Para não chorar, enfio o rosto no ombro de papai, acalmando-me com o ar que ele exala sobre minha têmpora. Sua pele ainda tem o cheiro da tinta que até instantes atrás cobria o corpo.

Quase não percebo o peso que se acomoda ao meu lado na beira da cama.

— Al — Jeb sussurra, mais próximo de mim do que jamais esteve desde que cheguei à montanha. Seus dedos percorrem o contorno de minhas asas.

— Eu quero a minha família de volta. Quero você e Morfeu em segurança, e quero consertar o País das Maravilhas.

— Eu sei.

Sua empatia me despe de minhas defesas e eu levanto o rosto para expressar meu maior temor.

— Mas estou apavorada de deixar a Vermelha entrar em mim novamente. — Eu me detenho quando estou prestes a revelar a razão (que meu coração parece que está se partindo, literalmente) porque ele desvia o olhar.

O colchão balança quando ele se levanta.

— Eu tenho que vigiar as entradas.

Embora eu não estivesse esperando uma palavra de estímulo nem um abraço

reconfortante, procuro não ficar desapontada.

Ele se dirige para a porta.

— Tente dormir, está bem?

Eu concordo. Meu corpo, pesado de exaustão, quer fazer somente uma coisa: aninhar-se ao lado de papai. Contudo, enquanto ouço as botas de Jeb descendo os degraus da escada, começo a perceber por que ele não tentou me dissuadir de seguir os planos de Morfeu. Jeb se sente responsável pelo estado de papai. Ele acha que pode pegar a cura sozinho para que eu não tenha de enfrentar a possessão da Vermelha.

Consertar o País das Maravilhas não é a prioridade de Jeb. Ele só pensa em garantir a segurança de meu pai, de minha mãe e de mim. Entretanto, se for capturado no castelo, eles o usarão como um recipiente para a magia até que não sobre nada, como Morfeu disse...

Fecho as cortinas em volta de papai e desço as escadas correndo. Quando atravesso a cozinha deserta, sinto o terror ferver em minhas veias.

Disparo pela porta.

— Jeb!

Ele já está na última parte das escadas sinuosas, com a silhueta realçada pelas sombras e indo na direção da costa e do barco a remo.

— Jeb, espere!

Estimulo minhas asas a voar e pouso no mesmo instante em que ele pisa no último degrau. A areia parece uma lixa na sola de meus pés quando me coloco entre ele e o barco, fora do alcance da luz do farol.

— Não faça isso.

Ele fica tenso, a camiseta apertando seus músculos.

— É o meu dever.

— *Não é* culpa sua.

— Não se trata de culpa. Tem a ver com destino. Quem tem a melhor chance de derrotar a Vermelha sou eu.

Faço uma careta.

— Do que você está falando?

— Me dê o devido crédito. Somos artistas. Conhecemos as cores, como elas se combinam. A magia da Vermelha e a de Morfeu. — Ele ergue o pulso, onde brilha a tatuagem. — Deve haver uma razão para a minha ser púrpura.

Fico de queixo caído.

— Você sabia? — Fico tão atordoada que nem me mexo quando ele passa por mim.

— Eu sempre soube. Quando você descobriu? — ele pergunta, desamarrando a corda da âncora do pilar.

— Quando eu vi suas salas por dentro.

Ele para. Exalando o ar com força, senta-se na proa do barco. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, enrola a corda entre os dedos.

— Então você compreende por que não posso ir embora agora. Minhas criações precisam de mim. — Sua devoção mal dirigida me dói. — Além disso, este... ódio. Ele ficou grande demais para o mundo humano. Eu poderia ferir alguém. A Jen, a mamãe. Você. Eu seria igual ao meu pai.

Digo a mim mesma que meus olhos ardem por causa da maresia.

— Não. Você nunca será igual ao seu pai. Você decidiu conscientemente não ser. Mesmo com o veneno da Vermelha alimentando sua alma, você ainda é gentil comigo.

— De acordo com Morfeu, eu quase estrangulei você um mês atrás em nosso mundo. Quando fiquei louco por causa do suco de Tumtum no ateliê. Você ficou tão desesperada para escondê-lo de mim que fez um trato irrevogável com o diabo.

Fico tomada pela raiva. Então Morfeu contou a ele. Tudo porque não tive habilidade suficiente para fazê-lo jurar que não contaria a Jeb. Bom, já chega de ser ingênua e descuidada com as minhas palavras. De agora em diante, só farei votos pela magia da minha vida que sejam vantajosos para mim.

É por isso que Jeb não conseguia pintar meu retrato. Não era o ódio da Vermelha, mas sua própria culpa por ter quase me estrangulado. Minhas entranhas se encolhem, mas é a empatia que faz com que me sinta assim, e não um frasco mágico dentro de uma toca de coelho.

Observo a corda escorregar pelos dedos de Jeb em movimentos graciosos, apesar da forma masculina de suas mãos.

— Eu não queria que você tivesse que lutar com o que aconteceu — digo. — Eu estava errada.

Ele dá de ombros.

— Não tenho tanta certeza, a julgar pelas coisas que criei.

— Não. É este lugar. A influência da Vermelha. Só precisamos que você passe pelo portão. Que se liberte do poder dela. Aí você voltará a ser você mesmo.

Ele balança a cabeça.

— Eu reprimi minha raiva durante anos. Vir para cá e me esconder nesta montanha me deu uma válvula de escape, trouxe tudo à tona. Agora que eu soltei as rédeas, não sei se consigo mais me controlar.

Seu rosto volta a se transformar no rosto daquele menino magoado. Morfeu estava errado. Não foi de mim que Jeb desistiu. Foi de si mesmo.

Eu me aproximo, a areia escoando sob meus pés, e percebo outra verdade.

— Espere... se você sempre soube da magia da Vermelha, estava fingindo para Morfeu, deixando que ele pensasse que estava enganando você.

— É. — Ele dá um sorriso sarcástico. — Enganei o enganador. Irônico, não? — Um quê de orgulho fica à mostra, fazendo seus olhos brilharem com a cor das folhas de outono.

— Você podia ter usado o poder dela contra ele. Podia feri-lo. Mas não fez isso. Por quê?

— Porque feri-lo seria ferir você.

A confissão faz meus joelhos amolecerem. Sento-me ao lado dele na proa. Minhas asas descansam, flácidas, dentro do casco do barco, e a areia quente preenche o espaço entre os dedos dos pés.

— Não entendo como você não vê.

— Ver o quê?

— Eu sou a prioridade, acima de seus próprios sentimentos. Você tem controle completo sobre a sua raiva. Tanto que *escolheu* não ferir Morfeu porque ele é

meu amigo.

A coluna de Jeb se retesa.

— É mais do que isso. Você quer ficar com ele. Viver com ele no País das Maravilhas. Para sempre. — Ele bate com a corda na própria coxa de uma maneira jovial, mas não tem como esconder o peso em seus ombros.

Sinto um nó na garganta.

— Do que você está falando? O voto que eu fiz foi só por vinte e quatro horas.

— Na noite do baile — Jeb diz, levantando-se. — Depois que eu ajudei a sua mãe com seu pai. Quando voltei para o seu quarto. — Ele me conduz para fora do barco.

Eu me ponho de pé e esfrego os braços, sentindo frio com o rumo que a conversa está tomando.

— Jeb, aquele beijo não deveria ter acontecido. Não era minha intenção.

— Mas, quando eu voltei hoje, você estava no quarto dele. Suas roupas estavam amassadas e você corou.

Minhas bochechas pegam fogo. Então ele percebeu.

— Eu sinto muito. — *E estou tão cansada de desculpas esfarrapadas.* — Não consigo equilibrar muito bem o que sinto. Meus dois lados... estão sempre brigando. Não estou tentando manipular você. Nem a ele.

A testa de Jeb se franze ainda mais.

— Eu sei que você não está brincando conosco. Também sei que não é o tipo de garota que beija um cara de graça.

— Você está certo. Da primeira vez foi para pegar meu desejo de volta. E a segunda... era para ser um beijinho no rosto. Ele transformou em algo mais.

— Ora, por favor! — Jeb grita, fazendo-me recuar. — É isso que me deixa maluco. Que você não possa admitir para mim nem para você mesma. Você o beijou porque sente alguma coisa por ele.

Sentir... uma palavra tão simples, exceto a uma rainha intraterrena mestiça para quem não só a vida está se desfazendo, mas o coração também. Aperto os lábios.

Meu silêncio provoca uma expressão perturbadora no rosto de Jeb... como uma tempestade formando-se lentamente.

O barco atrás dele começa a tremer, uma manifestação física de sua agitação emocional. Dou um pulo quando um ruído alto parte as emendas da madeira. Os painéis se abrem, deixando nada mais do que um esqueleto emaciado.

— Eu tentei falar para você — ele diz em tom monótono e inquietante. — Não posso confiar em mim mesmo.

Levanto os ombros.

— A raiva não foi dirigida a mim. E nunca será.

— Não importa. Porque está acabado.

— Não acredito em você. — Procuro debaixo da camiseta e tiro o anel que ele pintou na sala do salgueiro. — Eu vi todos os sonhos lindos que você tem para nós.

Cerrando a mandíbula, ele pega meus ombros — com cuidado, como se eu fosse feita de vidro — e me manobra de modo que eu fique a alguns centímetros do barco, perto o bastante do oceano para que a maré cálida lamba meus dedos.

— *Tinha* — ele corrige. — No passado.

Com o olhar fixo no chão, ele agita a mão sobre a areia. Cada grão cintila com luz vermelha e dois buracos de abrem, sugando-me até os tornozelos. Eles se fecham sobre meus pés. Tento me mover, mas estou presa.

Fico totalmente confusa.

— Jeb?

— Outra coisa que seu príncipe das mariposas não sabe. Aprendi a separar as duas linhas de magia. Eu coloquei seu pai em transe para dormir antes. Morfeu foi só um adereço. Pena que não controlei os poderes dele na noite do baile. Talvez você tivesse escolhido a mim. Aí eu poderia dar todas as coisas que queria a você, em vez de só sonhar com elas. — Ele desliza o cordão com o anel pela minha cabeça e o mergulha na água até a linda faixa de diamantes se desintegrar em uma poça de tinta. Só resta a chave do diário.

Enraizada como uma erva daninha, não posso fazer nada além de assistir.

Ele recoloca o cordão em meu pescoço e faz o barco voltar à sua glória

anterior com um floreio das mãos.

Eu recupero a voz.

— Mas eu *escolhi* você!

De costas, ele limpa o banco. Uma brisa faz seu cabelo esvoaçar, tornando-o ainda mais desgrenhado.

Estico o braço e seguro o bolso traseiro de sua calça jeans.

— Jeb, não faça isso.

Ele tira meus dedos e sai do meu alcance.

— Fazer o quê? Ajudar você a conseguir o que quer? — Ele recolhe a corda para o casco. — Quando seu amiguinho mágico estava com as asas em volta de você no seu quarto, você disse a ele que estava só pedindo mais um pouco de tempo. Você disse que a eternidade valia esse preço.

Só consigo soltar um suspiro.

Eu não fazia ideia de que ele estava ouvindo no corredor antes do beijo. Eu tinha tocado o rosto de Morfeu com os lábios, um beijo inocente. Jeb não viu isso, porque as asas de Morfeu me envolveram somente quando ele transformou o beijo em algo mais. Jeb viu o que Morfeu *queria* que ele visse. Mas pior do que o que Jeb viu foi o que ele ouviu. O que saiu da minha boca.

Às vezes, as palavras falam mais alto do que as ações.

A compreensão me açoita a mente, feroz e cortante como uma lâmina.

— Você precisava de tempo para terminar comigo — Jeb diz. — E eu tinha acabado de pedir você em casamento. Eu esperava a eternidade, mas você já a tinha planejado com ele. — Jeb lança o barco na água e pula rapidamente para dentro a fim de não molhar as roupas. Ele se senta, encarando-me, com o remo na mão.

A espuma da maré bate em meus tornozelos, derretendo minha meia-calça até expor as canelas. Tensiono os músculos da coxa e torço as panturrilhas. Mas a areia me prende como se fosse cimento. Ele está prestes a acabar com a própria vida, abdicar de tudo, e tudo pelo que ele *acha* que eu quero.

O diário no meu peito brilha, mas não consigo desacelerar os pensamentos o bastante para usá-lo. Minha mente está tão inútil quanto o corpo.

— Espere! — Tento alcançar a proa, mas ela escorrega sob meus dedos conforme a maré puxa o barco para o oceano. — Está tudo fora de contexto, entende? Eu não disse que queria terminar com você!

Jeb desliza para fora do meu alcance.

— Por que outro motivo você estaria pedindo tempo se não fosse para me dispensar? Eu entendo. Eu tentei estrangular você. Não sou digno de confiança. — Ele arrasta os remos na água até estar a vários metros de distância.

Não. Não posso permitir que ele acredite nisso. O único arsenal que tenho é a verdade. Meu voto para com a Marfim dizia que eu não poderia contar a ninguém sobre a visão de um filho meu e de Morfeu. Mas a perspectiva da minha imortalidade não contraria nenhuma regra.

— Eu posso ter dois futuros. Um com você no reino mortal. Depois, mais tarde, como rainha intraterrena. O que você ouviu na noite do baile era eu pedindo a Morfeu que desse espaço a mim e você. Que esperasse que minha vida humana terminar.

Jeb para de remar. A água bate no casco, levando o barco para mais longe. O farol faísca sobre ele, e seu piercing reluz enquanto ele me observa.

— Como isso pode ser possível?

Tento explicar que vou envelhecer no reino mortal, mas não morrerei. Que, quando estiver velha e frágil, posso falsear minha morte e ir para o País das Maravilhas. Que, uma vez que a coroa seja colocada em minha cabeça, retornarei à idade que tinha quando me tornei rainha.

O que não digo é quanto dói pensar em sobreviver às pessoas que amo, deixar minha família humana para trás. Não posso dizer isso porque a dor de Jeb me preocupa mais uma vez.

— Então, depois que todo mundo morrer, você vai para o País das Maravilhas e terá dezesseis anos para sempre? — O tom amargo de sua voz me fere como um espinho. — Eu estarei morto. E você passará a eternidade com *ele*. O que é que eu devo achar disso, Al?

Eu cerro os dedos, preocupada que ele possa partir o barco novamente e cair na água.

— Não sei.

— Mas eu sei. Eu vou ao castelo, pego a cura para seu pai e mando você e Morfeu para sua vida de felicidade. Aí você pode pular a parte chata do mundo real e ser eternamente jovem agora mesmo. Quem é que não gostaria disso, não é?

— Jeb, não! — Tenho de forçar minhas cordas vocais e isso mostra quanto ele está longe da margem. Estamos gritando um para o outro e nem percebemos.

Na verdade, ele está se distanciando sem ter de remar.

Um brilho vermelho ondula a água, iluminando as profundezas com pulsações, como se houvesse um coração vivo lá embaixo. A cada vibração, o barco de Jeb fica uma onda mais perto da margem oposta e da saída. Ele está controlando o oceano do mesmo modo como controla tudo o mais aqui.

— As areias vão soltá-la quando eu tiver partido, e você pode ir ficar com seu pai — ele grita a distância. — Amanhã de manhã, você estará a caminho do País das Maravilhas com Morfeu.

Lágrimas de frustração salpicam meus cílios. Aqui estamos nós novamente, em um mundo místico e hostil, brigando um com o outro em vez de enfrentarmos os perigos que nos aguardam.

— Você não tem ideia do que eles podem fazer com você!

Simultaneamente, puxo as pernas e bato as asas até meus ligamentos parecerem prestes a se romper. Quanto mais me esforço, mais quente fica o diário. Determinada a detê-lo, relembro passo a passo como usei o pequeno caderno como uma catapulta para meus poderes no quarto de Morfeu.

Quando o brilho carmim penetra em minhas veias, eu redireciono o fluxo, lançando-o ao oceano. Dá certo, produzindo uma onda que reverte a direção do barco para mim. O farol pisca, iluminando Jeb de pé no barco. Equilibrando-se graciosamente, como um surfista, ele joga os remos de lado. Apesar da distância entre nós, posso jurar que vejo um sorriso de escárnio.

Isso atiça minha metade obscura. Ela aprecia o desafio.

— Quer brincar, não é? — eu sussurro.

Seu cabelo chicoteia a cabeça. Ele ergue o punho tatuado — que brilha em púrpura, feito um farol — e compele outra onda, mais alta do que a minha. A água o arremessa na direção da margem oposta. Em resposta, faço o mesmo,

atraindo-o de volta para mim. Nosso cabo de guerra aquático vai ficando mais violento, nossa determinação dançando em algum nível consciente até que o oceano vocifera e o cospe.

Jorros fortes açoitam nosso cabelo e nossas roupas. Um borrifo derrete minha meia até a metade da coxa e deixa a barra da saia em frangalhos. Uma onda perdida quebra sobre as costas de Jeb, deixando-o seminu.

Uma centelha de eletricidade percorre o ar entre nós — não visível, mas visceral, como em todas as vezes que jogávamos xadrez e lutávamos contra nossos sentimentos um pelo outro. É isso que entra em colisão e provoca a fúria do oceano num rugir de espumas — mais ainda do que nossa magia.

Percebo a bolha vermelha gigante nas profundezas tarde demais para detê-la, um acúmulo de nosso poder que incha até explodir em uma onda imensa. Jeb é arremessado na água. Sua cabeça vem à tona por um instante sob o brilho do farol antes de o barco emborcar e bater nele, fazendo-o desaparecer na onda.

Eu o matei.

— Jeb! — eu grito. A muralha de água vem na minha direção, bloqueando o céu estrelado. O chão treme e me puxa para baixo até a areia engolir meus joelhos, incrustando-me ainda mais fundo.

Eu me curvo na cintura, cavando até meus dedos doerem e sangrarem. É inútil. A onda se curva e se arqueia — dois andares acima de mim. Envolvo meu corpo com as asas, os braços sobre a cabeça, e me preparo para o impacto.

A água arrebenta — cobrindo-me e expulsando o ar de meus pulmões. Um grito silencioso irrompe da minha boca em bolhas. Minhas asas se abrem e se debatem, arranhando o corpo. Tento controlar a vontade de respirar enquanto minha espinha se contorce e se curva.

A água turva me cega. A salmoura penetra as narinas e entra pelos lábios. Debatendo-me para segurar o diário e a chave no pescoço, fico aliviada de ainda encontrá-los ali, embora não consiga me lembrar da razão. Meus braços, pernas e asas ficam moles e eu me dobro.

Uma pressão quente me pega pela cintura, colocando-me em alerta. A areia solta minhas pernas. Jeb me segura em seus braços e nós emergimos juntos. Busco desesperadamente respirar e me engasgo com a água salgada.

Depois de me arrastar para a margem, Jeb desmorona ao meu lado, cuspindo

água. O oceano se dobra gentilmente sob seu comando, como se não estivesse tentando nos separar alguns segundos antes.

Minhas asas se enrugam nas costas e eu as absorvo, a pele pinicando na areia. Todas as minhas roupas sumiram — tudo, exceto a lingerie, ensopada e grudada no corpo. Minha pulsação chega ao pico quando percebo que as roupas de Jeb também sumiram, exceto pela cueca samba-canção lilás ensopada que parece muito com o tecido da camisa de seu smoking.

Apoiado nos cotovelos, ele me vira para encará-lo e afasta cachos úmidos do meu rosto. Ele vira o diário e a chave, ajeitando-os atrás do meu pescoço para que não se interponham mais entre nós.

A água escorre por seu queixo barbado, acumulando-se na ponta do piercing.

— Eu não disse para você nunca mais me assustar desse jeito?

Minha mente clareia instantaneamente: foi isso que ele disse quando enfrentamos o oceano de lágrimas original no País das Maravilhas.

— Você voltou por minha causa. — Eu me aperto a ele, encho as palavras com o máximo de respeito e gratidão com que respondi um ano atrás.

Suas mãos seguram minha cabeça.

— Eu sempre vou voltar por sua causa, Al — ele sussurra.

Seguro seus pulsos e as batidas de nossos corações são só o que nos separa.

— E é por isso que você será sempre melhor do que seu pai.

Suas feições ficam mais ternas, uma expressão pungente, e ele se aproxima para roçar a boca na minha, deixando um traço quente de sal, tão ilusório quanto uma lágrima. No momento em que começo a responder, ele quebra o contato e se afasta.

Eu contenho um suspiro.

Ele se senta apoiado nos joelhos, parecendo pensativo demais para o meu gosto. Já vi essa cara antes. Ele está prestes a me repreender por correr riscos.

— Não vou me desculpar por ter sido imprudente. — Minha réplica defensiva sai antes que ele consiga abrir a boca. — Quanto mais penso como uma intraterrena, mais conivente e forte eu fico. Isso é ruim num lugar como este?

— Está certa. — Sua confissão me choca. — Seguir seus instintos mais

obscuros é a única maneira de sobreviver e dominar esses mundos. Agora eu entendo.

É claro que ele entende. Ele me conhece desde que eu era uma menina esquisita no ensino médio. Conhece meu lado humano melhor do que qualquer pessoa. E agora, depois de se tornar também um intraterreno, ele tem outra percepção do meu lado que pertence ao País das Maravilhas.

Meu corpo fica todo arrepiado quando uma brisa nos envolve.

Ele fica de pé. Sua pele nua brilha sob a luz das estrelas, cada contorno lavado pela água e salpicado pela areia.

— Você está com frio. Vamos arranjar umas roupas.

Quando vou pegar a mão dele, seus olhos passeiam lentamente sobre minha lingerie.

— Onde foi que você arranjou isso? — Ele obviamente reconhece o tecido. — Como é que aquele baratão sabe as suas medidas, hein?

Franzo a testa e baixo o braço.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa sobre a sua cueca. Você não sabe nem pregar um botão. Sempre dependeu da Jen para fazer essas coisas.

Ele para, de mandíbula tensa. Por sorte, o diário no meu pescoço pisca e o distrai. Ele pega o cordão.

— Este caderno... tem alguma coisa a ver com a sua tataravó, não tem?

— Como sabe disso?

— Você o usou contra a magia dela dentro de mim. Eu o vi brilhar com uma luz vermelha do outro lado do oceano. Foi isso que provocou a onda. Eu até... me sinto diferente.

— Sente? — Viro seu pulso para ver onde sua tatuagem brilha.

— É. Ainda sinto o poder dela. Só que está... domado.

Eu fecho a cara.

— São memórias que ela se forçou a esquecer. Elas são encantadas. Elas a odeiam e querem vingança.

Nós dois olhamos para a palma da mão dele, onde o diário deixou sua

impressão. Ele larga o cordão e o pequenino caderno volta a balançar em meu pescoço.

— Al, você percebe o que isso significa? Não tem que deixar a Vermelha entrar em você para consertar o País das Maravilhas. Talvez Morfeu ainda não tenha percebido, ou talvez ele seja cretino demais para se importar, mas você tem a chave para reverter a destruição dela bem aqui. E você já aprendeu a dominá-la.

Eu respiro fundo. Por que não pensei nisso? Posso atiçar suas memórias contra o feitiço destruidor que ela colocou no País das Maravilhas, usá-las para fazer tudo voltar a ser como era.

Sinto uma pressão no peito, um lembrete de que tenho de enfrentar a Vermelha, reparar meu coração e dar um fim a essa coisa entre nós. Mas minha maior prioridade é curar papai e levá-lo, com Morfeu e Jeb, ao País das Maravilhas para ajudar mamãe. Vou reverter o feitiço da Vermelha sobre as paisagens, e depois voltar e terminar as coisas por aqui.

— Muito bem. — Delineio o novo plano em voz alta: — Só temos que pegar a cura para o meu pai e em seguida podemos sair daqui.

Jeb olha para mim.

— *Vocês* podem sair daqui.

— Jeb, por favor.

— Não tenho razão para voltar.

Quero gritar *EU!*, mas não faria diferença.

— Você vai conseguir esquecer sua mãe e Jen? Elas precisam de você.

Não há como mascarar a tristeza em seus olhos quando eu menciono sua família.

— Elas estão melhor comigo aqui. Ainda posso cuidar delas... ser uma ligação para os guardas nos portões, proteger o reino humano do lado de dentro.

— Então, seu plano é ficar e desviar a magia da Vermelha para sempre?

Um músculo em seu queixo tem um espasmo.

— Pelo menos assim eu *posso* ter a eternidade. — Ele estende a mão, insistindo para que caminhemos para o farol.

Uma sensação de enormidade me assola: papai estava absolutamente certo. Sou a única que pode convencer Jeb a deixar este lugar. Tenho de mostrar a ele que a vida vale a pena fora destas terras horríveis, mesmo com as limitações mortais.

Entrelaço meus dedos nos dele e o puxo para baixo, para ficarmos cara a cara. O terreno arenoso espeta meus joelhos nus.

Ele enfia um punho na areia.

— O que está fazendo?

— Lembrando a você que ainda sou humana o bastante para precisar de você. — Passo as mãos em seus bíceps e peitorais. Água e areia se misturam, formando trilhas granulares nos cabelos de seu peito. Ao meu toque, sua respiração relaxa e os cílios longos e negros se fecham numa bela agonia.

Estico os dedos e abro a mão para comparar suas marcas de cigarro com minhas cicatrizes. Seus músculos respondem com pequenas contrações, sua constituição forte onde a minha é suave.

— Jeb.

Ele abre os olhos e nosso olhar se encontra.

— É por *isso* que nós combinamos. Porque somos ambos machucados, de uma maneira que não pode ser curada. Nem mesmo pela magia.

Seu olhar continua firme.

— Eu te amo — sussurro. — Você ainda me ama?

Ele se inclina para mais perto, firmando o punho no chão ao lado dos meus quadris.

— Nunca vou parar.

Meu estômago dá um salto mortal.

— Então venha para casa.

— De que adiantaria? — A boca dele está a poucos centímetros e a pergunta escalda meus lábios. — As coisas nunca voltarão a ser como eram.

Meu queixo fica tenso.

— Tem razão. Porque nós dois crescemos e mudamos. Porque agora

compreendemos um ao outro em todos os níveis. Eu vi os seus segredos. Você viu os meus. Podemos viver o presente. Sem pensar na eternidade.

Ele ergue a mão coberta de areia e toca minha mecha vermelha.

— Você está sendo ingênua. Morfeu não vai deixar. Ele vai acenar com sua eternidade mágica diante de mim, sabendo que é algo que eu nunca poderei dar a você. Sabendo, como humano, que não tenho nada a oferecer que se compare a isso.

Ele começa a se afastar, mas agarro sua cintura pela cueca perto do abdômen. Ouço seu respirar rouco quando ele olha para a minha mão, e depois para o meu rosto.

— Você está errado. Tem uma coisa que você *já* ofereceu que é tão mágica e rara quanto a eternidade. Você ofereceu envelhecer comigo. Isso é algo que Morfeu não pode fazer. — Corro os dedos por seu queixo com barba por fazer. — Eu não tive a oportunidade de dizer que sim, quero me casar com você.

Por um instante, os olhos de Jeb brilham com a luz da esperança.

— Você ainda quer? — pergunto.

Ele passa os dedos pelo meu cabelo, tão forte que tocam meu couro cabeludo.

— Não existe outra pessoa com quem eu queira passar a vida. Criar uma família. Mas você fez um voto para Morfeu. Vinte e quatro horas sozinhos. Ele vai fazer de tudo para impedi-la de voltar para o reino humano. — Ele pressiona a testa contra a minha. — Eu lutaria por você, Al. Até morrer. Só não sei mais combater magia sem usar magia.

Então, sou *eu* a razão pela qual Jeb não quer ir embora nem abdicar de seu poder. Sempre fui eu.

Sua expressão angustiada marca minhas entranhas a fogo. A promessa de Morfeu no dia em que fiz aquele voto dança no limite da minha alma: *Eu lhe mostrarei os encantos do País das Maravilhas, e, quando estiver embriagada com a beleza e o caos pelos quais o seu coração tanto anseia, eu a acolherei sob as minhas asas e farei com que esqueça que o reino humano um dia existiu. Você nunca mais desejará deixar o País das Maravilhas, nem a mim.*

Não é que Jeb não confie em mim. É que ele sabe o que pode acontecer. Morfeu sempre encontra uma forma de vencer. Ele é o mais manipulador e o

mais brilhante estrategista que já conheci.

Mas ele encontrou uma adversária à altura. Ou melhor, ele *a criou*.

— Você não precisa lutar por nós. — Afago o pulso tatuado de Jeb. — Posso arranjar para que Morfeu nos deixe em paz.

Jeb faz uma careta.

— Está brincando, certo?

— Não. — Minha voz é resoluta e forte, quase tão forte quanto a de Morfeu quando ele me contou o segredo para ter o controle: *Quando você conhece a fraqueza das pessoas, é fácil manipulá-las*.

Jeb toca meu rosto, como se tivesse ficado abalado pela seriedade do meu tom.

Eu poderia argumentar que Morfeu causou isso para si mesmo ao forçar Jeb a viver sabendo que quase me estrangulou, apesar de nosso trato... ao sempre manipular toda e qualquer palavra, ação e promessa em seu benefício. Eu poderia dizer que ele foi um bom professor e que, enfim, estou pensando como uma intraterrena. *Como ele*.

Mas não se trata de vingança. Trata-se de influência. Morfeu e eu temos a eternidade para acertar as coisas entre nós, mas Jeb tem somente uma vida. Ele já teve sua parcela de tristezas. Sou eu quem o faz feliz, e ele faz o mesmo por mim. Então, devemos passar a vida de Jeb juntos.

— Jebediah Holt — digo, com a palma da mão cobrindo o peito, numa promessa. — Eu juro, pela magia da minha vida, que você será meu primeiro de todas as maneiras... no casamento e em tudo o que ele implica.

Seu rosto se abre em surpresa e espanto, como se eu lhe tivesse oferecido a Via Láctea e todas as galáxias ainda desconhecidas.

— Espera, você acaba de...?

Antes que ele termine, sinto um espasmo atrás do esterno que me deixa sem ar. Meu coração vacila por um instante, como um peixe pulando por trás das minhas costelas. Eu gemo e aproximo os joelhos do peito.

Jeb esfrega meus braços.

— Al, você está bem?

Encolhida, começo a desenrolar o corpo lentamente. Meus dedos se enterram na areia para resistir à terrível ferroada.

— Estou bem. É... é só uma câimbra. — A mentira tem gosto amargo como sangue.

E se a Vermelha colocou um feitiço em meu coração para me controlar? Para me dobrar à sua vontade? Toda vez que eu me afasto do caminho dela para o País das Maravilhas, sou punida com uma dor agonizante. Do mesmo modo como ela usou minhas veias como cordões de marionete quando compartilhou meu corpo no ano passado.

Não posso deixar que ela vença. O amanhã chegará logo e tenho de convencer Jeb a partir conosco. Se eu não conseguir, ele *vai* morrer.

Aperto a mão dele, ignorando a dor.

— Só você pode me libertar das amarras desta promessa. Morfeu nunca me pedirá para quebrá-la. Preciso da minha magia para ser a rainha que ele sempre me treinou para ser. O bem do País das Maravilhas é a única coisa neste mundo que ele colocaria acima dos próprios desejos.

Jeb fica de queixo caído. Ele dá uma meia risada.

— Usar seu papel como Rainha Vermelha para barganhar. É bem engenhoso.

Afasto sua franja escura.

— Tenho grande potencial como diplomata, não? — A provocação é um estratagema para ele não perceber que estou lutando para poder respirar sem que meu peito doa. Tenho de chegar à Vermelha. Forçá-la a desfazer tudo o que fez.

Jeb sorri — um genuíno sorriso de Jebediah Holt, completo, com covinhas e tudo. Que linda distração.

— Eu te amo, menina do skate.

O apelido abre caminho em mim, doce e reconfortante.

— Diga de novo.

— Eu te amo.

— Não... a outra parte — imploro.

Ele puxa meu corpo para junto do seu de modo que as bocas se unem num

beijo terno e quente.

— Menina do skate — ele sussurra junto de mim, tirando o cabelo do meu rosto.

Nós nos beijamos novamente — seu toque não mais ilusório, mas confiante e urgente. Ele me deita, cobrindo meu corpo com seu delicioso peso enquanto me provoca até eu abrir a boca. Seguro seu rosto para saborear os movimentos de sua mandíbula, o sabor da pele represado nas gotículas deixadas pelo oceano, a sensação causada pelo dente incisivo junto à minha língua, reconhecendo minhas partes favoritas dele.

— Senti saudade, Al. — Seus beijos percorrem meu queixo e pescoço e descem até o centro da clavícula, seguindo os traços da água seca. O fogo que queima atrás de meu esterno torna-se tolerável junto aos seus lábios. Eu suspiro e arqueio o corpo junto a ele, mas ele para subitamente.

— Shhhh. Ouviu isso? — ele murmura.

Uma cacofonia surge de algum lugar a distância, abafada pela maré tempestuosa: asas batendo e guinchos agudos. Levanto a cabeça e vejo um bando de animais do tamanho de condores voando na nossa direção. Pássaros trogloditas estão montados em suas costas, usando capacetes de mergulho que parecem máquinas de chiclete feitas de latão com visores de vidro.

— Morcegos! — Jeb grita, rolando para o lado. — Corra para o farol agora!



16

A Corrida Eleitoral Mortífera

A paródia de *Pisca, Pisca* feita por Carroll me vem à cabeça, mas as criaturas gigantes que voam direto para nós são a antítese de tudo o que é caprichoso e pequeno. E elas não se parecem em nada com bandejas de chá.

Voos rasantes cortam o ar e revolvem nosso cabelo. Eu me engasgo com uma nuvem de areia. Jeb me empurra no instante exato em que um morcego mergulha sobre nós. Lustrosa feito couro carmim, a criatura mutante ganha o ar, levando Jeb para o céu em suas garras.

Um pássaro troglodita com cara de águia abre a janela de vidro de seu capacete e ri, sentado no dorso do morcego.

— Fácil de pegar como caramujo ao sol.

— Seu bobo. Manti quer a garota! — um outro grita de seu poleiro alado. — E lembre-se de que ela deve estar intacta!

— Então eu diria que chegamos aqui na hora certa — comenta um pássaro com bico de galinha. Seus compatriotas uivam de rir antes de apontarem as montarias aéreas para mim.

— Jeb! — eu grito.

— Vá para o farol! — ele responde lá do alto enquanto luta contra as garras

que o envolvem.

Nada disso. Liberto minhas asas. Ao me lançar na direção de Jeb, três morcegos mergulham em mim vindos de direções diferentes. Tão absortos em seu alvo, os pilotos troglodita não percebem uns aos outros. O morcego mais próximo abaixa seu pescoço de cisne. O centro do focinho em forma de estrela se abre, empurrando para fora um amontoado de tentáculos de quase dois metros coalhados de presas afiadas. Um dos dentes arrebata meu colar com o diário e corta o cordão.

Aos berros, estendo a mão para puxar o cordão da língua cheia de presas do morcego, mas ele engole o caderno. Os outros dois pássaros desviam no último segundo. Eu mergulho na hora H. Os morcegos colidem e desmoronam sobre o oceano com seus pilotos. Planando em uma corrente de vento, deslizo sobre a água e me elevo.

Vejo a silhueta de Jeb contra o céu estrelado. Ele se liberta do captor e fica pendurado em uma garra ao mesmo tempo que convoca uma onda. A água se ergue o bastante para que ele se jogue nela. Ele desliza sobre uma prancha de espuma na minha direção, me pega pela cintura e nos leva sobre ela até a entrada do farol.

Nós entramos correndo e batemos a porta, trancando-a.

Lá em cima, papai ainda dorme. Jeb e eu caminhamos com cuidado para a vigia. Em meio a guinchos e asas gigantescas, nossa torre balança. Caem pedaços das paredes, formando uma fenda larga. Mais morcegos se reúnem na entrada, tentando cavar a rocha. O céu fica escuro quando eles começam a circular acima de nós, revezando-se para atacar nosso santuário.

O farol pisca sobre eles em intervalos, iluminando tentáculos terríveis e asas venosas. Mais e mais buracos surgem na torre, e as paredes não conseguem suportar as colisões.

Rajadas de vento provocadas pelas asas gigantes entram pelas aberturas. As cortinas que cobrem a cama de papai se agitam e minha pele nua sente frio.

Outro morcego martela a torre. É difícil manter o equilíbrio.

— São muitos!

— Não tantos — Jeb responde calmamente. Seus olhos reluzem de feitiçaria intraterrena. Com um movimento de seus dedos através da vigia, ciclones de

areia se formam no terreno que circunda o farol. — Temos exércitos tão numerosos quanto os grãos de areia.

Inspirada pela sua engenhosidade, ergo a mão.

— E arsenais tão incontáveis quanto as estrelas. — Usando o truque que Morfeu certa vez me ensinou, dou uma nova missão ao céu noturno de Jeb: mísseis teleguiados.

As estrelas adernam na direção de nossos atacantes como gigantescas pedras em chamas, arrebanhando-os para os funis de areia de Jeb. Vários pássaros trogloditas evitam os ciclones, mergulhando sem os morcegos. Eles agitam asas deterioradas sobre o oceano, na esperança de escapar. Meus mísseis estelares os atingem, rasgando peitos emplumados e ceifando cabeças com capacetes. No fim, só restam os cadáveres — blocos alaranjados e cinzas negras surgem à tona entre a espuma das ondas.

Os ciclones de areia levam os morcegos para longe através da saída da sala.

Quando a poeira baixa, avaliamos o caos à nossa volta.

Eu rio com ironia, um som perplexo e sem sentido que parece completamente deslocado diante do que acaba de acontecer.

Jeb olha para mim e dá risada.

— Ainda formamos uma ótima equipe — ele diz, o cabelo flutuando ao vento.

— Como no País das Maravilhas, quando você não tinha nenhuma magia.

Ele não responde, só fica me olhando, pensativo. Desvia o olhar para fazer movimentos com as mãos sobre o chão cheio de destroços. A torre se reconstitui, os buracos se fecham aos poucos, até restarem somente alguns resíduos de poeira.

— Será que existem mais desses morcegos? — pergunto.

— Eles são indefesos sem os pilotos — Jeb responde. — Tenho que verificar como eles conseguiram entrar. O exército de pichações deveria tê-los impedido. Também preciso ter certeza de que as outras salas estão bem.

A aflição em sua voz me comove. Ele está preocupado com suas criações.

— Acho que seria bom vestirmos algumas roupas primeiro — eu o recordo.

Ele para, com o olhar atravessando meu corpo. Meus braços se cruzam

instintivamente, embora tal modéstia pareça desnecessária depois de tudo o que prometi a ele. A chave em meu pescoço esbarra na parte interna do pulso e eu me lembro do diário perdido.

Como se percebesse meus pensamentos, Jeb franze a testa.

— O que aconteceu com o caderno?

— Um dos morcegos o engoliu. As memórias da Vermelha se perderam.

Ele pragueja.

O terror e a náusea me deixam zonza. Olho por sobre o ombro na direção da cama. As cortinas estão enroscadas nos pilares, deixando à mostra o rosto pacífico e adormecido de papai.

— Vai ficar tudo bem, menina do skate. — A voz de Jeb é suave e carinhosa. Ele passa a ponta de um dedo por minha asa esquerda, enviando milhares de centelhas excitantes que me percorrem a espinha.

— Espero que sim.

Ele me puxa para um abraço, acariciando meu cabelo encrespado.

— Vai, sim. Porque você não é mais só uma menina. Você é poderosa e corajosa. Uma rainha melhor do que a Vermelha jamais poderia pensar em ser. — O calor de seu torso nu penetra em meu peito, aquecendo-me até os dedos dos pés.

Um som sibilado surge através da vigia. Jeb separa nosso abraço para olhar a nuvem de poeira alaranjada e cintilante que entra por ela.

Eu suspiro de alívio.

— Chessie.

Jeb estende a mão para que ele pouse.

O pequeno intraterreno mostra um sorriso que é, na verdade, uma careta, pois, quando ele se materializa na palma da mão de Jeb, está de cabeça para baixo, a cauda curvada formando um ponto de interrogação. Amarrado à sua pata há um frasco com tampa de cortiça. No rótulo está escrito *Neutralizador de Empedramento*, logo acima de um desenho em preto e branco de uma mosca-escorpião.

— Você conseguiu a cura — Jeb diz, incrédulo.

— Obrigada! — Pego o frasco, tão aliviada que não consigo deixar de sorrir.

O intraterreno peludo dá saltos no ar, mas seus bigodes estão murchos.

— O que foi? — Eu me concentro em seus olhos rodopiantes. — Espere. Foi *Morfeu* quem pegou a cura? — traduzo para Jeb. — Ele foi até o castelo? Mas ele planejava ir amanhã.

Ele nunca faria algo tão espontâneo. A menos que estivesse realmente convencido de que eu não sobreviveria a um confronto com a Vermelha. Sou a única pessoa por quem ele se arriscaria, porque sou uma rainha e o País das Maravilhas é a maior prioridade dele. E, mais do que isso... porque ele me ama.

Minha alma se encolhe, com plena consciência do quanto eu o magoei esta noite. E ele nem sequer sabe.

— Onde ele está? — pergunto.

Quando a resposta surge dentro das pupilas de Chessie, eu caio de joelhos.

— Al. — Jeb se ajoelha ao meu lado e me força a olhar para ele. — O que ele disse?

Rilho os dentes com força para não gritar.

— Morfeu foi capturado. Ele está programado para ser o entretenimento das festividades de amanhã. A rainha vai colher seu coração.



Nós fazemos papai engolir o antídoto e Jeb o liberta de seu estado de sonho. Depois, nós nos revezamos para tomar banho, nos vestimos e explicamos a papai tudo o que aconteceu enquanto ele esteve adormecido. Nem Jeb nem eu mencionamos nosso compromisso. Parece errado dar-lhe algum motivo para comemorar enquanto a vida de Morfeu está por um fio.

Nosso plano volta a ser sair bem cedo pela manhã, quando os portões serão abertos. Escolhemos nossas roupas com cautela. Seria um erro ter a vulnerabilidade da água — roupas solúveis em uma missão tão arriscada.

Papai e eu usaremos a túnica e as calças do tio Bernie, enquanto Jeb se vestirá com o que sobrou de seu smoking do baile: colete de veludo com estampa azul-marinho e calças azuis. Combinado com uma camiseta da mesma cor de seu guarda-roupa pintado, o traje está completo.

Ainda tenho de contar a papai sobre o pequeno detalhe da possível possessão da Vermelha. Agora que perdi o diário, é a única forma de salvar o País das Maravilhas. Ele nunca concordaria com esse plano, se soubesse. Volto a mentir para seu próprio bem.

Enquanto Jeb e Chessie verificam as salas da montanha, papai fica de molho em uma banheira quente. Embora o antídoto tenha dissolvido a pedra, os músculos e ossos de sua perna ficaram um pouco danificados.

Ele sai mancando do banheiro, já completamente vestido e esfregando uma toalha no cabelo molhado.

— Tem alguma coisa para comer? Estou morrendo de fome.

Jeb me disse que isso aconteceria. É um efeito colateral do estado de sonho. Faço uma travessa com flor de mel e carne-seca de coelho e pego alguns pedaços para mim. As lanternas flutuantes lançam uma luz âmbar e sombras em torno de nós enquanto eu o observo engolir todo o resto. Fico imaginando se estava tão faminto quando mamãe o resgatou do País das Maravilhas. Afinal, ficou dormindo durante anos daquela vez.

Papai já se serviu três vezes quando Chessie e Jeb retornam.

Jeb está com a sacola de viagem de papai e o saco que contém meu vestido de asas de escorpião. Não consigo parar de me lembrar da reação de Morfeu quando abri a embalagem. Como ele me provocou e brincou, fazendo pouco de um gesto tão incrivelmente terno. Como esqueceu todos os cortes das beiradas afiadíssimas que deve ter aguentado até finalmente costurar todas as pernas da centopeia no lugar como uma borda protetora.

— As roupas de simulacro estão na sacola? — pergunto, tentando esconder o tremor em minha voz.

— Só encontramos duas. — Jeb limpa a tinta das mãos em uma toalha. — O quarto de Morfeu estava em ruínas. Todas as salas estavam. Havia alguns morcegos presos nas pichações. Foi assim que os trogloditas passaram pela entrada. Eles vieram pelo oceano e sacrificaram alguns para despistar. Não sei ao certo como eles acharam o caminho para a montanha, para começar. Eu não vi sinais do CC. Também não sei bem como eles sabiam que podiam usar a água da chuva para derreter as portas e todo o resto. — Ele procura parecer despreocupado, mas seu rosto está pálido.

Sei muito bem como é ver algo que você criou morrer. Um mês atrás, dei vida às chamas e depois tive de extingui-las para salvar meus companheiros de escola. Doeu como se tivesse perdido um pedaço de mim mesma.

Talvez tenha sido melhor assim. Talvez as partes obscuras e machucadas da alma de Jeb finalmente sejam deixadas de lado e ele possa abandonar este mundo e toda a amargura e as dúvidas... deixar tudo para trás sem pensar duas vezes. Com a exceção dos sonhos da sala do salgueiro. Espero que ele os conserve.

— A única coisa que restou no quarto de Morfeu foi este cabide de roupa — Jeb diz, despertando-me dos pensamentos. — Sabe o que é esta roupa dentro dele?

— Uma armadura — eu sussurro, sentindo-me paralisada quando as palavras de Morfeu voltam a me provocar: *Espero que você vista isso quando for enfrent*á-la. *É a única armadura digna de sua perigosa beleza*.

Minha intuição intraterrena desperta, e uma teoria ganha forma. Não é coincidência que somente um disfarce de invisibilidade tenha sumido, que os pássaros trogloditas soubessem como destruir o trabalho de Jeb, ou que, quando tudo derreteu, a sacola e o cabide de roupas tenham sido as duas coisas que restaram... porque são reais, não pintadas. Também não é coincidência que os pássaros tivessem ordens de capturar somente a mim.

Mordo o lábio.

— Al, no que está pensando? — Jeb insiste.

Papai levanta-se da mesa, com a perna esquerda à frente.

Passo a mão no cabelo molhado para esconder que meus dedos tremem.

— Morfeu sempre tem um plano de fuga. Foi por isso que ele levou um simulacro. Para ser capturado, ele teve que *deixar* que o capturassem. Alguma coisa fez com que ele mudasse o plano original. Talvez tenha até revelado algumas coisas de propósito. Tudo o que aconteceu nesta montanha esta noite foi uma jogada estratégica para nos forçar a ir buscá-lo. Por alguma razão, é importante que cheguemos ao castelo amanhã, e que um de nós... eu... esteja totalmente visível.

Papai bate o punho na mesa, fazendo a travessa balançar.

— Isso é suicídio! Temos que ir direto para o portão do País das Maravilhas enquanto todos estão preocupados com essa festa monstruosa.

— Eu irei. — Agarro o cabide de roupas. — Não importa por que o capturaram. Se foi intencional ou não, ele foi capturado, o que significa que seu disfarce também foi confiscado. Ele se colocou em perigo real. Não vou deixá-lo lá. E ele está contando com isso.

Não termino de explicar... que preciso salvá-lo porque meu lado intraterreno se apaixonou por ele. Não tenho tempo para lidar com os efeitos de admitir isso em voz alta.

Papai bate em sua coxa.

— Devíamos pelo menos tentar buscar reforços. Sem um disfarce, sou inútil. Não conseguimos enviar a pomba de volta, então o Bernard deve estar a meio caminho daqui, procurando por nós. Podemos encontrá-lo e pedir sua ajuda.

— Isso pode levar um dia inteiro — Jeb diz.

Eu balanço a cabeça.

— Morfeu não tem todo esse tempo.

A pálpebra de papai treme.

— Você não vai arriscar seu pescoço por causa daquele manipulador...

— Pai! — Tento fazer vista grossa ao seu preconceito. Papai não viu como Morfeu o ajudou quando ele foi picado e nenhuma das outras coisas corajosas que Morfeu fez no passado; todos feitos incríveis para um ser mágico solitário e egoísta.

Ele também não pode ver que bem lá no fundo meus instintos intraterrenos me dizem que a razão pela qual Morfeu arquitetou isso está, de alguma forma, relacionada ao bem do País das Maravilhas. Embora eu ainda não confie plenamente em seus métodos, compreendo os motivos. E se existe algo de que eu nunca duvidaria é de sua lealdade para com seu adorado lar.

Nosso lar.

— Concordo com a Al — Jeb diz, surpreendendo a ambos. — Você sabe que eu sou a última pessoa a defender o insetão. — Ele me lança um olhar carrancudo, assegurando-me de seu infinito desdém por Morfeu. — Não gosto das táticas dele, mas ele me protegeu enquanto estive aqui. Ele poderia ter me

explorado para ter prestígio e poder. Por alguma razão, ele fez o que era certo. E, por causa disso, nós devemos levá-lo para o País das Maravilhas.

Antes, eu havia explicado a Jeb o que Morfeu disse sobre ele ser um recipiente, e mesmo assim ele não se intimida. Ele confia na minha força e no meu julgamento a esse ponto.

— Obrigada — sussurro.

Alguma coisa reluz em seus olhos antes de ele desviar seu olhar do meu: *angústia*. Ela corta com a destreza de uma lâmina. Sei que é por causa de meus sentimentos não expressos por Morfeu. Mesmo com tudo o que foi acertado entre nós, estou começando a compreender que pedir para Jeb viver uma vida comigo sabendo que terei um futuro com outro pode ser demais para qualquer mortal suportar. Só espero que isso não o impeça de atravessar o portão do País das Maravilhas quando chegar a hora, não importa o que isso signifique para nós.

Aquela sensação intensa e dilacerante cava mais fundo em meu coração. Viro as costas para mascarar minha reação e pressionar o polegar contra o esterno, indo na direção das escadas.

— Não pode estar falando sério — papai diz lá de trás.

Eu respiro superficialmente algumas vezes.

— Chegou a hora de eu enfrentar a Vermelha. Não posso mais me esconder. — Estou resignada quanto à batalha que me aguarda, sabendo que ela é a única que pode consertar tudo o que está errado, em mim e no País das Maravilhas. Dá certo alívio reconhecer isso.

— É uma armadilha! — papai grita. Ouço-o movendo-se desajeitadamente sobre sua perna ferida. — Que vantagem você teria em ser capturada?

Eu me viro para encará-lo. Jeb ressuscitou a sombra de papai. A sombria criatura segura os cotovelos dele por trás para ajudá-lo a equilibrar-se.

— A nossa vantagem — respondo — é que Jeb, Chessie e eu somos os únicos três seres neste mundo que podem usar magia. E, por essa mesma razão, você não pode me deter. Então, ou vem conosco e se esconde fora do castelo para nos dar cobertura ou espera aqui até tudo terminar. Eu amo você, papai, mas é o meu reino que está em risco, e esse é meu dever como rainha.

Jeb baixa o olhar. Papai cerra os dentes com tanta força que eu poderia jurar que o veneno da mosca-escorpião passou para o seu queixo. Mas ele não diz nem uma palavra sequer.

Na torre, desembrulho o vestido e admiro como as fileiras de asas reluzem sob a suave luz da lua — laranja, vermelho e preto contrastando feito sombras e chamas. Parece quase um sacrilégio afrouxar as pernas verdes cintilantes das centopeias, tão meticulosamente costuradas no lugar, para enfraquecer cada franja. Mas Morfeu aplaudiria a escolha. Na verdade, sinto que estou fazendo exatamente o que ele espera que eu faça.

Quando termino, tiro a chave do diário do pescoço. Ela é inútil agora. Cuidadosamente, visto o traje deslizando-o sobre minha pele. Ele me serve como se tivesse sido pintado em meu corpo, abraçando minhas curvas e alargando-se nos joelhos. O forro é feito de pele de coelho. Estou embrulhada em uma concha de conforto enquanto, por fora, só preciso usar minha magia para levantar as barras de centopeias e expor as bordas cortantes das asas, o que me deixa intocável.

Não consigo pensar em uma armadura melhor. Não ficarei diante da presença da Vermelha ou da Copas usando uma túnica de cavaleiro e calças largas. Neste vestido, farei o papel de Medusa, transformando minhas cruéis ancestrais em pedra ao revelar o lado terrível dessa beleza. Se os ferrões não tivessem sido removidos, eu poderia transformar a Copas literalmente em uma estátua, o que a faria abdicar do espírito da Vermelha com mais facilidade. Em vez disso, tenho um vestido perigoso o bastante para fazer a rainha sem coração pensar duas vezes antes de ignorar a mim e minhas exigências.

Coloco os protetores de ombros feitos de couro vermelho para preservar meus braços e em seguida visto a legging e calço as botas — que, é claro, têm o talhe perfeito. Perfeito para me levar direto à teia do guardião da sabedoria.

Não estou entrando nessa às cegas. Sei que Morfeu tem seus interesses. Só espero que seja por um bem maior, e que o plano seja infalível desta vez.

Do contrário, serei a maior de todas as idiotas por conduzir os dois humanos que mais amo para a morte.



Decidimos que algumas horas de sono são mais importantes do que Jeb alterar

a paisagem em nosso benefício. Quando a manhã chega, está nublada e fria, mas pelo menos estamos descansados e prontos para a batalha.

Voamos na direção do castelo — Jeb e papai carregados por suas sombras e eu planando lá no alto em uma corrente ascendente de vento frio. A sombra de Morfeu segue atrás de nós sob as ordens de Jeb para que todos tenhamos um meio de escapar quando nosso assunto no castelo estiver resolvido.

O nascer do sol estria o horizonte em ramos vermelho-sangue espalhados pelo céu cinzento; tento convencer a mim mesma que não é um presságio. Nosso destino é um penhasco bem distante do castelo para evitar que sejamos vistos pelos pássaros troglodita e seus morcegos, que patrulham as torres de tiro, mas próximo o suficiente para monitorar a entrada.

Chegamos a um afloramento de rochas que formam uma caverna. Eu aterrisso suavemente atrás de algumas árvores, querendo que Morfeu estivesse aqui para ver.

— O segredo está nos calcanhares — eu murmuro.

Chessie se enfia debaixo de meu coque frouxo, cutucando minha nuca. Jeb e papai pousam ao meu lado e nós espiamos por entre os troncos grossos. No lugar de água, o fosso que circunda as muralhas externas contém cinzas — os restos dos mortos. Um cardume de enguias gigantes de aparência pré-histórica, com saliências ossudas saindo das costas, como barbatanas de tubarão, nada em meio ao pó resultante dos massacres.

Não se parecem nada com as mascotes de casa.

Uma multidão heterogênea de mutantes está reunida nas margens externas do fosso, aguardando, como nós, que a ponte levadiça seja abaixada e os convide a entrar.

Embora *convidar* não seja a palavra correta. Não há nada convidativo neste lugar. Crânios gigantes cheios de presas descansam no alto das torres de vigia, como uma efígie, junto a caudas de esqueletos que circundam as torres em espirais. É como se uma legião de dragões tivesse sido presa ali para morrer, e depois se petrificado. As muralhas externas são inclinadas para dentro em um ângulo anormal, dando a impressão de que podem cair e esmagar todos que estão lá dentro a qualquer momento.

Um rangido alto acompanha o baixar da ponte e me revira o estômago.

— Precisamos ir até lá — Jeb diz.

Eu me viro para papai.

— Por favor, não fique bravo.

Ele suspira.

— Como eu poderia ficar? Sua mãe teria feito a mesma coisa. Sacrificado tudo para salvar alguém de quem gosta. Na verdade, foi o que ela fez.

Eu o abraço, inalando todos os cheiros de casa. Quando era pequena, aninhada em seu ombro, sempre me sentia segura. Isso nunca vai mudar.

— Obrigada, papai.

— Tudo bem — ele murmura junto à minha cabeça. — Eu compreendo. Mas não gosto.

Ele vai gostar ainda menos quando vir quem trarei de volta, além de Morfeu.

— Eu te amo, Borboleta — ele sussurra.

— Também amo você. — Ele me abraça por tanto tempo que preciso me afastar.

Suspirando, ele se volta para Jeb, para bater em seu ombro e entregar-lhe a adaga de ferro.

— Tome conta da minha menina.

Jeb segura a arma.

— É ela quem tem todos os recursos. Espero que ela tome conta de mim.

Antes que papai nos atrase mais um segundo, nós seguimos caminho.

Contornamos as árvores até o final do penhasco e descemos acompanhando um afloramento escarpado. Jeb manda sua sombra voltar para ficar com papai.

Enquanto esperamos para entrar na fila, Jeb estuda meu rosto, como se quisesse memorizar cada traço. Deslizo meus dedos enluvados por seu queixo, afastando alguns cachos ondulados e escuros.

Seu olhar fica mais intenso, cheio de emoções inomináveis.

— Vamos preparar você, gata.

Consigo dar um sorriso enquanto ele pega uma máscara peluda parecida com

uma raposa de dentro do casaco e a coloca sobre meus olhos. Ele a pintou para mim, desenhando as fendas dos olhos sob medida e o focinho para encaixar na metade superior do rosto. Penas formam as orelhas, e ele até acrescentou antenas de borboleta. Com minhas asas e meu vestido, fico quase parecida com os insetos que um dia matei tão impensadamente.

Eu ajusto o traje de simulacro sobre o smoking e a camiseta dele. O outro disfarce está com os itens de pintura dentro da sacola de viagem que ele tem no ombro, pronto para Morfeu usar assim que o encontrarmos. Sei que, lá no fundo, ele espera encontrar seu sósia também, embora não tenha dito nada.

— Hora de nos misturarmos — Jeb diz, escondendo a cauda pendurada de Chessie dentro do meu coque.

Balanço a cabeça, concordando, mas ainda não estou pronta para tirar os olhos dele. É a única coisa que dá às minhas pernas a força para ficarem de pé.

— Lembre-se — ele continua. — Vamos seguir o plano. Fique a sós com a Copas, convença-a a entregar a Vermelha enquanto eu vou procurar na masmorra. Depois que pegar a Vermelha, corra para fora. Não se preocupe conosco. Estaremos invisíveis, e você pode voar. Vai dar tudo certo. Mande Chessie se alguma coisa der errado e nós encontraremos você.

Balanço a cabeça novamente. Tenho tanta coisa para dizer a ele: *Obrigada por ter fé em mim, por sempre se arriscar por esta louca vida dividida que eu tenho — eu te amo e não quero perder você*... Mas tudo o que consigo dizer é:

— Tenha cuidado.

— Até já. — Ele enfia a sacola debaixo do braço para mantê-la escondida sob o disfarce e começa a colocar o capuz na cabeça.

Como se tivesse repensado algo, ele para e entrelaça os dedos na minha mão enluvada, puxando-me para perto.

— Caso eu não tenha outra oportunidade de dizer... Primeiro, você está maravilhosa. — Ele passa o dedo sobre as marcas em meus olhos no ponto onde elas se mostram sob as bordas felpudas da minha máscara. — Segundo... — Ele vira minha mão e beija a palma coberta. — Você vai conseguir, minha rainha.

Respirando fundo, passo os braços em volta de seu pescoço. Ele me abraça forte, aperta os lábios contra o alto da minha cabeça e se afasta, colocando o capuz e desaparecendo.

Seus dedos invisíveis tocam meus dedos cobertos de couro, conduzindo-me para junto da corrente de criaturas grandes e pequenas. Com a reconfortante pressão de sua mão me dirigindo, entro no fim da fila.

Meu vestido vibra suavemente ao marcharmos pela ponte de madeira, uma melíflua subcorrente que nada combina com o nefasto ruído das enguias a dez metros abaixo de nós. Um arrepio me percorre a espinha quando Chessie se afunda ainda mais no meu cabelo.

Os convidados produzem gorgolejos, resfôlegos e zumbidos, desviando minha atenção do que está lá embaixo para o que se encontra adiante. Na aparência, eles se assemelham com os intraterrenos que encontrei no Banquete das Bestas do País das Maravilhas, um ano atrás... mais bestiais do que humanoides, alguns com plantas vivas crescendo na pele. Essas criaturas, porém, são distorcidas e nodosas e sofreram mutações por terem usado sua magia.

É um hábito difícil de largar, como provou a luta de Jeb para abdicar de seu poder. Talvez esta seja uma vantagem de deixar a Vermelha me possuir. Dará a Jeb mais estímulo para partir, caso minha promessa para o futuro não seja suficiente.

Ao sairmos da ponte, passamos por um pequeno pórtico coberto que se abre para o pátio, que tem cerca de três acres de largura. Elevando-se no centro, há duas estruturas esqueléticas de vinte andares, sinistramente parecidas com os restos petrificados dos dragões nas torres de vigia do castelo. Fico tão impressionada com essa visão que quase tropeço em uma cauda de réptil na minha frente. Uma boca arreganhada escorrega por suas escamas, indo da cara da criatura até o final da cauda, e late para mim feito um filhote irritado.

Peço desculpas e recuo alguns passos.

Jeb me firma por trás e eu volto a me concentrar em nosso entorno.

Quando eu tinha dez anos, papai e eu fomos a um circo no reino humano. Cenário ultravioleta, inquietantes fantasias fluorescentes — um pesadelo sob a luz negra, tão rico em sua atmosfera e personagens que criavam vida própria. Na época, não entendi por que me senti tão confortável em meio à grandiosidade bizarra de tudo aquilo. Só fui entender no ano passado, quando comecei a me lembrar de que as paisagens do País das Maravilhas têm as mesmas qualidades e de quantos sonhos passei lá junto a Morfeu.

Agora, cercada por habitantes de Qualquer Outro Lugar dentro deste pátio,

não consigo deixar de recordar essas cenas. Com o céu encoberto e as muralhas baixas nos envolvendo, o pano de fundo escuro amplia o esquema de cores fluorescentes das fontes, das barracas montadas para a festa e das estátuas.

Jeb aperta minha mão três vezes, o nosso sinal. Como não posso vê-lo partir, olho para o lado, onde vários guardas reptilianos escoltam um mutante com cabeça de urso e corpo de macaco preso por algemas. Eles descem alguns degraus encravados na muralha do castelo. Posso apostar que estão se dirigindo à masmorra.

— Tenha cuidado — eu sussurro, embora saiba que ele já se foi. O calor de Chessie sob meu cabelo oferece um pouco de conforto.

Passo por um aglomerado de fontes. Um estranho sortimento de criaturas toca instrumentos musicais artesanais, compondo canções assombrosas com tambores de abóboras, violões de aipo e flautas feitas de juncos de rio. Fadas reluzentes rodopiam no ar e encenam um balé aéreo usando a água das fontes para propelilas para cima. Elas guincham quando a água se transforma em um jato de vapor que queima sua pele desnuda. Saindo dali, correm para a beira das fontes e ficam gemendo enquanto cuidam de suas bolhas. Os espectadores bestiais ao meu lado riem e gritam palavras ofensivas, como se estivessem intoxicados pela violência. O vapor volta a seu estado líquido e as fadas cavalgam os jatos de água mais uma vez. As pequeninas intraterrenas devem ser movidas por uma compulsão à dor, pois continuam até seu corpo ficar tão ferido que elas morrem e viram montes de cinzas.

Controlo minha fascinação e viro o rosto.

Por toda parte que olho, esportes cruéis e jogos sádicos do mesmo tipo acontecem. Em um canto, dentro de uma barraca aberta, criaturas felinas cobertas por escamas, com cara de serpente e língua bifurcada, caminham nas quatro patas em cima de arames esticados bem no alto sobre um buraco em chamas. As patas macias fritam ao contato com o metal causticante e o cheiro nocivo de escamas chamuscadas enche o ar. Mais uma vez, noto pilhas de cinzas onde morreram participantes anteriores.

— Mais depressa! — uma criatura lanosa com musgo saindo das orelhas berra lá de baixo. — Chega de andar como gatinhos! Queremos um show! — Os participantes uivam e gritam, mas, mesmo mancando, voltam ao arame assim que pulam dele.

Dentro de outra barraca, os competidores se revezam para rastejar por um fosso cheio de besouros cujos exoesqueletos são reluzentes, prateados e cortantes como lâminas de barbear. Embora todos saiam cortados e sangrando, não hesitam em retornar para outra rodada.

Cerrando os dentes para tentar resistir a um desejo inquietante de andar descalça pelo fosso, caminho na direção do centro do pátio, onde guardas reptilianos rolam em duas bolas de vidro transparente — grandes o suficiente para abrigar um barracão de ferramentas — e as içam com cordas e polias para cima das estruturas esqueléticas de montanha-russa que vi pouco antes. Os guardas os fixam em declives íngremes que lançarão as esferas para a queda de trinta andares. A imagem me faz lembrar as corridas de bolas de gude que Jeb costumava fazer com seu pai, só que estas eram miniaturas.

Uma multidão se reúne e grunhe impaciente pelo próximo evento. Fico atrás, curiosa, mas mantenho os olhos abertos para qualquer sinal da Rainha de Copas. Depois de verificar se ninguém está olhando, cutuco a cauda de Chessie, o sinal para que ele comece a procurar Nikki. Ele deve encontrá-la e trazê-la de volta para mim. Sai voando, usando as sombras como cobertura.

Um homem alto com o porte de um deus grego e usando somente calças de cetim preto que colam em seus músculos sobe uma escada até o alto da rampa de madeira. Ele para na beirada da gigantesca moldura. Em vez de pés descalços, tem cascos prateados, embora as mãos sejam humanoides.

Sua pele lisa brilha feito cobre — um contraste enorme com seus olhos de um pálido azul. O cabelo branco cresce a partir da cabeça, correndo ao longo da nuca, e vai até as escápulas, como a crina de um cavalo. Um chifre espiralado de uns trinta centímetros desponta do dorso de seu nariz aquilino, centralizado entre as sobrancelhas.

Ele é deslumbrante. E, obviamente, está no comando.

Manti. Eu me aproximo da multidão barulhenta. Ele é a melhor pista para encontrar a Copas e a Vermelha.

— Se algum de vocês deseja me desafiar pelo trono do rei... — Sua voz profunda e melódica silencia o burburinho. — Esta é sua chance. — Ele ergue uma coroa dourada e sorri, mostrando dentes afiados como os de um cão e ofuscantes de tão brancos.

Alguém se mexe na multidão. Um ser leonino, andando em duas pernas como

um homem, levanta a pata no ar.

— Eu o desafio! — ele ruge. O pelo dourado cintila sob a luz suave enquanto dois guardas portando lanternas o escoltam na direção da escada.

Quando chegam ao alto, os guardas abrem portas transparentes nas bolas de vidro para que Manti e seu oponente possam subir nas esferas. Cada guarda solta na esfera uma criaturinha peluda de dentro de uma caixa.

Embora os animais pareçam adoráveis e bonzinhos como filhotinhos de lulu da Pomerânia, o manticórnio e o leão eriçam o pelo e recuam, de olho nos companheiros.

— Que comece a corrida eleitoral! — um dos guardas grita quando as portas se fecham.

A multidão uiva no instante em que as rampas se abrem, lançando as esferas no jogo ao longo da pista distorcida com um som alto como o de um trovão. Não demoro para perceber por que Manti e seu oponente temiam a adição dos animaizinhos. As criaturas têm a habilidade de virar-se do avesso e tornar-se nada além de dentes. Respingos de sangue surgem na parte interna da esfera, manchando-a, à medida que os ocupantes tentam evitar a tortura cortante. Eles estão presos na companhia de piranhas peludas dentro de um aquário que gira.

Minha sensibilidade intraterrena me domina e me provoca o desejo de assistir. Cada participante tenta se equilibrar o bastante — apesar de estar sendo comido vivo e escorregando no próprio sangue — para aumentar o impulso de sua bola e ser o primeiro a terminar a corrida.

O globo de Manti chega à linha final e ele é rapidamente libertado enquanto o bichinho cortante lá dentro — ensopado de sangue — é enfiado novamente em sua caixa. Dois guardas ajudam Manti a ficar de pé, derramando o conteúdo de um frasco em sua garganta. Os buracos em sua pele são milagrosamente curados sem deixar cicatrizes.

A esfera do leão finalmente para e outros dois guardas o arrastam para fora. Ele foi tão mastigado que sua pelagem não existe mais — deixando no corpo inteiro uma enorme ferida aberta.

Os espectadores começam a entoar:

— Acabem com ele! Arranquem o coração!

Com passo fluido, Manti vai na frente. Os guardas arrastam a inconsciente criatura leonina até um poço de água redondo e profundo no solo, rodeado por pedras lisas.

— Para o poço do medo! — Manti grita.

Os guardas largam o leão lá dentro. Ele acorda e começa a se debater, uivando de terror, enquanto bolhas emergem e a água se torna vermelha. O que resta de sua pele é comido por uma reação ácida, até que alguma coisa o puxa para as profundezas. Alguns segundos depois, um objeto carnudo aparece na superfície. Manti o recolhe com cuidado e o coloca sobre uma almofada de cetim dourado, exibindo o coração que ainda bate para que todos vejam.

Eu deveria estar petrificada. Mas estou é furiosa. Pensar que a rainha planeja fazer o mesmo com o coração de Morfeu deflagra uma compulsão assassina dentro de mim. O País das Maravilhas é violento e bizarro, mas tem seu charme. Qualquer Outro Lugar está em outro nível de crueldade. Um hospício descontrolado.

Os apupos crescem, ensurdecedores, quando uma mulher requintada entra com graça na cena. Seu cabelo está repartido no meio, um lado cor de vinho escuro e o outro, carmim ardente. Seu vestido é, ao mesmo tempo, espantoso e lindo, assim como ela. Babados vermelhos e vinho cascateiam sobre uma anágua de tule preto. Isso produz um efeito de listras de zebra que se alarga para uma forma cheia e adorável que se arrasta no chão. Contas pulsantes e tremeluzentes do tamanho de feijões decoram as mangas que chegam até os cotovelos. Mas não são contas, na verdade. Ela está usando os corações dos seres mágicos em suas mangas.

Suas asas se parecem com as minhas: opacas e cravejadas de joias. Isso, mais as marcas nos olhos, a pele brilhante e uma pequena tiara de ouro, não deixa dúvida sobre sua identidade. Ela pode ter séculos de idade, mas parece jovem o bastante para ser a irmã de minha mãe.

Manti ergue a almofada para a Copas e ajoelha-se.

— Para ti, ó Majestade.

Ela coloca uma coroa dourada na cabeça dele e pega o coração. O sangue jorra entre seus dedos quando ela ergue o órgão ainda palpitante.

— Algum outro desafiador se sentindo um *leão* hoje? — ela pergunta, a voz

melodiosa uma mescla de duas oitavas, como se estivesse cantando um dueto consigo mesma. Ou talvez seja a voz dela unida à da Vermelha.

Eu vacilo, lembrando-me de como a Vermelha me usou como recipiente um ano atrás, de como me senti ao ter suas gavinhas enterradas em minhas veias e ser manipulada como um fantoche.

— Algum de vocês deseja desafiar o rei? — a rainha provoca uma vez mais.

Minha garganta fica seca. É agora ou nunca. Fazendo uma careta, tiro a máscara de raposa e a largo. Bato as asas para me elevar acima da multidão, alto o bastante para ser vista à luz das lanternas, mas fora do alcance de garras e mãos.

— Eu desejo desafiar a *rainha*! — eu grito.

A Rainha de Copas coloca o prêmio sangrento e macabro na almofada, franzindo a testa para mim enquanto limpa o sangue das mãos na crina branca de Manti. Vários dos guardas afastam os espectadores abaixo de mim e apontam flechas para minhas asas.

O lado cor de vinho do cabelo da rainha começa a tornar-se carmim, fio por fio.

— *Abaixem as armas! Eu ordeno*. — A voz da Vermelha irrompe da boca da Copas em uma rajada de ar. Um apêndice semelhante a uma trepadeira se desenrola do antebraço da rainha, uma manifestação física da possessão da Vermelha. A hera bate nos guardas. — *Eu mandei abaixarem as armas!*

Eles abaixam os arcos e recuam.

— Não! Quem está no comando sou eu — grita a Copas, com a voz uma oitava acima. Ela luta contra a protuberância tentacular da Vermelha, os cachos cor de vinho voltando a aparecer. — Capturem a garota e tragam-me seu relógio da vida! Ele é especial. Será o orgulho da minha coleção.

Confusa com sua ordem, bato as asas com mais força para permanecer no ar e fora de alcance.

A rainha faz um sinal para os guardas. Dois novos apêndices de hera se libertam de suas mangas e trancam os dois pulsos.

— *A garota deve ficar intacta* — sibila a Vermelha, enroscando as gavinhas nos braços da Copas até eles ficarem presos na cintura.

A rainha luta com as vinhas e seu cabelo pisca — de vermelho-vivo a cor de vinho. Os guardas se remexem, sem saber a qual rainha devem obedecer. Até Manti parece confuso. É como se eles tivessem aprendido a duras penas que devem ser leais à rainha que ganhar o controle do corpo.

— *A garota veio por vontade própria* — a Vermelha argumenta —, *como Morfeu previu que viria. Seu corpo não deve ser ferido. Ela está aqui para a cerimônia, e esta plateia deprimente servirá de testemunha*. — Com isso, todo o cabelo da rainha assume a cor carmim.

Cerimônia. Morfeu deve ter explicado nossa proposta para que a Vermelha habite meu corpo e saia deste mundo. Presumo que eles, de alguma maneira, tenham convencido a Copas.

Mas o que uma cerimônia tem a ver com isso?

— Eu não estava ciente de que precisaríamos de testemunhas — grito, pairando mais alto ainda.

Algo se mexe atrás da rainha. Seus súditos e criados se afastam para abrir caminho e Morfeu aparece. À primeira vista, fico emocionada por vê-lo solto e ileso. Então, percebo como está vestido e à vontade ali, parado em plena festa real.

Olhando para mim, ele tira uma cartola xadrez vermelha e vinho que complementa seu terno com listras vinho, camisa preta e gravata vermelha. As joias em seus olhos piscam num púrpura muito escuro e ele me oferece seu sorriso mais cintilante.

— Desça, amor. Não se intimide. Toda cerimônia de casamento precisa de testemunhas. Por que a nossa seria diferente?



17

Assuntos do Coração

O cabelo da Rainha de Copas muda repentinamente de um tom para o outro enquanto ela nos acompanha até uma sala do castelo. Três de seus guardas nos seguem. Isso me lembra de quando fui forçada a caminhar por um corredor no castelo da Vermelha com Morfeu, um ano atrás, a poucos minutos da morte certa na boca arreganhada do bandersnatch.

Uma morte da qual ele me salvou, lembro a mim mesma.

Cerro os dentes enquanto ele segura minha mão, os dedos entrelaçados nos meus. Decidi adiar a liberação de minha magia e do vestido mortal. Estou aceitando a farsa do noivado por três motivos:

Primeiro: Jeb está em algum lugar deste castelo e tenho de me manter calma por tempo suficiente para localizá-lo.

Segundo: estou tão aliviada que o coração de Morfeu não esteja na tábua de carne que ainda não consigo ter vontade de estrangulá-lo.

Terceiro: a expressão de Morfeu promete respostas e implora por cooperação. Há mais coisas que ele não está demonstrando.

Com tato, arrancarei a verdade dele quando estivermos a sós, que deve ser o que ele tinha em mente quando pediu um momento só para nós antes da cerimônia. A Vermelha concordou, mas cada passo que dou se torna mais pesado. Desconfio que ela foi condescendente porque vamos a algum lugar

privado para transferir o espírito dela.

Sem a tábua de salvação do diário, pode ser que eu esteja me afogando. Aperto os dedos de Morfeu enquanto ondas de insegurança se agitam dentro de mim. Sustentando meu olhar, ele levanta minha mão e beija meus dedos enluvados. Está genuinamente feliz em me ver.

Isso mudaria num piscar de olhos se ele soubesse da promessa que fiz a Jeb. Embora meu lado humano tenha sempre pertencido a Jeb, embora em algum lugar do coração de Morfeu ele sempre tenha sabido disso, vai ficar furioso. Os dois podem ter aprendido a coexistir neste mundo, mas, se Jeb atrapalhar algum plano mestre, as coisas podem mudar da noite para o dia. Não contarei a Morfeu enquanto estivermos no castelo. Seu lado ciumento e feroz é imprevisível demais quando se trata do País das Maravilhas ou de mim.

Depois de subirmos dois lances de escadas sinuosas, passamos por um saguão de mármore. Centenas de caixas de sombras perfilam as paredes, exibindo uma seleção de corações de diferentes tamanhos e formas que batem loucamente em seus compartimentos. A cada batida surda, jatos vermelhos mancham as tampas de vidro, como se os órgãos estivessem batendo à porta de sua prisão. Um fedor acre de carne me revira o estômago.

Tento não comparar os insetos que matei e pendurei nas paredes de minha casa com o que a Copas faz, mas o paralelo é incrível. Colecionar deve estar em meu sangue. Não ouso especular o que mais pode estar...

Os guardas abrem uma série de portas duplas e nos conduzem para uma câmara com um tapete felpudo preto e paredes de azulejos cor de vinho. A rainha entra conosco, mas a contragosto. Fica aparente, pelo cabelo carmim, que a Vermelha assumiu novamente. Depois que estamos seguros lá dentro, os guardas saem para o corredor e fecham a porta.

— *Bem-vindos à sala de jogos da Copas*. — A voz soprada da Vermelha invade meu espaço pessoal.

Sua presença alfineta aquele espaço frangível atrás de meu esterno onde ela deixou sua marca. Aperto o corpete forrado contra a pele numa tentativa de não ser paralisada pelo clima de terror e opressão que a circunda de todas as formas. Tenho de ser mais forte do que ela.

Eu me familiarizo com a sala, buscando possíveis armas. Uma variedade de cadeiras de salão de beleza forradas de veludo dourado e espreguiçadeiras perfila

as paredes. Corações roubados oferecem a decoração: molduras de fotos e espelhos utilizam os órgãos pulsantes de maneiras horrendas, embora criativas; tapetes ornamentam o carpete, com borlas de contas latejantes do tamanho de fadas, como as que vi nas mangas da rainha.

A demonstração mais intrincada e mórbida é um candelabro gigante de latão no centro do teto abobadado, pontuado pelos órgãos pulsantes. Empalados com lâmpadas, eles brilham de dentro, lançando fachos venosos pelo teto branco. As contrações dos músculos ocos e o fluxo do sangue circulam infinitamente, como se estivessem projetados em uma tela. Com a dissonante vibração das batidas e as luzes estranhas pulsando, a sala parece ter algo de consciente — e nós somos a presa, aprisionados em sua caixa torácica.

Foi assim que Morfeu se sentiu quando foi engolido pelo bandersnatch?

Desorientada, pego em seu cotovelo. Em resposta, uma de suas asas envolve as minhas, aninhando-me ao seu lado em um gesto de apoio inabalável. Seu cheiro me envolve.

— *A única coisa que a Copas quer* — diz a Vermelha, as gavinhas lutando contra as mãos da rainha pelo controle — *é que vocês não toquem em suas tintas nem em suas tortas.*

Uma mesa encontra-se posta, com salgados e um copo com um líquido branco que parece leite. Na parede acima dela está pendurado um cavalete cheio de papéis em branco seguros por um clipe. Uma série de tintas para pintura a dedo em pequenos recipientes aguarda ser usada. Vê-las me faz pensar em Jeb, e eu engasgo com a falta de ar que vem acompanhada daquela punhalada atrás de meu esterno. A tontura borra minha visão.

Como se sentisse minha aflição, Morfeu senta-se em uma cadeira de salão e me puxa para seu colo — minhas asas caem para um lado de sua perna e minhas panturrilhas ao longo do outro. Ele me envolve nos braços, completamente à vontade.

— Está vendo? É como eu disse — ele fala para a Vermelha, e sua voz provoca um ruído surdo e profundo junto ao meu ouvido. — Estamos absolutamente apaixonados e planejando nosso futuro. — Ele acomoda nossas mãos entrelaçadas no meu colo, fazendo as camadas do vestido tilintarem suavemente. Procuro não retesar o corpo enquanto aguardo a sensação dilacerante dentro de mim se acalmar. A parte de trás das minhas coxas fica

totalmente em cima de suas pernas musculosas, uma distração e um conforto. — Ela está usando o vestido de casamento do qual eu falei. Isso não é prova suficiente? Agora, quanto ao seu lado do trato...

— *Ah, não* — a Vermelha entoa. — *Não até nós estarmos casados.* Este *é o trato. Você já me enganou uma vez. Não acontecerá novamente.*

— *Nós* estarmos casados? Como assim, nós? — Olho para Morfeu, que oferece um pedido de súplica por baixo da aba do chapéu. É enfurecedor ter a cúpula de ferro acima de nós. Sem ela, ele poderia me enviar seus pensamentos em vez de ficarmos brincando de cabra-cega.

— Nós três. A trindade perversa. — A Vermelha ri sarcasticamente de sua esperteza, e um galho de hera tira a mecha vermelha de meu coque. Os corações nas mangas de seu vestido pululam de modo tão frenético que reproduzem o som de beijos ruidosos. Seu olhar azul-escuro recai sobre o meu, e meu cabelo ganha vida, envolvendo sua hera com afeição. Foi a minha magia que causou o contato, não a dela, o que me assusta ainda mais.

— *Você e eu vamos reivindicar o trono para a nossa linhagem de uma vez por todas* — continua a Vermelha. — *E, para me provar que você encara suas tarefas reais com seriedade, que viver como uma rainha no País das Maravilha é sua maior prioridade, e para garantir que não haja mais distrações mortais, você se casará com Morfeu hoje. Ele me disse que vocês se amam e que, juntos, governarão o Reino Vermelho. Desejo ver com meus próprios olhos. Não sairei deste lugar até que você tenha expurgado sua outra vida e o rapaz que tem sido uma distração para você. Ou, se preferir, posso livrá-la dele permanentemente e dar à nossa antecessora o coração humano que ela tanto anseia ter em sua coleção*.

O temor pela segurança de Jeb ressuscita minha coragem. Com um puxão, liberto meu cabelo traidor, forçando-o a ficar atrás da orelha.

— Continue fazendo ameaças assim e não a levarei daqui nunca, sua miserável. Pode ficar aqui e apodrecer.

— *Seu adorado prometido deseja demais que eu conserte o País das Maravilhas para permitir que sua rebeldia atrapalhe tudo. Não é mesmo?*

Olho para Morfeu atrás de mim. Ele retribui o olhar, insondável.

— *Parece que a única coisa a apodrecer será seu espírito livre sob meu*

comando — a Vermelha rebate, enquanto um de seus galhos desliza na minha direção pelo chão.

Ainda dando trela ao meu surto de ódio, concentro-me no tapete por baixo dela, imaginando as cerdas como os tentáculos de uma anêmona-do-mar. As fibras se esticam, altas e tubulares, capturando seu apêndice rastejante.

Eu sorrio enquanto ela olha para mim, chocada.

— Andei praticando. Quer tentar novamente? Tenho um mar inteiro de tapetes com que brincar. E, segundo eu me recordo, seu espírito definhou sob o *meu* comando, como agora.

Os dedos de Morfeu apertam os meus — um aperto de estímulo ou de alerta? Não sei ao certo. De qualquer forma, eu o ignoro e me envolvo na luta contra o olhar venenoso dela.

— *Ah, mas eu tomei medidas para garantir que isso não volte a acontecer. Ainda não notou?* — A Vermelha ergue a mão inanimada da Copas e aponta para o meu peito, provocando novamente aquela dor lancinante.

Minha concentração vacila. A gavinha que eu capturei escapa dos filamentos do carpete.

No mesmo momento, a Vermelha tomba, levada ao chão pelo ressurgimento da Copas em seu corpo compartilhado. Elas rolam de um lado para o outro, parecendo uma paciente de sanatório mutante, arranhando e puxando o próprio cabelo, que não para de mudar, com dedos e espinhos de hera.

Coloco-me de pé, pronta para aproveitar a vantagem e libertar as lâminas de meu vestido para rasgá-la em pedaços.

Morfeu me puxa de volta para o colo e sussurra em meu ouvido:

— Você só estaria destruindo a carcaça e transformando os dois espíritos em cinzas. — É incrível como ele pode ler minha mente mesmo sem nenhuma magia. — Precisamos da Vermelha para consertar o País das Maravilhas. Aguarde o momento certo, amor. Aguarde o momento certo.

Sempre a voz da razão, mesmo quando a loucura conduz todas as ações. A Vermelha detém todas as cartas, e também o meu coração. Ela admitiu ter me contaminado, confirmou minha suspeita de que preciso dela não somente para reparar o País das Maravilhas, mas também as minhas entranhas.

Com um baque surdo, o corpo da rainha gira e bate na perna da mesa, entornando o leite. A Vermelha consegue levar a melhor mais uma vez. Ela fica de pé, enrosca-se nos braços da rainha e alisa o cabelo carmim com um galho trêmulo.

— *Controle a sua prometida, ou o trato estará cancelado* — ela diz a Morfeu. — *E você sabe o que isso significará para o seu precioso lar.*

Ameaço retrucar com grosseria, mas Morfeu aperta minha cintura — um apelo silencioso.

A atenção da Vermelha volta-se para mim.

— *Hoje, você receberá meu espírito dentro de seu corpo. Nós desposaremos Morfeu, deixaremos Qualquer Outro Lugar e assumiremos o lugar que nos é de direito no trono Vermelho. Seu prometido expressou uma ansiedade especial para começar a lua de mel*. — Ela corre para a porta em uma fluida cascata de renda, cetim e ramos parecidos com tentáculos. — *Preparem-se para a cerimônia. Retornarei em menos de uma hora.*

Ela fecha a porta, deixando-nos trancados com nada além das batidas de uma centena de corações — os que não têm corpo e embalam a sala, e os dois que lutam dentro de nosso peito.

Eu pulo de seu colo e o encaro.

— Ansioso para começar nossa lua de mel? É mesmo?

— Ora, não seja tão recatada, florzinha — ele diz, ronronando, seu rosto perfeito a encarnação da tentação sob o brilho pulsante do candelabro. — Você sabe que não conseguimos tirar as mãos um do outro.

A intraterrena dentro de mim se inquieta, atormentada pela provocação.

— O que eu sei é que você adora se vangloriar.

Em vez de um sorriso pomposo ou do sarcasmo como resposta, ele me cala levando um dedo aos lábios e fazendo sinais.

— As paredes têm ouvidos.

Nem ouso presumir que ele esteja falando no sentido figurado. Levantando-se devagar, ele olha com cuidado à nossa volta. Tira o chapéu e as luvas e os coloca sobre a cadeira.

Eu aguardo enquanto ele pega um guardanapo da mesa e corre o dedo pela parede de azulejos cor de vinho. Ele está quase no fim da sala quando pega algo na mão e me chama. Cinco criaturas do tamanho de ervilhas correm loucamente sobre a palma de sua mão. Elas lembram diminutas orelhas humanas, com pernas de caranguejo e asas que parecem pequenas demais para erguê-las no ar.

Embrulhando-as no guardanapo, Morfeu as esmaga e enfia o tecido amassado por baixo da porta.

— Ácaros de ouvido. Eles teriam gravado tudo o que disséssemos e relatado à rainha. — Ele me leva para o centro da sala. — Agora podemos falar livremente.

Digo a mim mesma para não ter uma reação exagerada... para dar a ele uma chance de se explicar.

— Então, este é um vestido de casamento?

O sorriso irônico que eu esperava mais cedo faz sua aparição tardia.

— Talvez não o que eu, originalmente, pretendia que você usasse em nossa união, mas vai nos tirar do aperto. Você não está feliz por ter tido a intuição de vesti-lo?

Desfaço o coque em minha nuca para dar às mãos algo para fazer que não seja dar-lhe um soco.

— Você deixou bem claro que eu deveria usá-lo — respondo, entrelaçando a mecha vermelha com o resto das minhas ondas platinadas.

Morfeu observa cada movimento meu, momentaneamente distraído enquanto eu volto a prender o cabelo, mecha por mecha.

— Eu pensei que este vestido fosse uma arma. — Coloco o último alfinete no lugar.

— Ah, do jeito que ele cai em você, certamente é — Morfeu diz com voz rouca. O leite derramado sobre a mesa começou a produzir um *ping-ping-ping* irritante sobre o tapete. Ele me faz recuar até uma espreguiçadeira afastada de toda a sujeira.

Sento-me na beira da almofada central com as asas jogadas nas costas.

— Me conte o que está acontecendo, e é melhor que seja bom.

Ele sacode um guardanapo de tecido.

— Ainda não confia em mim, não é?

— Eu confio que você não queira provocar minha ira.

Ele desdenha.

— Sou pau para toda obra. Vai me bombardear com corações que caem em uma chuva simbólica do nosso amor não correspondido? Ou talvez me acorrentar a uma parede feita de renda de luar e fazer de mim o que quiser? — As joias que decoram seu rosto piscam em uma rapsódia de cores: flerte, provocação e malícia.

— Quer falar sério? Você tem muita coisa para explicar.

Suas joias se fundem num verde-esmeralda.

— E você também. Vamos começar com o motivo pelo qual você estava zanzando por aí seminua com Jebediah nas areias de uma praia enquanto eu estava arriscando a minha pele para pegar o antídoto para seu pai.

Tento segurar meu queixo para ele não cair. Ele não pode me culpar. Só há um jeito de ele ter descoberto isso, e não fica bem para suas próprias atividades noturnas.

— Você está trabalhando com Manti... — Minhas cordas vocais arranham uma na outra como se fossem feitas de lixas.

Morfeu absorve o leite com o guardanapo para cessar o som de gotejamento.

— Vamos chegar a essa parte. Mas primeiro você precisa ser notificada do que aconteceu enquanto brincava de pega-pega com nosso pseudoelfo. Dois parentes de seu pai foram capturados pelos guardas da rainha ontem à noite. Quando eu estava acompanhando Nikki até o castelo, eu os vi atravessando o portão, escoltados. Eu não sabia quem eles eram, só que eram cavaleiros e que um deles tinha os olhos do seu pai.

Eu entrelaço as mãos, nervosa.

— Tio Bernard.

— Ele está bem.

— Não posso acreditar que nós o envolvemos nisso...

Morfeu senta no braço da espreguiçadeira, com as asas pensas nas costas. A luz pulsante do candelabro treme sobre seu punho de renda preta enquanto ele

caça um fiapo.

— Você deve agradecer a Jebediah por isso, na verdade. Antes de as transformações cênicas dele confundirem os túneis de vento, os cavaleiros nunca tiveram motivo para viajar pelo mundo do espelho a pé. A interferência do seu ex colocou em perigo os frágeis meandros deste mundo.

— Mas ele fez isso para proteger você — eu defendo. — Você mesmo me disse que ele mudou a paisagem para confundir a vida animal.

Morfeu aperta a própria coxa.

— Por que você ainda está tão apaixonada por aquele mortal? Depois de tudo o que ele fez para magoá-la?

Olho para ele com seriedade.

— Algo que você *nunca* fez.

Baixando os olhos para seus dedos brancos, Morfeu cerra os dentes.

— Eu nunca desisti de você.

O tom sincero de sua voz me amolece.

— Eu sei. — Entrelaço meus dedos nos dele, e seus músculos se contraem em resposta. — Mas Jeb também nunca desistiu de mim. Ele desistiu de si mesmo. E você teve participação nisso.

Morfeu revira os olhos.

— Estamos saindo do rumo. Você não está percebendo a seriedade da situação. Durante séculos, a Copas vem procurando uma forma de atacar o portão do País das Maravilhas, de sequestrar um túnel de vento e atravessar o abismo do nada. Pode imaginar o caos que ela provocaria se tivesse acesso ao medalhão de um cavaleiro?

É estranho, mas, em algum nível, fico aliviada com as palavras dele.

— Eu estava certa... eu sabia que o País das Maravilhas tinha que estar em perigo. — O fato de confiar nele e ele não me desapontar me tira um peso dos ombros. Não coloquei Jeb e papai em perigo desnecessariamente.

— Mais do que o País das Maravilhas, na verdade — Morfeu diz, interrompendo meus pensamentos. — A Rainha de Copas concordou em manter o espírito da Vermelha vivo somente porque a Vermelha a convenceu de que

você viria aqui me resgatar, e a Jebediah, se ela não achasse que ele estava morto. Foi por isso que a Vermelha nos capturou e nos arrastou para Qualquer Outro Lugar, primeiramente. Como garantia. As duas rainhas planejavam usar você para encontrar o caminho de volta para o País das Maravilhas, onde a Copas teria acesso aos portais para os domínios humanos e poderia colher relógios de vida humanos para sua coleção.

— Relógios de vida? — Reviro as palavras na língua, saboreando as sílabas. Quando me viu pela primeira vez, a rainha disse que queria o meu.

Morfeu faz um gesto mostrando a decoração da sala.

— É como ela chama os corações que rouba. Relógios de vida.

Tremendo, dou um soco no meu peito para acalmar a dor. A Copas disse que sentia que o meu era especial. Ela devia saber que estava contaminado. Talvez ela possa me dizer o que a Vermelha fez com ele.

— Alyssa. Por que você está tão pálida? — Morfeu escorrega pelo braço da cadeira para se acomodar ao meu lado. Ele coloca as costas da mão sobre minha bochecha, verificando a temperatura. — Você está absolutamente glacial.

A mão dele escalda minha pele e eu a afasto.

— Estou só preocupada. — *Com mais coisas do que posso dizer*. Como pode meu corpo estar tão frio enquanto há um rastro de gasolina que queima atrás de meu esterno? Aperto a beirada da almofada, determinada a me controlar. — Temos que recuperar os medalhões... e tirar meu tio e o outro cavaleiro daqui.

Fazendo beicinho, Morfeu pega minha mão e tira uma das luvas para colocar o polegar sobre meu pulso. Ele franze a testa, mas parece satisfeito, porque recoloca a luva e acomoda minha mão no meu colo.

— Já foi providenciado. Devido ao meu pensamento rápido, e não graças a você e sua falta de confiança.

— Quer parar? Não é falta de confiança. Você e eu ainda não temos um compromisso um com o outro.

— *Ainda.* — Seu rosto se ilumina. — Então você *vislumbrou* um futuro comigo.

Resisto a uma onda de ternura que me invade. Como pode essa criatura mágica e eterna ser tão sábia quando se trata de guerra, estratégias e política,

mas tão infantil em assuntos como relacionamentos e amor?

— Me conte os detalhes de seu plano, porque eu sei que você tem um.

Seu queixo se contrai.

— Não é exatamente um plano. É mais um trato.

— Que envolve a mim, sem o meu consentimento. — Estreito os olhos. — É estranho como isso sempre acontece.

Ele solta a gravata e pigarreia.

— Primeiro, deixe-me assegurá-la de que seus parentes estão bem. Manti usou CC para encenar uma revolta na masmorra.

— Espere... então Manti está com o sósia de Jeb?

— Sim, foi um presente da rainha. Manti estava ávido por ele, pois cavaleiros élficos são os melhores soldados. E esse, por ser uma pintura, é ainda mais robótico do que a maioria. Durante a confusão na masmorra, Manti ajudou seu tio e seu amigo a escapar antes que a rainha pudesse arrancar o coração deles. Felizmente, eles levavam somente um medalhão para os dois. Infelizmente, a Copas já o tinha confiscado. Ela o entregou para que os guardas o escondessem, então nem ela sabe qual deles o escondeu, nem onde. Desse modo, a Vermelha também não sabe. Então a Copas não precisa mais de ninguém para ajudá-la a atravessar a fronteira para o País das Maravilhas. Mas a Vermelha controla metade de seu corpo e está disposta a enganá-la e a pegar o medalhão em troca de certas... exigências.

As joias em torno dos olhos de Morfeu brilham num tom verde-chá, a cor da satisfação. Não é surpresa, visto que as exigências parecem envolver um casamento. Mas ainda não sei se a cerimônia será encenada ou real.

— Detalhes, Morfeu.

Ele se inclina para mais perto da mesa e pega a travessa de tortas em forma de losango, oferecendo-me uma com calda de uma fruta vermelha que lembra sementes de romã.

— Você devia comer. Ainda está com aparência anêmica demais para o meu gosto.

Solto um grunhido para suas táticas de enrolação.

— Disseram para não mexermos nas tortas.

Morfeu dá uma mordida delicada e mastiga.

— O roubo das tortas — ele diz enquanto engole — é a menor preocupação da Copas neste momento. — Coloca a travessa de lado e limpa os lábios com um guardanapo. — Ela tem um traidor em sua corte.

— Manti. — Franzo a testa. — Estou confusa. Eu achava que vocês dois fossem inimigos.

— Inimigos podem se tornar fiéis aliados, uma vez que compartilhem dos mesmos objetivos. — Ele toca meu lábio inferior, deixando um pouco de calda de fruta. Ele me observa lamber o resíduo agridoce, e então lambe o resto da calda no dedo. Ao ver sua língua, fico corada.

Ele dá um sorriso malandro.

— Olhe só. Consegui fazer suas bochechas voltarem a corar.

Faço uma careta de reprovação.

— Dá para pular a sedução? Não é hora para romance.

Seu sorriso de resposta é incontrolável.

— Pelo contrário. Toda e qualquer esperança de escaparmos depende de romance. Andei observando Manti desde que caí neste buraco infernal. Ele está totalmente apaixonado pela Copas. Ele a vinha cortejando fazia séculos, sem sucesso, até que os dois vieram dar aqui. Neste mundo, ele não tem a interferência dos pretendentes formais. Além disso, ela pode ser ela mesma... Suas obsessões cruéis e sua degradação foram acolhidas pelos bárbaros habitantes daqui. Ela é reverenciada pelas mesmas ações que resultaram em sua expulsão de nosso mundo. Manti acredita que seu espírito seria destruído se ela voltasse. E ele teme perdê-la para algum outro rei. Ele não permitirá que isso aconteça, mesmo que precise enganá-la.

Eu o encaro com olhar sério.

— Os paralelos são impressionantes.

Morfeu pisca para mim, inabalável.

— E não são? Como eu conheço o modo como o tolo apaixonado pensa, ele foi fácil de manipular.

— O que significa que você estava por trás do ataque à montanha. — *Como eu suspeitava.*

— Na maior parte — Morfeu admite. — Expliquei a Manti como chegar lá, o que pegar e o que deixar de pé. Você e Jebediah conseguiram frustrar meu plano de tê-la entregue em mãos a mim. Mas eu sabia... — Seus olhos negros brilham e ele afaga minha face. — Sabia que você não me deixaria aqui para morrer. Então contei a Chessie que a rainha estava planejando arrancar meu coração.

Meu corpo inteiro se encrespa com um misto de frustração e fúria. Ameaço me levantar, mas Morfeu me puxa para baixo.

— Para sua informação — ele diz —, eu estava à beira da morte. A Vermelha estava decidindo se me matava pessoalmente ou se me servia como alimento para as enguias da ponte levadiça. Foi preciso convencê-la depressa de que eu tinha algo a oferecer em troca de minha vida patética. E, se você não tivesse vindo para cumprir a troca, eu já teria virado ração de enguia a esta hora.

Balanço a cabeça.

— Então, o antídoto para meu pai. Aquilo foi uma garantia.

— Sua consciência humana não permitia que você me deixasse aqui depois de eu salvar Thomas, mesmo que conseguisse sobrepujar o amor que seu lado obscuro sente por mim.

Estou prestes a censurar sua tática e negar quaisquer sentimentos por ele quando ele coloca a mão em minha nuca e pressiona os lábios aveludados contra os meus. Não é mais do que um beijinho, mas o sabor da torta que ele provou perdura como uma ferida quente e saborosa — um tormento irresistível para a intraterrena dentro de mim.

Ele recua e minha pele brilha, prismas radiantes refletidos em seu rosto e nas almofadas. Estou segurando as lapelas do casaco dele, mas não me recordo de ter me aproximado.

— Chega de negar — ele diz ao apertar minha mão com a sua esquerda. — Eu vi o amor em seus olhos e em suas ações. Eu o senti ontem, quando a peguei nos braços, e hoje, quando veio me salvar. E é por isso que o meu trato com a Vermelha pelo medalhão não deve ser encarado como uma manobra ou uma barganha, mas como o próximo passo lógico em nosso relacionamento.

Eu solto suas lapelas.

— Lógico? Um *casamento*? Nós vamos fingir, certo?

— Como podemos fingir se a Vermelha estará dentro de você? Não, tem que ser autêntico. E eterno. — Ele sorri de alegria, toda a ingenuidade juvenil e o charme mundano em um ser primoroso.

Devo estar com uma expressão de dor, porque ele passa o polegar sobre as marcas de meus olhos.

— Alyssa, vamos ter um futuro muito glorioso. Você verá.

Isso não pode acontecer, e por muitos motivos. Um deles é o voto que fiz para Jeb. Mas há outra razão muito óbvia.

— É cedo demais. Nós só estamos começando a nos conhecer.

A expressão de Morfeu fica séria.

— Nós passamos a infância juntos.

Eu entrelaço os dedos nervosamente.

— Foi tudo muito inocente... brincadeiras... treinamento. Os humanos demoram a assumir esse tipo de compromisso. É preciso uma prova de fogo.

— Ah! E nós teremos nossa prova de fogo. É uma tradição intraterrena que o casal atravesse um círculo de chamas para queimar as rusgas do passado e começar uma vida nova, pura. Como purificar um metal precioso.

A imagem de nós dois sob o sol do País das Maravilhas me vem à cabeça: dançando descalços enquanto nossas roupas soltam faíscas e pegam fogo, abraçando um ao outro sem reservas.

Um frêmito de expectativa percorre meu corpo, mas eu o reprimo.

— Não, não literal. *Simbólico*. Dar e receber. Aprender a compreender e confiar um no outro em todas as situações. Eu tive isso com Jeb, durante seis anos. Estou só começando a ter isso com você.

Morfeu solta um grunhido que vem de suas entranhas.

— Não vou ficar esperando e virar o reserva de Jebediah até seu lado mortal começar a me compreender e a confiar em mim.

— Você não é a segunda escolha. Você e eu temos a eternidade. A *eternidade*. Jeb tem só uma vida. É justo que eu a passe com ele. — Eu contorno a verdade,

chegando o mais perto que consigo.

— *Justo*? Todo esse tempo ele esteve com você nas horas em que estava acordada. Eu só a tinha durante seus sonhos. Quero você na realidade. Já esperei pelo que parecem ser mil anos. É hora de nossa eternidade começar.

Ele não está pensando direito.

— Quer mesmo começar nossa vida juntos enquanto estou abrigando o espírito da Vermelha?

— Nós dois saberíamos que você a estaria levando para fora deste mundo. — A afirmação é pragmática, mas a compaixão abranda sua voz. — E você *vai* derrotá-la. A única coisa que mudou é que ela quer uma garantia de que você não abandonará suas responsabilidades reais novamente. Ela sabe que, se nos casarmos, você nunca deixará o País das Maravilhas. Foi a única forma de fazê-la concordar em entregar o medalhão. E ela se recusa a fazer a troca até que o casamento seja oficializado. Você pode ver que não tive escolha.

A visão da Marfim me invade a mente, com o ruído de passos de uma criança, desencadeando meu maior medo: a Vermelha encontrou um modo de obter tudo o que sempre desejou. Fazer-me desposar o único intraterreno que pode dar-lhe acesso a uma criança que sonha e ficar próxima de meu corpo enquanto isso acontece. Ela está planejando usar nosso filho para se vingar. Mas como?

Levanto-me e recuo.

— Eu pensei que, pelo menos uma única vez, você não tivesse motivos ocultos. Você não está mais preso à Língua dos Mortos. Não está mais tentando impedir a onda de destruição da Vermelha pelos domínios intraterrenos. Sua única motivação era sair de Qualquer Outro Lugar, consertar o País das Maravilhas e fazer com que eu ficasse ao seu lado.

— Essa é a minha única motivação. — As joias em seus olhos são do tom mais cristalino e sincero, como lágrimas humanas.

Eu recuo ainda mais, arrastando as botas no tapete felpudo.

Morfeu se levanta com cautela, como se eu fosse um animal selvagem que ele está tentando não assustar.

— Alyssa, estamos trancados em uma sala com quatro paredes. Você não tem como correr de mim, ou seja do que for que estiver me acusando.

Solto um gemido.

— O motivo pelo qual a Vermelha atraiu Alice para a toca do coelho era mudar as próprias bases em que o País das Maravilhas foi construído. Ela queria introduzir sonhos e imaginação em sua linhagem para que os intraterrenos não precisassem mais depender do reino humano para obtê-los.

Por sua expressão chocada, fica óbvio que esta é a primeira vez que ele ouve sobre o plano dela.

— Essa é uma cruzada muito mais nobre do que eu a julgava capaz de empreender.

— Nobre, não. Ela não vai deixar os sonhos serem livres e acessíveis a todos. Ela quer controlar esse poder para se tornar a rainha mais temida de todos os tempos. Sim. Sim, tem que ser isso. — Fico arrepiada dos pés à cabeça, aterrorizada demais para pensar no que vou dizer em seguida. — Não vou permitir que ela o use dessa maneira.

— Use *quem*? — A pergunta escapa da boca de Morfeu em um suspiro trêmulo.

O pânico me assola — uma torrente fria e quente. É tarde demais para retirar o que eu disse. Prendo a respiração, esperando para ver se me sinto diferente... se há alguma sensação física enquanto meus poderes desaparecem.

Mas nada acontece. Com um pensamento somente, faço os papéis no cavalete virarem e flutuarem no lugar. Então percebo que não quebrei meu voto; não especifiquei o nosso filho na afirmação que fiz. É anônimo. Os votos intraterrenos são baseados na construção das frases e palavras.

Na verdade, se eu pensar bem, prometi à Marfim nunca *contar* a ninguém sobre a visão que ela teve, mas não disse que não *mostraria* a ninguém.

Paro ao lado do cavalete. Já arruinamos as tortas da Rainha de Copas. E se abrirmos alguns potes de tinta?

Morfeu se posiciona atrás de mim para olhar sobre minhas asas, perto o bastante para suas roupas serem rasgadas pelas camadas de meu vestido com pequeninos estalos. Posso sentir a tensão que emana dele.

Eu tiro as luvas. Depois de abrir três cores — vermelho, azul e preto —, enfio o dedo em uma, deixando que a gosma fria cubra a ponta. Eu trabalho com

mosaicos. Não é fácil retratar o que vi em minha cabeça usando tinta e papel. Não tenho as habilidades de Jeb, as pinceladas suaves, a capacidade de traduzir formas internas e linhas de gravidade. Mas faço o melhor que posso, esboçando uma imagem de mim mesma vestida de monarca, Morfeu de terno e um menininho com meus olhos, o cabelo azul do pai e asas.

Antes que eu possa dar os toques finais em nossas coroas, Morfeu recua e desmorona sobre a cadeira onde havia deixado o chapéu e as luvas, amassando-os. Pela primeira vez, ele parece não se importar.

As pedras em suas têmporas e face brilham num profundo azul-real, como se ele estivesse sonhando.

— Você o viu — ele sussurra.

Eu não respondo.

— Quando? Como? — ele pergunta.

Aperto os lábios ainda mais.

Pelo travamento resignado de sua mandíbula, fica claro que ele compreendeu que estou me equilibrando na corda bamba de um voto pela magia.

— Oh, Alyssa — ele murmura. — Faz tanto tempo que eu quero lhe contar. Eu temia assustá-la. Ele é a criança mais especial de todas. Ele vai salvar nosso mundo. Vai ensinar a todos como imaginar e sonhar. — Aquela expressão caprichosa retorna ao seu rosto, um reluzir de euforia. — Já fiz uma lista de nomes para ele. E existem tantas brincadeiras que podemos usar para desenvolver suas habilidades.

— Eu quero que ele seja feliz, Morfeu. Acima de qualquer coisa. Que tenha uma infância.

Sua expressão se atenua para uma profunda ternura.

— Naturalmente. Cantarei canções de ninar para ele todas as noites. Você... você pode ensiná-lo a ver o mundo pelas lentes da inocência. Nós o amaremos. Cegamente. Seria impossível não amá-lo. Não consigo parar de ver a beleza dele, a mescla perfeita de nós dois. — Morfeu pega minhas mãos borradas e entrelaça nossos dedos. Os três tons de tinta mancham sua pele, que fica parecida com a minha enquanto ele coloca nossos dedos lado a lado. — Todos os nossos tons em um arco-íris luminoso.

A sala fica mais sombria, ou talvez seja a iluminação esquisita.

Morfeu me puxa para o colo e aninha minha cabeça debaixo de seu queixo, confortando-me em seu abraço com cheiro de tabaco. É o gesto mais gentil que já tivemos.

— Agora você sabe qual é o seu lugar, Alyssa. Comigo e com nosso filho.

A marca cruel da Vermelha me repuxa atrás do esterno, fincada em meu coração. Eu me afasto para ver seu olhar sonhador, pegando seu rosto nas mãos e deixando marcas de tinta no queixo.

— É isso que você não está vendo — digo com voz sussurrada. — Ele não será *nosso*. Sim, você estará introduzindo uma criança mestiça nos domínios intraterrenos. Talvez seja só o que importa. Mesmo que seja a Vermelha a compartilhar essa vida, e não eu. Desde que o País das Maravilhas floresça.

— Não. — Ele me assusta ao levantar-me com ele. Com um gesto, arrasta o chapéu amassado e as luvas para o chão, volta a me acomodar na cadeira e se ajoelha aos meus pés, pegando minhas mãos. — Você é a minha única rainha. Nós a expulsaremos no momento em que consertarmos o País das Maravilhas. Antes que uma criança seja concebida. Eu *juro* para você.

Eu realmente acredito que ele deseje isso, mas não sabe que perdi a carta na manga nem quanto meu corpo está cansado e exaurido.

— Eu perdi o diário. Minha única chance de derrotá-la. — Quase digo que foi culpa dele por ter mandado os pássaros trogloditas de Manti, mas que diferença faria culpá-lo a esta altura?

Morfeu balança a cabeça.

— Aquela solução era temporária. As memórias ainda estão dentro de você, adormecidas. Você pode acordá-las, enfraquecê-las. Acredito em sua força. Você nunca fará o mesmo?

Fico tensa.

— Meu coração... não é forte o bastante. Quando ela esteve dentro de mim, fez alguma coisa. Eu tenho certeza.

Ele desliza meus dedos por seu queixo, borrando os tons de vermelho, azul e preto que deixei em sua pele momentos antes. É óbvio que ele acha que estou reagindo histericamente.

— Você está assustada. Mas, agora que você sabe como nosso filho vai ser especial, agora que você o adora tanto quanto eu, isso lhe dará ainda mais motivos para ser corajosa. E ainda mais razões para aceitar nossa união.

Puxo minhas mãos. Ele não está me ouvindo.

— Não posso me casar com você hoje.

Ele cerra os dentes e se levanta, olhando para mim.

— Então, suas pífias inseguranças humanas, mais uma vez, são mais importantes do que o bem-estar de todo um mundo? De *dois* mundos? Vai permitir que o estilo de decoração particular da Copas seja estampado em todos os muros do reino humano? Vai deixar que as paisagens do País das Maravilhas sucumbam?

— Estou só dizendo que precisamos descobrir outro modo de pegar aquele medalhão, e outro modo de tirar a Vermelha daqui.

As luzes pulsantes brilham nas manchas de tinta em seu rosto... colorindo-o com uma estranha e perigosa camuflagem.

— Você e seus malditos outros modos. Isso tudo não é por causa do que temos ou não temos entre nós, é? Há mais alguma coisa impedindo este casamento... algo que você está com medo de me contar.

Eu hesito.

— Alyssa! — Ele me pega pelos ombros e me faz ficar de pé, perdendo a paciência.

Minha confissão sai aos trancos:

— Eu fiz um voto pela magia da minha vida de me casar com Jeb primeiro. Se eu me casar com você, perderei meus poderes... para sempre.



18

Crisálida

Com um afago mais sinistro do que reconfortante, Morfeu desliza as mãos dos meus ombros para os pulsos, fazendo uma trilha de tinta sobre minha pele.

Em seguida, sem dizer nada, ele tira um lenço do casaco e limpa os borrões. Seu toque delicado deixa a pele do meu braço arrepiada. Depois de limpar seu rosto e suas mãos, ele guarda o lenço e pega o chapéu amarrotado do chão.

Com um movimento das asas negras, ele dá as costas e caminha a passos largos, dando tapas para desamassar a cartola vermelha e vinho no mesmo ritmo dos passos. Os músculos esguios se movimentam em linhas fluidas e poderosas debaixo do terno feito sob medida, exagerados pela pulsação das luzes.

Ele é preciso e controlado, mas sua mente está dando voltas. Por baixo de toda essa graça e contenção, um selvagem se prepara para atacar — uma pupa, aguardando emergir na forma de uma mosca-escorpião para transformar Jeb em pedra.

Eu avalio a sala mais uma vez, pensando se ela comporta redes. As possibilidades são infinitas, mas não estou com pressa de aprisioná-lo novamente. Não depois de ele ter passado todas essas semanas preso e humilhado sem uma magia própria.

— Como você pôde usar um voto de magia de modo tão leviano? — Sua voz raivosa interrompe minha maquinação silenciosa. A pergunta soa como uma

farpa venenosa, fazendo meu esterno queimar como se houvesse cera quente pingando bem no meio dele.

Estudo a tinta úmida na palma e nos dedos das mãos e depois as viro, tocada pelas impressões digitais coloridas que ele carimbou nas costas delas quando falamos sobre nosso filho.

— Não houve nada de leviano. Foi a única maneira de garantir que você me permitisse compartilhar com Jeb sua vida mortal... para dar esperança e fazê-lo sair deste mundo.

Morfeu se detém. Tenho sua total atenção.

— Então você manipulou a nós dois com um só voto. — Seus longos cílios negros tremem, e a admiração cintila por trás de seu olhar ferido, o mesmo olhar que recebi a vida inteira cada vez que lhe agradei. Embora o tom carmim escuro e raivoso de suas joias piscantes contradiga qualquer prazer verdadeiro. — A mais amarga das ironias. Parece que eu a treinei bem demais...

Um zumbido fraco o interrompe, fora de sincronização com o batimento rítmico dos corações da sala. Nós dois o vemos: uma mínima perturbação diante do meu rosto, onde um ácaro de orelha paira em pleno ar.

Morfeu tenta pegá-lo com o chapéu, mas ele voa em zigue-zague entre nós, repetindo minha voz em mimetismo perfeito: *"Eu fiz um voto pela magia da minha vida de me casar com Jeb primeiro. Se eu me casar com você, perderei meus poderes"*.

O inseto repete a minha confissão mais uma vez antes de eu tentar estapeá-lo. Ele dá um voo rasante e voa para a porta. Morfeu o ataca tarde demais. O ácaro de orelha rasteja sob o espaço debaixo da porta, escapando.

Colocando o chapéu na cabeça, Morfeu me lança um olhar arrasador.

— Presumo que Jebediah esteja em algum lugar deste castelo. Ele nunca permitiria que você viesse sozinha, agora que pertence novamente a ele.

Busco o olhar de Morfeu sob a aba de seu chapéu.

— Suas intenções?

— Ele está prestes a correr grande perigo se aquele ácaro chegar à Vermelha antes de mim.

Não posso argumentar que Morfeu seja o menor dos dois males quando se

trata do bem-estar de Jeb.

— Ele está usando um traje de simulacro, procurando você na masmorra.

A expressão de Morfeu fica grave.

— Não ouse deixar esta sala. Tudo de que não preciso é você correndo por aí e estragando as coisas mais do que já estragou.

Antes que eu possa responder, ele sai correndo pela porta, batendo-a. Discute com os guardas e em seguida os dissuade de prendê-lo sugerindo que eles "tranquem a maldita porta para conter a prisioneira, considerando que ela é a maior ameaça a Qualquer Outro Lugar".

Em seguida, ele inventa uma desculpa dizendo que precisa encontrar a rainha.

Seus passos determinados desaparecem no corredor enquanto eu o apresso mentalmente. Ele tem de pegar o ácaro de orelha antes que ele se reporte à Vermelha e, mais importante ainda, encontrar Jeb antes que algo aconteça com ele.

Digo a mim mesma que é por isso que ele saiu com tanta pressa... para proteger Jeb. Não porque tem ciúme e quer eliminá-lo, tornando meu voto nulo e vazio. Os dois começaram a se entender no mês que passou. Eles nunca gostarão um do outro, mas pouparam-se inúmeras vezes e aprenderam a trabalhar juntos porque ambos me amam.

Tenho de acreditar que Morfeu não está agindo por causa de seu desejo de que nosso futuro comece hoje. Que não está sendo motivado por seus ideais românticos: uma complexidade de emoções e ações tão violentas e imprevisíveis quanto a crueza do próprio País das Maravilhas. Vi sua compaixão e como ele luta para fazer o que é certo.

— Confie nele — sussurro para ninguém além de mim mesma. — Ele será seu rei um dia.

Ele me disse para ficar alerta. Ele mal percebe que não tenho escolha. Estou fraca e tonta demais para sair de minha prisão.

Volto ao cavalete e passo os dedos pela tinta ainda úmida a fim de borrá-la e deixar a imagem irreconhecível. Já basta a Vermelha estar esperando que tenhamos um filho. Quando ela tiver possuído meu corpo e o vir por si mesma, vai ficar mais difícil ainda me livrar dela.

Quando meus dedos deslizam pela imagem de nosso menino, borrando-a até ficar uma mancha indecifrável, aquela pontada no coração irrompe em outro nível de agonia. Um gosto acobreado formiga em minha língua. Eu tusso, cobrindo a boca com a mão. Quando a afasto, sangue fresco respinga sobre a tinta entre meus dedos. Eu me curvo, procurando respirar.

A sala é sacudida ao ritmo de milhares de pulsações. Raios cor de vinho e pretos se misturam com a luz trêmula. Meus braços e pernas doem. Absorvo as asas para diminuir a carga, mas minha coluna se curva e caio de joelhos, com a escuridão invadindo minha visão. Fecho os olhos, concentrando-me na respiração. Encolhendo-me, deixo o tapete felpudo acolher minha face enquanto vou ficando inconsciente, e penetro na calidez nebulosa de uma visão...

Meu corpo está leve como o ar, livre da dor. Um caldo oleoso e preto pinga das paredes e rasteja pelo chão na minha direção. As poças se erguem em formas fantasmagóricas e esfumaçadas.

Momirratos.

Eles me engolfam, cheirando meu cabelo, gemendo em meus ouvidos até meus ossos retinirem. Marcas oleosas carimbam minha pele no lugar onde eles seguram meus braços, dedos de sombra e ilusão a me morderem. Eles me arrastam para o alto da torre do castelo e me jogam de lá. Meu estômago vai parar na garganta.

Lá embaixo, a toca do coelho se abre — um túnel negro e espiralado. Eu caio rápido, passando por guarda-roupas abertos, pilhas de livros que flutuam, despensas e jarras de alimentos enlatados presas às laterais do túnel com galhos de hera retorcidos. Eu me agarro a uma parede, batendo na mobília e arrancando as gavinhas até a queda desacelerar.

Na escuridão lá no fundo, está acontecendo uma luta. A Irmã Dois briga, em pleno ar, com a minha mãe, que está suspensa por teias. Mamãe usa sua magia, animando livros e móveis para bombardear a cabeça e o tronco da Irmã Dois. As oito pernas da guardiã de túmulos e suas mãos de tesouras venenosas estão ocupadas se defendendo do ataque, e mamãe ganha tempo para se soltar. Ela se liberta da armadilha da aranha e começa a cair.

— Mamãe! — eu grito.

Ela olha para cima.

— Allie! — ela chama, e estende a mão para mim.

Os momirratos gemem lá em cima e fecham a toca do coelho, lançando-nos para fora do túnel e nos impelindo para o País das Maravilhas num desmoronamento de terra.

Cavando, consigo sair do jardim de flores. Um relâmpago chicoteia o céu, lançando tons fluorescentes sobre a paisagem. Um aroma pungente de queimado traz consigo um vento ruidoso e melancólico. Nuvens escuras de cor purpúrea encobrem o céu.

Mamãe está quase ao meu alcance, cercada por flores zumbis do tamanho de árvores. A Irmã Dois corre na direção dela com um exército de brinquedos mortos-vivos.

Eu escalo para ajudar mamãe, mas minha mão passa através dela. Sou somente um fantasma aqui, e percebo que estou revivendo sua chegada ao País das Maravilhas naquela noite fatídica.

Um cisne branco dá um voo rasante, transformando-se na Marfim. Pousando no chão, ela brilha das pontas das asas até os pés. Sua magia irradia os mais puros tons prateados. Ela gira como uma bailarina de cristal, e uma bruma branca flui de sua boca. Uma camada de gelo cobre as flores cruéis, reduzindo a velocidade de seus movimentos.

Um homem surge dos caules grossos como troncos. Eu o reconheço. É Finley, o mortal cujo corpo Morfeu usou quando esteve no reino humano. Finley está vestido como um cavaleiro élfico e comanda o exército da Marfim. Com um grito coletivo, os elfos atacam as flores, brandindo suas espadas contra os galhos congelados, cortando-os com um só golpe. As flores gritam e caem, contorcendo-se no chão. A Irmã Dois sibila e arrebanha os brinquedos mortos-vivos para dentro do coração do País das Maravilhas, batendo em retirada para o jardim das almas.

A Marfim se vira e oferece a mão a mamãe.

Mamãe a pega e olha para mim.

— Estou segura e estamos sobrevivendo. Mas o coração do País das Maravilhas está morrendo. A estagnação está próxima. Venha logo. Vamos aguentar o máximo que pudermos.

Tento compreender seu alerta, forçando minha mente a buscar a definição de

estagnação, *mas não consigo.*

— Allie! — mamãe grita. — Acorde... acorde!

Um relâmpago corta o céu e penetra em meu peito, trazendo-me de volta ao corpo cansado e à realidade da dor inquebrantável.

Alguém me recostou no que parece ser uma parede de azulejos frios. Estou tão fraca que não consigo nem sequer erguer as pálpebras. Inspiro e me engasgo com o líquido que enche meus pulmões.

— Ela está morrendo — a Vermelha diz de algum lugar além de meus olhos fechados.

— Como deveria — a Copas responde. — Olhe só a bagunça que ela fez com as minhas tintas! E provou uma torta. Maldita ratinha.

A julgar pela tirada da Copas, ainda estamos na sala de jogos. O cheiro de seu perfume me sufoca, ainda mais forte com os olhos fechados. É a fetidez da morte — flores murchas e carne podre.

— Me deixe sair para preservar seu recipiente — a Vermelha reclama.

— Não fique brava comigo! — ralha a Copas. — Você tinha que saber que este seria o resultado quando a enfeitiçou.

— Não. Uma vez que o lado intraterreno tivesse despertado completamente para a loucura, ele deveria ter absorvido o lado humano, transformando-o. Eu nunca poderia ter previsto que a metade mortal do coração dela resistiria tanto. Que ela seria tão forte e aguentaria tanto tempo que colocasse em risco as duas.

Um soluço se aloja em minha garganta e um gosto metálico amargo me engasga. Quero pegar o pescoço da Vermelha, sufocá-la. Mas quem está se sufocando sou eu... em meu próprio sangue.

— É o seu feitiço. Reverta-o, simplesmente — a rainha sugere, ignorando minha batalha.

— Agora que o coração está se partindo ao meio, não conheço magia que consiga salvá-la. Não há nada que eu possa fazer além de juntá-lo quando estiver lá dentro.

Eu solto um gemido.

— Depressa, sua boba — a Vermelha apressa a rainha, com desespero na voz.

— Liberte meu espírito.

— Preciso de uma garantia — a Copas retruca. — Pela troca do medalhão. Quero mais do que somente um mísero relógio de vida humano. Eu quero todos.

Um relógio de vida humano? De quem elas poderiam estar falando? Jeb? Meu pai? Será que capturaram o tio Bernie de novo?

Seja de quem for, alguém que eu amo está em perigo.

Tento me mexer, mas sou tomada pela dor agonizante, uma estaca de metal que se parte e escava meu esterno. Para impedir a mim mesma de gritar, fico congelada no lugar. Meus cílios se selam com mais força.

— Eu já disse que você vai ganhar mais. Minha barganha com Morfeu é entregar o medalhão assim que o casamento se oficializar. Eu não disse nada sobre deixar você aqui.

— Não acha que o seu rei terá algo a dizer quando souber que atravessarei o portão com você?

— Quando Morfeu perceber que sou a única coisa que mantém sua adorada Alyssa viva, ele fará tudo o que eu mandar.

Respiro fundo. O ar escalda e arranha meus pulmões, como se nascessem espinhos em seu caminho. A sensação confunde meu raciocínio; mesmo assim, tento juntar as peças. Os planos da Vermelha para enganar Morfeu. Ele já deve desconfiar disso. Ele é astuto. A sábia e críptica lagarta que emergiu da crisálida na forma de um lindo ser mágico alado.

Mas ele não sabe o que ela tem como garantia. Não sabe que meu coração está morrendo nem que a Vermelha me enfeitiçou.

Além do País das Maravilhas, sou sua única fraqueza. E ela está usando as duas coisas.

Como ele pode dizer não a ela?

Eu sou a única que pode impedir isso. Abro um pouquinho os olhos e gemo, tentando me concentrar o bastante para liberar minha magia. Uma névoa negra encobre minha visão periférica... tornando impossível focar-me em alguma coisa.

A Rainha de Copas está agachada diante de mim, com metade do cabelo carmim-vivo e a outra metade cor de vinho.

— Isso é discutível — ela diz para a Vermelha. — Você ouviu o que o ácaro de orelha disse. A bobinha fez um voto para o mortal. Não haverá casamento entre ela e Morfeu.

— Tudo vai entrar nos eixos quando encontrarmos o menino. O voto só vale enquanto ele viver. Nós o matamos, você tem a primeira peça de sua coleção humana, e eu tenho meu casamento real.

— Não. — Tento falar mesmo com o sangue me engasgando. Fiz novamente. Coloquei em perigo a vida de Jeb mais do que ela já estava. — Não... vou... deixar.

Tento dar um tapa na cara da Vermelha, mas minha mão cai sobre o colo, inerte.

A mão pegajosa da rainha segura meu queixo.

— Notável! Seu relógio de vida está se partindo ao meio, pendurado por um fio. Mesmo assim, ela tem desejo de lutar. — Sua expressão fica mais intensa. — Eu já tenho o medalhão. Tenho meios próprios de entrar no País das Maravilhas. Não há motivo para fazer nada que você me peça, Vermelha. Vou deixá-la morrer e colher este espécime. Nunca vi nenhum igual.

— Haverá outro, um dia — a Vermelha insiste, frenética. *— Morfeu e eu teremos filhos por meio dela. Reservarei para você o coração de um deles. Mas não o dela. O dela pertence a mim. Não importa que você entre no País das Maravilhas. Não terá acesso aos humanos sem os portais. Alyssa é a única que pode reabri-los. E meu plano para ela e Morfeu vai além de seus ideais mesquinhos. Darei seu primeiro rebento, o primeiro intraterreno capaz de sonhar, à Irmã Dois. Ela abomina ter que caçar crianças humanas. Há séculos ela reclama que é uma tarefa tediosa demais. Então, em troca de uma criança imortal que suprirá eternamente as almas de seu covil, ela e seus brinquedos insatisfeitos me auxiliarão a destituir a Marfim. Uma vez em posse da magia das duas coroas, meu controle sobre todo o País das Maravilhas será absoluto. E você e todos os habitantes de Qualquer Outro Lugar poderão atravessar nossas fronteiras e saquear os domínios humanos quanto quiserem.*

Eu soluço, enfim, face a face com o horrendo plano da Vermelha, mas fisicamente incapaz de intervir.

A Copas estala a língua.

— Você me convenceu. Temos um acordo. Mas a menina está bloqueando a transferência de seu espírito deliberadamente. — A rainha retira a mão, com os dedos pingando minha saliva sangrenta. — É a ela que você precisa convencer agora.

— *Deixe-me entrar, Alyssa.* — A súplica da Vermelha é assustadoramente gentil. — *Você vai sangrar até morrer. Que vantagem essa perda trará a alguém? Só colocará em perigo o rapaz humano e Morfeu. Sem falar de todo o País das Maravilhas*.

Lágrimas rolam por meu rosto.

Seu argumento é sólido. Por mais atemorizada que eu esteja por meu futuro filho, ele nunca existirá se eu não salvar a todos hoje. A única saída é permitir que o espírito da Vermelha me mantenha viva, e depois sequestrar sua magia para consertar o País das Maravilhas. Agora conheço sua estratégia. Se eu conseguir ser mais forte do que ela por tempo suficiente, derrotarei a Copas e me livrarei da Vermelha de uma vez por todas. Não posso me permitir pensar no que acontecerá com meu coração depois disso.

Desmorono para a frente, rendendo-me.

Meus pulmões encolhem e minhas veias murcham, privadas de oxigênio. Minhas pálpebras caem, incapazes de resistir à escuridão que me aguarda.

— *Depressa, bruxa. Liberte meu espírito antes que ela vire cinzas e nenhuma de nós obtenha o que deseja*.

A Copas resmunga em resignação e sua mão pegajosa pressiona minha testa. Uma luz forte explode atrás de meus olhos.

Tentáculos quentes disparam de meu crânio para a espinha, forçando meu corpo a endireitar-se. A acordar.

Eu me recordo desta sensação...

Meus olhos se abrem, trêmulos. A mecha colorida de meu cabelo se solta, dançando. Pouco a pouco, os grampos saltam para o chão até todo o cabelo assumir a mesma cor da mecha encantada, livre e esvoaçante pelos ombros em ondas de vivo carmim.

A intrusão migra para meus braços e pernas, enchendo os membros de poder.

Minhas veias se iluminam sob a pele. Cada uma delas cresce, expande-se e

toma a forma de uma planta viva que floresce e brota de mim feito uma serpente.

A Vermelha habita meu corpo, e eu a recebo porque ela me torna forte.

A agonia lancinante em meu coração dá lugar a uma sensação de agulhas que o remendam. Toda a dor desaparece e a batida é única e sólida. Encho os pulmões, saboreando o ar.

Passo os braços em torno do peito, abraçando a mim mesma, aceitando a vitalidade da Vermelha.

— *Sim, minha criança*. — A voz dela sai à força da minha boca, numa golfada. — *Juntas, Nós seremos invencíveis*. — Ela fala no coletivo *Nós*, como se Nós fôssemos um único ser. A possibilidade agrada à minha loucura de formas que nunca imaginei.

Os tentáculos folhosos que brotam de minha pele serpenteiam na direção da Rainha de Copas. Ela dá um passo para trás, cautelosa. A Vermelha usa a conexão entre suas trepadeiras e minhas veias para me movimentar, como se eu fosse uma marionete. Desta vez, não sinto dor, não sinto os ossos nem os músculos e veias sendo esmagados, pois não ofereço resistência. Movimento-me com graça, como se estivesse flutuando. Olho para baixo e descubro que meu corpo é propelido pelas gavinhas, uma planta rastejante. Meus pés nem tocam o chão.

Por mais errado que pareça, todo o medo desaparece.

O que há de tão ruim, na verdade? O poder que corre em nós? O horror no rosto da Copas enquanto Nós a envolvemos em nossa hera mortal? Seus olhos saltando como os de um peixinho de aquário enquanto Nós apertamos seu pescoço?

Não. Não há nada de errado nisso. Pelo contrário. A brutalidade é entusiasmante.

— Por favor — a Copas murmura, a voz um mero assobio de ar comprimido. — Nosso trato... o medalhão.

Certo. Ainda não sabemos qual dos guardas escondeu o medalhão. Os meus pensamentos e os da Vermelha se entrelaçam em um. *Deixe-a viver. Ela ainda tem uma função.*

Antes de Nós soltarmos a rainha, vários guardas entram na sala, com as caras

reptilianas refletindo seu terror.

— V-v-vossas Majestades — o que está no comando gagueja. — Manti capturou o rapaz humano.

Nós desenrolamos nossos tentáculos e largamos a Copas. Ela cai no chão, buscando desesperadamente respirar. Seus guardas a colocam a uma distância segura de Nós.

— *Diga a Morfeu que a transferência foi completada* — dizemos com nossas vozes se misturando. — *Levem o rapaz para o pátio e deem início à cerimônia.*



19

Cinzas, Cinzas...
Todas Elas Caem

Nuvens escurecem o céu e um vento frio esvoaça nossos cachos carmim, fazendo-os bater em nossos ombros como chamas incontroláveis.

O pátio foi despido das barracas coloridas, exceto por uma cobertura de lona esticada sobre o palco onde a cerimônia será realizada. O palco de dois metros e meio se eleva ao lado do poço do medo. Grossas cordas pretas pendem do alto das muralhas inclinadas do castelo para uma estaca larga fincada no centro dele. Laços de fitas vermelhas encontram-se amarrados ao longo das cordas, uma reminiscência do jeito esquecido e traiçoeiro da boba da Grenadine.

Nós reprimimos um rosnado de orgulho. Em breve, teremos nosso reino de volta, e nossa primeira ordem será banir aquela bruxa infiel para sempre do País das Maravilhas.

A Rainha de Copas aguarda em cima do palco com uma caixa de sombras aninhada nos braços. Ela está diante de um padre vestindo uma toga cor de vinho e um chapéu retangular alto. Sua forma, parecida com a de um sapo, está presa por uma correia ao poste central para que ele possa dormir na vertical. Seu queixo gordo solta borbulhas a cada ronco. Um pequeno enxame de vaga-lumes paira sobre sua cabeça, aguardando.

Atrás da Copas, no nível do chão, estão sentadas centenas de testemunhas —

os mesmos convidados que antes se divertiam em jogos sádicos na esperança de matarem a si mesmos. *Imbecis.*

Esperamos atrás da plateia que Morfeu chegue e caminhe em nossa direção pelo corredor. Fora da cobertura, no alto da plataforma esquelética onde a corrida eleitoral começou, há uma esfera gigante. Um inferno queima em seu interior, lambendo o vidro em flamejantes tons de laranja, amarelo e vermelho. Ao final da cerimônia, Nós andaremos em meio às chamas com nosso noivo, iniciando nossa prova de fogo. Depois disso, estaremos unidas a ele para sempre.

Do outro lado do pátio, o músico arrasta o arco pelas cordas do violoncelo. As cordas são feitas das entranhas evisceradas de um animal meio vivo. As vibrações se harmonizam com os gemidos da criatura e ecoam na imensidão, criando uma mórbida marcha nupcial.

Ao soar a terceira nota, Morfeu surge das sombras na torre mais distante. Seus sapatos produzem um ruído quase inaudível em meio à animada acústica. As asas ficam mais murchas quando ele vê nossa aparência alterada.

Com sua chegada, a plateia se levanta e aplaude.

Nossas gavinhas chicoteiam a pequena fada e o gato abelhudo que voam em volta da cabeça de Morfeu. Eles se acovardam e mergulham para baixo de seu chapéu.

A plateia aplaude ainda mais.

Com a mandíbula retesada, Morfeu oferece a mão. Nossa hera se estende, mas ele a rebate.

Os convidados ficam em silêncio. Até a música para. Somente o ronco do padre, o zunido dos vaga-lumes e o inferno que estala dentro da esfera podem ser ouvidos.

Morfeu abre sua luva mais uma vez.

— Dê-me a mão de Alyssa. Só tocarei *nela*.

Nós conduzimos nossos dedos inertes para juntá-los aos dele, poderosos. Ele inclina a cabeça e os beija. O contato desperta um calor que envia uma centelha de prazer familiar através de nosso corpo humano. Nossos dedos saltam em resposta.

Morfeu levanta o queixo, as joias dos olhos brilhando em apaixonado tom de

púrpura.

— Alyssa, pode me ouvir, florzinha? Ela a fez esquecer sua humanidade. Mas eu sei que você ainda está aí.

— *É claro que Nós estamos aqui* — respondemos. — *Mas tem lugar para mais um.* — Sorrimos sedutoramente, correndo os tentáculos folhosos por sua camisa preta e penetrando nos espaços entre os botões para acariciar seu peito nu por baixo.

A afeição no rosto de Morfeu muda para uma expressão torturada, e ele arrasta nossas gavinhas para longe do tecido, empurrando-as.

Nós sorrimos com sarcasmo. O conforto e a felicidade dele são irrelevantes. Ele é um meio para alcançarmos um fim, um lindo peão no tabuleiro de xadrez da nossa vida. Nós apreciaremos usá-lo até o fim.

Um tendão do pescoço salta quando ele caminha pelo corredor ao som da macabra música que ecoa mais uma vez pelo pátio. As asas das monarcas sacodem em nosso vestido quando nos movemos.

Ele aperta nossos dedos.

— Por que não está usando suas luvas? — ele murmura pelo canto da boca.

A pergunta não faz sentido, mas seu recato nos diverte, então Nós respondemos:

— *Achávamos que você admirava nossas mãos nuas. As cicatrizes de batalha adquiridas em nossa forma mais frágil.*

Ele lança um olhar taciturno, como se Nós não tivéssemos o direito de falar dessas coisas. Como se elas fossem, de alguma forma, sagradas.

Saboreamos seu tormento. Nosso coração bate em unificada vindicação. Uma só pulsação... um só propósito: obter nossa vingança. Finalmente colher as recompensas do esquema que começou tanto tempo atrás com uma curiosa menininha chamada Alice.

À esquerda do palco, uma tropa de pássaros troglodita entra abruptamente. Manti aparece atrás deles com o rapaz humano capturado. O prisioneiro veste calças de smoking e um colete. Um saco de tecido preto cobre a cabeça. As mãos estão amarradas atrás das costas com correntes envoltas em uma enorme pedra. Manti faz força para carregar a pedra a fim de que o rapaz possa

caminhar.

O sósia arlequim vem mais atrás, usando camiseta e jeans velhos. A linha de joias vermelhas brilha em um lado de seu rosto. Do outro, o tapa-olho em forma de coração está rasgado, e algo se movimenta no vazio escuro onde a pele se abre. A parte de trás de um globo ocular surge na superfície, com as veias e o nervo óptico. Ela gira e em seguida desaparece dentro do buraco.

O quadro medonho nos encanta e Nós rimos bem alto, um riso esganiçado e alegre, como o de uma criança com um brinquedo novo. O som acorda o padre de seu sono por cerca de dois segundos, e em seguida os olhos bulbosos ficam pesados e ele volta a roncar mais alto ainda.

Morfeu baixa a cabeça e nos puxa pela mão. Deslizamos ao lado dele, orgulhosas, propelidas por nossas gavinhas.

O sósia sobe no palco e toma seu lugar ao lado da rainha. Uma brisa levanta o cabelo que cobre uma de suas orelhas, revelando a extremidade pontuda. Manti força o mortal a se ajoelhar na beira do palco, perto do poço do medo, e larga a pedra ao lado dele com um baque surdo.

Nós deslizamos escada acima e observamos o prisioneiro humano com remorso. Não por sua vida, mas pelo entretenimento que ele poderia ter nos proporcionado. Ele é atraente, para um ser inferior. Nós teríamos apreciado usá-lo até o fim também.

Assumimos nosso lugar diante do padre, nosso noivo à esquerda entre Nós e o mortal acorrentado; a Copas está à direita, segurando sua caixa. Manti e o sósia estão do outro lado dela.

Estamos a instantes da vitória. A instantes do País das Maravilhas, de nossa coroa e de nosso trono.

Morfeu retira o saco que cobre a cabeça do mortal e recua, soltando um palavrão.

Uma tira de pano cobre os olhos do mortal, e outra aperta sua boca. A tez morena está perfeita, apesar dos fios de sangue que escorrem pelo rosto, unindo a venda nos olhos à mordaça. Outro filete vermelho escorre pelo queixo.

— Por que ele está amarrado desse jeito... e *sangrando?* — Morfeu inquire.

— Esta era exatamente a minha pergunta! — A Copas resmunga de seu lugar

entre Nós e Manti. — Eu quero ver o medo nos olhos dele e ouvir seus gritos quando retirarmos seu relógio de vida.

— Não tive escolha, ó Majestade — Manti responde a sua rainha. — Eu confisquei as tintas dele, mas ele improvisou. Ele pintou na cela dele com lama feita de terra e saliva e escondeu tudo o que fez nas sombras. Os grilhões nas paredes e as barras das celas ganharam vida e se voltaram contra nós quando tentamos trazê-lo para cá. Perdemos uma dúzia de nossos guardas mais fiéis com mortes violentas nas mãos das criações dele. A única forma de deter sua magia foi arrancar seus olhos para que ele não pudesse mais ver e dar vida a outras coisas... e cortar sua língua para que ele não pudesse mais comandá-las.

Morfeu fica pálido, como se nem ele tivesse estômago para o que aconteceu com o mortal.

Alguma coisa se retorce no âmago de nosso ser, uma dor incômoda que provoca uma voz inesperada e indesejada...

Jebediah Holt, a voz diz aos soluços.

Nosso coração para por um segundo, e então volta ao seu ritmo. Não seremos influenciadas por um nome. Nós nos postamos altivas ao lado dele, bloqueando tudo exceto o triunfo iminente que pulsa em nossas veias — o maior de todos.

Mas ele é mais... A voz fraca não cede. *Ele é mais do que um nome... os dois são mais.*

Não. Nós nos recusamos a ouvir. *Eles são somente degraus. E, em breve,* todo *o País das Maravilhas se tornará degraus sob nossos pés. Nós reinaremos sobre dois reinos e todos nos venerarão.*

— Seus idiotas! — Morfeu grita, fazendo-nos lembrar de onde estamos, do que está em jogo. — Eu poderia ter convencido o mortal a libertar Alyssa de seu voto. Eu poderia ter... — A voz dele falha.

— Ah! — a Copas diz, bufando. — Bem, agora ele não pode mais fazer isso, não é? Ele perdeu para sempre a capacidade de falar. Só há um modo de libertá-lo agora.

Num explosivo ataque de fúria e asas, Morfeu salta sobre Manti, pegando o manticórnio pelo chifre e colocando-o de joelhos. Ele segura uma faca na base

do chifre de Manti.

— Afastem-se — ele grita para os guardas.

A Copas grita, e a plateia dá pulos e vivas. Alguns ficam de pé nas cadeiras para enxergar melhor, antecipando, em frenesi, o banho de sangue.

Já que Morfeu está com a vantagem no palco, os guardas e os pássaros trogloditas descem as escadas para tentar conter a multidão.

Em meio a tudo isso, o padre adormece sob o zumbido da nuvem de vaga-lumes.

— Você me traiu — acusa Morfeu junto ao ouvido humanoide de Manti, fervendo de raiva. — Eu lhe informei a localização do mortal com a condição de que ele não fosse ferido.

Manti encolhe os ombros, mas o chifre é seu calcanhar de aquiles, sua fonte de força e, ao mesmo tempo, fraqueza. Ele está à mercê de Morfeu.

— Eu precisava provar minha lealdade à rainha. Compensá-la pelos cavaleiros humanos que escaparam do calabouço sob minha custódia.

— Selvagem! — rosna Morfeu, forçando o manticórnio a se levantar. O sósia se joga contra eles, separando-os.

Morfeu perde a faca, que é agarrada pela Copas, enquanto Manti volta ao seu lugar entre ela e o sósia.

— Basta de atrasos — ameaça a Copas, entregando a faca a Manti. — O casamento segue conforme planejado, Morfeu. Tente qualquer outra coisa assim, e nadará com as enguias antes que o dia acabe.

Envolvemos o braço de Morfeu com nossas gavinhas e o puxamos para nós enquanto Manti e a Copas se voltam para a plateia, bradando comandos para silenciá-la.

Morfeu avalia o mortal mutilado. Uma tristeza profunda obscurece suas feições. Ele se livra de nossos ramos, sussurra uma imprecação e tira o chapéu.

A fadinha e Chessie saem voando, carregando um narguilé em miniatura. Nós os observamos, desconfiadas.

Incitado pela atividade, o prisioneiro humano contrai os músculos numa tentativa inútil de se libertar das correntes. Ele produz um som gutural e

engasgado — bestial e agoniado, sem a língua.

Sua agonia nos fascina, chama nossa atenção. Novamente, aquele aperto de reconhecimento lá dentro, desta vez mais agudo, feito uma faca. A voz indesejada retorna:

Não é a primeira vez que ele sangra por você, ela incita. *E ele já pintou com outras coisas além de lama. Como pôde esquecer a sala de luar e neve, as fitas com desejos e sonhos? Como pôde esquecer tudo o que ele sacrificou por você?*

Chessie aparece diante de nosso rosto. Ele dá uma tragada do narguilé e solta uma nuvem de fumaça. A névoa aromática permeia o ar e atinge nossa língua, deflagrando imagens: tabaco de alcaçuz e um ser mágico sedutor com segundas intenções, o sal do oceano e o suor de um rapaz mortal, o xarope de bordo e o amor de um pai, o sacrifício de uma mãe e um jardim lunar cheio de lírios e madressilvas.

A humana dentro de nós vacila por um instante, despertada pelos sentidos. Suas emoções são avassaladoras... aterrorizantes.

Nós nos retorcemos no lugar, nossas gavinhas chicoteando Chessie para afastá-lo. Mas é tarde demais. A faca do reconhecimento começa a serrar as amarras que Nós colocamos em nosso coração.

Não permitiremos. Vai doer se as costuras forem rompidas.

Concentrem-se. Concentrem-se somente no homem que será nosso rei.

Nossa atenção se volta para Morfeu e depois para a Copas enquanto ela e Manti se postam diante do padre, tendo aplacado os convidados sedentos de sangue. Os guardas e os pássaros trogloditas bloqueiam as escadas, formando um cordão de isolamento entre a cerimônia de casamento e a plateia.

— Acorde, seu bufão — a Copas diz ao padre, e os vaga-lumes o eletrocutam até ele rir tão alto que seus olhos arregalados se abrem. — Comece a cerimônia.

O padre estala os lábios grossos e grudentos.

— Vocês vêm para esta união livres de toda e qualquer amarra? — A pergunta coaxada jorra de sua garganta esverdeada.

A cabeça de Morfeu está tão baixa que seu cabelo cobre todo o lado esquerdo do rosto. Vislumbrado através de espaços na cortina azul, seu perfil cravado de

joias se desvanece, assumindo a cor de lágrimas.

— Um voto pela vida de magia se interpõe entre nós.

— Então ele deve ser quebrado, ou a união será nula — o homem-sapo diz, e boceja bem alto.

O silêncio envolve o pátio. Nós olhamos para as chamas na esfera lá em cima. O brilho deixa uma marca em nossa mente, cauterizando as emoções humanas que tentam nos despertar.

— Chegou a hora, Morfeu — a Copas urge. — Prove lealdade a suas noivas e ao seu mundo e será recompensado com a chave do portão. Traga-me o coração do rapaz.

Morfeu grunhe.

— Primeiro, mostre-me o medalhão. Eu quero vê-lo.

A Copas passa a caixa de sombras para Manti. Ela abre a tampa, revelando dois relógios de vida pulsantes. Com um barulho de molhado, a Copas mergulha os dedos no coração maior e retira o medalhão. Ela o coloca na palma da mão, pingando sangue.

— É prova suficiente? Agora, mate-o.

Morfeu toma nossa mão inerte e a leva aos lábios. Sua respiração envolve nossos dedos, mais uma sensação de rendição.

— Lembre-se: as lembranças são nossa maior arma — ele sussurra.

Nós nos voltamos para o agonizante mortal. Imagens piscam em nossa mente: o mesmo rapaz de bermuda cargo e camiseta escura por baixo do colete do Submundo, luzes negras salientando os braços torneados com flashes azulados; o rapaz com a máscara de plumas no baile de formatura; *Jeb* surfando na areia *comigo* em carrinhos de chá e derramando o próprio sangue para salvar minha vida inúmeras vezes; *Jeb* me beijando depois de eu ter partido seu coração e lutando na noite do baile por mim e por todos os outros seres humanos.

Um dos fios em nosso coração se solta com uma pontada visceral, ressuscitando a voz:

A língua dele disse palavras lindas a você... Os olhos dele a cobriram em carinhosa contemplação. Nunca mais. A menos que impeça isso. Ele ainda pode

ser curado com magia, assim como ele, um dia, curou Morfeu.

É a *minha* voz — o meu raciocínio — muda e imóvel, desesperada por ser ouvida. Mas minhas cordas vocais estão dormentes, como se eu tivesse respirado a névoa negra do portão de Qualquer Outro Lugar. Assim como meu corpo, minhas palavras são prisioneiras dos tentáculos da Vermelha.

Mesmo assim, ela pode ouvir meus pensamentos libertados.

Jeb está ferido... mas pode ser salvo. Morfeu vai fazer o que é certo.

Morfeu não mostrará misericórdia, a Vermelha contradiz em minha mente. *Ele fará qualquer coisa pelo País das Maravilhas. Essa é a prioridade dele. É por isso que o escolhi para ser nosso rei. Por isso, e pelo fato de que, por causa da infância que passou com você, ele pode gerar uma criança que sonha. Que perfeição profunda essa mudança no destino acabou tendo.*

Mais um fio se desprende de meu coração, com dor precisa e aguda. Eu a aceito, porque ela me lembra de que ainda estou aqui. Estou viva. Tenho poder.

A determinação ferve em meu sangue, escalda minha pele. Concentro-me em meus dedos, forçando-os a apertar a mão de Morfeu.

Os olhos dele se arregalam. Ele olha de mim para o medalhão na mão da Copas. Um músculo em seu queixo dá um pulo.

— Faça uma escolha — a Copas diz, fervendo de raiva. — Ou o humano dá a vida ou o País das Maravilhas pertencerá aos habitantes do mundo do espelho.

Morfeu olha para a multidão de convidados dementes, salivantes e brutais, e para o corpo de Jeb ajoelhado. O sangue no queixo de Jeb já escorreu para a camiseta sob o colete do smoking, tingindo o tecido branco de vermelho-vivo.

Meus pés se contraem... As pernas doem... O estômago se revira. Cada parte de mim acorda lentamente, mas minhas cordas vocais se encolhem sob as garras da Vermelha. Luto para usar os membros. Suas gavinhas me seguram muito alto; não consigo pôr os pés no chão. Uma sensação agonizante açoita meus ossos, como punição por ter tentado. A Vermelha enrola meus braços em sua hera e os fixa junto do corpo.

Um lamento morre em minha garganta.

A memória me provoca por baixo da dor. Uma lembrança de que eu a sobrepujei um dia. Eu me mexo, ignorando a sensação interna de estar me partindo ao meio, e envolvo uma gavinha com os dedos. Eu a puxo. Regatos de sangue jorram de onde o ramo estica minha pele.

Mais uma das costuras em meu coração se solta... e outra, e mais outra. Eu berro com o ardor excruciante. Não consigo arrancá-la sem rasgar meu coração ao meio.

Derrotada, quedo-me inerte.

— *Depressa* — a Vermelha diz bem alto, usando-me como seu bocal, agora desesperada. — *Mate o rapaz e ela será sua rainha para sempre, Morfeu. Simples assim.*

— Dê-me seu relógio de vida! — a Copas grita para Morfeu. Ela ergue o medalhão no ar, balançando-o diante dele como um pêndulo, para tentá-lo.

Morfeu segura o colete de Jeb e o força a levantar-se. Jeb vacila, desequilibrado pela incapacidade de ver. Ele luta contra as amarras nas mãos e dá chutes às cegas para defender-se.

Morfeu volta o olhar para mim, as profundezas negras cheias de tanto remorso que sei o que ele vai dizer antes que abra a boca.

— Alyssa, me perdoe. Mas eu sempre farei o que é melhor para o País das Maravilhas.

— Não! — eu grito, enfim libertando minhas cordas vocais.

A multidão explode, fazendo os guardas e os pássaros trogloditas reforçarem a barricada.

Ainda segurando o colete de Jeb, Morfeu olha para o caos atrás de si.

— Agora! — ele grita.

Chessie e Nikki aparecem do nada e voam sobre a Copas. Nikki distrai a rainha enquanto Chessie mergulha e arrebata o medalhão, em seguida voando para o portão. Manti manda o sósia atrás do mágico felino. O fervor da multidão atinge uma intensidade frenética, e eles se voltam contra o grupo real e o palco.

A Copas dá um grito e Manti a arrasta para o castelo, protegendo-a.

A Vermelha berra dentro de minha cabeça. O som atinge meu ouvido interno

como uma serra descontrolada, fazendo-me girar desordenadamente com a vertigem.

Tudo à minha volta fica borrado, como se eu estivesse cavalgando um pião. Consigo ter alguns vislumbres: as gavinhas da Vermelha chicoteando Morfeu e Jeb e desequilibrando-os; Morfeu tropeçando em suas asas, batendo a cabeça e fechando os olhos; Jeb tropeçando na pedra atrás dele e empurrando-a para perto da borda.

As correntes presas à pedra arrastam seu corpo de cima do palco. Ele cai no poço. Nikki se lança sobre ele, tentando puxar as correntes, e em seguida mergulha na água atrás dele.

Minha visão distorcida se dissipa quando Jeb vem à tona, debatendo-se. As profundezas o puxam para baixo, engolindo-o — meu melhor amigo, meu dedicado amor, o homem que deixou tudo para trás por mim, mais vezes do que eu poderia contar.

A água se agita com bolhas vermelhas, ácidas.

Eu viro a cabeça, soluçando, fraca demais para ver o que sobrou dele voltar à superfície. Fico ouvindo sua voz em minha cabeça, um ano atrás, da primeira vez que nos beijamos. Estávamos no País das Maravilhas e eu pedi a ele que não partisse meu coração. E a resposta dele foi: “Eu arrancaria o meu primeiro”.

Ele não pode ter morrido. Isso não pode ser real. Deve ser um pesadelo.

Tudo em torno de mim se move em câmera lenta: Morfeu inconsciente no chão do palco, os convidados ensandecidos fechando o cerco, dominando os guardas e os pássaros trogloditas.

Tudo o que há de bom em mim morre. Toda a compaixão e a misericórdia afundam na parte mais obscura de minha alma. A cor do sangue as substitui, uma maré tortuosa na qual quero nadar para sempre.

Os convidados tentam se aproximar do palco, e os guardas e os pássaros recuam.

Covardes...

Em uma explosão de obstinação cruel, os mutantes, babando, passam por cima do corpo inconsciente de Morfeu sem tocar nele, com os olhos vidrados em mim, atraídos por minha herança real.

— *Você perdeu tudo* — a Vermelha provoca de algum lugar dentro de minha cabeça. — *Suas memórias falharam porque você pertence a mim agora. Renda-se ao meu controle e eu salvarei a nós duas.*

Entretanto, não eram somente as minhas lembranças que Morfeu queria que eu usasse.

— Acabem com ela! Arranquem o coração! — a turba de mutantes entoa enquanto se aproxima. As gavinhas-tentáculos da Vermelha se multiplicam, mantendo-os afastados.

Deixo que ela nos defenda, deixo que sua distração sirva como minha oportunidade para entrar ainda mais, buscar os momentos manchados de carmim que o diário me ajudou a suprimir. Eu os arrasto para a superfície: o rosto jovem e corado da Vermelha ainda criança, quando tentou segurar o espírito de sua mãe, o brilho rubi do cabelo de sua meia-irmã durante uma dolorosa aula de croqué, quando ela sentiu que o pai estava se distanciando, e o tom carmim profundo das fitas sussurrantes a anunciar o erro mais devastador da Vermelha, quando ela atirou o marido nos braços de outra mulher por causa das próprias inseguranças egoístas.

A Vermelha guincha, sem defesa contra o choque de seus arrependimentos. Suas memórias vingativas a esfaqueiam por dentro. Suas gavinhas se retraem para dentro de mim, minha pele se fecha em volta delas como se nunca tivessem existido. Meus pés tocam o palco.

Evoco minha imaginação, pensando nela como uma aranha presa pelo tórax com um alfinete, até que ela se encolha em meu peito, indefesa como um inseto preso a um quadro de gesso. A dor me apunhala, dilacerando-me enquanto ela sucumbe ao próprio sofrimento, e meu coração começa a se partir em dois. Eu me engasgo com o gosto de cobre.

Mas não vou morrer. Não até me vingar.

Concentrando-me nos letárgicos galhos dentro de mim, ordeno que eles apertem o órgão no lugar.

Ela não me possui mais. *Eu a possuo.*

A turba de mutantes me subjuga em um ataque de pelos, baba e garras. Eles puxam meu cabelo, grunhem em meus ouvidos e amarram meus braços nas costas. Então, me levantam e me levam para a beirada do palco de onde Jeb caiu.

— Acabem com ela! Arranquem o coração! — O coro mórbido fica mais frenético.

Sou passada por cima das cabeças, de criatura em criatura, surfando pela multidão na direção do poço do medo. O ódio dentro de mim vai crescendo, fervendo. Ele retira a cor do meu cabelo e o retorce em dreadlocks platinados, reavivados por pura magia — alimentando meu próprio e sombrio poder.

A esfera flamejante na pista atrai minha atenção. Visualizo a plataforma esquelética como uma centopeia, a pista tornando-se o exoesqueleto e a estrutura de apoio, as pernas. Com um pouco de persuasão, ela refaz sua posição. As rampas se abrem e libertam o grandioso inferno de vidro. Ele vem rolando pela pista virada, dá um salto e voa na direção do poço. Ele pousa no lugar e bloqueia a abertura, impedindo que as criaturas me joguem lá dentro.

A pista continua a se mover, feito uma serpente, emaranhando as cordas e a cobertura amarrada na estaca ao centro do palco. A cobertura se rasga ao meio e as cordas se apertam cada vez mais até que as paredes externas do castelo desmoronem para dentro, soterrando metade da multidão. Cinzas enchem o ar quando as pedras atingem o pátio.

Os que sobraram da turba me largam, como se estivessem estarrecidos pela minha magia. Eles grunhem, rosnam e resmungam entre si. Conseguindo me orientar, fico de pé, com os braços ainda amarrados às costas.

— Cubram os olhos dela! — berra uma besta símia. — A magia dela está na visão! — Um deles cobre minha cabeça com o saco que cobria a de Jeb, o amarra e me empurra para o chão, tirando o ar de meus pulmões.

— Agora queimem! Que ela vire cinzas!

Eu inspiro, louca por ar, confusa pelos cheiros de tinta e sabonete cítrico. O aroma de Jeb.

Minha mente repassa sua morte. Ele nunca mais verá sua família, nunca me abraçará, nunca mais me chamará de menina do skate. Sua linda arte permanecerá no reino humano, mas ele nunca poderá ver como ela tocará a vida das pessoas, nem poderá perceber que já era o homem que sempre tentou tanto ser.

As criaturas rosnam e dão patadas no meu corpo curvado — respiração quente e garras afiadas — enquanto me conduzem para o inferno dentro da bola.

Estou muito absorvida no lamaçal de emoções para pensar em uma saída, chocada com a ideia do coração de Jeb boiando no poço, em algum lugar embaixo da esfera em chamas.

A desolação me assola, mais dura que os socos que sacodem meus ossos enquanto sou arrastada para morrer no fogo. Eu me curvo em posição fetal.

Lágrimas crestam meus olhos e eu grito até os pulmões se encolherem dentro de mim feito botões de rosa ressecados, pequenos e inúteis.

Então, por baixo do eco de meu desespero, o delicado tilintar de asas de borboleta me faz lembrar: a armadura de Morfeu.

Eu tenho de viver... eu *vou* viver. Pelas pessoas que amo e pelo País das Maravilhas. E para vingar a morte de Jeb.

Só é preciso um pensamento e a franja protetora se solta das camadas afiadas de meu vestido. Muitas garras me forçam para baixo, então eu me contorço feito uma minhoca. Algo úmido e quente respinga em minha pele, seguido do cheiro de sangue à medida que as lâminas aladas cortam meus captores, um a um. Mesmo sem enxergar, posso senti-los recuando, embora sem desistir, excitados demais pela possibilidade de assistir à mutilação uns dos outros.

No instante em que se abre espaço, rolo várias vezes. Gritos de agonia se alternam com risos sinistros, pois as criaturas continuam atrás de mim.

Rolando cada vez mais depressa, invoco o vento para que me pegue e me erga em um ciclone. Cegamente, ceifo todos à minha volta, deixando tudo em pedaços.

Eu sou o vento.

Eu sou a fúria.

Eu sou o *pandemônio*.

Eu giro, giro e giro como o Gravitron até não ouvir mais nenhum ruído. Até que silencie o último grito e a última risada doentia.

Quando minhas revoluções diminuem, pouso levemente sobre os pés, com a cabeça ainda coberta e os braços amarrados. Fico de pé no lugar e ouço o som de passos caminhando sobre o sedimento atrás de mim. Sei quem é, antes que as mãos suaves, agora sem luvas, comecem a desatar os nós em meus pulsos e a tirar o saco de minha cabeça.

Morfeu fica atrás de mim, como se me desse tempo para absorver a destruição que minha loucura deflagrou.

Uma névoa suave permeia o ar, precursora de uma tempestade. Eu pisco sob a luz cinza. Não há nada nem ninguém de pé no pátio. Nem paredes, nem palco, nem mesmo a pista esquelética. Morfeu deve ter acordado a tempo de buscar abrigo em uma das torres durante meu ataque de fúria, porque somente o próprio castelo ainda está de pé, assim como o pórtico coberto que se abre para a ponte levadiça. Reduzi tudo o mais a cinzas e poeira.

A Copas espia de uma das janelas mais altas da torre.

Olho para ela.

— Eu sou a Rainha Vermelha agora! — grito. — Você está acabada. E estará morta, se eu voltar a vê-la! — É uma promessa e um desafio.

Ela larga a cortina, retirando-se para trás de suas pregas negras.

Manti, os guardas e os pássaros trogloditas observam de outras aberturas para avaliar os estragos, mas é óbvio que não querem nada comigo nem com a minha fúria.

Quando Morfeu me vira para encará-lo, a poeira dos restos dos meus atacantes engole minhas botas e se revolve ao vento. Filamentos de um vermelho vívido cobrem meus braços, mas não é o sangue de minhas vítimas. É o meu.

Percebo agora por que ele perguntou onde estavam minhas luvas antes. Ele sabia que tudo acabaria assim.

Tantas emoções brilham nele — perplexidade, preocupação, remorso... e a sempre presente adoração. Ergo a mão na direção de seu rosto e ele se retrai, como se previsse um tapa. Em vez disso, eu o afago e àquelas joias lindamente expressivas sob seus olhos, e em seguida fico na ponta dos pés e toco seus lábios com os meus. Seu sabor e calor me envolvem. Ele geme e pega meu rosto nas mãos, beijando-me com mais ardor, mas eu me afasto.

— Amo você — eu sussurro, porque ele tem o direito de saber a verdade antes que eu o mate.

Sua mandíbula se afrouxa, as feições delicadas cintilando com a névoa e o reflexo do suave brilho azul do cabelo. Os penetrantes olhos se abrem, turbilhões de paixão, esperança e felicidade desenfreada. Neles, vejo os confins do País das

Maravilhas... uma visão panorâmica do reino que nasci para governar. Em outro momento, eu teria sido atraída para dentro daquelas fascinantes profundezas, me perdido nelas. Agora, essas emoções delicadas estão fora do meu alcance.

Quando ele abre a boca para falar, coloco um dedo sobre seus lábios.

— É o meu amor por você que faz isso ser tão doloroso — digo com voz forte e resoluta. — Eu confiei em você e você me traiu.

Sua expressão desmorona e a indignação me percorre o corpo todo, tão poderosa que não consigo contê-la. Extraio a Vermelha de seu estado dormente, conjurando suas gavinhas a brotar de minha pele, comandando que obedeçam a *mim* agora.

Estendo um tentáculo e apanho Morfeu pela garganta, erguendo-o bem alto. Suas pernas balançam e as asas batem inutilmente.

— Eu fui ingênua o bastante para contar a você onde ele estava.

— Alyssa, espere — ele diz num sibilo, lutando para se soltar do galho enroscado em sua traqueia e sua carótida.

— Você o entregou. Você sabia que não podia confiar neles. Você brincou com a vida dele, depois de ele ter arriscado a dele para salvar você. — Minhas lágrimas retornam, de raiva e de angústia. Como se mostrasse compaixão, o céu se abre e uma chuva fina começa a cair, para lavar o sal quente de meu rosto. Lambo os lábios e sinto o sabor.

Eu vacilo, desequilibrada pelo peso de Morfeu. Minha pulsação se separa em duas tensões diferentes, e fica difícil respirar. O controle temporário da Vermelha sob meu coração duplo está tão frágil quanto ela agora, os fios se esticando porque estou usurpando seu poder.

Ignoro os alertas físicos e aperto o laço até a garganta de Morfeu inchar. Ele enterra as unhas na hera que o estrangula, desesperado por respirar. Vejo nosso filho em seus olhos e minha compaixão vem à tona, ameaçando me amolecer, mas a rainha já provou da vingança e está embriagada.

— Nada que você disser poderá mudar isso — murmuro em tom sombrio. — Nada pode merecer minha misericórdia.

As unhas de Morfeu se enterram na gavinha e ele inala ar suficiente para esganiçar algumas palavras:

— Você... é... o *País das Maravilhas*.



20

O País das Maravilhas

Eu afrouxo a tensão com que aperto o pescoço de Morfeu para deixá-lo respirar.

Ele traga o ar avidamente.

— Eu — ele diz, tossindo — vou sempre — respira outra vez — fazer o que for melhor para *você*.

Eu pisco, com lágrimas e gotas de chuva caindo dos cílios.

— Jeb está morto! — Meu grito arde na garganta e nos galhos que mantêm unido meu coração. Sinto tontura e titubeio. Volto a me orientar e puxo Morfeu para mais perto. Mais gavinhas irrompem de minha pele, envolvendo sua cintura e seu peito. — Como isso pode ser o melhor para mim? Responda!

— Menina do skate.

A voz vem de trás, não das cordas vocais comprimidas de Morfeu. Solto o galho que prende seu pescoço, mas os outros continuam a segurá-lo. Não consigo me virar, com medo de estar imaginando coisas.

— Escute, eu sei que ele é um pé no saco. — Uma mão forte e familiar toca a pele de meu cotovelo, e o calor faz meus cortes arderem. — Mas seria mais divertido usar um mata-moscas tamanho família. Coloque-o no chão, tá?

Morfeu sustenta meu olhar com um sorriso complacente curvando-lhe os lábios.

— Eu disse. — Em seguida, ele olha por cima da minha cabeça e dá outra golfada de ar. — Já era hora de você aparecer.

Meus membros tremem e eu abaixo Morfeu até o chão. As gavinhas se retraem para dentro de meu corpo e eu me viro.

É o CC que está olhando para mim. A cópia arlequim agora está usando túnica e calças de cavaleiro. Chessie está sentado em seu ombro, sorrindo de orelha a orelha. Duas das sombras criadas por Jeb estão sob o pórtico ao lado da ponte levadiça para não se molharem, as asas descansando enquanto aguardam novas ordens.

Extasiada, fico olhando o CC se transformar sob a chuva que cai.

As mangas de sua túnica estão arregaçadas, e uma tatuagem púrpura começa a aparecer na parte interna do pulso direito conforme a camada de tinta fresca é lavada pelas gotas. A ponta das orelhas, o remendo em forma de coração e as mutilações sob o olho esquerdo também se derretem. Sua cor de porcelana se esvai à medida que veios pretos, vermelhos e brancos vão escorrendo e revelam a tez morena de Jeb. Tudo — os cortes e o globo ocular deslocado, as joias de elfo e as orelhas pontudas — era pintado... e animado ao comando de Jeb.

De alguma maneira, ele e Morfeu conseguiram trocar Jeb por sua cópia.

Eles enganaram todo mundo. Inclusive a mim.

Balanço a cabeça. Chessie se lança do ombro de Jeb e flutua diante de mim. Seus olhos de torvelinho, que tudo sabem, me contam: Morfeu encontrando Jeb na masmorra; os dois sozinhos bolando o plano e entrando no quarto de Manti sem serem vistos porque usavam o traje de simulacro; Manti concordando com tudo, desde que ele pudesse bancar o rei fiel, para salvar sua reputação perante os olhos da rainha; Jeb pintando e animando o narguilé em miniatura que deflagrou minhas memórias humanas; e, finalmente, Jeb retocando o rosto de seu sósia com perfeição antes de pintar fios de sangue sob o tapa-olho e a mordaça, e em seguida mascarando as próprias orelhas e rosto com feições de elfo, pintura de arlequim no rosto, tapa-olho e buracos no corpo.

Chessie sorri novamente, os dentinhos reluzindo. Estendo a palma da mão e ele se deita de costas para que eu coce sua barriga. Com um grunhido de contentamento, ele se lança ao ar e voa em linha reta para Morfeu, que o manda ir procurar seu chapéu em meio às cinzas.

Volto-me para Jeb, ainda tremendo.

— A imagem do CC. O rosto dele. Eu pensei que você não conseguisse acabá-lo.

Jeb esfrega o piercing com o polegar.

— Porque eu não conseguia ver dentro do meu coração. Desde que eu consigo me lembrar, sempre medi o meu valor me comparando ao meu pai, ou ao sucesso da minha arte. Você me dizia o tempo todo que eu escolhi ser melhor do que meu pai. Que foi uma *escolha*. Eu finalmente entendi que você tinha razão. Toda vez que a sua vida estava em perigo, meu primeiro pensamento era ajudar você. Como hoje. Mesmo se eu não conseguisse pintar uma saída, teria encontrado outra. Essa é a única coisa boa que aprendi na minha infância. Ver o que existe de pior me ajudou a escolher ser melhor. Este lugar me fez enfrentar meus demônios. Mas você... sempre acreditou que eu poderia derrotá-los. E eu derrotei. E agradeço você por isso, Al. — Seus olhos verdes brilham com um autocontrole que nunca tiveram. Uma aceitação total e irrestrita.

A chuva para, e a realidade se instaura.

Jeb está vivo e inteiro — em todos os sentidos. Morfeu não nos traiu. E todo o horror que acabei de testemunhar foi uma mentira brilhante e louca.

Jeb enrola um de meus dreadlocks loiros em seu dedo.

— Você está bem?

Fico tentada a gritar com ele por ter me deixado acreditar naquelas coisas horríveis sobre os dois. Mas estou tão contente por ele estar vivo, aqui, do meu lado, conversando comigo... me tocando...

Quero pular em seus braços e abraçá-lo bem apertado. Todavia, como meu vestido é uma máquina mortífera, me contento em pressionar a mão contra seu peito. Seu coração bate forte por baixo das roupas. Nunca mais deixarei de dar importância a isso, nem ao fato de ele ainda possuir um relógio de vida.

— Nunca mais me assuste desse jeito — digo.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Epa, essa fala é minha. — Usando meu dreadlock, ele puxa meu rosto para mais perto e roça os lábios e o labret na minha testa, e depois na têmpora, até a boca, dando um selinho.

Morfeu começa a bufar.

— Bem, isso tudo é muito lindo. Mas fui eu que ganhei um galo no coco e quase morri estrangulado.

Jeb me solta, revirando os olhos.

Com tapinhas, Morfeu tenta, em vão, tirar as cinzas grudadas em suas roupas.

— E você ganha toda a atenção dela, mas ficou com a parte mais fácil. *Seguir Chessie até lá fora e levá-lo até o lugar onde o pai e o tio dela estão escondidos.* Oooh, que medo.

Contendo um sorriso, observo as marcas vermelhas em seu pescoço que parecem queimaduras de cordas.

Pego a mão dele e a aperto.

— Me desculpe. Eu não sabia.

O polegar dele escorrega dos meus dedos.

— Você não podia saber. No momento em que a Vermelha entrou em você, tudo o que você soubesse ela também saberia. Tivemos que criar um plano para pegar o medalhão e fazer você se lembrar de sua força e ficar com raiva suficiente para domar o espírito dela sem que ela soubesse. Sem que você soubesse. Era a única maneira.

A única maneira...

A frase me faz recordar o conselho de papai quando chegamos aqui: *Você nunca matou ninguém, Allie. Certifique-se de que essa é a única maneira. De outro modo, isso vai assombrá-la...*

Volto a olhar para toda a chacina que causei. Meu estômago se revolta.

— Era a única maneira.

— Era, sim — Jeb diz ao meu lado.

— Certamente era — Morfeu concorda. Seu olhar se volta para a pilha de cinzas, deixando claro que ele compreende que estou falando de muito mais do que o plano deles. Estou contente que Jeb não estivesse aqui para testemunhar meu ataque de fúria. Já basta que ele tenha me visto sob o domínio da Vermelha.

Chessie emerge de uma pilha de escombros, propelindo o chapéu empoeirado

de Morfeu, como fez com o roupão na estalagem ontem. O chapéu ziguezagueia pelo ar, mas Chessie se recusa a soltar o prêmio. Sua cabeça espia por trás e o sorriso maroto se abre quando Morfeu faz uma careta.

Eu mordo o lábio inferior, com mais uma dúvida me incomodando.

— E quanto ao Manti... você o atacou no palco. Foi parte do plano?

— Sim — Jeb responde. — Mais ou menos. — Ele inclina a cabeça, apontando Morfeu. — Você pegou pesado.

Morfeu estala a língua.

— Meu desempenho foi perfeito — ele comenta, finalmente conseguindo pegar seu chapéu de Chessie.

— Certo — Jeb diz, zombando. — Tenho certeza de que meus maus-tratos não teriam deixado você histérico, seu dramático.

Morfeu sorri com desdém.

— Faz sentido. Por outro lado, seu desempenho como robô desmiolado foi impecável.

Os lábios de Jeb se curvam, como se ele estivesse tentando conter um sorriso.

— Olha, eu ainda tenho tinta suficiente para fazer aquele mata-moscas.

— Tsc, tsc. Não precisa usar de violência. — Morfeu limpa a poeira do chapéu e o coloca na cabeça. — Eu só estava dando o crédito merecido.

Os olhos deles brilham com leveza, como quando eles me provocam. Estão gostando dos gracejos. Há até mesmo certo tom de respeito quando antes havia pouco mais do que tolerância.

Meu coração fica cheio, os dois lados dele, orgulhoso de como eles trabalharam juntos e deixaram os ressentimentos de lado por um bem maior. A sensação é maravilhosa, mas causa mais uma pontada — um estalo visceral atrás do esterno.

Falta-me o ar.

— Al, você está branca como papel. — Jeb olha para Morfeu com preocupação. — Talvez ela esteja perdendo muito sangue.

— Talvez. — Morfeu pega meu pulso esquerdo para senti-lo. Posso adivinhar,

pelo arco de suspeita em sua testa, que ele está pensando no meu ataque de anemia na sala de jogos da Copas.

Eu me afasto.

— Estou bem. De verdade.

Jeb vira meu outro braço para avaliar o estrago. Eu me contraio quando minha pele ferida se estica.

— Eu não tenho a magia dela — Jeb diz. — Não posso curá-la.

— Eu posso, quando estiver recuperado. Por enquanto, vamos estancar o sangue. — Morfeu tira seu lenço manchado de tinta, fazendo-me lembrar nossos momentos na sala da Copas. Ainda não consigo acreditar que quase o estrangulei. E depois de professar meu amor... algo que ele esperou tanto para ouvir.

Com um olhar, ele alivia minha culpa. Mesmo sem estar dentro da minha cabeça, sei no que ele está pensando: que compreende meu lado sombrio e suas facetas cruéis; que, de fato, são essas mesmas facetas que o desafiam e o fazem sentir-se vivo.

Faço um sinal de agradecimento. Ele pisca para mim e pressiona o lenço com cuidado sobre minha pele.

Uma forte rajada de vento varre o pátio, revolvendo montes de cinzas molhadas e formando uma nuvem furiosa. Um túnel de vento surge a distância, logo acima do penhasco onde pousamos esta manhã.

Jeb pega meu cotovelo com cuidado.

— Temos que ir. Seu pai, seu tio e o outro cavaleiro estão naquele arvoredo, esperando. Nós temos um funil de vento para pegar.

— Você disse *nós* — comento enquanto vou rapidamente com eles na direção do pórtico para reaver as sombras pintadas.

Jeb lança um último olhar para o poço do medo e a enorme bola de fogo que o cobre, como se procurasse fantasmas.

— Não tenho razão para ficar.

Sou egoísta, porque estou contente que todas as criaturas que ele criou na montanha tenham sido destruídas. É irônico que eu deva agradecer a Morfeu por

isso também. Ou talvez ele tenha planejado tudo desde o começo. Nunca canso de me surpreender com a amplitude do escopo de suas maquinações.

— Pobre Nikki — Jeb fala com voz pesarosa.

Com um sinal da cabeça, Morfeu concorda, triste, e Chessie desmorona em seu ombro, o sorriso virado para baixo.

— Eu pensei que ela estivesse tentando salvar seu criador — acrescento enquanto passamos pelo pórtico e subimos na ponte. — Mas ela estava tentando salvar seu amigo.

— Ela era uma fadinha corajosa — Morfeu reconhece. — E, por falar de fêmeas pequenas, mas ferozes, é hora de você abrir as asas, amor.

Não me sinto tão feroz. Só essa pequena caminhada pelo pátio já me deixou exaurida. Não sei quanto tempo ainda tenho antes que o poder da Vermelha se esgote e os galhos que seguram meu coração cedam.

Por um segundo, penso em contar aos rapazes sobre seu feitiço, compartilhar minhas preocupações para não ter de carregá-las sozinha. Mas de que adiantaria? Eles ficariam atormentados porque não conseguiriam revertê-lo. Ninguém pode.

A própria Vermelha disse que não havia magia que pudesse me curar.

Meus olhos ardem nas bordas. Nunca me senti tão só.

— Vamos pegar sua mãe. — Jeb recua para que minhas asas possam se abrir completamente.

Forço um sorriso, deixando para trás a sensação lancinante em meu esterno, e alço voo, ávida por ver papai e abraçá-lo. Com Jeb levado por sua sombra de um lado e Morfeu com a dele do outro, rumamos para o penhasco e para o nosso transporte até o País das Maravilhas.

Enquanto voamos, a lembrança de minha visão de mamãe me açoita como as correntes de vento. Ela está segura, mas o coração do País das Maravilhas está aflito. O que enfrentaremos ao chegarmos lá? Só espero que eu possa consertar as coisas antes que meu próprio coração aflito entregue os pontos.

Poderei morrer satisfeita se souber que o País das Maravilhas viverá.



Tenho tempo somente para absorver as asas, despir-me do vestido mortífero e vestir uma túnica extra sobre minha legging de couro antes de ser sugada para dentro do túnel de vento e largada diante do portão que leva ao País das Maravilhas. Depois que coloco todos a par de minha visão com minha mãe e a Marfim, tio Bernie se despede de nós com um abraço. Prometemos visitá-lo quando retornarmos ao reino humano.

É uma promessa que receio não poder cumprir.

Deixando tio Bernie com os outros cavaleiros, atravessamos o portão sem ninguém saber que estou abrigando uma fugitiva. Depois disso, exceto pelo fedor horrível de podridão, viajar pela garganta de quase meio quilômetro de madeira tulgey não é nem de perto tão aterrorizante ou perigoso como eu esperava. Em parte porque papai já se aventurou por aqui antes e nos conduz pelo caminho, mas também porque a tulgey está congelada. Literalmente.

Morfeu já esperava por isso e até nos preparou. Ele disse que, de acordo com a minha visão, a Marfim congelou tudo para desacelerar o feitiço de degeneração colocado pela Vermelha. Para nos dar uma oportunidade de revertê-lo.

Avistamos a boca aberta da árvore sob uma luz nebulosa, prateada. Nossa respiração forma nuvens de condensação enquanto manobramos em torno da língua gigante acinzentada pelo gelo, usando os dentes lascados como degraus.

Eu salto da mandíbula desengonçada para o bosque, atrás de papai. Jeb e Morfeu vêm em seguida. A grama de néon brilha com a geada e quebra ruidosamente sob minhas botas. Um cheiro de mofo paira no ar, embora tudo esteja envolvido pelo inverno.

Galhos emaranhados e refugos do espelho — intraterrenos que foram cuspidos da tulgey em estranhas e terríveis formas —, todos imóveis. Morfeu identifica as criaturas: uma formiga carpinteira com corpo feito de ferramentas; uma vespa com nariz de trompete; e um inseto com corpo de gafanhoto e cabeça de cavalo exibindo um torrão de grama congelada no focinho — como se em plena mastigação.

A cena é assombrosamente igual à do chá da tarde congelado que Jeb e eu encontramos em nossa primeira viagem para cá. Entretanto, diferentemente do chá, não há nenhum relógio quebrado que tenha aprisionado o tempo em sua cela de gelo. Isto é algo completamente diferente.

Meu olhar cruza com o de Jeb e ele faz um sinal com a cabeça, reconhecendo

a lembrança.

Morfeu para ao meu lado. Salpicos azuis brilhantes giram em torno de suas mãos, como luvas de fibra óptica. Elas se acendem, apagam e voltam a se acender. A magia dele titubeia conforme vai esquentando, como o motor de um automóvel que ficou muito tempo sem ser ligado.

— Tem certeza de que nos contou tudo sobre sua visão? — ele me pergunta enquanto Jeb e papai procuram um caminho.

— Creio que sim. — Esfrego a testa. — Eu estava... em um lugar esquisito quando a tive. Por quê?

Morfeu faz beicinho.

— Eu esperava ver o solo sob um inverno perpétuo. Mas a Marfim congelou os habitantes. Não consigo entender o motivo. Era a paisagem que corria o perigo de deterioração. Não os intraterrenos.

Eu mordo o lábio. Alguma coisa cutuca minha mente lá no fundo. A mamãe não usou uma palavra estranha para descrever a doença que tinha acometido tudo? Mas não consigo lembrar qual era... começava com *E*.

Frustrada com a minha amnésia, vou até onde papai e Jeb estão retirando galhos que caíram sob uma trilha que parece ser a única saída.

Papai para quando eu me agacho para ajudar.

— Allie, pode deixar com a gente. Não quero que suas feridas voltem a abrir. — Ele se vira para Morfeu. — Será que vai poder curá-la logo?

Luminosos orbes de luz azul — fortes e firmes — explodem na ponta dos dedos de Morfeu. O brilho se reflete em sua face. Ele sorri como um menino encantado.

— Sim.

Chessie dá voltas em torno dele, rodopiando em comemoração.

Com um sinal de cabeça, papai agradece. Ele tira sua adaga de ferro da bainha no ombro.

— Muito bem. Jeb e eu vamos ver se esta trilha é segura. Voltamos logo.

Jeb aperta a minha mão antes de segui-lo. Eu a seguro, surpresa por ver que sua tatuagem ainda está brilhando, embora, em vez de violeta, esteja vermelha.

Ele ergue as sobrancelhas, parecendo confuso, e desce as mangas da camisa, num pedido silencioso para que deixemos esse mistério para depois. Ele e papai se agacham sob uma massa de galhos tulgey e somem de vista.

Os olhos de Chessie se reviram, contando a mim e a Morfeu quanta saudade ele sentiu de casa e como quer visitar seus refúgios prediletos.

— Primeiro, encontre a mãe de Alyssa e a Marfim — Morfeu insiste. — Diga a elas que estamos aqui. Se as portas nos espelhos estiverem funcionando, peça a elas que abram uma para nós.

Chessie concorda e parte, desviando de algumas árvores quase grudadas umas nas outras antes que eu possa piscar.

Morfeu levanta as mãos, testando seu poder. Filamentos elétricos azuis atingem cada galho da copa acima de nós, balançando-a e libertando flocos brancos. Ele fica ali de pé — com as asas num arco alto —, orgulhoso e régio enquanto uma chuva de flocos macios cai sobre ele. Um riso franco ressoa do fundo de seu peito. Está tranquilo e brincalhão, ainda mais do que estava em seu quarto em Qualquer Outro Lugar. Ele ficou tanto tempo sem sua magia que agora está embriagado dela.

A neve cai sobre mim também, fria e refrescante. Ela me faz lembrar o Texas e as nevascas sazonais em que Jeb, Jenara e eu brincávamos quando crianças. Bonecos de neve, sorvete de neve, fortes de neve. Não consigo me conter e rio com ele, apesar da fraqueza que sinto.

— Dance comigo, flor — ele convida, e, quando hesito, me puxa com sua magia. Eu me aninho em seu peito, saboreando sua vitalidade, querendo poder absorvê-la.

Ele passa um braço pela minha cintura e pega minha mão. Com os lábios pressionando minha cabeça coberta por dreadlocks, ele cantarola a canção de ninar enquanto sua voz interior enche minha cabeça em uma frequência que só eu posso ouvir:

— *Você me deixou extasiado hoje. Tão desinibida. Tão cheia de malícia.*

Eu sorrio secretamente e sigo seus passos graciosos. Suas asas cascateiam à nossa volta feito rodamoinhos de tinta etérea.

— *Na verdade* — a voz de sua mente continua —, *agora que recuperei minha magia* — ele me gira, em seguida me puxa novamente para si —, *espero que*

você me permita outra tentativa em nosso jogo.

— Jogo? — eu pergunto.

— Não sou avesso a um pouco de violência — ele responde, agora não mais cantarolando. Pega minha mão, dá uma mordidinha nas juntas dos dedos e depois os conduz para as marcas vermelhas em seu pescoço. — Rainha raivosa e lacaio voluntarioso... esta será a regra para o nosso jogo de amor. Sem as gavinhas da Vermelha, e nós dois escassamente vestidos.

Eu desdenho.

— Está delirante.

— Prefiro o termo “enlouquecido”.

Eu sorrio para ele, animada por vê-lo provocativo e contente. Pressiono a orelha contra seu peito para poder ouvir as batidas fortes do coração. Tento fazer meu coração duplo se fundir a uma batida e seguir seu ritmo perfeito. Não consigo.

— Alyssa, estou inteiro novamente — ele murmura enquanto o ritmo de nossa dança vai diminuindo até chegar a um mero balançar.

— Eu sei.

— Jebediah está inteiro também.

Não respondo, porque, de alguma maneira, Jeb ainda mantém a magia da Vermelha e não sei direito o que pensar sobre isso.

— Então, você deve convencê-lo a libertá-la de seu voto — Morfeu acrescenta, resoluto.

Começo a me afastar, mas ele me abraça com mais força.

— Você me ama. Você admitiu.

— Eu amo você, sim.

O corpo dele reage tremendo, como se não conseguisse conter as emoções diante de minha resposta.

— Nós dois sabemos que você fez esse voto para tirar seu mortal de Qualquer Outro Lugar. Para dar-lhe fé em sua humanidade e em você. Seu estratagema salvou a vida dele.

Cerro os dentes.

— Não foi a única razão pela qual eu o fiz. — É importante que ele aceite o meu amor por Jeb. Terei de dizer a Jeb a mesma coisa sobre Morfeu antes de ir. Não vou deixá-los com mentiras pairando entre nós. — Eu amo *vocês dois.*

Morfeu fica tenso e volta a dançar comigo no espaço pequeno, refazendo nossos passos pela neve até nossas pegadas se apagarem. Nós rodopiamos de uma ponta à outra, como se ele achasse que pode me distrair de minha própria verdade.

Por fim, sem fôlego, nós paramos de cara um para o outro. Toda a alegria de antes se apaga como uma vela, e nossas respirações formam nuvens de condensação.

— Já cansei de esperar. É agora ou nunca. E não ouse esquecer que nossa união garantirá que o que aconteceu com seu pai nunca mais aconteça com outro humano. Ninguém mais será aprisionado pela Irmã Dois, porque nós presentearemos o País das Maravilhas com nosso filho capaz de sonhar.

Suas palavras me atingem, fazendo-me perceber que isso ainda não havia passado pela minha cabeça. Como estou morrendo, nosso filho não nascerá. O País das Maravilhas terá de continuar roubando crianças para pegar os sonhos delas para sempre. A não ser que encontremos uma alternativa.

Sinto uma pontada aguda atrás do esterno e um sabor amargo e metálico na garganta.

Pouso o rosto no peito dele, abafando um soluço.

— Eu pensei que estivéssemos dançando.

Em resposta, ele me rodopia. Eu me solto e vou parar diante do tronco de uma árvore. A expressão dela está congelada em uma careta sombria com a boca aberta, igual à da árvore da qual saímos. Eu me afasto e analiso todas as árvores tulgey que consigo ver. Todas têm a mesma expressão, como se o momento em que foram congeladas tivesse sido horrível.

O coração do País das Maravilhas está morrendo. A estagnação está próxima. Venha logo. Vamos aguentar o máximo que pudermos.

— Estagnação — eu murmuro.

— O que disse? — Morfeu pergunta, surgindo atrás de mim.

— Estagnação. Foi a palavra que a mamãe usou quando disse para nos apressarmos. Ela me disse que a estagnação estava se aproximando.

Olho para trás para ver a reação dele. Seu queixo está retesado; o lindo rosto, abatido. Ele analisa as árvores e os dejetos do espelho.

— Eu achava que a Vermelha tivesse somente lançado um feitiço. Mas foi uma praga... um extermínio. *Tristeza tóxica*.

— Não entendi.

— Os estagnados são criaturas microscópicas. Sua destruição é tão devastadora e completa que eles foram mantidos confinados durante séculos. Cada castelo tem um suprimento deles guardado a sete chaves, como um meio de se manter a paz. De se manterem os dois reinos sob controle.

Balanço a cabeça, compreendendo.

— Destruição Mútua Assegurada... Os dois lados sabem que qualquer ataque ao outro será devastador para eles mesmos. Temos a mesma coisa com armas nucleares em nosso mundo.

Morfeu coça a têmpora.

— A Vermelha deve tê-los tirado de fininho antes de ser destituída do trono. Quando ela lançou sua vingança contra nós, não planejava simplesmente destruir a beleza daqui... ela ia erradicar tudo.

— Mas por quê? Eu achava que ela quisesse o reino dela de volta.

— Deve ter sido um plano alternativo, caso algo desse errado com o plano de Alice. Desse modo, ela poderia nivelar todo o País das Maravilhas, e depois reconstruí-lo a seu bel-prazer.

— É claro. Faz sentido. Ela queria reinar sobre tudo. — Estou prestes a contar a ele como ela pretendia usar nosso filho como moeda de troca para derrotar a Marfim e controlar os dois reinos, mas ele me interrompe.

— Ela deve ter libertado a praga depois que você voltou para o reino humano — ele diz. — Depois que ela encontrou um novo corpo para habitar. Foi aí que tudo começou a desmoronar.

— E foi aí que você tentou me fazer voltar. — Vou até a árvore mais próxima e passo a mão cheia de cicatrizes sobre a casca gelada. Sinto que Morfeu se aproxima, mas não me viro. Estou envergonhada demais. — Eu deveria ter

ouvido.

— Você teve a sua curva de aprendizado. — Há certa moderação em sua voz. Ele está bravo. — O que importa é o que vai fazer com o que aprendeu.

— Mas a magia da Vermelha pode reverter isso?

Ele suspira, colocando a mão junto da minha sobre a árvore, de modo que seu corpo e suas asas me resguardem.

— A esta altura, trata-se de mais do que reverter. É preciso renovar. Criar um mundo novo é a única maneira de se deter a infecção, e só o poder daqueles que experimentaram a magia da coroa é capaz disso. É necessário que as linhagens dos dois reinos trabalhem juntas. A Marfim não poderia fazer isso sozinha. Foi por isso que ela congelou tudo. Para impedir que os habitantes fossem infectados até você voltar e ajudá-la. Juntas, vocês recriarão as paisagens e depois, quando elas estiverem puras, a Marfim poderá libertar todos os intraterrenos de sua suspensão em segurança. Pode ser necessário usar cada fagulha do poder deixado pela Vermelha, combinado com o seu e o da Marfim, para controlar uma epidemia tão disseminada.

Lágrimas brotam de meus olhos, porque minha magia só é tão forte quanto eu, e a da Vermelha está diminuindo.

Morfeu afaga meu cabelo no lugar onde ele pousa sobre meus ombros.

— Há um lado bom nisso, amor. Você não precisa expulsá-la. Simplesmente, esgote-a. E, então, ela estará finalmente derrotada. Para sempre.

Ele não percebe que já usei a maior parte do poder dela. Ao tentar me manter viva, condenei o País das Maravilhas à morte. Nunca pensei em quanto nossos destinos pudessem estar interligados.

Eu me contorço, minha mão escorrega pela cara da árvore e desabo ao chão.

— Alyssa? — Morfeu se agacha ao meu lado imediatamente. Ele pega meu queixo e me força a olhar para ele. — Está se sentindo anêmica de novo?

Faço força para respirar. Meu peito é arranhado, como se eu inalasse abelhas furiosas. O sangue sobe à minha garganta e me engasga.

As joias no rosto de Morfeu piscam em um ansioso caleidoscópio de cores. Ele tira o casaco, me envolve nele e arregaça as mangas.

— Tire as botas para que eu possa curá-la.

Meus dentes rangem a qualquer movimento. A única maneira de controlar a dor agonizante, de impedir que meu coração se rasgue ainda mais, é ficar congelada, como tudo à minha volta.

Morfeu se cansa de esperar, tira a minha bota ele mesmo e sobe minha legging. Ele acaricia a tatuagem da qual sempre fala para me provocar, e em seguida pressiona nossas marcas uma contra a outra. Uma faísca se desprende delas, expandindo-se feito uma chama pelas minhas veias. O poder cura seu pescoço e meus braços, mas não chega a atingir meu coração.

Durante a eufórica corrente de calor, o olhar de Morfeu encontra o meu e sinto-me desnudada até os ossos. Ele vê o problema.

— Oh, florzinha. — Sua voz é um poço de desespero. — Por que não me contou?

Fecho os olhos com força.

— Me desculpe. — O pedido de desculpas se transforma em um arquejo.

— Não — ele esbraveja. — Você tentou me contar. Na montanha. E na sala de jogos da Copas. Eu estava preocupado demais para ouvir.

Chega de culpa. Ele precisa se concentrar no nosso lar.

— Encontre um modo. — Engulo outra descarga de sangue e saliva. — Salve o País das Maravilhas.

Morfeu me ergue nos braços, aninhando-me com carinho.

— É exatamente o que pretendo fazer. — Embora eu possa sentir seu calor através de nossas roupas, estou tremendo.

Com os olhos semicerrados, observo um raio azul saindo de seus dedos para os galhos acima de nós. Usando-o como cordas, ele abre a copa ao meio. Suas asas batem, provocando rajadas de neve. Nós saímos do bosque e ganhamos o céu. O solo adormecido do País das Maravilhas passa lá embaixo, a uma altura estonteante — branco e brilhante. Pontos pretos surgem nas bordas de minha visão periférica.

Meu estômago se revira uma vez, lembrando-me de que ainda estou viva. Em seguida, fecho os olhos e encaro a escuridão que me aguarda.



21

Suturas

O som de pequenos sinos me acorda, retinindo melodiosos. Uma comoção de fadas paira sobre meu corpo. Meus dreadlocks sumiram e o cabelo está solto em leque sobre o travesseiro, em ondas loiras e lustrosas. As fadas manejam pincéis de maquiagem e colocam broches de joias cintilantes no lugar com a precisão e eficiência de um lava-rápido, deixando um aroma de perfume e talco em sua esteira.

Uma fada roça o meu nariz e faz cócegas na ponta. Ela se parece tanto com Nikki que preciso olhar outra vez. A coceira que ela causou evolui para um espirro, o que faz todas as fadinhas se espalharem feito sementes de dentes-de-leão.

Elas soltam trinados, reclamando.

Eu esfrego os olhos, me sento e observo o entorno.

Estou afundada em uma cama enorme, coberta por edredons de plumas tão brancos e fofos que parecem montes de neve. As fadas recolhem cestas do chão de mármore branco, quatro em cada alça, e saem voando pela porta entreaberta.

Eu pisco. Nunca estive aqui, mas conheço este lugar dos esboços que Morfeu desenhou na contracapa do livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* de mamãe. Este é o castelo de vidro da Marfim, e estou em um quarto ornamentado: paredes de vidro cobertas de gelo para dar privacidade e castiçais

de cristal sem velas nem pavios. Suas chamas prateadas flutuam, como pirilampos suspensos no ar.

Uma espreguiçadeira cristalizada está diante da lareira, onde crepitam mais chamas. De alguma maneira, elas produzem calor e luz sem derreter o gelo das paredes. Mamãe e papai dormem profundamente sobre as almofadas brancas, ela no colo dele e as pernas dos dois entrelaçadas. O bonito perfil de meu pai está desalinhado, o nariz enfiado no cabelo loiro-avermelhado dela. Os fios se mexem, cheios de magia. Suas asas transparentes estão dobradas atrás dela como uma borboleta que descansa.

Eles são tão adoráveis juntos. O cavaleiro Branco e sua mágica consorte, finalmente nos braços um do outro. Apesar de tudo o que passaram para chegar a este lugar, seu amor nunca vacilou. Eles merecem isso mais do que qualquer pessoa que eu conheça.

Meu coração se incha de felicidade e eu me preparo para a dor lancinante que certamente virá em seguida. Em vez disso, uma pequena onda reverbera a emoção. Parece uma libélula chocando-se contra meu esterno — delicada e vibrante. Respiro fundo, mais forte e mais em paz do que jamais estive desde que comecei esta jornada, quem sabe na minha vida toda.

Alguma coisa me atiça no fundo do crânio. A Vermelha ainda está lá, recolhida em lamentação, mas perdendo poder a cada segundo. É só uma questão de tempo até ela se esvair de mim e murchar até se transformar em nada. Sou a única coisa que a mantém lá dentro, mas posso deixá-la ir quando estiver pronta. Seu feitiço sobre meu coração foi revertido.

Como?

Olho para a camisola que me cobre. É feita de tecido branco puro e renda — transparente como o vidro que cerca esta sala —, com fendas nas costas para as asas. Um collant de renda prateada oferece certo recato.

Uma luz indistinta de cor púrpura pisca por baixo do peito do collant. O brilho irradia de *dentro* de mim... sob minha pele e de trás do esterno.

Meu estômago se revira. A última vez que vi esse tipo de magia, ela vinha de dentro de Jeb — uma combinação das magias da Vermelha e de Morfeu.

Passos estalados chamam minha atenção para a porta de cristal. Uma cabeça nua brilha nas sombras. Olhos rosados e orvalhados brilham por dentro da pele

albina que pende em camadas de rugas, como um filhote de shar-pei.

— Atrasado, digo. Rainha Alyssa. Atrasado estou eu.

Aliso meu vestido e sorrio.

— Rábido. Fiquei preocupada. Pensei que você estivesse congelado.

— Convidados ao castelo de gelo somos nós. Antes do inverno chamados pela fada Marfim.

Então foi isso que eu vi em meu primeiro sonho com mamãe. A Marfim trouxe Grenadine, minha mãe e meu conselheiro real, o Rábido Branco, para cá, onde estariam protegidos dos estagnados.

A silhueta do Rábido, do tamanho de um coelho, aguarda no corredor, imóvel.

— Por favor, entre. — Aceno para ele. Ele passa pela soleira em um salto. Seus lábios espumantes fazem biquinho de concentração enquanto equilibra a coroa de rubi sobre uma almofada nas mãos enluvadas.

Seu corpo esquelético se chacoalha dentro do fraque vermelho a cada movimento bamboleante. Coloco um dedo sobre a boca para pedir silêncio.

Ele olha para meus pais adormecidos e diminui os saltos para passos desajeitados, intuitivos apesar de sua expressão sinistra com olhos arregalados. É isso que faz dele um conselheiro real formidável. Como a maioria dos intraterrenos, ele é ambíguo. Introspectivo e insondável quando necessário. Foi assim que ele me enganou no ano passado, fazendo-me pensar que queria me matar, quando o tempo todo ele só queria me colocar no trono.

Ele está vestido como da primeira vez que o vi, só que hoje o casaco é flocado e tem botões de veludo preto e uma gola de pele combinando.

Encho-me de compaixão por essa forma hedionda escondida sob roupas extravagantes. Nunca me esquecerei de como a Vermelha o despiu de seu orgulho e de sua pele. Uma parte de mim quer contar-lhe a verdade. Que foi ela quem causou sua deformidade; que, quando salvou a cara dele do ácido, foi somente uma manobra para garantir sua lealdade. Mas de que adiantaria lhe contar que ele foi um peão? A Vermelha não é mais uma ameaça para ninguém. É triste, na verdade, ver como ela está imprestável e impotente agora.

Uma pontada de profundo remorso me cutuca o crânio onde ela se esconde. Ela cresce à medida que o Rábido se aproxima, o bastante para a Vermelha

sussurrar dentro de mim:

— Por favor... alivie meu sofrimento. Deixe-me dizer a ele que me arrependo de minhas ações e depois me liberte para que eu não mais exista.

Tarde demais, eu sussurro em resposta lá dentro, resistindo a toda e qualquer propensão à misericórdia. *Ainda vou decidir seu destino*.

O Rábido aproxima-se da cama e estende a almofada. Suas antenas brancas e peludas quase o fazem tropeçar quando ele se ajoelha. Seguro sua cabeça para equilibrá-lo. Nós vivemos muitas coisas malucas juntos quando ele entrou no reino humano antes do baile de formatura apocalíptico. Ele conquistou minha confiança e afeição eternas.

Ele suspira — um som de contentamento — e continua:

— Hora chegou, diz Rainha Grenadine. — A espuma escorrega dos cantos de sua boca enquanto ele fala. — Coroar Rainha Alyssa, ela ordena.

Intrigada, pego a almofada e coloco-a no colo sobre as cobertas. Enrolada no centro da coroa está uma chave incrustada de rubis com uma corrente filigranada. Eu a coloco no pescoço. Senti falta de usar a chave do reino no peito. Com a ponta dos dedos, percorro a intrincada estrutura dourada da coroa e a ergo, fazendo os rubis cintilarem sob a tênue luz.

— Alyssa, não! — A voz assustada de mamãe faz o pobre Rábido lançar-se de cabeça no chão. Coloco a coroa de lado, afasto as cobertas e viro os pés descalços para ajudá-lo a ficar de pé. Mamãe e papai já estão ao meu lado, piscando os olhos sonolentos.

— Olá? — eu digo, mais como uma pergunta. Eles me abraçam, me espremem entre o perfume floral dela e o cheiro puro de musgo que vem dele. Mamãe beija minha testa e papai roça o nariz em meu cabelo ondulado todo arrumado.

— Ficamos tão preocupados — mamãe sussurra.

— Estou bem — respondo. Olho para papai. — Mas não entendo como...

Ele abre a boca, mas se cala quando o Rábido sobe na cama e escava as cobertas em busca da coroa, estendendo-a uma vez mais.

— Pronto para servir à Rainha Alyssa estou eu. Tempo muito esperei. Muitas dívidas a pagar. Leal, sempre e eternamente.

— Ainda não é o momento. — Mamãe limpa lágrimas de seu rosto e pega a coroa das mãos do Rábido.

Ele silva, mostrando os dentes afiados e os olhos flamejantes.

— Do contrário, a Rainha Grenadine diz.

Coloco a mão sobre sua cabeça e ele se curva outra vez, relaxando, obediente.

— Os planos mudaram — papai diz, movendo-se com cautela ao ajudar o intraterreno a descer da cama. Ele o acompanha até a porta. — Nós enviamos uma mensagem a Grenadine, mas ela deve ter esquecido. Ela não tem mais as fitas para ajudá-la a lembrar as coisas. Por que não vai chamar a Marfim para nós? Ela explicará tudo.

Os olhos cor-de-rosa do Rábido perdem o brilho, ficando nebulosos como algodão-doce. Antes de fechar a porta, ele resmunga:

— Zumbis na Terra dos Brinquedos?

Papai para e troca um olhar preocupado com mamãe.

Eu dou risada.

— É um jogo do meu celular. O Rábido superou meu recorde há algumas semanas. — Sorrio para meu pequeno conselheiro. — Vamos jogar de novo em breve. Vou conseguir minha revanche.

Seus olhos se iluminam.

— Generosa é você! Biscoitos também? Rábido Branco com fome está. Sempre.

Eu rio.

— Sim, sempre. Vou pedir que mamãe faça uns biscoitos para você.

Ele ri e sai pulando pelo corredor, parecendo mais um coelho do que um ser maluco de outro mundo.

Papai fecha a porta e os dois ficam olhando para mim como se eu fosse uma miragem que pudesse desaparecer a qualquer instante.

— Muito bem. — Cansei de ficar no escuro. — O que está havendo?

O olhar de mamãe cai para o brilho púrpura que irradia de meu peito. Eu tinha me esquecido dele com a chegada inesperada do Rábido. Ergo a mão e aperto a

chave contra o lugar que brilha, sobre o vestido. Um surto de memórias felizes me toma: Morfeu e eu quando crianças, depois Jeb sempre presente durante meus anos de escola. Ouço suas vozes, misturadas uma com a outra e cheias de amor e estímulo: *Você é a melhor dos dois mundos... Vai conseguir, menina do skate e rainha fada.*

Olho para meus pais, buscando as respostas que vejo em seus rostos.

— Onde estão Jeb e Morfeu? — pergunto com a garganta seca. — Não acredito que eles não estão aqui. Eu quase morri.

— Eles estariam aqui, mas... a Marfim poderá explicar a ausência deles. — Mamãe volta os olhos para papai. Por trás dos cílios negros e das íris azuis salpicadas de turquesa, há ansiedade.

Ausência? Uma percepção me agita as entranhas. Esta mudança em meu coração é uma combinação deles e sua magia. Ainda não tenho ideia de como Jeb conseguiu manter o poder da Vermelha depois que entramos no País das Maravilhas vindos de Qualquer Outro Lugar, mas a pergunta que mais me angustia é: por que eles não estão aqui?

Eu titubeio quando minha mente é perturbada por cenários horríveis.

— Borboleta, fique sentada. — Papai apoia meu cotovelo e me coloca de volta na cama. Ele me dá seu sorriso à la Elvis, mas não acredito nele, por causa do espasmo na pálpebra que vem a seguir.

— Os rapazes? — pergunto em voz esganiçada.

— Eles estão bem — ele responde. — Vão passar aqui para ver você em breve. Estão ocupados agora.

Solto a respiração, o alívio tão palpável que quase posso sentir seu gosto.

— Ocupados com o quê?

— Recriando o País das Maravilhas — mamãe responde.

Volto a me erguer.

— *Eu* é que deveria ajudar a Marfim a fazer isso. É preciso duas rainhas trabalhando juntas, dos dois reinos. Este mundo é metade do meu, e de minha total responsabilidade.

O rosto de papai cora. Ele me envolve em uma colcha.

— É necessária a magia da coroa de duas rainhas. A Marfim vai explicar. E você precisa vestir alguma coisa se planeja sair desta sala...

— Ela não pode sair — mamãe interrompe. — Allie, existem instruções para as suturas mágicas.

Fecho a colcha no pescoço, formando um roupão.

— Suturas? — Eu me recosto na cama e apoio os quadris contra a beirada do colchão. — Mas a Vermelha disse que não conhecia nenhuma magia que pudesse me ajudar.

— É verdade. — Ao ouvir o som da voz da Marfim, olho para a porta. Sua pele leitosa e o vestido longo em camadas brilham como o gelo cristalizado nas paredes deste quarto. — Esse tipo de magia nunca foi vivenciado pela Vermelha nem pela maioria dos intraterrenos. — Ela entra no quarto. Chessie está sentado em seu ombro esquerdo e Nikki no direito, confirmando que não imaginei a fadinha antes. Só há uma explicação: Jeb a repintou.

— A magia da Vermelha não saiu de Jeb — eu arrisco.

As asas da Marfim varrem o chão atrás dela, parecendo um manto de plumas.

— A inspiração dele foi alterada para sempre. O vínculo entre seu ímpeto criativo e a obstinação da Vermelha era tão forte que eles se fundiram e se tornaram uma entidade. Então, embora a magia de Morfeu tenha retornado ao seu recipiente original, a da Vermelha permaneceu dentro de seu cavaleiro mortal. Seu talento para a pintura é algo vivo agora, guardado dentro dele. E é mais poderoso aqui do que era no mundo do espelho, pois não há ferro para macular ou enfraquecer suas criações. Elas não desaparecem com a água. Elas se tornam reais, como eu e você.

Por mais extravagante e perturbador que seja o conceito, ele faz sentido.

— Então, porque o poder dele vem da Vermelha, ele retém sua linhagem real e a magia da coroa. *Ele* ajudou a recriar as paisagens com você.

— Sim — diz a Marfim, sorrindo. — E Morfeu nos guiou, pois ele conhece todos os cantos do País das Maravilhas, até mesmo os lugares inóspitos ocupados pelas fadas solitárias. Foi trabalho dele fazer os esboços para Jebediah segui-los. Agora já terminamos.

Uma estranha onda de tristeza me assola, e eu volto a me sentar.

— Eu deveria ter participado. Era meu dever.

— Não, Alyssa — a Marfim retruca. — Seu dever era descansar e curar-se, pois seu reino precisa de uma rainha, e não de um cadáver. Correto?

Balanço a cabeça, concordando, mas não é totalmente sincero.

Mamãe senta-se junto de mim, com o braço em minha cintura.

— Allie, ainda tem uma coisa muito importante para você fazer. Somente você pode decidir o que acontecerá com a Vermelha. Você vai expeli-la e destruí-la? Ou vai devolvê-la à Irmã Dois como um espírito inquieto?

Espírito inquieto. A Vermelha está muito longe disso. Nunca vi ninguém tão desalentada e exaurida. Suas memórias não esquecidas são correntes imóveis em torno dela.

Ela choraminga dentro de mim, encolhendo-se ainda mais.

Não é fácil esmagá-la agora que ela se lembrou. Agora que ela se arrependeu. Ela até sabe o que foi feito de seu rei, como ele ficou aprisionado para sempre na caixa linguardarte em razão dos eventos que ela desencadeou. Sua vingança perdeu todo o sentido.

Digo a mim mesma que vou mantê-la viva para puni-la, mas não é só isso.

— Eu vim para matá-la — respondo, buscando aconselhamento para meus sentimentos conflitantes.

— Talvez seja o suficiente você ter feito com que ela lembrasse que existem mais coisas na vida do que morte e destruição — papai diz, acariciando o alto da minha cabeça.

— Você precisa decidir logo — a Marfim acrescenta. — Em algumas horas, depois que as paisagens se estabilizarem, despertarei todos os habitantes que dormem sob o meu feitiço. Faremos um banquete e, juntas, asseguraremos a todos que nosso mundo está seguro e forte. O que você escolher fazer com a Vermelha estabelecerá os precedentes de como seus súditos a verão como rainha.

Como se as coisas estivessem muito sérias para seu gosto, Chessie mergulha sobre mim, os olhos transmitindo seu alívio por eu estar bem. Nikki vem em seguida, mas me observa com timidez, com os olhos de uma estranha. Ela não é exatamente a mesma fadinha. É uma versão atualizada, mas, mesmo assim, Chessie está deliciado por tê-la de volta.

Eu sorrio e abro as mãos para ele se aninhar. Nikki se empoleira no polegar, cautelosa e inquisitiva.

Olho para a Marfim.

— E quanto à magia que me curou?

Ela olha para meus pais.

— Eu poderia ficar um momento a sós com a sua filha?

Papai concorda e aperta meu ombro. Mamãe beija minha face, tranquilizando-me. De mãos dadas feito adolescentes, eles saem da sala e fecham a porta.

— Esta magia — a Marfim aponta para meu peito — é feita do amor mais inocente, Alyssa. Do amor das crianças. Puro e incondicional.

Chessie se lança das minhas mãos e sobrevoa a sala, com Nikki em seu rastro. Olho para o brilho suave atrás de meu esterno.

— Eu não compreendo.

— Venha. — A Marfim me conduz até a lareira. As chamas prateadas piscam, pincelando as pálidas íris da rainha, as sobrancelhas e os cílios com brilho, como neve sob o luar. Sentamos juntas na espreguiçadeira de cristal e ela enrola o cabelo prateado, que vai até a cintura, em um lado da almofada branca; Nikki se acomoda no alto da espiral e gira sobre os fios.

A curva graciosa do longo pescoço da Marfim me recorda um cisne, forma que às vezes ela assume. Assim como Morfeu se transforma em uma mariposa. Subitamente, percebo que minha aparência alternativa é a humana... que minha magia nunca terá uma cor reveladora, porque sou mestiça. Isso me torna singular, assim como meus sonhos e minha imaginação. Isso me faz especial para os dois mundos. E é isso que Morfeu tem afirmado o tempo todo. É exatamente isso que a Vermelha esperava conseguir produzindo uma raça de mestiços, antes de perder de vista suas nobres intenções.

A Vermelha se mexe lá no fundo da minha cabeça, encolhendo-se de agonia.

A Marfim estende a palma da mão e surge uma bolha do tamanho de uma bola de softbol, luminosa e transparente.

— Outra visão? — pergunto, lembrando-me muito claramente da última que ela me mostrou e do voto pela magia da vida que se seguiu. Não planejo fazer mais nenhum voto por um bom tempo.

— Não é uma visão. É mais um lampejo de seu passado recente.

Chessie desce e, com um *puf*, dissipa-se em centelhas alaranjadas e fumaça cinza. Sua névoa vaga ao lado da bolha como uma nuvem, trazendo clareza à imagem borrada que se forma lá dentro.

Sintonizo todos os sentidos: eu vejo, ouço, sinto o cheiro e o gosto do momento:

Morfeu traz meu corpo inconsciente para esta sala e me coloca na cama sobre as colchas brancas. Ele para, olha para meu rosto, e as joias sob seus olhos têm um cinza tempestuoso. Mamãe dá voltas em torno dele, as asas esvoaçando nervosamente. Ele dá um passo para trás enquanto ela limpa o sangue dos meus lábios e desaba sobre mim, aos prantos.

Chessie paira no ar, ansioso.

Morfeu volta-se para ele com as mandíbulas tensas.

— Atravesse a passagem do espelho... traga Thomas e Jebediah. Depressa!

Chessie chispa porta afora.

Há um movimento na porta, e entra a Marfim.

— Só há um meio de salvá-la agora.

Minha mãe levanta os olhos vermelhos. Mesmo em sua tristeza, ela é linda, a pele luminosa e lisa, como se fosse vinte anos mais jovem.

— Não. Ainda, não. Ela ainda tem outra vida para viver.

A Marfim entrelaça as mãos brancas como a neve.

— Se você deseja que ela viva, é a única maneira. Já pedi a Grenadine que envie a coroa por intermédio do Rábido. Eles estão na torre norte, então ele deve chegar logo.

— Não podemos fazer isso. — Mamãe retesa os ombros. Toda e qualquer vulnerabilidade se desvaneceu de seu rosto. As asas se erguem, altivas. Ela está determinada, pronta para lutar.

A Marfim aproxima-se e coloca a mão em seu braço.

— Ao colocar a coroa na cabeça dela, renovaremos seu coração intraterreno. Ela retornará à idade que tinha quando veio no ano passado, a idade de sua

coroação. E estará mais forte do que nunca.

Mamãe arruma os dreadlocks em torno da minha cabeça.

— Mas a metade humana dela é fraca demais para resistir a essa tensão. Essa metade vai morrer. E Allie será sempre assombrada pela sua ausência.

— Podemos dar a ela uma poção de esquecimento — a Marfim sugere. — Banir suas memórias. Ela será a Rainha Vermelha, com nada de humano para impedir que reine.

— E nesse processo — Morfeu diz do lado da lareira — destruirão algumas de suas melhores qualidades.

Mamãe e a Marfim olham para ele, tomadas de surpresa por ouvir essas palavras dos lábios dele.

Ele se deixa cair na espreguiçadeira, as asas cobrindo as costas, e apoia os cotovelos nos joelhos. As chamas prateadas piscam em seu rosto decorado por joias.

— O que será dos caprichos e da curiosidade dela, de sua compaixão e lealdade? Da imaginação, dos sonhos? Isso tudo faz parte do lado humano dela.

Minha mãe olha fixamente para ele, incrédula.

— Tudo isso é por causa dos seus estratagemas. Você a pressionou a escolher você... escolher o País das Maravilhas, e não o outro lado. O que você achou que aconteceria?

Morfeu se curva, triste.

— Alison. — A Marfim senta-se ao lado de mamãe no colchão. — Você está sendo dura. Esta brecha não foi causada meramente pelos esforços dela para escolher entre os dois mundos, ou entre o amor dela por Morfeu e o pelo cavaleiro mortal. A Vermelha lançou um feitiço em seu lado intraterreno na esperança de que ele dominasse e destruísse o outro. Não pode culpá-lo por isso.

— Posso, sim, porque tudo começou quando a Allie veio para cá no verão passado. — Mamãe olha novamente para Morfeu. — Agora, finalmente, você vai ter o que queria. Vai mantê-la aqui no País das Maravilhas com você. Vai fazê-la cortar todos os vínculos com os mortais para sempre. Você deveria estar comemorando. Você venceu.

— Venceu o quê? — papai pergunta da porta.

Antes que alguém possa responder, Jeb surge atrás dele. Ele resmunga algo e corre para a cama com papai.

A Marfim se afasta enquanto explica tudo, incluindo o plano que se apresenta.

Papai avança em Morfeu.

— Está contente? Você fez tudo isso por causa do País das Maravilhas. Agora ela será uma rainha sem a família que a ama.

Jeb segura o braço de papai antes que ele possa atravessar a sala.

— Thomas, não foi só ele. Nós também a dividimos tentando convencê-la a ficar no nosso mundo. Temos que nos unir agora, pensar na Al e em como mantê-la viva. — Há um tormento por trás de seus olhos verdes, porque ele sabe que está prestes a me perder para sempre. Mas não há dúvida, somente uma dolorosa resignação.

— Jebediah está certo. — O olhar de Morfeu encontra o de Jeb. Uma compreensão tácita acontece entre os dois. — Mas este não é o caminho para a salvação de Alyssa. Se ela pudesse falar por si mesma neste momento, ela insistiria que deve haver outra maneira.

— Não consigo pensar em nenhuma, e estamos ficando sem tempo — a Marfim responde com tristeza. Suas asas pendem frouxamente das costas, parecendo pesadas.

— Então a congele — Morfeu sugere. — Congele o coração dela e nos dê uma chance de buscar outras opções.

A Marfim concorda.

Uma onda ártica me envolve, e meu sangue corre mais lento nas veias, como neve quase derretida. A dor em meu peito desaparece.

Mamãe afaga meu cabelo gelado e papai cai de joelhos ao lado de Jeb, enfiando o rosto em meu vestido coberto de gelo.

— Se pelo menos ainda tivéssemos o diário — Jeb diz distraidamente, esfregando meus dedos nos dele, como se tentasse me manter aquecida. — Poderíamos usar a magia dele de alguma maneira.

Morfeu inclina o queixo.

— O diário. É claro. — Ele se levanta e olha seriamente para a Marfim. — Estamos olhando as coisas de modo errado. Precisamos pensar no coração dela como um objeto... um brinquedo. O que torna os brinquedos abandonados recipientes poderosos para as almas da Irmã Dois? Não é tanto o que eles são, mas o que é usado para lacrá-los.

— A magia do amor de uma criança. — A Marfim faz beicinho com a boca rosada e pálida. — Poderia dar certo, porque vocês dois compartilharam da infância dela em momentos diferentes.

— Vale a pena tentar, pelo menos — Morfeu acrescenta.

A Marfim concorda, lançando um olhar sábio e compreensivo dele para Jeb.

— O lacre pode ser só um remendo temporário para mantê-la segura até ela sarar. Vocês dois precisam estar dispostos a assumir esse compromisso... ver além de suas necessidades e aceitar que o destino dela é maior do que satisfazer as expectativas que nutrem por ela. Vocês terão que apoiar um ao outro como constantes na vida dela, se vão unir seu coração humano com o intraterreno. Ela deve viver nos dois mundos por períodos iguais. Isso permitirá que seu coração cresça e se recupere, pouco a pouco. Quando ele estiver curado e unido, ela não vai mais precisar das suturas e poderá ser coroada sem perder nenhuma parte do que é agora. Estão dispostos a permitir que ela tenha esse futuro duplo? A decisão é toda de vocês. Ela está fraca demais para tomá-la. A ganância e o desejo de vingança da Vermelha providenciaram isso quando ela fez do coração de Alyssa um campo de batalha.

— Farei o que for preciso — Morfeu e Jeb respondem simultaneamente e sem hesitar.

A bolha nas mãos da Marfim estoura, Chessie se rematerializa e o momento termina.

Franzo a testa, tocada pela devoção de Jeb e de Morfeu, mas ainda confusa.

A Marfim coloca a palma da mão sobre meu coração.

— O que você vê aí dentro?

Fecho as mãos em punho.

— Algumas das memórias mais felizes com cada um deles, quando éramos mais jovens. Mas vejo do ponto de vista deles, não do meu.

— É aí que está a magia. Os dois a amaram com um amor de criança, e agora com o de homens. É o amor de criança que mantém seu coração unido... cimentado pelos momentos que você compartilhou com eles que eles mais apreciam. Tiveram que desnudar a própria mente, coração e alma um para o outro e enviar os sentimentos diretamente a você, através da magia deles, para selar as duas metades de seu coração. São essas as suturas. E o amor deles por você, como homens, lhes deu a força para superar o orgulho e a intransigência. Durante todo o dia, você passará a vida humana no domínio mortal, mas de noite, quando dorme, Morfeu a trará para cá em seus sonhos. Você continuará a aprender a política de nosso mundo e a se familiarizar com seus súditos e seu reinado; aprenderá a confiar, compreender e trabalhar com ele, e um dia — se vocês decidirem se casar e reinar juntos — seu vínculo será inquebrável. E o País das Maravilhas será inexpugnável.

Fico impressionada que os dois tenham concordado com esse acordo. Principalmente Morfeu... porque ele tem de voltar a trabalhar nos meus sonhos e aguardar para ficar comigo na realidade. Ele disse que havia cansado de esperar. Será que realmente adiaria nossa vida juntos e o nascimento de nosso filho? *Nosso filho...*

Pego a mão da Marfim.

— Espere. A Irmã Dois. Temos que diminuir a necessidade de humanos no cemitério. É preciso haver sonhos para as almas inquietas. Ou então ela vai continuar raptando crianças. Ela não terá escolha.

A Marfim estuda meu rosto.

— Finalmente, você percebeu que as regras existem por um motivo, mesmo que pareçam bárbaras. Mas, na verdade, tanto quanto você, eu gostaria de ver essa prática em particular alterada. Nossa espécie nunca se preocupou em buscar a maneira mais humanitária de fazer as coisas. Nossa mentalidade é que os fins justificam os meios. No entanto, com duas rainhas que se importam o suficiente para encontrar outra forma, isso pode mudar. E o nosso reino será mais forte quando não precisarmos mais depender de artigos de fora. — As marcas pretas de libélula que perfilam suas têmporas se enrugam, um sinal de que ela está pensando. — Por enquanto, temos um compromisso que durará o tempo que seu cavaleiro mortal viver. Ele se ofereceu para ser o sonhador da Irmã Dois.

Meu estômago se revira.

O sonhador da Irmã Dois? Sou confrontada com a imagem do cérebro de meu pai cheio de sifões que retiravam seus sonhos e pesadelos quando ainda criança. Minha alucinação no hospital, um mês atrás, se completa: Jeb encerrado em uma espessa teia de aranha, eu cortando-a e ele olhando para mim com os olhos esbugalhados. Será que era uma visão o tempo todo?

A Marfim não o mencionou em sua explicação do meu futuro, só disse que eu viveria minha vida no reino mortal.

Jeb está planejando sacrificar sua existência para que mais nenhum humano sofra, porque é isso que ele faz. Ele protege os vulneráveis. Não importa quanto lhe custe.

Minha pele faísca, fria e quente. *Desta vez, não*. Não depois de ele finalmente encontrar seu caminho.

Sem mais uma palavra para a Marfim, eu me ponho de pé e saio correndo pela porta, insistindo com Chessie para que me mostre onde Jeb está. Ele alça voo diante de mim, com Nikki logo atrás. A Marfim nos chama, mas o tempo é precioso demais. Eu não paro.

Viro uma esquina que dá para um corredor comprido e brilhante.

Não consigo tracionar meus pés descalços no piso de mármore branco e escorrego. Endireitando-me, desamarro o roupão improvisado e o deixo para trás, libertando as asas e ganhando o ar para a imensidão. Passo por uma dúzia de cavaleiros élficos que observam com curiosidade, mas não tentam me impedir.

Não me sinto constrangida por estar usando uma camisola transparente. Não preciso ser adequada nem modesta. Sou a Rainha Vermelha: indomada, selvagem e insana. E *desafio* alguém a questionar minha escolha de roupas.

Estou em uma missão. A Irmã Dois não vai usar Jeb até o coração dele parar e ele se tornar um cadáver inerte.

Esse não é o fim que meu cavaleiro mortal merece.



22

Paisagens de Sonho

Chessie e Nikki me conduzem para a torre mais alta, que tem vista para todo o reino da Marfim, e saem voando antes que eu possa agradecer.

Arfando para recuperar a respiração, eu aguardo diante da porta aberta e absorvo minhas asas. A sala é grande e não tem janelas. Janelas são desnecessárias em um palácio com paredes transparentes. Ao contrário da câmara em que eu estava, não há gelo ou neve bloqueando a visão. A luz do dia é refletida na neve lá fora e ilumina o entorno com o brilho do sol.

Finley está tirando telas dos cavaletes, de costas para mim. Não há sinal de Jeb.

Entro sem fazer barulho. Há pilhas e pilhas de telas no chão, todas pintadas com paisagens lindamente bizarras. Eu reconheceria o estilo em qualquer lugar.

Olho para o mundo fora da torre de vidro, onde porções coloridas de terra no horizonte dão vida às pinturas de Jeb. A metamorfose fluida me faz me lembrar de quando eu era pequena e fechava lascas de lápis de cera entre duas folhas de papel-manteiga e, com um ferro quente, papai as derretia, formando reluzentes “obras-primas de vitral”. Nunca pensei que veria explosões de cores tão vibrantes e visionárias assim a não ser através de um caleidoscópio, e certamente não nesta escala, cobrindo um mundo todo.

Fico extasiada.

Um movimento no céu chama minha atenção. O arco gracioso de asas negras gigantes investe contra as nuvens, fazendo buracos que se fecham antes que eu possa piscar. Embora esteja oculto pela névoa branca e macia, eu sei que é Morfeu supervisionando o renascimento de seu amado lar. Uma parte de mim anseia por estar com ele. Subir até o alto desta torre e mergulhar no ar para podermos planar juntos, de mãos dadas, sentindo o vento bater no rosto. Quero observar as joias em sua face piscarem naquele excitante arco-íris de emoções.

Contudo, outra coisa me chama agora, um chamado igualmente forte...

Jeb se superou. Recuperou o esplendor excêntrico de nosso mundo, e o País das Maravilhas estará sempre em débito com ele. Não permitirei que se sacrifique mais nada.

Finley para de trabalhar, preocupado com um espelho de chão num canto da sala. Seu corpo bloqueia o reflexo que ele observa.

Assim como em minha visão, ele está usando um uniforme de cavaleiro élfico: calças pretas com o caimento de jeans bem usados, uma corrente de prata ligada a dois passadores de cinto e uma cruz de reluzentes diamantes brancos na parte superior da perna esquerda. A camisa tem mangas compridas e é feita de um tecido elástico que adere aos músculos — prateada com listras verticais pretas.

— Para onde foi o artista? — Minha pergunta sai mais incisiva do que eu queria.

Finley se vira. Ao me ver, ele olha para baixo e passa a mão pelo cabelo loiro-escuro em um gesto constrangido, fazendo-me lembrar que meu vestido deve estar muito transparente sob a luz do sol.

Fico ruborizada, mas não me viro.

— Ele pegou a passagem do espelho. — Finley coloca de lado a tela que está segurando, revelando a superfície do vidro.

Eu me aproximo. Uma amplidão vazia se reflete nele, cheia de salgueiros-chorões cobertos de gelo. Uma variedade infinita de ursinhos e outros animais de pelúcia, palhaços de plástico e bonecas de porcelana está pendurada nas teias dos galhos pendentes.

As almas inquietas.

Falta-me o ar quando a imagem desaparece.

Então Jeb está no cemitério, mais além dos salgueiros mortos e secos, no abrigo de hera onde uma espessa bainha de teia pulsa com luz e respiração. As raízes luminosas talvez já estejam conectadas à sua cabeça e ao seu peito, sugando sonhos e imaginação.

Eu reprimo um gemido. Cada nervo em meu corpo ferve de ódio.

— Visualize aonde você deseja ir — sussurro, e imagino o covil da Irmã Dois: a parte mais profunda, onde ela guarda seu sonhador, o que fornece entretenimento àquelas almas miseráveis e inquietas para mantê-las em paz.

O vidro estala e Jeb aparece no reflexo. Ele ainda não está envolto em teias nem conectado às raízes das árvores, mas a guardiã de túmulos está em cima dele, suas oito pernas a fixá-lo no lugar. O tecido listrado de sua saia forma uma bolha larga como uma argola em volta das fiandeiras. A parte superior do torso, enganosamente humana, se retesa por baixo de um corpete do mesmo tecido. A mão esquerda, formada por tesouras de poda no lugar de dedos, prepara-se para atacar, prestes a torná-lo um vegetal.

Num surto de adrenalina, ergo minha chave para abrir o vidro do espelho.

Finley segura minha mão.

— Não posso deixá-la fazer isso, senhorita. A Marfim pediu que eles não fossem interrompidos.

Com um puxão, solto minha mão. Com um olhar para a sala, invoco uma pilha de tecidos que está no canto para que se levantem e pairem sobre ele feito fantasmas furiosos. Dois deles estendem mãos cheias de garras e prendem seus braços. Os outros lançam sombras azuis sobre seu rosto, aguardando meu comando. Fico surpresa ao ver como foi fácil fazer surgir meu lado selvagem. Surpresa e satisfeita.

— A Marfim abriria uma exceção para a Rainha Vermelha — digo num rugido.

Mesmo com os fantasmas a segurá-lo, Finley não recua. A percepção surge em seu rosto. Ele obviamente não tinha ideia. Não posso culpá-lo. Minha aparência neste momento não está digna da realeza.

— Me perdoe, Majestade. Estarei aqui para abrir o espelho deste lado quando

terminar.

Permito que os tecidos caiam no chão enquanto insiro a chave no buraco formado pelo vidro quebrado. O reflexo forma uma onda, como um líquido, e eu entro. Uma névoa sépia rodopia em torno de mim e uma comichão me percorre toda a pele.

Procuro me orientar e então a cena se abre para a realidade. Uma friagem com cheiro de ranço paira no ar e a neve cobre o chão. Os gritos e lamentos dos brinquedos inquietos me perfuram os tímpanos.

Acima de todos, os gritos agonizantes de Jeb me cortam a alma.

Correndo na direção do som, detenho-me a alguns passos da Irmã Dois. Ela ergue a mão de tesoura, escorregadia de sangue. A pele translúcida e o cabelo da cor de grafite têm respingos vermelhos.

Jeb segura o próprio pulso direito. Fios vermelhos e brilhantes saem de sua tatuagem e entram nas fendas entre os dedos, respingando sobre a neve e sobre a túnica manchada de tinta, deixando pingos frescos e reluzentes.

Ele cai de joelhos, gemendo.

— Jeb!

Ele recua, uivando de dor.

Antes que a Irmã Dois possa reagir, convoco o invólucro de teia que ela preparou para ele. Os fios pegajosos se enroscam nela, aprisionando-a dentro da própria armadilha.

Ela luta, mas tudo, das múltiplas pernas aos braços compridos, fica envolto pelo casulo. Suas lâminas nem podem se abrir para cortar as amarras.

— Como ousas pisar neste solo sagrado!

A voz que um dia me percorreu a espinha feito galhos sobre uma vidraça não tem mais poder sobre mim. Em vez de evocar o terror, ela deflagra minha ira, fazendo-me lembrar tudo o que ela fez com as pessoas que amo: planos para tirar todo o sangue de meu pai e deixá-lo morrer, aprisionar minha mãe aqui, ferroar Morfeu e caçar Jeb com o intuito de prendê-lo neste lugar para sempre.

— Eu sou mestiça, *bruxa* — declaro, fervendo de raiva. — Meus poderes não são afetados por este lugar. Então vai ter que estender o capacho de boas-vindas. Seus dias sem responder a ninguém acabaram. E Jeb não vai ser seu sonhador.

— Eu animo outra tira de teia para tapar seus lábios cor de lavanda, silenciando qualquer resposta com eficácia. Os olhos azuis endurecem.

Jeb ainda está agachado, segurando o pulso.

— Não há como reverter o que já foi feito. — Sua voz está rouca e apertada.

O que pensei serem gotículas de sangue vermelho sobre a neve se funde em uma luz pulsante. Ela cava por baixo da teia que cerca a guardiã de túmulos. E não para ali. Serpenteando, fios brilhantes se separam e entram nas raízes por baixo do solo que levam a cada árvore. A luz penetra nos brinquedos que se contorcem, alimentando-os. Um a um, eles se acalmam e ficam perturbadoramente serenos.

Jeb fica de pé. Sua tatuagem, que antes brilhava com poder e magia — e sangrava momentos atrás —, está da cor da pele, curada e saliente feito uma cicatriz. Não há nenhum resquício de luz por baixo dela.

Seus olhos também estão diferentes — de um verde mais escuro, como musgo nas sombras. Alguma parte integral dele foi transformada.

— Jeb. — Cerro os punhos. — Eu fiz uma promessa para você. De uma vida juntos.

Ele balança a cabeça.

— Eu liberto você de seu voto, Al.

Diante dessas palavras, sinto a diferença... o elo que eu construí se quebrou.

— Não! — Pulo no pescoço da Irmã Dois. — O que você fez com ele?

Jeb tira gentilmente minhas mãos da mulher-aranha.

— O que eu pedi para ela fazer. A Marfim não contou a você?

— Que você se ofereceu para ser o sonhador? Como meu pai foi? É por isso que você está me liberando de minha promessa. Para eu não ficar presa a um cadáver. — Minha voz é aguda e desesperada. Nada parecida com o que a voz de uma rainha deveria ser.

Jeb franze a testa.

— Você não deixou a Marfim explicar, não é? Saiu voando do castelo seminua para vir me encontrar aqui sem deixar que ela terminasse.

Reteso a mandíbula.

Ele me vira para encará-lo. O rosto dele fica vermelho, e ele parece forte e saudável novamente. A careta se transforma em um sorriso com aquelas covinhas. Uma visão adorável demais para descrever com palavras.

— É bem a sua cara.

— Não tem graça. O que você fez... nós temos que desfazer. Existe outro modo de dar sonhos ao País das Maravilhas.

Ele estreita os olhos.

— Ter um filho com Morfeu? Está pronta para isso hoje?

Minha garganta se contrai. Finalmente, sei quem eu sou sem nenhuma dúvida, mas ainda estou aprendendo quem Morfeu e eu somos juntos. Não quero trazer nosso filho ao mundo antes de termos tempo para crescer, para trabalharmos juntos e nos aceitarmos.

Quero fazer tudo em seu devido tempo para nunca mais fazer mal ao País das Maravilhas.

Jeb pega as minhas mãos nas dele.

— Você já fez muitos sacrifícios. Seu coração estava se partindo ao meio, tentando apaziguar a todos e a tudo que você ama. Você não pôde escolher onde viver. A escolha foi feita *para* você. Então, a partir de agora, tudo o que acontecer entre mim e você, ou entre você e o isca de coruja, será uma escolha sua. Não por causa de alguma promessa mágica que você fez quando estava desesperada por salvar minha pele naquela terra de ninguém. Não por causa de uma criança sonhadora que uma visão previu que você traria ao mundo um dia. Nenhuma dessas coisas deve ter importância agora. Tudo já foi arranjado. Então você pode escolher qual papel nós teremos em suas duas vidas, nas suas condições. Sem limite de tempo. Sem pressão.

Aperto os dedos dele.

— *Eu* posso escolher? Como, se você vai ficar aqui neste cemitério?

— Não é bem assim. A Irmã Dois tem o poder de tirar os espíritos intraterrenos de um corpo possuído. Ela usou o mesmo processo para isolar minha inspiração e retirá-la de mim, porque ela é uma entidade agora... feita dos meus sonhos, pesadelos e imaginação, que ganhou vida graças à magia da

Vermelha. É ela que vai tomar o lugar das crianças humanas. — Ele está tentando me confortar, mas suas palavras são tudo, menos reconfortantes. — Ela vai manter o cemitério do País das Maravilhas equilibrado e suprido pelo tempo que eu viver.

Respiro fundo, tremendo. Estou aliviada por ele não ter desistido de sua vida. Contudo, ao imaginá-lo sem sua habilidade de pintar, fico receosa.

— Por que você teria que consertar o meu mundo? Você já o pintou e o ressuscitou. Já basta.

— É o meu mundo também, porque ele é parte da garota que eu amo. Foi por isso que eu fiz o que fiz, Al. O.k.?

— Mas nós podíamos ter encontrado outra forma.

— Não havia outra maneira de eu voltar a ser humano. Estou pronto para voltar... cuidar da minha família. Ser quem eu nasci para ser.

Minha garganta incha.

— Por duas vezes eu vi você abdicar de sua vida por minha causa. Não posso deixar que você perca seu dom. — Minha voz é severa, escondendo quanto me sinto indefesa.

— Abdicar da magia é a única maneira de eu seguir adiante. — Ele larga minha mão e a Irmã Dois se solta da jaula pegajosa. — A decisão é minha. E está tomada.

A Irmã Dois me olha furiosamente enquanto se liberta, chutando neve com as oito pernas.

— Não serás bem-vinda no jardim das almas, mestiça, a menos que tragas uma alma para cuidar. Rainha ou não, com poder ou não, existem regras e costumes que precisas seguir se desejas viver em nosso mundo.

A fúria me toma, fazendo-me ferver novamente. Minha pele cintila, lançando pequeninos pontos de luz na direção das teias e árvores.

— Muito bem. Mas existe uma nova regra para você também, guardiã de túmulos. Me disseram que está cansada de sair em busca de sonhadores. Bom, o problema está resolvido. Agora que você tem um vasto suprimento, não tem motivo para voltar ao reino humano. Seu lugar é aqui, cumprindo suas tarefas. Os portais do País das Maravilhas estarão fortemente guardados. Se eu encontrá-

la mais uma vez perto deles, vou atá-la em sua teia e deixá-la pendurada pelo resto da eternidade.

Ficamos olhando uma para a outra. Ela sibila, mas mantém distância, temerosa de minha magia. Jeb pega minha mão e me puxa na direção da imagem de Finley, que aguarda do outro lado do espelho para podermos entrar no castelo.

No instante em que atravessamos, o vidro estala e torna se sólido novamente. Nele, só resta um reflexo de mim em minha camisola transparente. Jeb pega um dos tecidos aos pés de Finley e me cobre com ele.

— Obrigada por ficar de olho — ele diz, apertando a mão de Finley.

Finley dá uma chave do espelho a Jeb e faz uma reverência para mim. Há serenidade em seu olhar âmbar quando ele diz:

— Espero ver ambos no banquete esta noite.

Para um jovem tão atormentado e suicida no mundo humano, ele parece em paz e sob controle. O tempo todo pensei que ele fosse um refém, mas, ao amá-lo e designá-lo para uma posição em seu exército, a Marfim deu-lhe um propósito... uma razão para viver.

A Vermelha tinha um propósito construtivo também. Se ela não tivesse se distanciado dele, talvez tivesse encontrado a paz. O nó na base de meu crânio não incomoda desta vez. Seu arrependimento a consumiu e a incapacitou.

E se acontecer o mesmo com Jeb? Por tanto tempo sua identidade dependeu de sua arte. Qual será seu propósito agora?

Quando Finley sai da sala, Jeb me puxa para um abraço silencioso. Eu me aninho junto a ele, saboreando seu cheiro de tinta. Um cheiro que em breve se esvanecerá para sempre. Os únicos sons entre nós são nossa pulsação e nossa respiração reprimida. Estou tão arrasada que não consigo falar.

Ele me abraça mais forte, até seu peito comprimir o meu. Meu coração é atraído para o dele, quase como um ímã. É uma inervação ofegante, intensa, quente e maravilhosa, como se explodissem estrelas dentro do órgão. Essa sensação deve ser causada pela ponte de magia que ele e Morfeu construíram dentro de mim, e eu me pergunto se será sempre assim quando um deles me tiver nos braços.

Jeb apoia minhas costas em uma parede transparente e sussurra:

— Olhe para o seu mundo, linda rainha.

Eu viro a cabeça e vejo as estonteantes montanhas lá embaixo, a gênese do País das Maravilhas florescendo em todo lugar. Os brotos de minhas asas coçam, ansiando por voar.

Jeb segura gentilmente o tecido em torno de minha clavícula.

— Tudo se encaixa. Que meu desejo de saber quem você era tenha inspirado minhas primeiras pinturas. E que saber disso tenha inspirado até a última. — Seu olhar está muito estranho, alerta e renovado, como se tivesse acabado de acordar de um sono tranquilizador. Ele não parece estar desistindo de nada. Parece estar começando alguma coisa.

— É tão fácil assim dizer adeus a essa parte de você? Vai se distanciar de mim também?

O mundo lá fora explode em transformação incontrolável de cores e luz, refletindo-se em padrões na pele morena de Jeb.

Ele inclina a cabeça, estudando-me, pensativo.

— Dizer adeus à minha arte é... assustador, Al. A Marfim ofereceu uma poção de esquecimento, se eu quisesse, para eu não ter que viver com essa dor. Mas eu recusei. Não quero esquecer nada, porque foram essas experiências, essas perdas, que me ajudaram a ver que posso fazer muito mais do que só usar um pincel e tintas. Outras partes que ainda não foram anuladas. — Por trás de seus cílios negros e longos os olhos brilham com uma potência que nada tem a ver com magia. Ele me puxa para perto, sua respiração quente dançando junto aos meus lábios. — Podemos descobrir isso juntos.

Seu polegar toca a covinha em meu queixo, arrasta-se para minha boca, enviando sensações provocantes desde meus lábios até o peito e o ventre.

— E, para que fique bem claro, eu *nunca* me afastarei de você, a menos que me peça. Eu quase fiz isso uma vez, mas só porque pensei que tinha magoado você. — Ele começa a tirar um colar de dentro da camisa.

Eu não havia notado a corrente que brilhava na curva de seu pescoço. Ajudo-o a tirá-la, revelando o anel de noivado que ele derreteu no oceano, o que Morfeu fundiu em um torrão de metal. Ele foi pintado de novo. É indestrutível.

— Oh, Jeb...

— Não posso dar a você todas as coisas que esperava dar — ele diz. — Mas posso lhe dar uma família e um lar. Amo você, Al. Só espero que você consiga amar um reles mecânico.

Passo os dedos pelo cabelo ondulado em seu pescoço. Esse é o lado dele que eu mais admiro... sua fragilidade, suas falhas. Sua força, apesar delas. E agora ele vê essa força com a clareza e a confiança com que eu sempre vi.

— Nunca vai haver nada reles em você — eu sussurro. — E eu já te amo.

Ele me ergue até eu ficar da sua altura, com os pés balançando no ar, e me aperta contra a parede de vidro com seu corpo. Meu coração reage mais uma vez — vibrando de vida. Sua boca e o piercing passam pela minha testa, descendo lentos e persistentes pelo meu rosto.

Minha mente se derrete em uma onda de prazer quando seus lábios macios e cheios fazem contato com os meus. Ele começa a aprofundar o beijo, mas se detém ao olhar para o vidro atrás de mim.

— Só pode ser brincadeira.

Olho para trás. Lá fora, Morfeu está pendurado no vidro, em forma de mariposa, no nível da minha cabeça, encarando-nos com seu olhar bulboso. Mesmo sem um rosto, sua soberba fica aparente. Seu passatempo predileto é interromper os momentos românticos de Jeb. Tento não rir, mas não consigo evitar.

— Que inseto mais petulante. — Jeb me desce ao chão e arruma o tecido em torno de mim.

Uma coruja mergulha do céu e roça o vidro. Com um chilique, Morfeu alça voo e tenta ser mais rápido do que o pássaro. Agora é Jeb quem ri.

Dou um tapinha em seu ombro.

— Não tem graça nenhuma.

— Ah, ele vai ficar bem. — Jeb ergue uma sobrancelha, assistindo à perseguição aérea que acontece do outro lado do vidro. — É uma nova espécie de coruja vegetariana. Elas só gostam da perseguição. E, além disso, o Morfeuzinho pode mudar de forma a hora que quiser.

Eu sorrio.

— Aquela coruja é uma de suas criações?

O sorriso de Jeb se alarga.

— Foi para o próprio bem do caca de inseto. O cara é antigo... precisa ficar em forma.

Dou outra risada. É tão maravilhoso ver seu lado brincalhão novamente.

O sorriso de Jeb fica mais terno, e sua expressão torna-se séria.

— Você, finalmente, consegue admitir seus sentimentos por ele?

Minha euforia se evapora, virando uma espiral nauseante no estômago.

— Eu sempre terei dois lados diferentes. E cada um deles ama você e Morfeu de formas diferentes. — Olho nos olhos dele, sem constrangimento de confessar, por causa da sinceridade que me move. — Eu sei que não é justo pedir a nenhum de vocês que aceite isso.

Jeb vira meu queixo com a ponta de um dedo.

— Você não pediu. E não quero nada justo. E nada fácil também. Quero uma vida com você, com todas as complicações que isso trouxer. Já fomos ao inferno e voltamos, juntos. Já provei que sou mais qualificado do que qualquer outro humano para lidar com o que o destino nos deu. Seja mágico ou não. Além disso, como você tendo duas vidas é diferente de qualquer mulher que se case depois que o marido morre?

— Porque Morfeu virá me visitar em meus sonhos todas as noites. Você confia nele?

— Confio em você. Você é tão forte... não, *mais forte* do que ele. Ele sabe disso também. É por isso que ele gosta de testar você. Você só precisa provar para si mesma, como eu tive que provar as coisas para mim mesmo. E está prestes a passar vinte e quatro horas sozinha com ele para fazer isso.

Meus ombros desabam. O tecido se enruga entre a parede e as minhas costas. Eu tinha me esquecido do voto que fiz para Morfeu.

— Assim que eu me livrar da Vermelha.

Jeb guarda o colar com o anel debaixo da túnica novamente.

— Vou ficar com isto até você me dizer que está pronta. É um grande sacrifício construir uma família humana e se afastar dela um dia. Se for demais, ou se depois do tempo que vocês passarem juntos você decidir que quer ficar

com ele agora, vou mudar para algum outro lugar para que a gente nunca mais se veja. Você precisa de tempo no reino mortal para se curar, e não vou correr o risco de rasgar você ao meio mais uma vez. — Seus olhos são sinceros e intensos; o queixo está tenso, num esforço para ser forte, embora eu perceba que é a coisa mais difícil que ele já disse na vida.

Sua força me impressiona. Eu o puxo para um abraço. Só de pensar em viver uma vida humana sem ele já provoca dor em meu coração recém-consertado. Não é uma dor aguda, mas um peso, como se ele estivesse cheio de pedras. Eu me aconchego em seu peito, puxando-o para mais perto a fim de poder sentir a corrente mágica entre nós mais uma vez... a fim de aliviar esse peso.

Ele afaga meu cabelo.

— Sobre a Vermelha. Você não pode deixá-la adormecida aí dentro para sempre. Qual é o seu plano?

Balanço a cabeça, grata por ele ter mudado de assunto.

— Eu ia libertar o espírito dela. Deixá-la definhar. Mas quero fazer outra coisa. Algo... significativo.

Ele nos separa e estreita os olhos.

— Algo que ela mereça, eu espero.

Traço as manchas de tinta seca e de sangue em sua túnica.

— Ela amou o País das Maravilhas um dia. Antes de se distanciar das boas intenções, ela queria melhorá-lo. Como você disse, a Irmã Dois divide os espíritos em zonas e os extrai. Como a sua inspiração tem resíduos da Vermelha, talvez o espírito dela possa se unir a essa inspiração. Então a Vermelha poderia ajudar a fornecer sonhos. Ela ficará presa, sem nunca poder escapar, mas pelo menos estará contribuindo com alguma coisa. Isso ampliará a vida da sua inspiração. E mandará uma mensagem aos meus súditos, que, se eles saírem da linha, encontrarei uma forma de fazê-los servir ao País das Maravilhas para sempre. E, acima de tudo, isso trará paz à Vermelha.

Os olhos de Jeb se iluminam com algo semelhante ao orgulho.

— Você vai dar uma rainha e tanto, sabia?

Uma descarga de satisfação aquece minhas bochechas.

— Vou fazer o melhor que puder.

Ele beija minha testa.

— Muito bem. Vou ficar de guarda aqui... para deixar você passar quando tiver terminado.

Dirijo-me para o espelho, mas Jeb me detém. Olho para seu rosto preocupado, convencida de que ele mudou de ideia e quer vir comigo, já que ele e a Irmã Dois se entenderam. Estou preparada para discutir, mas ele só levanta uma das minhas mãos e fecha meus dedos num punho.

— Você consegue — ele diz, e bate os dedos nos meus. — Faz um ano que ela quer a Vermelha de volta. Você dá as cartas.

— Foi exatamente o que pensei. — Sorrio para ele.

Ele retribui o sorriso.

— E mais uma coisa...

— Sim?

— Já é hora de você ficar em paz também. O que era ruim já passou.

Eu afago seu rosto e me volto para o espelho. Deixando o tecido escorregar dos ombros e cair no chão aos meus pés, liberto as asas e visualizo o cemitério no vidro. Meu reflexo me olha enquanto aguardo que meu destino apareça: marcas intraterrenas nos olhos, pele reluzente, cabelo selvagem e vivo.

Vejo o que Jeb viu, a razão pela qual ele nunca mais tentará ser meu protetor. É um sentimento incrível saber que sou forte e capaz.

Talvez ele esteja certo. O que era ruim já passou.

Não posso ter certeza até saber como estão as coisas com o meu mentor atormentador; o guardião da sabedoria que salvou minha vida mais de uma vez, que detém a outra metade do meu coração em suas mãos manipuladoras e que fez da minha metamorfose em Rainha Vermelha do País das Maravilhas uma possibilidade, em primeiro lugar.



23

Fair Faryn

Gossamer revoa junto ao meu ouvido enquanto estou parada de pé em um canto do enorme e cristalino salão de festas da Marfim. A fada me fez várias visitas ao longo do dia, oferecendo sua agradável companhia, apesar de sua afeição inabalável por Morfeu. Trabalhar juntas para espantar os momirratos do ginásio da minha escola, no mês passado, parece ter criado um vínculo entre nós.

Quanto a Morfeu, não o vejo desde que a coruja começou a caçá-lo na torre. Ele até ficou longe da minha mente. Mas enviou uma mensagem através de Gossamer, informando estar contente com a minha decisão acerca da Vermelha.

Velas de chamas prateadas flutuam de cabeça para baixo no teto, iluminando suavemente o ambiente. Um quarteto de cordas toca sem musicistas; os instrumentos gelados, glaciais, brilham e pulsam com as cores do arco-íris. A música é leve e animada como o ar da manhã, mas baixa, como sussurros melodiosos que ecoam em uma caverna de gelo.

Gossamer e eu ficamos quietinhas ao lado de uma porta aberta, observando mamãe e papai dançarem com a Marfim e Finley. Os quatro — lindos e graciosos — se destacam, como enfeites para um bolo de casamento, entre os bizarros intraterrenos que dançam desajeitadamente em torno deles.

Eu dancei, um pouco antes, com alguns convidados. Chessie, Nikki e o Rábido. Flores zumbis, encolhidas para seu tamanho original. Fadas. Diabretes. Até Herman Chapelão apareceu, com o rosto mudando feito uma tela de

televisão entre mim e nossos outros parceiros de dança, o Camundongo e a Lebre Careca.

Jeb me roubou para uma música lenta e romântica. Ele já foi embora e está trancado em seu quarto no castelo. Estava exausto. Tendo se debatido com a magia da Vermelha e a de Morfeu por um mês, sobrevivido a seus próprios demônios interiores em um mundo diferente e bárbaro, dado vida a paisagens moribundas e abandonado sua inspiração para sempre, não estou surpresa. Mesmo assim, não consigo deixar de imaginar se a principal razão para ele se ausentar não foi por não querer estar aqui quando Morfeu chegar para me levar embora.

Fico olhando para a porta pela qual Jeb saiu, incapaz de afastá-lo dos meus pensamentos.

— Seu cavaleiro mortal é singular — Gossamer diz em sua voz tilintada ao perceber para onde estou olhando. Seus olhos bulbosos cor de cobre, a pele verde reluzente e as escamas brilhantes parecem quase fosforescentes sob a luz tênue.

Fico pensativa, analisando suas palavras. Sinto uma ardência gostosa na língua devido ao batom vermelho-canela que as outras fadas me passaram antes, com a maquiagem para a noite.

Pairando diante do meu nariz, Gossamer inclina a cabeça diminuta.

— O que leva à pergunta... Antes de tudo isso. Antes de comprometer seu coração. Você tinha chegado a uma decisão? Qual deles? Qual futuro?

Respondo, olhando-a fixamente, ainda sem saber ao certo se Morfeu está disposto a comprometer-se com alguma coisa:

— Eu ia escolher o País das Maravilhas e ia regê-lo sozinha. Eu não poderia viver uma eternidade sabendo que teria partido o coração de algum deles em detrimento do outro. Principalmente agora, que eu sei como um coração partido pode ser dilacerante. — Solto um suspiro trêmulo. — Talvez eu ainda devesse fazer essa escolha. Parece errado ter que obrigá-los a suportar meus dois lados. Parece que estou sendo egoísta.

A fada produz um som bem leve, algo entre um resfôlego e um espirro. Seus astutos olhos de libélula refletem as luzes dos instrumentos com as cores do arco-íris.

— O quê? — Eu me recosto na moldura gelada da porta, impressionada por perceber como o gelo não é frio ao toque, embora possa congelar as batidas de um coração ou colocar em suspensão uma paisagem que se degrada.

A fada se aninha em meu ombro, e suas asas fazem coceira em minha orelha.

— Você está pensando como uma humana novamente. Vendo as coisas em preto e branco.

É minha vez de resfolegar.

— Certo. Eu esqueci. No País das Maravilhas, tudo é cinza.

— É. Eu lhe disse uma vez que ninguém sabe do que é capaz até as coisas chegarem ao limite. Quando você estava morrendo, seus dois homens encararam aquele momento. Eles uniram suas forças, olharam dentro um do outro, em vez de olharem para si mesmos, e encontraram o cinza: o denominador comum.

Faço uma careta.

— Está dizendo que isso os mudou?

Ela se senta e, apoiada na curva do meu pescoço, ergue uma perna de cada vez para ajustar os sapatos verdes pontudos que tem nos pés.

— Você sempre despertou o lado mais terno em meu mestre. Mas ele não mudou. Ele é tão imutável quanto eterno. Ele sempre será egoísta, manipulador e indomável. Ele não conhece outro modo de ser, pois é todas as coisas do País das Maravilhas. O evento simplesmente deu a ele um novo meio de determinar a direção de suas ações ao lidar com você.

— Como assim?

— Uma bússola moral dos mortais. Assim como o seu Jebediah agora compreende os desejos mágicos e ferais do País das Maravilhas, Morfeu compreende as necessidades e inseguranças emocionais do mundo humano. Ele e seu cavaleiro mortal sempre foram o parceiro perfeito para você, dividido em dois. Mas agora cada um deles tem a percepção necessária para fornecer o que você precisa em qualquer um dos reinos. Não foram eles que uniram seu coração. Foi o seu coração que os uniu. Eles são mais sábios agora por causa do amor que têm por você. Eu ousaria dizer até mais felizes. Sim, eles poderiam sobreviver sem você, mas serão homens melhores *com* você. São eles que precisam de *você* para serem completos, para serem tudo o que nasceram para

ser. Isso não a torna egoísta. Isso a torna indispensável.

Eu sorrio. A ideia é libertadora, e tão fascinante, excêntrica e bela quanto o próprio País das Maravilhas.

Minha atenção se volta para a pista de dança e para os convidados que representam o reino Vermelho, o Branco e até mesmo os solitários de nossa espécie. Reconheço alguns outros presentes: os mustelas — criaturas parecidas com furões, com presas longas e venenosas e crânios vulneráveis —, um ser parecido com um ouriço com cara de pardal, uma mulher cor-de-rosa com o pescoço comprido como o de um flamingo.

Também estão presentes alguns que não conheço, com asas de morcego e cara de peixe, ou fêmeas sensuais escuras como lama, com plantas anfíbias que crescem em sua pele elástica.

Posso não conhecer todos os intraterrenos, mas conheço seus dons e poderes. Morfeu me ensinou tudo durante a infância.

Os dreadlocks do ogro da ponte são encantados com uma telepatia que faz uma lavagem cerebral em suas vítimas, fazendo com que tenham tanto medo de ficar no lugar que atravessam sua ponte mesmo quando sabem que ele as aguarda do outro lado para transformá-las em pedra. E a raposa marrom que não tem nome e usa uma canção que atrai os seres de mente menos privilegiada para a água, onde suga a vida deles.

Nem todos são letais, mas todos são insanos e estranhos o suficiente para provocar meu lado obscuro com a possibilidade do caos. Estou ávida por começar a visitá-los em meus sonhos para poder aprender suas fraquezas e como manipulá-los, porque ser razoável nunca é lei na terra da Corte Vermelha. Tudo se resume a quem é mais astuto, mais hábil com as palavras. E quem está mais determinado a impor sua vontade.

E é por isso que Morfeu será o Rei Perfeito um dia.

Jeb mencionou antes que ele e Morfeu conversaram enquanto eu estava me recuperando do estado de congelamento. Ele disse a Morfeu que estava me libertando de meu voto, na esperança de que Morfeu tivesse uma atitude de cavalheiro e fizesse o mesmo. Mas não espero que ele jogue limpo. Assim como sei que ele não espera que eu seja um alvo fácil.

Impaciente, brinco com o vestido que ele mandou esta tarde: corpete branco

com miniaturas de botões de rosa carmim costuradas no decote e renda acetinada preta que se entrecruza e balança em laços na cintura. Uma saia ajustada vermelha com listrinhas brancas na altura dos tornozelos abraça minha metade inferior, e uma gargantilha presa sobre meu colar com a chave, combinando. Atendendo a um pedido dele, meu cabelo está solto e se enrola nas rosas fixadas em seu lugar. Cada parte do conjunto parece feita para seduzir. Até as mangas compridas — de renda preta e com fitas vermelhas entrelaçadas em toda a sua extensão — se ajustam feito beijos doces aos meus braços.

— Você deu a ele meu último recado? — pergunto a Gossamer no intervalo entre uma música e outra. Mais cedo, fiquei pensando na construção das frases de meu voto pela magia da minha vida: que eu devia dar-lhe um dia e uma noite. Nunca mencionei se seriam consecutivos, nem se seriam passados no País das Maravilhas. Como salientei que nós acumulamos pelo menos doze horas diurnas juntos em Qualquer Outro Lugar, ele não terá escolha a não ser concordar que só falta cumprir a metade noturna do meu voto.

— Eu disse a ele, sim — tilinta a voz de campainha de Gossamer. É óbvio, pelo seu cruzar de braços, que ela não vai me contar qual foi a reação dele.

— E ele ficou amuado, certo? É por isso que não veio à cerimônia — digo, falando mais alto que os instrumentos.

— Ele passou muito tempo longe de casa. Tinha coisas para fazer lá. Preparar-se para a noite que vocês vão passar juntos. — As asas peludas de Gossamer se agitam, erguendo-a de meu ombro.

— É claro. — Eu esboço um sorriso. — Nós duas sabemos que ele não veio porque não queria morrer de tédio. É tudo muito arrumadinho para o gosto dele.

Ela dá risada, concordando — um som metálico que se funde com a música.

Mais cedo, a Marfim fez um discurso me apresentando como a Rainha Vermelha, assegurando a todos que meu sangue está ligado à coroa que o Rábido Branco está guardando a sete chaves até que possa colocá-la sobre minha cabeça.

Dois de meus súditos da Corte Vermelha vieram à frente agradecer a Jeb por sua contribuição ao nosso mundo: Charlie, um pássaro dodô com cabeça de homem e mãos saindo das pontas das asas atarracadas, e sua esposa, Lorina, uma intraterrena parecida com um periquito, de rosto humanoide enfiado no meio de penas carmim, como se fosse uma máscara. Eles honraram Jeb com uma chave

dos portões do cemitério entregue por cinco dos duendes fedorentos da Irmã Dois. O fato de um humano ter conquistado o respeito das Irmãs Twid rendeu a ele um séquito de fãs entre os convidados.

Depois disso, a música começou e a comida foi servida.

O aroma de mel do chá que fervilha nos potes é convidativo e a comida cintila de gelo e magia. Travessas cheias de biscoitos de luar e outras guloseimas incomuns, como tortas de marzipã estreladas e merengue de vaga-lumes, todos aguardando para verter uma deliciosa luz na boca dos convidados com uma só mordida.

A ideia de entretenimento da Marfim é diferente dos banquetes que frequentei com Morfeu na realidade, nos sonhos e nas visões. Todos se comportam muito bem graças às centenas de cavaleiros élficos postados em cada entrada e saída. Vários de meus guardas de cartas vieram reforçar a segurança.

A reunião é digna e refinada.

Desconfio que um dia, se Morfeu e eu regermos juntos, terei de comparecer a essas ocasiões sozinha, devido a esse lado perversamente volúvel dele, que tanto me irrita quanto me provoca.

Algo tilinta acima da cabeça. Levanto os olhos e vejo algumas campainhas com sabor de cereja feitas de pingentes de gelo açucarados, suspensos no ar por encantos de fadas. Só é preciso estender a mão para capturar uma. Mas isso não é tão desafiador nem tão divertido quanto perseguir um pato assado com um taco na mão.

— Estou ficando com fome — digo à minha companheira fada.

— Eu já disse. O mestre deseja fazer um piquenique. Valerá a pena esperar. — Seus olhos reluzentes se concentram em mim, repreensivos.

— Você está interpretando mal as insinuações dela, bichinho. — A voz profunda de Morfeu aquece o topo da minha cabeça, vinda de trás. Eu me viro e o pego espiando na porta com aquele sorriso sarcástico. Ele me oferece uma rosa com haste comprida que combina com as que tenho no cabelo. — Alyssa estava se referindo à sua fome de aventuras com mais pancadaria. Não é isso, amor? — Ele estende a mão, com as joias nos olhos piscando entre violeta e rosa.

Em vez de admitir que ele me entende muito bem, aceito sua mão em silêncio. Ao nos dirigirmos para a porta, olho para trás em busca de meus pais, que se

perderam na multidão.

— Gossamer — eu começo. — Você se importaria...?

— Direi a todos que você já foi. — Ela abre um sorriso malicioso para mim e Morfeu. — *Fennine es staryn, es fair faryn*. — Em seguida, sai voando.

Morfeu me conduz para fora do castelo, passando pelos cavaleiros élficos e ganhando o ar fresco da noite. Faço um esforço acentuado para não perceber quanto ele está garboso em seu fraque branco com colete preto de listrinhas vermelhas, nem quanto suas asas estão majestosas e altas nas costas.

Em vez disso, admiro o entorno. O sol e a lua se trançam no céu purpúreo. Sua luz combinada lança um tom ultravioleta sobre tudo. A distância, para além dos domínios gelados da Marfim, plantas de todas as espécies florescem em cores psicodélicas — arbustos cor-de-rosa, flores amarelas, árvores laranja e relva de arco-íris.

Deleito-me com toda essa beleza. Entrelaçando meus dedos nos de Morfeu, pergunto:

— Então, o que a Gossamer disse?

Ele se inclina para me ouvir por causa da bagunça de alguns convidados elegantes e atrasados que espirram ao passar por nós a caminho da entrada.

— Uma antiga bênção do nosso reino. *Que a deusa das fadas ilumine seus passos com estrelas, e que a jornada seja boa, por mais distante que seja seu destino.*

— E estamos dispostos a ir muito longe? — pergunto, com meu lado intraterreno quase salivando ao ver nossa carruagem. É uma cópia razoável do "balão de ar quente" de mariposas que ele pretendia usar em Qualquer Outro Lugar. Mas esta cesta feita de um cogumelo gigante é fechada para nos manter aquecidos e puxada por milhares de mariposas cujos arreios são fios de magia azul. A mesma magia forma as rodas luminescentes. Elas me recordam os vidros das placas de néon, moldadas em círculos e raios.

— Todos os cantos e recantos do reino se estenderão aos seus pés esta noite — Morfeu responde. — Com tantos súditos aqui no castelo, é a oportunidade perfeita para se fazer essa excursão. Dos desertos de tabuleiros de xadrez aos penhascos caóticos e as florestas gigantes. Vamos fazer algumas paradas especiais no caminho. Pedi a Jebediah que pintasse algumas cenas do passado tal

qual eu as lembro. A caverna em que Alice foi presa... a gaiola de passarinho e tudo o mais. O casulo de onde nasci sob uma nova forma. Tudo isso é parte da história que dividimos. E agora está tudo preservado para sempre.

Fico tocada pelo sentimento e me aproximo para olhar bem sua cartola sob a luz da lua.

— Você está usando seu Chapéu da Sedução. Por que será que não estou surpresa?

Ele oferece um sorriso de pirata.

— Notou... o novo ornamento que coloquei? — Ele exagera o gesto de ajustar uma pena de coruja na faixa do chapéu.

Faço força para não dar risada.

— Uma coruja vegetariana, eu suponho?

— Que não vai me importunar por um bom tempo.

— Posso garantir que não é a única que anda por aí.

Ele envolve meu braço no seu.

— Que bom. Estou sempre pronto para uma caçada digna.

Balanço a cabeça.

— O que nos leva de volta ao Chapéu da Sedução.

Ele sorri com sarcasmo.

— Estou usando este chapéu porque combina com o seu vestido.

— Sei — eu digo, embora sua cartola, metade carmim, metade branca, com uma guirlanda de mariposas pretas e botões de rosa na aba, de fato combine perfeitamente comigo.

— Parece que Gossamer encontrou seus pais. — Morfeu aponta uma das torres, onde mamãe e papai nos observam partir. — Espero que ela tenha dito para eles não esperarem — ele graceja.

Meus pais fizeram as pazes com Morfeu depois que ele provou quanto gosta do meu lado intraterreno e também do humano, mas não ficaram entusiasmados ao saberem do meu voto. Depois, viram o exemplo de Jeb, de como ele confia que eu faça minhas próprias escolhas. Então, só me desejaram força, na mente e

no coração. Eu lhes garanti que tenho as duas coisas de sobra, por causa do exemplo deles.

Morfeu me ajuda a subir na carruagem. O compartimento é grande o bastante para acomodar suas asas, e os bancos são forrados de veludo azul. Cortinas de um púrpura surpreendente decoram a janela, e rodamoinhos fluorescentes e animados se movem pelas paredes. O interior é igual a Morfeu, em todos os sentidos... elegante e refinado, mas ao mesmo tempo dissonante e surpreendente. Eu me acomodo no banco em frente a ele, com as mãos cobertas de renda segurando a rosa que ele me deu. A fumaça de um narguilé envolve todo o ar. Dois candeeiros estão montados dos dois lados da janela, cheios de pirilampos que lançam um brilho ultravioleta, colorindo de azul os tons mais claros de nossas roupas e a pele de porcelana e os lindos lábios de Morfeu.

— Então, para onde vamos primeiro? — pergunto. — Não esqueça que só temos doze horas.

Ele fecha a porta e inclina-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Mais ou menos isso. Quando voltei para casa para me preparar, tive algum tempo para pensar sobre o seu voto. Você, deliberadamente, deixou a cláusula “depois de derrotarmos a Vermelha” de fora em sua *recordação*. O que, tecnicamente, não abrange nossas horas no mundo do espelho, não é mesmo?

Minha bolha de arrogância estoura.

— Hum....

— Precisamente — diz Morfeu, ajustando as luvas brancas em suas mãos. — Entretanto, para provar que posso ser tão conciliatório quando seu príncipe mortal, e para recompensá-la pelo esforço de me manipular, deixarei passar. Você só será cobrada por uma noite.

— Que generoso — eu resmungo.

Suas joias cintilam da cor de orquídeas na primavera.

— E, de fato, é. Considerando que, originalmente, antes de nossa excursão pelo País das Maravilhas, eu desejava dançar com você nas nuvens e fazer-lhe uma serenata ao vento. E depois jantaríamos aranhas cristalizadas e beberíamos vinho de dente-de-leão para você aplacar suas tendências sádicas com relação a flores e insetos.

Finjo ficar amuada.

— Algum dia você vai permitir que eu esqueça isso?

— Não nesta vida. Talvez na próxima. — Ele afasta as cortinas púrpura, revelando uma janela grande o bastante para nós dois olharmos por ela. — Teremos que abdicar da dança. Aprontei um lanchinho e nós comeremos enquanto exploramos.

Nós subimos ao céu e eu observo a grandeza do País das Maravilhas passar lá embaixo.

Cedo ao roncar do meu estômago e experimento uma aranha cristalizada. Não é ruim, exceto pelo fato de ela se agitar ao descer e deixar um leve gostinho de sabão. Morfeu recompensa minha ousadia com biscoitos de luar e vinho de dente-de-leão. O vinho faz a garganta coçar com bolhas efervescentes, dando-me soluços. Cada vez que minha boca se abre, o interior da carruagem pisca por causa dos raios de luar que cobrem minha língua.

Morfeu ri alucinadamente e só me resta rir com ele.

Em questão de quatro horas, vimos tantas coisas do País das Maravilhas que minha mente está rodopiando em tons resplandecentes de ultravioleta e relevos bizarros. Mal posso esperar para captar tudo com minha arte. Essa ideia me deixa triste, ao pensar em Jeb e em sua inspiração, agora órfã.

Nossa última parada antes da casa de Morfeu é o jardim de flores diante da porta da toca do coelho. A maioria das flores está ausente no castelo da Marfim. As que não estão se acovardam ao me ver, pois ouviram falar de minha vitória sobre a Vermelha e da chacina de centenas de prisioneiros deflagrada por mim em Qualquer Outro Lugar.

Com a paciente preparação de Morfeu, aceito o caos interior e ordeno aos momirratos que vivem no solo que revertam os danos causados à toca do coelho. Em um turbilhão de gemidos que ferem os tímpanos e ciclones de tinta negra que açoitam nossas roupas, eles obedecem, colocando tudo do jeito como era no começo, com a estátua do menino no relógio de sol e tudo o mais.

— O que o reino humano vai pensar quando acordar e vir a mudança amanhã? — pergunto para Morfeu, enquanto subimos mais uma vez na carruagem, alerta e com os nervos ainda agitados. Fiquei um pouco maníaca depois que uni forças com os momirratos. Sinto a pele quente e o rosto corado.

— Quiçá algum bom samaritano tenha chegado de noite e restaurado o relógio de sol — Morfeu responde. — Você foi como eles um dia... facilmente levada à complacência.

— Isso porque acreditar que você está sozinho no universo é menos assustador do que admitir que pode ter uma plateia de outro mundo.

Morfeu me olha como quem está avaliando.

— E *essa* é uma fraqueza humana. Use-a quando for a hora de limpar toda a bagunça que sua ausência do reino humano causou nos últimos dias. Quando for a hora de explicar onde sua mãe e Jebediah estiveram durante um mês. Sua dualidade lhe dá uma vantagem neste mundo, Alyssa. Mas também no outro. Nunca se esqueça disso.

Nós chegamos ao seu solar e ele me deposita no quarto sem janelas, prometendo voltar em breve trazendo chá.

Eu me viro para admirar a decoração extravagante e formidável. A luz âmbar é produzida pelo candelabro de cristal gigante espalhado pela cúpula do teto. Tapizes de veludo forram as paredes em tons de dourado e púrpura, entrelaçados com fios de hera, conchas e plumas de pavão.

As prateleiras de cristal em vários níveis chamam minha atenção. Toco um dos muitos chapéus decorados com mariposas mortas. Quando criança, eu ficava fascinada observando como ele tecia as guirlandas.

Volto-me para os terrários de vidro que parecem casas de boneca. Casulos cobrem os painéis — lagartas se transformando. Em outros pontos, mariposas rodopiam e se aninham sobre folhas e galhos secos.

Suas graciosas travessuras me recordam de como Morfeu me afeta agora, como mulher e intraterrena. Estar aqui funciona como um tônico... levando-me de volta àquele momento monumental, mais de um ano atrás, quando ele me transformou — despertou meu lado sombrio com chá da tarde e um jogo de xadrez vivo.

A queda-d’água que serve como o dossel de sua cama goteja atrás de mim. Vou até ela e estendo a mão. A cortina líquida reage a mim como fez naquela vez, afastando-se como uma coisa viva para eu poder ver o colchão. Colchas e almofadas de veludo dourado cobrem toda a cama, e centenas de pétalas de rosas vermelhas estão espalhadas sobre ela, enchendo minhas narinas de um delicado

perfume.

Eu recuo, deixando a cortina cair, e esbarro na mesa de vidro que também serve de tabuleiro de xadrez preto e prateado. As peças de jade devem estar guardadas em sua caixa; todas, exceto Alice e a lagarta, recém-talhadas, porque estou com as originais em casa.

Uma sentença paira no alto de três quadrados prateados, mágica, em letras pequenas e brilhantes: *Dormir com Alyssa*.

— Deixe-me tirar a poeira, amor. — A mão de Morfeu aparece por trás e esfrega o vidro, apagando as palavras.

Tensa, viro-me para encará-lo. Ele tirou o casaco, o colete e as luvas. Seu peito torneado e pálido aparece por baixo da camisa branca meio desabotoada. Ele está extasiante e sedutor demais para eu me sentir confortável.

Meu queixo trava.

— Não vou fazer isso.

— O quê? Tomar chá com bolinhos? — Ele equilibra uma bandeja com xícaras e uma chaleira na outra mão e a coloca sobre um canto vazio da mesa. — Por que não?

Mantenho-me firme.

— Jeb quer envelhecer comigo. A humana dentro de mim também quer. Vivenciar o que Alice nunca vivenciou no reino mortal. Ele estava disposto a arriscar sua única vida para enfrentar a Vermelha a fim de que eu pudesse ter um futuro com você. Para ele, a minha felicidade era mais importante do que a dele própria. E você está pedindo que eu me afaste dele depois de todas as coisas das quais ele abdicou pelo País das Maravilhas?

— O que a faz pensar que estou? — Morfeu pendura o chapéu no braço da cadeira e serve um líquido com cor de mirtilo em uma xícara. Anéis de vapor enchem a sala, espalhando notas de menta e lavanda.

— A sentença que você escreveu.

— Ah, isso... — Ele me convida a sentar. Como não me mexo, ele mesmo se senta, cruzando as pernas na altura do tornozelo. Suas asas pendem, largadas dos dois lados da cadeira. — Alyssa, pense. Alguma vez eu tirei vantagem de sua inocência?

— Não.

— Eu tive os meios e oportunidades?

— Muito das duas coisas.

— Muito bem. Você aprendeu tanto em nossa jornada. Certamente ainda não esqueceu a lição mais importante: como as palavras podem dizer uma coisa, mas significar outra. — Ele ergue sua xícara e me olha por sobre a borda enquanto dá pequenos goles, em seguida a colocando sobre o pires com um estalido. — É crucial, como rainha da Corte Vermelha, que você mantenha isso claro e em mente, em todas as situações. Você deve sempre analisar cada ângulo de cada afirmação antes de reagir emocionalmente.

Então, a noite de hoje é, ao mesmo tempo, uma lição e um teste. Ele está me ensinando a política do País das Maravilhas e, ao mesmo tempo, me testando para ver se consigo praticar o que prego: confiar nele como espero que ele confie em mim.

— Agora — ele continua —, eu trouxe o chá para você relaxar. Mas você, definitivamente, não é obrigada a tomá-lo. Embora, no mínimo, depois de tudo o que passamos, era de esperar que você pudesse se sentar e falar abertamente comigo. Se for mais fácil, use as peças do xadrez, como quando éramos crianças.

Respiro fundo, recolho a saia em torno das pernas e me sento na cadeira diante dele.

Concentrando-me na figura de Alice, imagino-a viva. Ela continua diminuta, mas começa a se mover, estendendo os braços e as pernas, como se tivesse dormido durante anos. Ela vai, aos saltos, até a lagarta e faz uma reverência.

— Como está passando esta noite, Sr. Lagarta? — ela diz com a voz suave da inocência. — Eu gostaria de lhe agradecer por não ter me coroado antes, por encontrar outro caminho. Foi muito nobre de sua parte.

Morfeu sorri. A luz azul na ponta de seus dedos se liberta e envolve a peça da lagarta, agitando-a diante da caricatura de Alice como se estivesse se movendo. Ele é um mestre titereiro, exatamente como era em nossos jogos infantis. Exatamente como foi no reino humano. Exatamente como sempre será.

— Não foi nada nobre, minha rainha. — Sua voz é cômica e esganiçada. — Na verdade, o benefício foi meu. Sem nenhuma lembrança de sua humanidade, você não seria a menina com quem dividi toda uma infância. E eu odeio admitir,

mas passar a vida com os humanos que você ama fará de você uma regente melhor aqui. Você sabe que eu sempre faço o que é melhor para o País das Maravilhas.

Essas palavras nunca soaram mais lindas ou pungentes. Estimulo minha pequena Alice a arrastar um pé pelo tabuleiro.

— O senhor disse que já estava cansado de esperar — ela murmura sob meu comando. — E tem razão. Não posso pedir que espere ainda mais. O senhor deve encontrar outra pessoa. — Por mais que doa ouvir tais palavras saindo de seus lábios, Morfeu merece ser feliz.

Ele deita sua peça, como se estivesse se recostando, e responde naquela voz anasalada:

— Me perdoe, pequena majestade, mas já esqueceu o que eu sou? Como um ser mágico e solitário, não necessito de companhia. Na verdade, acho o constante dar e tomar da companhia tedioso, mesmo no melhor dos dias. Embora espere descobrir o encanto disso daqui a uns sessenta anos, mais ou menos.

Lágrimas me ardem nos olhos, mas não permitirei que caiam. Em vez disso, minúsculas gotas correm pela face de Alice.

— Então eu gostaria de acrescentar que sinto muito. Sinto que tenha que esperar tanto por tantas coisas.

O olhar de Morfeu reluz dentro do meu e volta para as peças de xadrez tomadas por sua magia.

— Pare de chorar — sua voz excêntrica repreende. — As rainhas não choram. Eu pensei que tinha lhe ensinado isso.

Mordo um lábio trêmulo, e a pequena Alice afaga o rosto da lagarta.

— Mas o senhor está chorando...

Morfeu abaixa uma asa e cobre o rosto, e também o brilho transparente de suas joias.

— Bem — a voz esganiçada vacila —, apesar das minhas preferências por renda e veludo, não sou a rainha. Então, posso chorar quanto quiser.

Minha resposta é fungar, e soluçar também. Cubro a boca com a ponta dos dedos, instruindo Alice a secar o rosto com seu avental.

— Eu amo você. Não quero magoá-lo — eu murmuro atrás da mão.

O queixo de Morfeu se contrai e sua magia sobre a lagarta se intensifica até ela rodopiar sobre o tabuleiro como um pião colocado para girar.

— Sua piedade está mal dirigida. — Seu tom infantil abaixa uma oitava. — Como eu sempre lhe disse, o tempo não tem limites no País das Maravilhas. Jebediah pode ficar com você durante o dia, por enquanto. Mas uma eternidade nos aguarda. Ele é que vai ficar com a parte mais curta. — Os cantos da boca de Morfeu se contraem com um quê maldoso. — O que é adequado, considerando-se que ele é menos qualificado em muitos outros aspectos.

— Cale a boca! — eu digo, rindo histericamente. Alice volta a ser uma peça inanimada de jade quando eu a jogo. Faço a mira e ela cai dentro do chá de Morfeu, respingando sobre ele e o tabuleiro.

Com um gracioso movimento da mão, ele retira a magia. O chá escorre por seu rosto enquanto os olhos escuros se voltam para mim, acesos por algo que é ao mesmo tempo perigoso e ousado, mudando de humor mais rápido do que consigo piscar.

— Cuidado, florzinha. — Agora ele fala com seu sotaque britânico. Ele limpa o rosto com um guardanapo. — Não comece algo que não tem intenção de terminar.

— Ah, eu vou terminar, sim — respondo, incitada pela sombria confiança que paira na beira da minha psique. O lado meu que sabe que sou páreo para ele em todos os sentidos. — E você sabe que eu vou ganhar. — Levanto-me da cadeira para vasculhar a sala em busca de armas, vagamente ciente dos prismas de luz refletindo de minha pele para tudo à minha volta.

— Eu sei que vou *deixar* você ganhar — Morfeu diz, levantando-se. — Nem vou revidar. — Seu sorriso que deixa à mostra os dentes brancos denota um presságio de provocação, como se ele estivesse imitando a extensão de suas asas. — Bem, talvez revide um pouquinho, só para me divertir.

Eu avanço lentamente para o meio da sala, lutando contra o sorriso que tenta se abrir em meu rosto. Meu coração se enleva, em uma tentativa de me aproximar dele, aquela mesma sensação magnética revigorante que senti no peito quando Jeb me abraçou. Mas Morfeu nem sequer me tocou.

Ele me analisa como se estivesse me entendendo, como se pudesse *ver* a

reação de meu coração.

— Pensando bem, a hora do recreio pode esperar. — Ele arrebata meu pulso com seus fios azuis eletrificados antes que eu possa libertar minha magia. — Você se distrai muito facilmente, amor. Isso é algo que teremos que praticar. — Ele me puxa para si, me pega no colo e me leva para a cama.

— Morfeu — eu alerto, debatendo-me em seus braços. Sei que com um só pensamento posso fazer o candelabro cair sobre ele e formar uma gaiola.

— Não, não se precipite — ele ralha, como se lesse minha mente. Afastando a cortina de água, ele me coloca sobre as fragrantes pétalas de rosas. — Só peço uma coisa de você esta noite. E não comprometerá seu futuro humano. Vamos ficar vestidos. Nenhuma atividade suspeita. — Ele coloca a palma da mão junto ao coração, fazendo um juramento. — Eu juro pela magia da minha vida que nunca mais me colocarei entre você e Jebediah Holt.

Fico atônita. A profundidade de tal gesto vindo de um ser mágico que só pensa em si mesmo toca minha alma. A única coisa previsível acerca do meu futuro rei é sua imprevisibilidade.

— Você me disse uma vez que nunca seria um cavalheiro. Você mentiu.

Ele se inclina e acaricia meu rosto com as costas dos dedos de modo tão terno que até dói.

— Ah, e reitero o que disse, florzinha. Pois veja, existe uma chance de *você* não resistir e se colocar entre vocês dois. Todas as noites em que estivermos juntos, eu a tentarei ao limite da loucura. Eu a provocarei e a atormentarei. Você vai ter que se esforçar para ter uma vida feliz com Jebediah. Vai ter que ser forte e firme, como todas as boas rainhas devem ser. Mas *esta* noite vou lhe dar uma trégua.

Essas palavras são as mesmas que ele disse na tarde que passamos dentro da montanha: *Sim, teremos discussões sem fim e lutaremos por poder. E, sim, teremos arroubos de paixão, mas também suavidade e calmaria. É assim que somos quando estamos juntos.*

— Da próxima vez que eu a vir em seus sonhos — Morfeu continua, trazendo-me de volta ao presente —, nossa prova de fogo começará. Você a queria, e a terá. Pretendo pressioná-la e enfurecê-la para obter o melhor e o pior de você. É a única maneira de reinar sobre um mundo de criaturas loucas e

astutas.

Permito que o sorriso que eu suprimia se liberte, porque estou aberta a qualquer desafio que ele colocar em meu caminho. A chance de provar isso me empolga além de toda racionalidade.

— Agora eu compreendo o que a sentença no tabuleiro queria dizer. Que você quer dormir comigo...

Ele se arrasta sobre meu corpo e se deita do outro lado da cama, deixando a cortina líquida aberta atrás de mim.

— Diga-me.

Cobrindo-me com uma de suas asas, eu me envolvo em seu aroma de alcaçuz e mel.

— Você quer ficar abraçado comigo enquanto durmo. Você quer observar meu rosto enquanto eu durmo como você nunca fez... do exterior.

Ele percorre as marcas em meus olhos com a ponta de um dedo.

— Esta será uma lembrança à qual me apegarei até que você seja finalmente minha, nas horas despertas e adormecidas. A pergunta é: confia em mim o suficiente para me propiciar isso? Para descansar em meus braços esta noite?

Coloco a palma macia de sua mão junto ao meu rosto.

— Você vai cantar a minha canção de ninar?

Ele passa os dedos pelos meus cabelos e toca a minha testa com a sua.

— Para todo o sempre — sussurra.

Enquanto ele entoa a melodia que esteve dentro de minha mente e de meu coração a vida inteira, fecho o dossel de água, envolvendo-nos em um casulo dentro de nosso próprio bolsão congelado de tempo.



Epílogo

Jeb e eu passamos toda a nossa vida em Pleasance, e mamãe e papai nos visitavam com frequência, quando não estavam em Londres com os Skeffingtons.

Não mencionarei outros detalhes: quantos filhos e netos, as sobrinhas e os sobrinhos que Corbin e Jenara nos deram, nem que idade tinha Jeb quando morreu. Só direi que nossa vida mortal juntos foi tudo ou mais do que eu esperava. Mesmo quando a morte levou os membros de minha família — um a um —, a felicidade logo retornava, uma enxurrada de memórias e risos que perdura feito inestimáveis obras de arte nas paredes do meu coração.

Consegui construir uma reputação com meus mosaicos, enquanto Jeb ficou famoso por fazer labirintos de brinquedo, percorridos por bolinhas, feitos de modo tão engenhoso e intrincado que foram comparados às obras de Rube Goldberg. Contudo, o verdadeiro legado que ele deixou a nossos filhos e netos não foi a fortuna, nem os prêmios obtidos com suas proezas mecânicas. Foram sua gentileza, seu senso de humor e seu amor incondicional.

Mamãe e eu queríamos que nossos descendentes tivessem a vida normal que nunca tivemos, e consegui silenciar os insetos e as flores em seus ouvidos simplesmente ordenando — um benefício da magia da minha coroa. Mesmo assim, deixei a eles uma oportunidade de tropeçarem em seu legado do País das Maravilhas: centenas de mosaicos repletos de paisagens místicas e bizarras, e uma caixa cheia de relíquias, junto a um mapa e uma chave. Escondi tudo no sótão para que eles encontrem e, quem sabe, saiam a buscar respostas.

Talvez eles pensem que são simples elucubrações de uma mente senil. Ou talvez acreditem e se lancem, seguindo a mesma fé que um dia me moveu, e a

uma menina curiosa chamada Alice, a me aventurar na toca do coelho.

Estarei lá para recebê-los, se o fizerem...

Abandonar minha família humana é a coisa mais difícil que já fiz. Depois de forjar minha morte, minha última viagem à toca do coelho não é tanto um salto, mas uma queda. Morfeu está lá para me pegar. Ele toma minha mão enrugada e cheia de manchas senis e me ajuda a entrar, limpando com beijos as lágrimas da mulher velha, grisalha e frágil que me tornei.

Ele não recua nem pestaneja. Vê através da minha idade o que sou por dentro. Vê a regente que ele ajudou a formar em meus sonhos desde a infância: adepta do pandemônio e da manipulação, temperados pela sabedoria.

Ele coloca a coroa sobre minha cabeça e meu cabelo fica mais forte e se aquece com o loiro-claro da juventude, cheio de magia. Meus ossos, pele e músculos voltam a ficar lisos e torneados. Minhas asas brotam novamente.

Volto a ter dezesseis anos.

— Dar-lhe-ei tempo para lamentar suas perdas — ele sussurra, mas o desejo que queima em seus olhos contradiz qualquer paciência.

Embora meu coração esteja pesaroso, ele também é forte e inquebrantável, graças aos dois homens que colocaram as minhas necessidades acima de suas próprias.

Morfeu e o País das Maravilhas aguardaram tempo suficiente por sua rainha, por sua criança sonhadora. Toco o rosto decorado por joias que eu aprendi a amar tanto, não apesar de suas táticas enfurecedoras, da manipulação das palavras, da suave malícia... mas *por causa* de tudo isso.

— A Corte Vermelha precisa de um rei — é a minha resposta.

Nós nos casamos, rodeados por uma salada de criaturas: algumas vestidas, outras nuas, todas mais bestiais do que humanoides. São nossos súditos, e meu coração transborda de afeição — por sua estranheza, sua loucura e sua lealdade.

Morfeu e eu vestimos vermelho: eu, um vestido de rosas verdadeiras, tule e renda; e ele, um lindo terno carmim.

Quando chega o momento, eu digo com orgulho:

— Aceito.

Ele ergue minha mão e toca com os lábios macios as cicatrizes que a marcam.

— Eu sempre soube que aceitaria — ele provoca. Em seguida, sorri, e suas joias brilham em dourado reluzente.

Ostentando coroas de rubi, voamos juntos para o céu.

— Vamos dançar nas nuvens, amor? — meu rei pergunta.

Lembro-me da visão que tive uma vida atrás — nossas almas e corpos desnudados diante de um inferno brilhante — e respondo:

— Quero dançar no sol.

E lá, em meio às ofuscantes chamas laranja, amarelas e brancas, começa nossa eternidade.



Agradecimentos

Em primeiríssimo lugar, agradeço à minha família por fingir não ver o pó nos móveis, os montes de roupa suja e a comida congelada quando os prazos finais se aproximavam.

Abraços e um toque no chapéu para a minha Deusa Agente, Jenny Bent, cuja sabedoria para os negócios, diplomacia e fé em seus clientes não conhecem limites.

Agradeço à prestigiada família Abrams: Maggie Lehrman, Tamar Brazis, Nicole Sclama, e aos inúmeros preparadores e revisores por me ajudarem a polir cada diamante bruto até eles brilharem. Minha gratidão também a Laura Mihalick e Morgan Dubin, minhas assessoras de imprensa da editora; aos especialistas editoriais que supervisionam as páginas e os efeitos especiais; aos consultores de marketing; e a todos que trabalham nos bastidores da confecção de livros.

Uma grande reverência a Maria Middleton, extraordinária designer que sempre encontra o simbolismo perfeito para cada capa, e a Nathália Suellen, uma das artistas mais talentosas que já conheci. Você me fez acreditar na magia dando vida às personagens através de sua arte encantada.

Aplausos de pé ao meu grupo local de críticas, as divas Linda Castillo, Jennifer Archer, Marcy McKay e April Redmon. Vocês leem tudo o que eu escrevo e ainda acham que tenho talento.

Abraços e beijos para minhas criaturas on-line e meus leitores beta: Rookie (também conhecida como Bethany Crandell), a Chocolate Branco para minha Godiva; POM (também conhecida como Jessica Nelson), que adora misturar café com brownies quase tanto quanto eu; Stacee (também conhecida como

@book_junkee), por me estimular a prosseguir (se alguém pode me convencer a trocar minha sombrinha por um macacão laranja, essa pessoa é você); Owly (também conhecida como Ashlee Supringer), por conhecer minhas personagens talvez melhor do que eu; Marlene Ruggles, cujo olhar aguçado está sempre buscando erros tipográficos; e Chris Lapel, meu fã número um.

Meu agradecimento sincero ao meu grupo #Goatposse, mais sábio e mais engraçado do que a média dos ruminantes domesticados. Também um olá às meninas do WrAHM e a todos os fãs on-line da série Atrás do Espelho no Goodreads, no Facebook, no Tumblr, no Pinterest e no Twitter.

Cumprimentos calorosos aos jogadores do Twitter Splintered RP, que tornaram a espera por *Qualquer Outro Lugar* mais tolerável e divertida para os fãs: @Splintered-Crew, @LongLiveTheMuse, @AlyssaPaints, @PunkPrincessJen, @seductive_fae, @MorphTheMoth, @NetherlingQueen, @splinteredivory, @tyedribbions, @RabbitNotBeMe, @taelor_tremont, @ChevyLovingJock e @ChessieBlud.

Agradeço a Nikki Wang, da Fiction Freak, minha primeiríssima mariposa intraterrena, que emprestou seu nome a uma fada que é ao mesmo tempo doce e selvagem, como seu nome. Agradeço também a Sarah Kate, por dar vida às minhas personagens com bonecos de pelúcia.

Meu respeito e admiração a todos os talentosos fãs que enviam seus desenhos ao meu Pinterest e escrevem histórias de ficção incríveis baseadas nos livros, permitindo assim que minhas personagens respirem fora das páginas originais.

Agradeço a Jaime e Rachel, da RockStar Book Tours, por gerenciarem as excursões pelo blog e por serem tão apoiadores e generosos com seu tempo.

Uma dívida de gratidão a Lewis Carroll e Tim Burton, por terem me inspirado a mergulhar de cabeça neste mundo estranho e distorcido do País das Maravilhas.

E, por último, mas não menos importante, minha gratidão Àquele que me dá a habilidade de escrever e continua a alimentar minha criatividade com personagens e histórias, todas aguardando sua vez de serem contadas.

Notas

[1] Paródia feita por Carroll da cantiga infantil inglesa *Twinkle, Twinkle, Little Star*, (Pisca, Pisca, Estrelinha). Tradução de Nelson Ascher, *Alice no País das Maravilhas*, Objetivo/Sol, 2000.